

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Letícia Neves Angelini

**As implicações do gênero e da raça na inserção de imigrantes venezuelanas no
mercado de trabalho brasileiro**

Uberlândia

2023

Letícia Neves Angelini

As implicações do gênero e da raça na inserção de imigrantes venezuelanas no mercado de trabalho brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Linha de Pesquisa: Política Externa e Instituições Internacionais

Orientadora: Profa. Dra. Marrielle Maia Alves Ferreira

Uberlândia

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

A582
2023

Angelini, Letícia Neves, 1997-
As implicações do gênero e da raça na inserção de
imigrantes venezuelanas no mercado de trabalho
brasileiro [recurso eletrônico] / Letícia Neves
Angelini. - 2023.

Orientadora: Marrielle Maia Alves Ferreira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Relações Internacionais.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.501>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Relações Internacionais. I. Ferreira, Marrielle
Maia Alves, 1975-, (Orient.). II. Universidade Federal
de Uberlândia. Pós-graduação em Relações Internacionais.
III. Título.

CDU: 327

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1J - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4595 - www.ppgri.ie.ufu.br - secppgri@ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais - PPGRI				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 81, PPGRI				
Data:	01 de setembro de 2023	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	12112RIT007				
Nome do Discente:	Letícia Neves Angelini				
Título do Trabalho:	As implicações do gênero e da raça na inserção de imigrantes venezuelanas no mercado de trabalho brasileiro				
Área de concentração:	Política Internacional				
Linha de pesquisa:	Política Externa e Instituições Internacionais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Observatório dos Sistemas Globais e Regionais de Proteção dos DH				

Reuniu-se por meio de tecnologia de webconferência do Instituto de Economia e Relações Internacionais, em sessão pública, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, assim composta: Professores(as) Doutores(as): William Torres Laureano da Rosa - ACNUR; Lara Martim Rodrigues Selis - PPGRI-UFU; Marrielle Maia Alves Ferreira - PPGRI-UFU; orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Marrielle Maia Alves Ferreira - PPGRI-UFU, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marrielle Maia Alves Ferreira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 01/09/2023, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4747843** e o código CRC **64C86737**.

Referência: Processo nº 23117.059714/2023-17

SEI nº 4747843

Ao seu Ugo, meu avô, de onde estiver.

Eu não tenho palavras, mas ele sabe.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Percival e Angélica, pelo apoio incondicional e por acreditarem nesse trabalho mais do que eu. Vocês me deram todos os meus sonhos, e eu não conseguiria realizar nenhum deles sem vocês. Agradeço, também, à toda minha família.

Agradeço também à minha segunda família, aquela que formei ao longo dos sete anos que vivi em Uberlândia. Gostaria de agradecer a muitas pessoas, mas em especial: Laura, Ana Paula, Denis, Nínive, Jéssica, Bárbara e Samara, pelo incentivo, pelas risadas, pela compreensão e por terem feito, cada um de sua forma, essa experiência acadêmica menos solitária. Vocês são a melhor coisa que Uberlândia me deu.

Agradeço aos meus colegas de PPGRI, em especial Isabela Caetano, Maria Celeste Lachini, Pedro Pitillo, Lucia Bueno e Xavier Sanca, por tudo que compartilhamos ao longo do pouco tempo que tivemos juntos. Agradeço também aos professores do programa e aos membros da banca examinadora, por todas as suas contribuições a esse trabalho. Agradeço ainda à UFU, à Cátedra Sérgio Vieira de Melo e à FAPEMIG, pelo apoio à pesquisa.

Agradeço, em especial, a todos que colaboraram com essa pesquisa. A Juliana Faquim e ao Projeto UAI: UFU Acolhe Imigrantes, pela parceria no recrutamento de participantes; a todas as voluntárias que aceitaram participar, que acreditaram no propósito dessa pesquisa e sem as quais nada teria sido possível. A Clara Decol Sentanin, pela enorme ajuda no momento das entrevistas. Ao grupo de pesquisa sobre Mercado de Trabalho do CEPES, em especial Ester William Oliveira e Alanna Oliveira, pela coleta dos dados quantitativos utilizados na pesquisa. Também ao CEP/UFU pela autorização para que a pesquisa de campo fosse realizada.

Agradeço profundamente a professora Dra. Marrielle Maia Alves Ferreira, pelo acolhimento como orientanda, pela confiança em meu trabalho e por todas as contribuições que permitiram que este projeto chegasse ao que é hoje; e à banca por suas contribuições valiosas ao processo de pesquisa.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para essa pesquisa, e ao Enzo, meu companheirinho, por todas as noites viradas junto comigo.

*Look at my arm! I have ploughed and planted and gathered into barns, and
no man could head me-and ain't I a woman? I could work as much and eat
as much as a man-when I could get it-and bear the lash as well! And ain't I a
woman? I have born thirteen children, and seen most of 'em sold into
slavery, and when I cried out with my mother's grief, none but Jesus heard
me - and ain't I a woman?*

(Sojourner Truth, 1851 apud Crenshaw, 1989, p. 153)

RESUMO

Analisando o caso da imigração feminina venezuelana para o Brasil a partir de 2017, buscamos entender quais os efeitos do gênero e da raça para a inserção laboral das imigrantes e solicitantes de refúgio no Brasil, realizando para isso uma revisão bibliográfica dos relatórios, artigos acadêmicos, reportagens e bancos de dados já produzidos e, mais importante, uma pesquisa de campo em grupos focais, de forma que as mulheres possam relatar suas vivências e experiências. Com isso, espera-se concluir que os construtos sociais relacionados à mulher (a vocação à maternidade, responsabilidade para com a família, papel de cuidadora) e mais especificamente à mulher racializada (aptidão para o trabalho braçal, sexualização, imagem violenta e animalizada) contribuem, assim como o próprio status migratório, para a exclusão dessa mulher de determinados espaços e limitam suas oportunidades, com um enfoque especial no mercado de trabalho. Espera-se, ainda, entender as demandas desse público e fazer uma breve análise da rede de acolhimento à imigrante no Brasil, levando em consideração as impressões das voluntárias da pesquisa.

Palavras-chave: gênero; estudos decoloniais; migração; integração laboral; grupos focais.

RESUMEN

Analizando el caso de la inmigración femenina venezolana hacia Brasil a partir de 2017, buscamos comprender los efectos del género y de la raza en la inserción laboral de las inmigrantes y solicitantes de refugio en Brasil, llevando a cabo una revisión bibliográfica de informes, artículos académicos, reportajes y bases de datos ya producidos, y lo más importante, una investigación de campo mediante grupos focales, permitiendo que las mujeres relaten sus vivencias y experiencias. Con esto, se pretende concluir que los constructos sociales relacionados con la mujer (la vocación hacia la maternidad, la responsabilidad con la familia, el papel de cuidadora) y específicamente con la mujer racializada (aptitud para trabajos manuales, sexualización, imagen violenta y animalizada) contribuyen, al igual que su estatus migratorio, a la exclusión de esta mujer de ciertos espacios y limitan sus oportunidades, con un enfoque especial en el mercado laboral. Además, se busca comprender las demandas de este público y realizar un breve análisis de la red de acogida a las inmigrantes en Brasil, teniendo en cuenta las impresiones de las voluntarias de la investigación.

Palabras clave: género; estudios decoloniales; migración; integración laboral; grupos focales.

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1: Distribuição dos vínculos empregatícios femininos por raça e cor - Ano 2020 - mercado formal brasileiro p. 39
- TABELA 2: Remuneração média nominal* (a preços correntes de 2020) das mulheres empregadas, por raça e cor - Ano 2020 - mercado formal brasileiro p. 39
- TABELA 3: Número de mulheres ocupadas no mercado de trabalho brasileiro por cor e raça em 2021 p. 41
- TABELA 4: Remuneração NOMINAL mensal efetivamente recebida pelas mulheres no mercado de trabalho brasileiro por cor e raça em 2021 p. 42
- TABELA 5: TOP 5 ocupações mais frequentes para as mulheres empregadas - Ano 2020 - mercado formal brasileiro p. 42
- TABELA 6: 5 Principais Ocupações das mulheres - Ano 2021 p. 43
- TABELA 7: Distribuição dos vínculos empregatícios femininos por nacionalidade e raça e cor - Ano 2020 - mercado formal brasileiro p. 46
- TABELA 8: Remuneração média nominal* (a preços correntes de 2020) das mulheres empregadas, por nacionalidade e raça e cor - Ano 2020 - mercado formal brasileiro p. 46
- TABELA 9: TOP 5 ocupações mais frequentes para as mulheres empregadas - Ano 2020 - mercado formal brasileiro p. 47

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. O papel do gênero e da raça na migração feminina	14
2.1. O feminismo interseccional e a crítica ao feminismo hegemônico	14
2.2. Visões do gênero e da raça a partir da América Latina: o feminismo decolonial	19
2.3. O neoliberalismo, a feminização da migração e a indústria do cuidado	27
3. Imigração e emprego no Brasil	33
3.1. A Divisão Sexual do Trabalho e a migração internacional feminina	33
3.2. A Divisão Sexual do Trabalho no Brasil	38
3.3. Imigrantes venezuelanas na DST brasileira	44
4. Pesquisa em grupos focais: A inserção laboral das mulheres venezuelanas	49
4.1. Metodologia	49
4.1.1. Literatura	49
4.1.2. Aplicação	52
4.2. Entrevistas	54
4.2.1. Arranjos familiares e a decisão de migrar	55
4.2.2. A inserção da imigrante venezuelana no mercado de trabalho brasileiro e a indústria do cuidado	60
4.2.3. Exploração vs. protagonismo	67
4.2.4. Machismo, racismo, xenofobia: a tríplice discriminação	74
4.2.5. O acolhimento brasileiro	80
5. Considerações finais	89
Referências	93

1. Introdução

A partir do pós Segunda Guerra Mundial, cada vez mais se fala sobre a feminização dos fluxos migratórios; é claro que, ao pensarmos a feminização da migração, um dos indicadores mais lembrados é o aumento numérico de mulheres que se deslocam internacionalmente. No entanto, outro fator tão importante quanto esse aumento para a ideia de feminização da migração é o aumento da heterogeneidade desses fluxos. Não estamos, então, falando apenas que mais mulheres passaram a migrar, mas sim que as razões e objetivos para a migração mudaram (MARINUCCI, 2007). Se, tradicionalmente, se pensava a migração feminina como uma extensão da migração masculina, por se deslocarem principalmente com o objetivo de reunião familiar, agora faz-se necessário pensar esses fluxos como fluxos independentes, com características próprias e sujeitos agentes, afinal, as mulheres agora migram por outros motivos: apesar da migração para reunião familiar ainda existir, hoje as mulheres também migram de forma independente, seja para encontrar melhores oportunidades de estudo ou trabalho, fugir de situações de violência ou violação dos direitos humanos, conseguir renda para sustentar a família ou, em termos mais gerais, buscar uma “vida melhor” (DELAET, 1999).

Para além das motivações, também são heterogêneas as características (e necessidades) das mulheres migrantes. Neste trabalho, trataremos também da raça e da etnia como variáveis que influenciam, juntamente ao próprio gênero e à nacionalidade, as experiências migratórias analisadas. No sistema capitalista e neoliberal, funcionando ainda sob lógicas coloniais, os marcadores sociais de gênero e raça são essenciais para entender os novos contextos da migração feminina, desde as razões para migrar à inserção à nova sociedade. Se o movimento migratório já pode, particularmente no caso das migrações de crise, ser uma experiência vulnerabilizante, possuir estes marcadores pode criar, graças aos construtos sociais relacionados ao gênero e à raça, desafios mais complexos.

Como dito anteriormente, as mulheres frequentemente migram em busca de “uma vida melhor”, que deverá ser conquistada através da sua integração socioeconômica no país de destino, o que significa conseguir se inserir no mercado de trabalho com condições e remuneração dignas e acessar direitos básicos como o acesso à saúde, educação, segurança e moradia. Quando falamos de imigrantes “indesejadas” (racializadas, pobres, de baixa qualificação), tal inserção pode tornar-se ainda mais difícil. Os efeitos da interseccionalidade ficam, portanto, claros em contextos como a inserção no mercado de trabalho no país de

destino, visto que mulheres racializadas são frequentemente limitadas a funções feminizadas, com baixa remuneração e baixo prestígio, como o serviço doméstico, a limpeza e outras ocupações relacionadas ao cuidado (MOROKVASIC, 1984; NASCIMENTO, 2017; RUBÍO, 2003; STOLZ, 2017).

As opressões específicas às imigrantes localizadas na interseção exigem, então, medidas de acolhimento específicas. No entanto, falta muitas vezes às políticas públicas e à legislação brasileira para imigrantes um olhar interseccional; dessa forma, políticas e ações que são pensadas para facilitar a integração das imigrantes à nova sociedade podem, devido à falta desse olhar, tornar-se insuficientes ou até mesmo deletérios para as necessidades dessas mulheres. Esse trabalho busca, então, contribuir para a construção de uma literatura que coloque essas mulheres em foco, tendo como exemplo o caso das imigrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil.

Considerando um contexto internacional em que, com a feminização da pobreza e a decorrente feminização da migração, cada vez mais mulheres migram internacionalmente para “melhorar de vida” ou buscar melhores oportunidades para si ou para a família (ou, em outras palavras, escapar da pobreza e da falta de acesso a direitos básicos), a inserção dessas imigrantes no mercado de trabalho torna-se vital para tornar possíveis essas aspirações. No entanto, esse processo depende de diversos fatores, sendo, para esta pesquisa, o gênero e a raça, assim como nacionalidade e classe, variáveis essenciais para compreender como a inserção laboral deverá ocorrer, influenciando, por exemplo, que tipo de trabalho estará disponível para a mulher migrante, a qual remuneração e a quais condições de trabalho poderão aspirar e, a partir disso, em que medida conseguirão ser bem-sucedidas em sua busca pela integração socioeconômica e por protagonismo em suas próprias histórias.

Com tais questões em mente, assim como considerando imigrantes que entraram no país a partir de 2017, em decorrência da crise na Venezuela, o trabalho busca compreender como o gênero e a raça, agem como qualificador para a inserção laboral de mulheres imigrantes venezuelanas no Brasil. Para isso, são objetivos específicos desta pesquisa: a) compreender, a partir de um ponto de vista interseccional, como gênero e raça produzem corpos vulneráveis e quais as implicações dessas variáveis no contexto migratório; b) analisar o contexto do mercado de trabalho brasileiro, tendo por base, além das contribuições teóricas já mencionados, dados quantitativos produzidos pelo governo brasileiro com recortes de gênero, nacionalidade e raça, de acordo com a disponibilidade dos dados; e c) Apresentar e analisar os resultados das entrevistas em grupos focais, entendendo assim os impactos desses fatores na integração laboral e social das venezuelanas no país.

Buscamos concluir que, no caso estudado, as variáveis gênero e raça tornam-se, devido às construções sociais relativas a essas categorias de análise, agentes qualificadores para a integração laboral (e, conseqüentemente, social) da mulher imigrante racializada, neste caso, venezuelana, na sociedade brasileira; classe e nacionalidade também aparecem como qualificadores importantes ao longo do texto. Nesse sentido, as mulheres imigrantes, devido ao seu gênero, raça e nacionalidade, se inserem no mercado de trabalho principalmente em setores considerados “feminizados”, como o serviço doméstico, limpeza de estabelecimentos, indústria têxtil entre outras funções de baixo prestígio e, também, baixa remuneração e, muitas vezes, sem a garantia de direitos trabalhistas; já a classe aparece por vezes como agravante ou atenuante dessas variáveis.

Esta dissertação partirá de uma abordagem hipotético-dedutiva, que analisará a inserção deficitária das imigrantes venezuelanas no mercado de trabalho brasileiro por meio de um estudo de caso intrínseco, em que o interesse se volta ao caso escolhido em si, sem intenção de usá-lo para entender outros casos ou produzir generalizações. O caso foi escolhido por sua relevância no contexto político brasileiro atual, além do enquadramento dessas mulheres nas variáveis escolhidas; importante destacar, aqui, a grande predominância de pessoas pardas entre os e as imigrantes venezuelanos/as. Além do fator racial, as venezuelanas também se enquadram na pesquisa por retratarem a migração feminina como busca por melhores condições de vida, busca essa que se fez necessária devido à crise econômica venezuelana, que sem dúvidas causou uma crise reprodutiva no país, quando o acesso à alimentação, à saúde e à educação se tornou cada vez mais precário.

As fontes utilizadas neste estudo são principalmente qualitativas. Sendo assim, será realizada uma revisão bibliográfica sistemática, e serão utilizados artigos científicos (serão discutidos postulados dos feminismos interseccional e decolonial, além dos conceitos de feminização da migração, feminização da sobrevivência, Divisão Sexual do Trabalho e indústria do cuidado), livros, reportagens e relatórios. No entanto, dados quantitativos primários e secundários recolhidos em especial de bases de dados como a RAIS e a PNAD-C, além do OBMigra, serão também utilizados.

Destaca-se, ainda, a realização de uma pesquisa de campo através de grupos focais, que será utilizada como uma técnica de coleta de dados qualitativos, tendo como objetivo a construção de um banco de dados, além da coleta de relatos, sobre o tema. Esta é uma técnica de pesquisa em grupo, na qual a interação se configura ao mesmo tempo como uma de suas principais características e como uma de suas vantagens, tendo em vista que, graças a ela, os/as participantes produzem, a partir da questão inicial, novas perguntas, respostas e reflexões que não poderiam ser alcançadas através de outras técnicas de coleta de dados (KITZINGER, 1994).

Ao unirmos todas essas fontes, então, será possível conhecer as experiências de

mulheres imigrantes venezuelanas de inserção laboral no Brasil levando em consideração sua raça, qualificação prévia, configuração familiar, correspondência da qualificação com o trabalho exercido no Brasil e sua remuneração, discriminação no contexto da contratação, discriminação no ambiente de trabalho e nível de renda.

2. O papel do gênero e da raça na migração feminina

2.1. O feminismo interseccional e a crítica ao feminismo hegemônico

Ao longo das décadas finais do século XX, em especial a partir da década de 1970, os feminismos hegemônicos, tais como o feminismo liberal, o feminismo radical ou mesmo o feminismo marxista, começam a ser alvos de críticas de mulheres da Academia estadunidense e europeia. Essas críticas se direcionavam ao eurocentrismo e, em especial, à universalização da categoria “mulher” que eram características desses feminismos, notadamente representantes de mulheres brancas, de elite ou classe média, heterossexuais do Norte global. Essas mulheres começam, então, a elaborar conceitos como a interseccionalidade, buscando compreender as experiências de mulheres previamente excluídas ou silenciadas pelo feminismo hegemônico, introduzindo à análise o papel de conceitos como o de raça, de classe ou de sexualidade, buscando compreender como essas dimensões se inter relacionam com o gênero (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

A crítica nasce, dessa forma, do que as pensadoras interseccionais chamam de universalização do conceito “mulher” presente historicamente nas construções teóricas feministas. Para as mulheres negras ou ‘de cor’, que não se encaixam nas mesmas categorias que as mulheres proponentes dos feminismos mais tradicionais, essas teorias não podem representá-las pois, ao compreender a palavra “mulher” como universal e se basear em uma lógica dicotômica homem-mulher, esses feminismos não enxergam fatores históricos e, dessa forma, entendem o patriarcado como única opressão comum a todas as mulheres. Em outras palavras, os feminismos eurocêtricos veem todas as mulheres como iguais e buscam a construção de uma luta comum baseada na ideia de uma irmandade automática entre as mulheres devido à opressão comum entre elas, o que acaba por invisibilizar mulheres que não se encaixam no padrão europeu de feminilidade (MONTANARO MENA, 2021).

De acordo com Espinosa-Miñoso (2014), ao universalizar o conceito de “mulher”, os feminismos hegemônicos caem em contradição, visto que, enquanto criticam o universalismo androcêntrico, aplicam uma ideia única de gênero sobre todas as mulheres, de todas as culturas, sem levar em conta as diferentes histórias e contextos em que diferentes mulheres estão inseridas. Dessa forma, o feminismo hegemônico não pode ser entendido sem levar em consideração sua convivência e participação na manutenção do paradigma moderno, sob o qual as mulheres racializadas são subalternizadas, visto que, se por um lado esses feminismos de

fato têm uma contribuição importante na luta contra a opressão de gênero ao desestabilizar a universalidade do sujeito masculino (branco), por outro contribuem para a cegueira, tanto teórica quanto prática, em relação à colonização de mulheres que não se encaixam nas características da mulher “universal”: branca, de classe média ou alta, heterossexual, do Norte global (MILLÁN MONCAYO, 2011).

Na prática, os problemas causados por essa visão universalista e binária sobre o gênero são profundos; em primeiro lugar, por não enxergarem a questão do gênero por um viés interseccional e, portanto, não considerarem que as mulheres ao redor do mundo enfrentam problemas distintos. As feministas hegemônicas não enxergaram, por muito tempo, a necessidade de fazer coalizões com mulheres de diferentes circunstâncias; adicionalmente, o caráter universalista do feminismo ocidental constrói também uma imagem da mulher de cor, ou da mulher do “terceiro mundo”, como subalternizada, encerradas no âmbito doméstico, vitimizadas e sem autonomia, presas em suas próprias culturas - o exato oposto da mulher feminista Ocidental, que é tida como livre, sob controle do próprio corpo, educadas e dotadas de agência própria, algo negado às demais mulheres por essa epistemologia. Desta forma, constrói-se uma narrativa em que a mulher do terceiro mundo (ou a “outra”) é uma mulher sem agência, cria-se um discurso salvacionista em que a mulher precisa ser resgatada da própria cultura e ocidentalizada (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

Entre as principais críticas direcionadas a esse tratamento universalizado das mulheres presente no feminismo europeu, está o feminismo interseccional, elaborado como uma forma alternativa de pensar o gênero de forma a incluir e colocar em foco as demandas de mulheres localizadas na diferença. Uma das principais proponentes do feminismo interseccional, Kimberlé Crenshaw (2002) destaca que, quando o “ser mulher” é abordado de forma universalizante, mantendo características como o gênero, a raça e outros fatores determinantes para a experiência das mulheres no mundo separadas, incorre-se em dois tipos de problemas.

O primeiro deles é a superinclusão, que se dá quando uma questão específica de um determinado grupo de mulheres (por exemplo, as mulheres negras, ou as mulheres imigrantes, ou as mulheres pobres) é apropriada pelo feminismo ocidental e tratada como um problema universal, de todas as mulheres, “sem qualquer tentativa de reconhecer o papel que o racismo ou alguma outra forma de discriminação possa ter exercido em tal circunstância” (CRENSHAW, 2002, p.174).

Já o segundo problema trazido por Crenshaw (2002) é a subinclusão, que acontece quando um problema específico de um grupo de mulheres é tratado como alheio ao gênero (ou seja, o problema seria produto exclusivamente de algum outro marcador social, como a

raça, a classe, etc) devido ao fato de não ser um problema que afeta o grupo dominante (mulheres brancas, do Norte global, de classe média/alta, heterossexuais). Nas palavras da autora, “nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto que, em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível.” (CRENSHAW, 2002, p. 176).

Bell Hooks (2004) adiciona, ainda, que as mulheres representantes do feminismo ocidental não mostram qualquer compreensão sobre a supremacia racial branca e suas consequências, sejam psicológicas, políticas ou econômicas. A conclusão que pode-se obter das contribuições supracitadas é que, devido ao universalismo e binarismo característicos ao feminismo ocidental/hegemônico, dá-se um silenciamento tamanho das mulheres não pertencentes às classes dominantes, que ou desaparecem do discurso feminista os seus problemas ou desaparece a sua capacidade de agência ou, até mesmo, sua própria existência enquanto pertencente da diferença.

Tendo em vista as questões acima descritas, compreende-se a necessidade - demonstrada por acadêmicas racializadas nos Estados Unidos e na Europa a partir do fim dos anos 1970 - de criar novas abordagens para o estudo do gênero, um movimento contrário à ideia de construção de um movimento feminista internacional baseado nas abordagens hegemônicas que, como dito anteriormente, invisibilizam mulheres fora do grupo dominante; daí, surgem duas novas propostas teóricas, que servirão de base para a construção do feminismo interseccional: o feminismo negro e o feminismo “de cor”, ambos emanando a partir da Academia estadunidense (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

O feminismo “de cor” (que inclui mulheres racializadas de diversas etnias) busca criar um espaço político que possibilite alianças entre mulheres de diversas culturas, diversas categorias raciais, juntamente às mulheres negras, respondendo à diversidade de mulheres que faziam parte do chamado Terceiro Mundo. Foram essas feministas as primeiras a demonstrar como essas categorias se relacionam de forma indistinguível na vida das mulheres racializadas (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017), deixando clara a necessidade de, para possibilitar a liberação dessas mulheres, lutar não apenas contra o patriarcado mas também contra o sistema imperialista/capitalista que se baseia na exploração e na diferença racial (COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, 1988 apud. MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

O feminismo negro, por sua vez, concentra sua crítica à forma como o feminismo branco é excludente para com as experiências de gênero e raça de mulheres negras (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017). Juntamente às feministas “de cor”, foram as

primeiras a se moverem em direção a uma análise interseccional de gênero e raça, produzindo um escopo de pesquisa que serviria como base para análises interseccionais como a de Crenshaw (LUGONES, 2008).

Também são as mulheres do feminismo negro e “de cor”, em especial o feminismo chicano (que se conforma de mulheres mestiças, com origens mexicanas nascidas ou criadas nos Estados Unidos) as que primeiro começam a incorporar elementos dos estudos pós-coloniais ao pensamento feminista, visto que a interseccionalidade, por proporcionar uma análise dos efeitos conjuntos de raça, classe, gênero e sexualidade, se tornará uma das principais referências para estudos feministas pós coloniais e decoloniais, como veremos mais à frente. O desenvolvimento da visão interseccional é, ainda, responsável pela difusão de vozes subalternizadas nas discussões feministas, proporcionando assim uma ruptura no feminismo que possibilitou que novas conversas e discussões fossem geradas (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

Dessa forma, o feminismo interseccional fundado pelas mulheres negras e “de cor” nos Estados Unidos nos revela aquilo que fica invisível se características como gênero e raça são analisadas separadamente uma da outra (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017). Uma das principais abordagens nesse sentido é a de Crenshaw, que demonstra como a mulher racializada acaba invisibilizada em análises que enxergam gênero e raça de forma não interseccional. Para a autora, esse problema está presente não apenas no feminismo, cuja problemática já analisamos, mas também nos movimentos anti racistas, pois, ao não haver uma análise interseccional, ambos os movimentos acabam focando seus esforços nos grupos dominantes entre os grupos (no caso do feminismo, a mulher branca de classe média/alta; no caso do movimento antirracista, homens em melhor posição social/de classe). Esse tipo de análise, então, contribui para a marginalização da mulher racializada, pois não pode compreender a subordinação dessas mulheres (CRENSHAW, 1989).

Para a autora, mulheres negras podem experimentar discriminação de formas que são ao mesmo tempo similares e diferentes daquelas que mulheres brancas e homens pretos enfrentam. Elas, às vezes, experimentam discriminação de forma similar às experiências de homens pretos, outras vezes similar às mulheres brancas. Outras vezes experimentam discriminação dupla - os efeitos combinados de práticas que discriminam pela raça e pelo gênero. E outras vezes elas experimentam discriminação como mulheres pretas - não a soma do racismo e do machismo; por isso, enquanto as análises não são interseccionais, é impossível que suas necessidades específicas sejam supridas pelos movimentos (CRENSHAW, 1989).

Para Crenshaw (2002, p. 177), essas subordinações específicas acontecem em contextos em que “as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente de desempoderamento”. Por exemplo, segundo a autora, os estereótipos sobre a sexualidade ou a força de mulheres negras ou de outras raças subordinadas as torna não apenas alvos muitas vezes mais frequentes de violência sexual, como também cria uma tendência de descrença por parte das autoridades sobre seus abusos; para além disso, esses mesmos estereótipos também se relacionam com a subordinação política dessas mulheres, principalmente no que diz respeito a políticas de bem-estar social ou políticas reprodutivas. Além disso, a autora nos recorda também das opressões encontradas por mulheres racializadas em contextos escolares ou no mercado de trabalho, entre outras áreas da vida social (CRENSHAW, 2002).

Mas a importância do desenvolvimento de teorias interseccionais não reside simplesmente na análise e descrição das opressões específicas a essas mulheres, mas também no fato de que, sem esse tipo de análise, ou seja, levando em consideração características como gênero e raça apenas de forma separada, gerando compreensões distorcidas ou ao menos parciais dessas opressões, só pode gerar intervenções (que podem ser provenientes dos próprios movimentos feminista e antirracista, mas também de ONGs, organizações internacionais ou mesmo de elaboradores de políticas públicas) no mínimo ineficientes ou, em casos mais graves, até mesmo contraproducentes, piorando, de fato, as condições de mulheres localizadas na intersecção, construindo assim novos aspectos do desempoderamento desses sujeitos (CRENSHAW, 2002).

Tal fenômeno nem sempre ocorre intencionalmente: em geral, o que ocorre é que, como as intervenções são pensadas considerando os grupos dominantes, pessoas que não são parte de um determinado grupo dominante dificilmente terão suas necessidades atendidas; além disso, determinadas políticas podem gerar fardos que, ao interagirem com vulnerabilidades que já existiam, geram uma nova dimensão de opressão; por exemplo, militantes feministas reproduzem a subordinação de mulheres racializadas ao adotar políticas ou estratégias de empoderamento que priorizam mulheres de classe ou raça dominantes, assim excluindo, ou pelo menos afastando, as necessidades específicas de mulheres racializadas ou pobres (CRENSHAW, 1991).

Assim, nota-se que, em se tratando de questões interseccionais, onde diversos sistemas de opressão se encontram, políticas ou intervenções baseadas em uma única dimensão, seja ela gênero, raça ou mesmo classe, dificilmente atenderão mulheres que, com raças ou classes diferentes, enfrentam questões diferentes; ou seja, quando isso ocorre, as relações de poder

que os movimentos buscam combater (seja o patriarcado ou o racismo) acabam fortalecidas (CRENSHAW, 1991; HILL COLLINS; BILGE, 2016)

Dessa forma, é importante que aqueles formuladores de políticas públicas, militantes ligados à causa feminista, organizações internacionais de Direitos Humanos, ONGs que pretendem prestar apoio a mulheres ou quaisquer outros que pretendam responder às necessidades de mulheres, em especial marginalizadas, se utilizem das contribuições teóricas do feminismo interseccional para antecipar as vulnerabilidades específicas que a intersecção entre gênero, raça ou outras variáveis podem ocasionar, visto que não se pode permitir que as diferenças entre as mulheres façam que determinados problemas sejam marginalizados, por não coincidir com as questões mais importantes para as mulheres de raça e classe dominantes (CRENSHAW, 2002; HILL COLLINS; BILGE, 2016).

Dessa forma, para as pensadoras do feminismo interseccional, é primordial que as políticas e estratégias de combate ao patriarcado e às opressões relacionadas ao gênero partam de uma análise *bottom-up*, tanto no sentido de que a análise deve começar pela observação da vida das diferentes mulheres na prática, quanto no sentido de pensar, em primeiro lugar, nas mulheres mais marginalizadas, ou seja, aquelas que estão localizadas na intersecção entre mais variáveis subalternizantes, tendo a essas mulheres como ponto de partida para as análises, pois só dessa forma é possível realizar uma mudança real no status quo; afinal, segundo a autora, ao se iniciar a análise por aqueles corpos mais marginalizados, colocando-as no centro das preocupações, temos a forma mais efetiva de evitar análises que levem em conta apenas um grupo (CRENSHAW, 1989; CRENSHAW, 2002).

Afinal, de acordo com Mohanty (2011, p. 425), quando uma visão parte e/ou se limita à perspectiva dos grupos mais privilegiados, essa visão provavelmente excluirá aqueles/as que não pertencem a esse grupo. Em uma visão que faz o caminho contrário - partindo dos interesses de mulheres marginalizadas - é possível apreender toda a escala do privilégio. Dessa forma, quando as mulheres mais marginalizadas são colocadas no centro da discussão, todos os grupos serão incluídos, afinal, toda a estrutura de poder será analisada. Em suma, nas palavras de Crenshaw (1989, p. 167, tradução própria): “Quando elas [mulheres racializadas] entram, todos entram”.

2.2. Visões do gênero e da raça a partir da América Latina: o feminismo decolonial

Formulado a partir das contribuições do feminismo interseccional, exposto acima, e do pensamento decolonial latinoamericano, o feminismo decolonial se faz fundamental para compreender as relações de gênero e raça e como essas categorias de análise constroem o sistema capitalista e imperialista atual. Tendo já analisado as principais contribuições das feministas negras e de cor dos Estados Unidos, faz-se necessário agora, antes de falar propriamente sobre o feminismo decolonial, resgatar algumas ideias essenciais das teorias decoloniais que, por sua vez, compartilham diversas ideias com o pensamento pós colonial da Ásia e África.

Essas visões pós-coloniais chegam aos Estados Unidos a partir de 1990, através da formação do Grupo de Estudos Subalternos Latinoamericanos. Posteriormente, autores como Walter Mignolo e Aníbal Quijano, entre outros, formam, em 1998, o Grupo Modernidade/Colonialidade, que se tornou muito importante entre as epistemologias do Sul. Esse grupo concentra seus esforços em analisar a cultura e a política latinoamericana, questionando a colonialidade (que segue em curso, ao contrário do colonialismo em si), criticando a modernidade e o eurocentrismo, vinculando-se também com movimentos indígenas antirracistas. Dessa forma, o giro decolonial avança os estudos pós coloniais, trazendo-os à perspectiva da América Latina (berço do colonialismo e da colonialidade) e extrapolando o pensamento para todo o mundo; em um ponto em comum com as feministas interseccionais, o giro decolonial questiona a desvalorização, o epistemicídio dos conhecimentos e formas de pensar não eurocêtricos, buscando visibilizar os sujeitos que o mencionado eurocentrismo silenciou e invisibilizou (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

Escobar (2003) define as operações teóricas do grupo Modernidade/Colonialidade da seguinte forma: (a) localização das origens da colonialidade na descoberta do continente americano, pois é nesse momento histórico em que é criado o Outro europeu; (b) atenção para a relação estreita entre a colonialidade, o capitalismo e o surgimento do sistema moderno; (c) visão planetária da modernidade; (d) caracterização da dominação dos Outros fora do continente europeu, trazendo consigo a violência e o epistemicídio contra os povos indígenas; e por fim, (e) a caracterização do eurocentrismo como forma de conhecimento que se pretende universal na modernidade/colonialidade. Em suma, essas concepções têm como conclusão comum que a modernidade/colonialidade (que será explicada mais à frente) é a unidade analítica ideal para compreender a modernidade, e que esta se constitui a partir da colonialidade, não podendo existir sem ela (ESCOBAR, 2003). Dessa forma, o giro decolonial demonstrou que é a partir da Europa, da modernidade e a da colonialidade que

surge a ideia de periferia, ou, em outras palavras, do “outro”, concebido em contraposição ao modelo europeu, através de uma suposta superioridade europeia (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

Um dos autores mais importantes desse movimento, que servirá como base para a construção do feminismo decolonial, é Aníbal Quijano, que cunha o conceito de colonialidade do poder - sistema através do qual se organiza a modernidade, caracterizado pelo capitalismo e pelo eurocentrismo. O conceito não se limita à América Latina, mas explica todo o sistema mundial e, apesar de ter se iniciado com a colonização da América por Portugal e Espanha, não se esgota em conjunto com o fim da colonização, se perpetuando até os dias de hoje (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017). Esse conceito se assenta sobre o sistema mundo moderno colonial, que é, de acordo com Escobar (2003), a junção de processos e formações sociais que articulam as principais formas de poder no sistema moderno colonial. Esse sistema, por sua vez, tem suas raízes no mercantilismo do século XVI, através do qual foi formada a “América” como a conhecemos e, portanto, a colonialidade, através da autoridade colonial e da criação de categorias raciais que, até então inexistentes, tornaram-se a matriz cultural e política do sistema mundial a partir de então. Então, desde a colonização, vem se perpetuando um discurso que legitima a supremacia europeia (branca) ao definir as demais categorias raciais como inferiores, ou como “os outros” (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

Na América colonial, de acordo com Quijano (2000a), a raça foi usada como uma forma de legitimar a dominação e o poder europeu sobre os demais povos, criando a ideia de superioridade europeia. A colonialidade, então, funciona através da naturalização de hierarquias baseadas em categorias territoriais, raciais e culturais, trazendo relações de poder e dominação que garantem a exploração mundial de determinados grupos por outros e a subalternização de conhecimentos e formas de vida dos grupos explorados (RESTREPO; ROJAS, 2010). É também junto à colonização que nasce o sistema capitalista, que também se alimenta desse sistema: as categorias “trabalho”, “raça” e “gênero”, então, são as três instâncias principais que ordenam as relações de poder/dominação, sendo a raça, para ele, a categoria que ordena todas as categorias de existência, redefinindo a sexualidade, o poder, a subjetividade (QUIJANO, 2000a).

É importante, ainda, notar que o fim da colonização através da independência política dos países da América Latina não significou o fim dessas relações de dominação (colonialidade), visto que estas continuaram se reproduzindo e reorganizando as formas de exploração do trabalho, dominação do conhecimento, as hierarquias sociais ou mesmo a

administração dos Estados, ainda seguindo as hierarquias de raça, até os dias atuais (SEGATO, 2013). Isso se dá, essencialmente, através da colonização do imaginário dos sujeitos colonizados, atacando as formas de conhecimento, as simbologias, as formas de expressão daqueles povos que se pretendia colonizar, impondo a partir de então as formas de conhecimento, expressão e as simbologias do grupo dominante (europeu) (QUIJANO, 2000a). Dessa forma, a construção de um imaginário em que existe uma hierarquia natural entre raças é o que caracteriza em última instância a colonialidade do poder. É esse discurso, então, o que possibilita a exploração de qualquer domínio social, seja ele a economia, a política, o gênero e a sexualidade ou a intersubjetividade. Esse discurso cria, ainda, a fobia em relação ao diferente, ao “outro” (MIGNOLO, 2003).

O feminismo decolonial - abordagem que se insere na discussão herdando postulados tanto do giro decolonial quanto do feminismo interseccional - surge na América Latina como uma reação à importação de valores feministas ocidentais no subcontinente. Afinal, a absorção de pensamentos feministas eurocêntricos trouxe consigo consequências negativas como a instalação e permanência de políticas neoliberais que contribuem para o empobrecimento e maior subordinação em populações já historicamente excluídas, como mulheres indígenas, negras e/ou pobres. Tal absorção se deu através dos processos de redemocratização no continente, em que políticas neoliberais foram impostas pelos grandes centros de poder e as feministas latinoamericanas, para se inserir nos processos de democratização e formação de novos governos, assumiram os postulados feministas hegemônicos (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

Sendo assim, o feminismo institucional (que importa postulados eurocêntricos) se articula num contexto de democratização que ocorre ainda sob as estruturas coloniais, ainda que os discursos e formas de dominação tenham mudado. Dessa forma, para fazer parte do processo, as feministas latinoamericanas tornam-se cúmplices desse novo colonialismo neoliberal, fortalecendo uma estrutura excludente e o próprio patriarcado. Tudo isso através da formação dos coletivos feministas em ONGs, que, por serem ONGs, passam a depender do financiamento e das agendas de organizações internacionais (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017). Essas ONGs servem, ainda, como instrumento para “acalmar” demandas sociais e por igualdade no marco do neoliberalismo, freando potenciais insubordinações (PAREDES, 2012).

É a partir desse contexto de usurpação dos movimentos feministas latinoamericanos que algumas mulheres começam a desenvolver um novo pensamento feminista, que foca em incluir em sua análise as intersecções entre gênero, raça/etnia, classe e sexualidade, afinal, só

assim a maior parte das mulheres latinoamericanas poderiam ser visibilizadas, além de desafiar o feminismo eurocêntrico, colonial e racista dos feminismos que emanavam da Europa e eram reproduzidos na América Latina por determinadas classes de mulheres (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

Essas mulheres se vincularam a movimentos que questionavam as políticas neoliberais, criando novas ferramentas feministas com análises a partir de autores pós-colonialistas e, principalmente, do Grupo Modernidade/Colonialidade e do feminismo interseccional norte-americano e também do feminismo pós-colonial, criando uma proposta que busca desenhar as relações entre a dominação sobre o gênero e os corpos produzidos pelo sistema de poder moderno, que se trata de um corpo não apenas gendrado, mas também racializado, heterossexualizado e explorado pelo capitalismo e o neocolonialismo (ESPINOSA MIÑOSO, 2012).

Trata-se, então, em outras palavras, de um novo feminismo, baseado na colonialidade do poder de Quijano, que é aqui entendida como um processo de dominação estrutural de uma cultura sobre a outra, deixando marcas na economia, no corpo social, na política e na governamentalidade dos corpos através da implantação nas populações colonizadas das formas de conhecimento, da cultura, das normas e dos valores do colonizador. Busca visibilizar a verdadeira condição e as verdadeiras necessidades das mulheres não brancas, não pertencentes aos grupos dominantes, sem esquecer as relações entre gênero, raça e classe, enquanto reguladas pela colonialidade. Assim como os estudos decoloniais e o feminismo interseccional, o feminismo decolonial também dirige sua crítica ao feminismo ocidental (importado na América Latina) e evidencia como suas teorizações e práticas reproduzem a colonialidade e o racismo, o que traz de volta a crítica sobre a universalização da categoria “mulher” e busca recuperar as histórias e as formas de conhecimento das mulheres colonizadas. Ainda, vale mencionar que o feminismo decolonial recupera também as contribuições de mulheres indígenas latinoamericanas, que já questionavam sua própria invisibilização dentro das comunidades indígenas, assim como o patriarcado, o racismo e o classismo presentes nas sociedades da América Latina. (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

O feminismo decolonial permite, ainda, revisar as relações entre capitalismo, modernidade, patriarcado e racismo, e recupera as histórias dos povos originários latinoamericanos; questiona, inclusive, a existência do patriarcado como hoje se apresenta antes da colonização ibérica. Ademais, se opõem ao salvacionismo do feminismo europeu e às construções de alteridade, já debatidas pelos movimentos pós-colonial e decolonial. Se

propõe, dessa forma, a “descolonizar” o feminismo, o que implica elaborar um corpo teórico que parta das experiências específicas de mulheres subalternizadas latinoamericanas (MONTANARO MENA; PROQUEST, 2017).

O “feminismo decolonial” foi nomeado pela primeira vez por María Lugones, a primeira a propor uma articulação teórica entre os pensadores do giro decolonial e as feministas interseccionais, argumentando que incorporar as relações entre gênero, raça, classe e sexualidade é essencial para entender como as relações de poder afetam as mulheres subalternas no marco da colonialidade (LUGONES, 2007).

Lugones (2007), então, resgata o conceito de Quijano (colonialidade do poder), convergindo com o autor na ideia de que o modelo capitalista eurocêntrico se baseia em dois eixos fundamentais: a colonialidade, enquanto hierarquização básica dos seres humanos por meio da raça, e a modernidade, enquanto fusão das experiências coloniais e as necessidades do capitalismo que cria um universo de dominações intersubjetivas e consolida a hegemonia do Ocidente através da dominação do pensamento. No entanto, a autora critica a forma de Quijano pensar gênero e sexualidade, em primeiro lugar, devido ao autor considerá-los como categorias inseparáveis e, também, por ele pensá-los como características meramente biológicas, que teriam estado presentes ao longo de toda a civilização, mesmo antes da colonização, ao contrário da raça, que o autor enxerga como invenção colonial. Sendo assim, Lugones construirá seu argumento a partir da crítica à colonialidade do poder, emprestando também conhecimentos dos feminismos interseccionais (LUGONES, 2007; LUGONES, 2008).

Tendo em vista essas críticas e o objetivo de visibilizar as realidades e necessidades de mulheres subalternizadas, Lugones (2007; 2008) cunha o conceito de Sistema de Gênero Moderno/Colonial, que introduz o colonialismo como raiz da opressão invisível sofrida por mulheres racializadas do Sul global e do sistema de dominação presente nas sociedades colonizadas até os dias atuais, criando ainda situações distintas para homens e mulheres colonizados/as. Para Lugones (2007), ao contrário do que pressupunha Quijano, o gênero como é entendido nas sociedades modernas não existia na América Latina anteriormente à chegada dos portugueses e espanhóis, sendo introduzido e utilizado, assim como a raça, como estratégia de dominação colonial europeia.

Assim, o gênero foi introduzido nas comunidades latinoamericanas como uma forma de organização e hierarquização das relações de produção, propriedade, cosmologias e saber, inferiorizando o gênero feminino que, pela primeira vez nessas comunidades, seria entendido como um oposto (inferior) masculino, sendo então o gênero feminino definido em relação ao

gênero masculino; esse processo ocorreu simultaneamente à invenção pelos europeus do conceito de raça como hoje a entendemos, subordinando negros e indígenas e criando uma narrativa de superioridade racial europeia que legitima e organiza as relações de poder e dominação adotadas no regime colonial. Dessa forma, para as mulheres a colonização significou simultaneamente a inferiorização racial e a subordinação de gênero (OYEWUMI, 1997 apud LUGONES, 2007). Nas palavras de Segato (2016), este processo determinou a aplicação da estrutura binária nas colônias; assim, é criada a ideia do “outro” (feminino, não-branco, marginal, subdesenvolvido), que se constitui como condicionante para a existência do Um (sujeito universal, generalizável, masculino e branco), criando a esfera pública como território desse sujeito universal e, simultaneamente, a desvalorização do espaço doméstico, que até então, ainda que hierarquicamente inferior, era ontologicamente completo e agora torna-se o outro da esfera pública, sem qualidade política, sem capacidade de produzir enunciados de valor universal ou interesse geral. Passa a ser compreendido, assim, como privado e íntimo (SEGATO, 2016).

Previamente a esse processo, existia nas comunidades originárias uma forma de produção de conhecimento e cosmologias muito diferentes da modernidade. Muitas tribos funcionavam sob sistemas patriarcais de baixa intensidade, em que as mulheres ainda detinham uma participação importante na vida pública da comunidade e possuíam seu próprio poder; existiam até mesmo comunidades em que não havia um sistema binário e hierarquizado de gênero. A transformação dessas comunidades sem gênero ou com um sistema de gênero diferente em sociedades patriarcais em exclusão completa das mulheres da vida pública passou por processos como a substituição de deidades femininas pelo Deus masculino, a destruição de governos e filosofias tribais, a retirada de terras e formas de subsistência e a substituição da estrutura de clãs pela família nuclear, além da substituição da autoridade dos chefes pela autoridade de oficiais brancos. Dessa forma, a dominação de gênero foi primordial para a dominação dos povos originários, e toda a produção de conhecimento, essencial para a colonialidade, passou pela dominação de gênero (GUNN ALLEN, 1986/1992 apud LUGONES, 2007).

Nesse contexto, para Lugones (2007), a dominação de gênero adquire um lado visível (claro) e um lado obscuro (escuro). No lado visível são construídas as relações de gênero hegemônicas e é constituído o sentido moderno/colonial de “homem” e “mulher”, em que o homem e a mulher brancos são o modelo. As mulheres brancas são, então, entendidas como puras, frágeis, passivas; por essas características, são banidas da esfera pública, da produção de conhecimento e do mercado de trabalho. Simultaneamente, no entanto, elas reproduzem e

gozam dos privilégios de raça e classe dos homens brancos, incluindo a proteção contra explorações e abusos sexuais.

Por sua vez, o lado obscuro da dominação de gênero é violento; a população colonizada teve sua participação em ritos religiosos, na política e na economia retirados ou no mínimo amplamente reduzidos. Em oposição ao modelo protetivo e de força dos homens brancos e ao modelo de passividade e pureza sexual das mulheres brancas, essas pessoas tiveram sua humanidade retirada, foram construídas como animais ou bestas, de forma que não poderiam possuir gênero, pertencendo ao sexo feminino ou masculino, mas sem feminilidade ou masculinidade; daí a importância de manter a separabilidade entre gênero e sexo, pois sem ela, o lado obscuro do sistema de gênero moderno/colonial torna-se invisível (LUGONES, 2007).

As mulheres racializadas, especificamente, foram caracterizadas em oposição às características das mulheres brancas. Dessa forma, foram representadas como sexualmente agressivas, de forma a justificar a exploração sexual infligida pelos colonos brancos, além de fortes o suficiente para realizarem qualquer tipo de trabalho, conforme os interesses do capitalismo moderno, assim justificando a exploração feminina também na esfera do trabalho.

Em suma, as mulheres colonizadas foram inferiorizadas pela designação sexual de “mulher”, que as exclui da esfera pública e as destitui do poder mesmo dentro de suas comunidades, sem em contrapartida receberem quaisquer privilégios, visto que, graças à sua hipersexualização e por seu papel no mercado de trabalho, que nunca puderam abandonar, são entendidas como não merecedoras da proteção social da qual usufruem as mulheres brancas burguesas. Ou seja, apesar de ter sido atribuído a elas o sexo feminino, a desumanização dos corpos colonizados as privou do gênero (LUGONES, 2007). Todas essas estruturas permanecem constituintes importantes do sistema mundo atual, sendo a colonialidade do gênero o fator que permanece no sistema de poder capitalista mundial desde os tempos coloniais até os dias de hoje; é também o que está por trás da intersecção entre gênero, classe e raça e as opressões que a acompanham (LUGONES, 2014).

O que contribuições como as de Quijano e Lugones nos permitem perceber é que a colonialidade é um dos elementos constitutivos do poder capitalista, através de um processo de hierarquização racial e étnica que coloca o homem branco, europeu, de classe média ou alta no topo da pirâmide e permite a subalternização de outros corpos de acordo com essa hierarquia, estando as mulheres racializadas, pobres, do Sul global na parte mais baixa dessa hierarquia. Esse padrão de poder opera em todos os sentidos da vida do indivíduo subordinado, inclusive a divisão do trabalho, que exploraremos com mais detalhe a seguir

(QUIJANO, 2000b).

2.3. O neoliberalismo, a feminização da migração e a indústria do cuidado

Neste sentido, Mignolo (2017) elabora a “matriz colonial de poder”, conceito que tem suas raízes na colonialidade e opera a partir do controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, estabelecendo estruturas de dominação binárias que configuram as relações da atual ordem mundial. Essa lógica, para o autor, opera através de “nós” histórico-estruturais atravessados pela colonialidade.

Dessa forma, a colonialidade que persiste até os dias atuais funciona através dos seguintes mecanismos: (a) a formação racial global, já amplamente discutida anteriormente; (b) uma hierarquia, também já explorada, que coloca os corpos europeus em um patamar de superioridade em relação à periferia; (c) as relações de gênero, exploradas por Lugones; (d) a criação das categorias “homossexual” e “heterossexual”, juntamente à homofobia; (e) uma hierarquia que coloca as religiões cristãs acima das demais espiritualidades; (f) uma hierarquia estética, determinando o que é belo e o que pode ser considerado arte; (g) uma hierarquia que privilegia as formas de conhecimento e as epistemologias europeias, em detrimento das formas de pensar dos demais povos, que se estende, ainda, à linguística, com os idiomas europeus sendo colocados em um patamar de superioridade em relação aos demais, além de serem impostos sobre os povos colonizados; (h) a criação do “sujeito moderno” como modelo, no topo da hierarquia; (i) um sistema político global controlado por indivíduos euro-americanos que controlam ou influenciam as instituições da periferia (MIGNOLO, 2017) e, por fim, (j) uma divisão internacional do trabalho entre centro e periferia que organiza o trabalho nos países subalternos de forma a servir os interesses dos países imperialistas (WALLERSTEIN, 1974 apud. MIGNOLO, 2017).

Essa elaboração nos é útil por ser um bom resumo de como operam os mecanismos da colonialidade até os dias atuais, trabalhando para perpetuar o sistema capitalista eurocêntrico através, além de outros mecanismos já mencionados acima, do controle do trabalho e da sua divisão entre os grupos de acordo com as demais hierarquias acima mencionadas. Essas questões estão inseridas nos debates sobre feminização da migração e sobre a indústria do cuidado, que absorve grande parte dos novos fluxos migratórios femininos. Antes de entrar nessa discussão, no entanto, é necessário entender do que se trata a feminização da migração.

Tradicionalmente, acompanhando o entendimento da migração enquanto um fluxo meramente econômico, em que pessoas (em especial homens) buscam uma melhora nas condições de vida através do trabalho, pouca atenção se dava à migração das mulheres, cujo deslocamento se entendia apenas como acompanhantes dos homens e, portanto, sem agência no âmbito migratório. No entanto, ao longo das últimas décadas, em especial após o fim da Segunda Guerra Mundial, em razão do relativo aumento dos fluxos migratórios das mulheres, tornou-se cada vez mais claro que a migração feminina possui características que em muito diferem da migração masculina, já mais profundamente estudada; assim, percebe-se a impossibilidade de estudar a migração enquanto um fenômeno sem gênero, e a necessidade de produzir conhecimento específico sobre a migração das mulheres (MARINUCCI, 2007).

No marco dos novos estudos migratórios, cada vez mais generados, surge o conceito de “feminização da migração”, que pode ser explicado de três formas, com sentidos complementares: a feminização quantitativa, a feminização enquanto aumento da produção de conhecimento sobre os deslocamentos e a feminização enquanto mudança no caráter desses deslocamentos. A feminização quantitativa da migração diz respeito a um suposto aumento nos números de mulheres migrantes ao redor do mundo, conformando uma presença considerável de mulheres migrantes que varia de acordo com as regiões, porém sem deixar de existir (MARINUCCI, 2007).

Os dados, no entanto, não permitem que se construa um consenso em relação a um aumento considerável de mulheres imigrantes, afinal, a porcentagem global que conformam tem se mantido estável ao redor dos 50% pelo menos desde 1990 (48,1%, na metade de 2020), com alguns países receptores tendo números maiores (no extremo, o Nepal, com 69,9%) e outros, números menores, como, no extremo, as Maldivas, com 12,3% ou mesmo, em um número mais equilibrado, o Brasil, com 46% (MIGRATION DATA PORTAL, 2021).

A segunda principal abordagem sobre a feminização diz respeito ao fato de que, apesar de sempre terem tido uma participação importante nos fluxos migratórios, as mulheres por muito tempo permaneceram excluídas dos estudos e da produção de conhecimento sobre migrações, tornando-se invisíveis devido à falta, até então, de pesquisas migratórias que possuíssem um enfoque na questão do gênero, o que levava à conclusão enganosa de que as mulheres que migravam eram dependentes de um familiar masculino, como o marido, com quem migravam (ou ao encontro de quem iam ao migrar); como dependentes e passivas, entendia-se que a migração feminina não gerava impactos importantes nos fenômenos migratórios ou nos países de destino, não sendo um aspecto importante para a compreensão dos fluxos. No entanto, com a difusão do gênero como critério analítico, a migração feminina

tem ganhado maior destaque, de forma que mais que um aumento numérico das mulheres nos fluxos migratórios, a feminização da migração trata-se de uma mudança nas formas de compreender a migração, trazendo maior visibilidade para a mulher migrante (MARINUCCI, 2007).

Uma terceira abordagem sobre a feminização da migração, que serve melhor aos objetivos desta pesquisa, diz respeito às mudanças no caráter e nas motivações das migrações femininas nas últimas décadas, com destaque para o pós anos 2000. Cresce, então, consideravelmente o número de mulheres que migram como primeiras provedoras do lar, em busca de trabalho e melhores condições financeiras para a família, muitas vezes sem a presença de um homem ou sendo a primeira pessoa da família a se deslocar. Mesmo em casos em que o casal migra ao mesmo tempo, muitas vezes são as mulheres que primeiro procuram emprego no país de destino (MARINUCCI, 2007).

A reflexão sobre a feminização da migração exige ainda uma compreensão de como elas se inserem no sistema capitalista globalizado, como elas se inserem nas redes globais de emprego; debates que são ainda inseparáveis dos debates sobre raça, etnia e classe (NUNES, 2018). Essa relação é explicitada por Sassen (2003) através do conceito de “feminização da sobrevivência”: para a autora, em concordância com o que diz Marinucci, cada vez mais são as mulheres as responsáveis pelo sustento da família e pela geração de renda. Neste sentido, a autora versa sobre os diversos fluxos em que a presença das mulheres tornou-se consideravelmente mais importante, pontuando que, apesar de terem características diferentes, todos esses fluxos são circuitos lucrativos construídos através da exploração de indivíduos mais frágeis através de diversos tipos de migração, sejam legais ou ilegais, incluindo o tráfico de pessoas e a migração para suprir lacunas no mercado de trabalho de países mais desenvolvidos, por exemplo (SASSEN, 2003).

Esses circuitos, chamados por Sassen (2003) de “contra-geografias da globalização”, só são possíveis devido à existência do sistema econômico global, que por sua vez, como já vimos, se apoia nas hierarquias criadas pela colonialidade. Para Mies, Bennholdt-Thomsen e Werholf (1988), as mulheres são uma manifestação do poder colonial, sendo seus corpos territórios de saqueio, dos quais o sistema capitalista extrai riqueza; ou, seja, através da violência, o capitalismo explora o trabalho doméstico, camponês e periférico das mulheres como um ‘recurso grátis’. Sassen (2003) e Oso (2008) explicitam que, nesse sentido, existem laços sistêmicos entre o aumento da recorrência de mulheres a alternativas de sobrevivência (como o sexo por sobrevivência ou a migração para realizar trabalhos informais mal remunerados e com poucas garantias trabalhistas) e a globalização, que trás consigo efeitos

como a geração de crises e a condução de políticas neoliberais de austeridade em países da periferia, o que leva a consequências negativas importantes para a população.

Em termos mais concretos, algumas circunstâncias trazidas pelo sistema capitalista global são as responsáveis pelo surgimento de novas realidades político-econômicas que afetam mulheres da periferia global e, assim, as forçam a recorrer a migrações de risco. São fatores como a diminuição de oportunidades de empregos tradicionalmente ocupados por homens, a redução de oportunidades de formas mais tradicionais de gerar lucro (aqui incluídos o trabalho formal ou o empreendedorismo no país natal), ou a diminuição da renda do governo, que, por sua vez, trás uma piora em serviços como a saúde e a educação, áreas que são importantes para as mulheres por serem elas as principais responsáveis pela sobrevivência e desenvolvimento dos filhos (SASSEN, 2003; OSO, 2008).

Dessa forma, o sexo por sobrevivência e a migração feminina voltada para o trabalho (muitas vezes informal) tornam-se alternativas de geração de renda cada vez mais procurados no novo contexto globalizado. Isso ocorre, em parte, porque as mulheres, por serem as principais responsáveis pela sobrevivência da família, são as principais afetadas pelas crises e pelas políticas de austeridade causadas pela globalização; e também, em parte, devido à criação de um novo mercado: a indústria do cuidado, que surge pela necessidade das mulheres mais privilegiadas de terceirizar o trabalho doméstico, uma vez que ascendem no mercado de trabalho formal (SASSEN, 2003).

Assim, Rubío (2003) faz eco a Sassen em relação à importância da globalização e do subsequente desequilíbrio global, com o agravamento de crises econômicas, falta de oportunidades de emprego, perda de poder de compra ou falta de infraestrutura e serviços básicos como saúde e educação para a decisão feminina de emigrar. As duas autoras convergem, ainda, na ideia de que o aumento do número de mulheres das classes e etnias mais privilegiadas que entram no mercado de trabalho formal e qualificado faz com que aumente a demanda por mão de obra feminina para suprir as necessidades domésticas dessas famílias, também acarretando no aumento da migração de mulheres.

No entanto, enquanto na visão de Sassen o papel do gênero continua subordinado à classe, na visão de Rubío (2003), a análise do posicionamento da mulher imigrante deve partir da interação entre as desigualdades de gênero, classe e etnia, seguindo uma abordagem mais interseccional. Dessa forma, para a autora a posição das mulheres imigrantes na sociedade acolhedora é definida pela interação entre as múltiplas relações de poder em que elas estão inseridas, sendo as principais relações abordadas pela autora as de gênero, as de classe e as de raça, conforme se estabelecem no país de destino (RUBÍO, 2003).

Dessa forma, a categoria “mulher imigrante” é complexa e está marcada por uma grande diversidade de etnias, de religiosidades, de níveis educacionais, de círculos familiares, entre outras diferenças que não nos permitem falar de um coletivo homogêneo, o que configuraria uma simplificação demasiada do fenômeno migratório feminino. Assim, para abordar as questões relacionadas a esse grupo é necessário recorrer a uma análise (interseccional ou, nas palavras da autora, multidimensional) que permita superar o etnocentrismo que permeia o feminismo tradicional, reconhecendo que os problemas que acometem mulheres brancas, autóctones, de classe média ou alta são diferentes daqueles que acometem mulheres imigrantes, racializadas, pobres, de culturas e tradições religiosas diversas (RUBÍO, 2003).

Logo, Rubío (2003) dá destaque ao gênero como um dos fatores centrais para a decisão de migrar e para a composição dos fluxos migratórios. Para as mulheres, o gênero determina ainda a sua inserção no mercado de trabalho no país de destino, sua autonomia e seu papel na esfera privada. Apesar da heterogeneidade e diversidade entre as mulheres imigrantes e dos vários fatores que interferem em suas experiências (explicitados acima), as pautas sobre inserção laboral são uma constante em praticamente todas as sociedades; em geral, principalmente no caso das migrações de risco e entre as mulheres mais pobres e/ou racializadas, as mulheres são relegadas aos locais mais baixos da estrutura trabalhista, conseguindo emprego especialmente em ocupações feminizadas que foram rejeitadas por mulheres autóctones, como o trabalho doméstico, o trabalho sexual, serviços como a hotelaria ou limpeza ou ainda na indústria têxtil, sendo essas ocupações muitas vezes irregulares e/ou mal remuneradas, sem estabilidade e com menor possibilidade de crescimento em relação aos homens imigrantes ou às mulheres autóctones.

Vale lembrar, ainda, que a classificação étnico/racial dessas mulheres também trás obstáculos específicos, como já demonstrado anteriormente pelas feministas interseccionais e decoloniais. Além disso, Rubío (2003) salienta que não apenas existe uma clara hierarquia entre a mulher autóctone/branca e a mulher imigrante, mas também uma hierarquia entre as próprias mulheres imigrantes, determinada pelo grau de aproximação fenotípica e cultural com o Ocidente. De acordo com Dutra (2013), todos esses elementos geram impactos na qualidade de vida dessas mulheres e limitam muito as possibilidades de mobilidade social, de forma que ao mesmo tempo que a mobilidade internacional oferece às mulheres uma saída ou uma oportunidade de sobrevivência, ela também fecha quase completamente as portas de outras oportunidades, como a educação, ao limitar seu acesso ao mercado de trabalho na sociedade de destino.

Assim, de acordo com Marinucci (2007), a migração trás para as mulheres riscos como a desintegração de laços culturais e familiares no país de origem, de se encontrarem em situações de vulnerabilidade extrema tanto no percurso migratório quanto no destino, a discriminação ou a segregação no mercado de trabalho, por exemplo, em especial quando a mobilidade se configura mais como uma estratégia de sobrevivência do que como uma escolha propriamente autônoma. O autor pontua, ainda, que a migração pode ser um processo mais difícil, além de todos os fatores já mencionados, para as mães que precisam arcar com o sustento, educação e saúde dos seus filhos, ou de outros familiares, sozinhas; nesses casos, a maior necessidade de dinheiro pode colocar as mulheres em situações de maior risco. Em geral, para o autor, as migrações podem significar, para as mulheres, tanto uma oportunidade de empoderamento e independência quanto uma situação de violação dos direitos fundamentais das mulheres envolvidas (MARINUCCI, 2007), o que pode se agravar considerando a falta, em muitos países (inclusive o Brasil) de políticas públicas pensadas de forma interseccional específicas para as necessidades das mulheres migrantes em situação de risco.

3. Imigração e emprego no Brasil

3.1. A Divisão Sexual do Trabalho e a migração internacional feminina

Como discutido no capítulo anterior, diversas abordagens feministas trazem à luz estruturas de subordinação e revelam hierarquias que operam em diversos setores da vida social; como abordaremos mais a fundo neste capítulo, um desses setores é o do trabalho. As estruturas de poder discutidas pelas feministas decoloniais sustentam a subordinação de certos grupos ao trabalho no sistema capitalista; dentro dessa perspectiva, um dos grupos que o capitalismo subjuga e desvaloriza é o das mulheres, assim como das pessoas racializadas e imigrantes (GAGO, 2020). Esse papel do capitalismo moderno no processo de colonização do corpo feminino, racializado e imigrante será melhor desenvolvido adiante. Em primeiro lugar, convém citar as novas configurações da Divisão Internacional do Trabalho (DIT) e da Divisão Sexual do Trabalho (DST)¹, que se moldam mundialmente a partir dos anos 1970, num contexto de financeirização, reestruturação produtiva e emergência do neoliberalismo (NUNES, 2018).

Não cabe, aqui, um aprofundamento maior sobre o contexto econômico mais geral da época; no entanto, vale observar que esta divisão se baseia numa separação e subordinação violenta de seres humanos. Assim, através do uso da força e do estabelecimento de relações de exploração, as mulheres são separadas e subordinadas aos homens, o estrangeiro é separado e subordinado ao nacional, o negro é separado e subordinado ao branco. Destaca-se ainda que este é um processo intencional, causalmente ligado ao modo de produção patriarcal-capitalista. Ou seja, a emergência da nova divisão sexual do trabalho a partir de 1970 não simplesmente coincide com essas polarizações; pelo contrário, essas polarizações, assim como o resgate da divisão colonial entre mulheres ‘selvagens’ e ‘civilizadas’, é o princípio organizador do novo sistema (MIES, 1998).

Como já dito, esses novos modelos, em particular do neoliberalismo imposto aos países em desenvolvimento pelas grandes potências, tiveram grandes impactos sobre as populações mais vulneráveis e, em especial, mulheres das margens. Como já dito, para Sassen (2003), as mulheres, por serem as responsáveis pela reprodução da sociedade, são as mais

¹ A Divisão Sexual do Trabalho é a divisão do trabalho de acordo com as relações sociais de sexo, em que os homens têm acesso prioritário ao trabalho produtivo e funções de maior prestígio (na política, na religião, no exército, altos cargos executivos, etc), enquanto mulheres geralmente são destinadas ao trabalho reprodutivo ou posições menos privilegiadas socialmente. Ela tem 2 princípios: a separação (trabalho de homens x de mulheres) e hierarquização (um vale mais que o outro). Essas configurações, no entanto, são mutáveis e variam de acordo com o tempo e espaço (KERGOAT, 2003).

afetadas pela precarização do trabalho e pelas perdas sociais trazidas por essa divisão sexual do trabalho. Veremos este processo mais a fundo aqui.

Para Gago (2020), o capitalismo explora e se sustenta com base no trabalho feminino (doméstico, reprodutivo, informal, imigrante, subalterno) ao mesmo tempo que o invisibiliza. Essa invisibilização é o fator que permite que este trabalho seja explorado na divisão sexual do trabalho, o que por sua vez contribui com a hierarquização das relações entre os sexos e subordinar esse trabalho, justificando sua gratuidade e desvalorização política, que são essenciais para a produtividade do salário; gerando, portanto, um ciclo vicioso de exploração (GAGO, 2020). Essa invisibilidade do trabalho reprodutivo é produzida histórica e politicamente, através da colonização dos corpos e povos já amplamente discutida anteriormente, e, como já dito, é a condição para a exploração capitalista, pois é graças a esse trabalho que a sociedade se reproduz. Daí a importância, para o capitalismo, de desvalorizar este trabalho e, com ele, a mulher, pois sua invisibilidade permite que elas não sejam contabilizadas, remuneradas ou reconhecidas imediatamente como produtivas, além de evitar sua organização política (GAGO, 2020). Ou seja, sendo o trabalho reprodutivo essencial para a exploração capitalista (pois, para que o trabalho assalariado ocorra, é preciso garantir que os trabalhadores sejam alimentados, cuidados e reproduzidos), é essencial para o sistema mantê-lo oculto e naturalizado, de forma a explorar o trabalho das mulheres sem nenhuma contrapartida. Para isso, esse trabalho é classificado como complementar ou solidário, justificando sua precarização, e é o contraponto do salário assalariado (masculino, formal, qualificado), ao mesmo tempo que o sustenta (GAGO, 2020).

Para Gago (2020), a precariedade é uma importante ferramenta para entender a violência como “uma justaposição de formas de exploração do capitalismo contemporâneo” (GAGO, 2020, p. 23). Importante salientar que essa precariedade é uma condição comum a todos os trabalhadores, mas no sistema moderno-colonial, esta acaba sendo diferenciada por questões de classe, sexo/gênero e raça . Essas divisões estão presentes em todas as divisões internacionais do trabalho da modernidade; adiante, passamos a discutir mais a fundo suas implicações na divisão atual (GAGO, 2020).

A partir de 1970, assim, o mundo todo se volta ao neoliberalismo, através da pressão de organizações como o Banco Mundial, o FMI e grandes potências capitalistas. Essa virada tem como características a liberalização do comércio, a intensificação da concorrência internacional geram ao desemprego masculino e precarização do trabalho tradicionalmente masculino; simultaneamente, as crises geradas pelo neoliberalismo em países periféricos leva a crises reprodutivas, aumentando a responsabilidade da mulher sobre a educação dos filhos e

a saúde e cuidado com crianças e idosos. Ainda, se os homens, tradicionalmente provedores do lar, encontram um mundo onde não há mais emprego e o que há é precário, aumenta também a responsabilidade da mulher pelo sustento do lar e da família (HIRATA, 2002).

Nesse contexto, na nova configuração econômica mundial, a mulher periférica é redescoberta pelo capital internacional como a mão de obra ideal para o processo de acumulação, justamente pela construção dessa mulher como a dona de casa, cujo trabalho é invisível e não aparece como trabalho livre assalariado, sendo, portanto, muito mais barato que o trabalho masculino. Devido a essa mesma invisibilização, é muito fácil manter o controle político e ideológico sobre essas mulheres, visto que foram historicamente, como já vimos, arrancadas dos espaços públicos e de organização política. Ou seja, a grande consequência da virada neoliberal no mundo do trabalho é a transferência do trabalho precarizado e da responsabilidade pela manutenção do lar do homem proletário assalariado à mulher marginalizada (MIES, 1998). Esse processo de integração da mulher periférica ao mercado global ocorre principalmente em alguns setores, sendo eles: as indústrias de larga escala (eletrônicos, têxteis e brinquedos), indústrias de pequena escala, especialmente no setor informal (artesanato, alimentação, roupas, arte), agricultura e turismo sexual, além da indústria do cuidado. Essa integração não se traduz na “promoção” da mulher a trabalhadora assalariada - elas continuam na posição de dependentes ou donas de casa, apesar de, na prática, serem essenciais para a produção e a subsistência (MIES, 1998).

Este é, atualmente, uma das principais formas de exploração capitalista e de extração de valor para a acumulação global (GAGO, 2020), e tudo isso se traduz na chamada feminização da pobreza e da sobrevivência (FEDERICI, 2019). Nesse contexto, a migração aparece para essas mulheres atingidas pelas reformas neoliberais como forma de enfrentamento da pobreza e busca por subsistência, e tem como consequência a violação de seus direitos, uma vez que migrantes irregulares, em especial provenientes de situações de crise, são alvos fáceis para abusos e exploração vindas de diversas direções: autoridades, agentes da lei, empregadores, populações autóctones. Além disso, vivem com medo da deportação ou de retaliações e, por isso, não recorrem quando necessário aos serviços a que teriam direito, embora seu trabalho seja essencial para o país de destino e contribua para o seu desenvolvimento (NUNES, 2018).

As posições no mercado de trabalho que as mulheres imigrantes (de crise) irão ocupar, dessa forma, serão frequentemente precarizadas e historicamente marcadas como funções “femininas”. No entanto, o gênero e o mero status de imigrante não são os únicos marcadores sociais que influem nesse processo. Como veremos com dados mais adiante, há uma escala

ascendente de precariedade que depende de fatores como, por exemplo, etnia e raça, que atinge inclusive mulheres autóctones, mas mais fortemente imigrantes de crise, sendo o país de origem também um fator importante (NUNES, 2018).

Nesse sentido, cabe ressaltar o pensamento de grandes nomes do feminismo negro como Angela Davis (2016), que ressalta que a articulação entre o patriarcado, a colonialidade e o sistema capitalista fica claro na posição da mulher negra na sociedade, visto que enquanto mulheres brancas de classe alta foram restritas ao lar e retiradas do mercado de trabalho, as mulheres negras foram as primeiras a precisar ingressar no mercado de trabalho para garantir sua subsistência, mesmo que, ainda assim, fossem tidas como estranhas nas fábricas. Sendo assim, indo muito de encontro com o que dizem feministas decoloniais como Lugones, fica claro que mulheres racializadas, para Davis, nunca tiveram o luxo de estar fora do mercado, sendo obrigadas a entrar em posições precarizadas. Um dos principais setores onde essas mulheres racializadas primeiro se inserem é o trabalho doméstico, que sempre teve um caráter opressivo, de não-trabalho, e que não deixaria de ser visto dessa forma simplesmente pela existência, agora, de retribuição financeira. Pelo contrário, para Davis (2016) o salário pelo trabalho doméstico apenas legitima novas formas de escravidão, por ser ainda um trabalho altamente precarizado, de baixo status social e formalização quase inexistente, com longas jornadas, más condições de segurança, salários abaixo do nível necessário para a subsistência, condições degradantes, dificuldade de organização sindical e política, entre outros fatores (DAVIS, 2016; FEDERICI, 2019).

Assim como as mulheres racializadas autóctones, as mulheres imigrantes surgem como uma mão de obra ideal para o trabalho doméstico, reprodutivo, de cuidado, em especial mulheres imigrantes que também são racializadas. Para a nova Divisão Sexual do Trabalho, elas tornam-se vitais, pois tem papéis diversos: ao mesmo tempo que, em suas vidas privadas, produzem novos trabalhadores, também garantem “crescimento contínuo da mão de obra no setor de serviços e no trabalho doméstico” (FEDERICI, 2019, p. 153), o que é essencial para países desenvolvidos e semi-industrializados (como o Brasil, por exemplo) (HIRATA, 2002).

É importante ter em mente, aqui, que, ao mesmo tempo que mulheres racializadas provenientes do Sul global passam por esse processo descrito até aqui, mulheres do Norte global brancas (ou mesmo mulheres brancas de classe alta em países emergentes) passam por um outro processo: essas mulheres passam a ter acesso a uma maior variedade de tarefas e funções fora do ambiente doméstico, inclusive em setores executivos e intelectuais; ainda que essa seja uma minoria, trata-se de uma minoria expressiva de mulheres que não podem mais ser as únicas responsáveis pelo trabalho reprodutivo em suas famílias e, em um entendimento

mais amplo, em seus países. Sendo assim, a expansão do setor de serviços e a chamada indústria do cuidado, setores nos quais mulheres imigrantes e racializadas se inserem em peso, são o que possibilita a ascensão social das mulheres brancas/autóctones/de classes média e alta (HIRATA, 2002). Ou seja, o aumento de mulheres em altos cargos só pode existir se acompanhado de um aumento da precarização do trabalho e da pobreza para a imensa maioria das mulheres. Assim, pela primeira vez na história, os interesses desses dois grupos de mulheres são **diretamente** opostos, criando assim novas divisões entre mulheres (FEDERICI, 2019; KERGOAT, 2003).

Em termos mais diretos, o trabalho de mulheres imigrantes, racializadas, pobres nos serviços reprodutivos, como a limpeza da casa, cuidado de crianças e idosos, preparo de refeições, dá a uma minoria de mulheres a liberdade de não precisarem se ocupar com essas tarefas, criando uma relação de subordinação entre elas (FEDERICI, 2019). Essa nova relação, portanto, resolve para essa minoria o problema de balancear responsabilidades familiares e profissionais (HIRATA, 2007). Já para as mulheres que assumem essas responsabilidades, em especial imigrantes, passam por uma escolha dolorosa, visto que deixam para trás suas carreiras e famílias em troca de um trabalho precário, mal remunerado e, às vezes, arriscado. A desvalorização, a baixa remuneração, a falta de limites de carga horária, de funções, de tratamento, de divisão entre trabalho e vida pessoal tornam a relação entre esses dois grupos ainda mais complexa (FEDERICI, 2019).

Sendo assim, existe uma forte tendência de deixar as necessidades reprodutivas de países desenvolvidos e, até certo ponto, semi-industrializados nas mãos de mulheres marginalizadas, geralmente não-brancas, muitas vezes imigrantes irregulares ou de crise (FEDERICI, 2019). Assim, o desenvolvimento desses países depende do trabalho precarizado dessas mulheres, é essencial para o sistema que o trabalho realizado por essas mulheres seja mal remunerado e “invisível”, de forma que, para que o desenvolvimento continue nos países ricos, essa riqueza e os direitos trabalhistas dos quais gozam seus nacionais nunca podem se estender às colônias e às pessoas colonizadas, da mesma forma que a emancipação concedida aos homens (brancos, de países desenvolvidos) nunca pode se estender às mulheres da mesma classe, a menos que elas terceirizem sua exploração para outras mulheres (MIES, 1998).

Ou seja, ao longo desta seção entendemos que a globalização e a acumulação de capital produzem, mantém e articulam muitas das hierarquias sociais (de gênero, de raça, na nacionalidade, de classe) que regem a sociedade moderna, mantendo a força de trabalho barata e segmentada dentro, através e além das fronteiras nacionais; nesse sistema, a mobilidade feminina se vinculou profundamente com o mercado dos serviços domésticos e de

cuidado e com a precarização do trabalho feminino imigrante, ambos essenciais para o crescimento do capital internacional (STOLZ, 2017). Nos ítems seguintes, trataremos mais especificamente sobre esses processos no contexto brasileiro.

3.2. A Divisão Sexual do Trabalho no Brasil

Como dito anteriormente, passaremos agora a apresentar dados específicos sobre a divisão sexual do trabalho no Brasil. A seguir, serão analisados dados como números absolutos e percentuais de ocupação, remuneração, principais ocupações no mercado formal e informal e recortes raciais, demonstrando os processos e hierarquias mencionados nos capítulos e seções anteriores.

Os dados utilizados nessa e na próxima seção foram retirados de diversos bancos de dados, incluindo bases de dados do NEPO/UNICAMP em parceria com o OBMigra, dados secundários encontrados em notícias e resumos executivos do governo brasileiro e, em especial, dados retirados das bases da RAIS e a PNAD-C e tratados pelos cientistas do CEPES/UFU.

Em dados de 2020, no dia 31 de dezembro daquele ano existiam no Brasil um total de 46.236.176 vínculos empregatícios ativos, isso, é claro, no mercado de trabalho formal. Desses, 20.155.087 eram de mulheres, que representaram, portanto, 43,6% dos vínculos naquele ano, contra 56,4% de vínculos masculinos (BRASIL, 2021). Houve, naquele ano, provavelmente como consequência da pandemia, diminuição dos vínculos empregatícios; essa redução foi mais exacerbada para as mulheres, que perderam 2,25% dos vínculos, contra a perda de 0,07% dos vínculos masculinos (BRASIL, 2021).

Além da diferença no número de vínculos empregatícios, outra diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho formal é a remuneração média nominal mensal. Enquanto a média geral, incluindo homens e mulheres, para dezembro de 2020 (sem considerar 13º) foi R\$3.251,96 (BRASIL, 2021), a média feminina é cerca de R\$250,00 menor, chegando a R\$3.043,07 (IBGE, 2020).

Dentre esses 20 milhões de vínculos, existem diferenças acentuadas entre raças tanto em número de vínculos quanto em remuneração. De acordo com a **Tabela 1** abaixo, 7.487.593 são ocupadas por pessoas que se autodeclararam brancas; 4.851.981 se autodeclararam pardas e apenas 758.640 se autodeclararam pretas (IBGE, 2020). Vale lembrar que esses dados, por englobarem apenas o mercado de trabalho formal, não retratam a totalidade do mercado brasileiro.

TABELA 1

Distribuição dos vínculos empregatícios femininos por raça e cor - Ano 2020 - mercado formal brasileiro	
Raça ou cor	Total*
Indígena	27.990
Branca	7.487.593
Preta	758.640
Amarela	105.143
Parda	4.851.981
Não Identificada	2.095.629
Ignorada	4.828.111
Total	20.155.087

*todas as nacionalidades consideradas

Fonte: CEPES, com base nos dados do IBGE: Relação anual de informações sociais: RAIS, 2020.

As diferenças raciais se expressam também na remuneração média nominal, como mostra, abaixo, a **Tabela 2**. Em 2020, enquanto a remuneração nominal média para mulheres brancas chegava a R\$2.904,61, essa remuneração despensa para mulheres pardas, que ganham em média apenas R\$2.023,16, uma diferença de quase R\$900,00, superior a 25%. A remuneração média sofre ainda uma nova queda entre as mulheres pardas e pretas, que receberam cerca de R\$50 reais a menos, chegando a apenas R\$1.978,11, sendo a única raça com remuneração nominal média abaixo de R\$2.000,00 naquele ano (IBGE, 2020).

TABELA 2

Remuneração média nominal* (a preços correntes de 2020) das mulheres empregadas, por raça e cor - Ano 2020 - mercado formal brasileiro	
Raça ou cor	Total**
Indígena	2.450,07
Branca	2.904,61
Preta	1.978,11
Amarela	3.696,31
Parda	2.023,16
Total	3.043,07

*remuneração de dezembro, desconsiderando 13°

**todas as nacionalidades consideradas

Fonte: CEPES, com base nos dados do IBGE: Relação anual de informações sociais: RAIS, 2020.

Todos esses dados são, como já dito, referentes apenas ao mercado de trabalho formal, o que acaba deixando de fora grande parte da população, em especial racializada, que não está formalmente inserida no mercado, porém trabalham e exercem uma ocupação. Por isso, usaremos também dados da PNAD Contínua. Um desafio que surge ao buscarmos analisar, em especial comparativamente, as duas bases é que, no momento que foi realizada a coleta de dados primários para essa pesquisa, a última atualização da RAIS era de dezembro de 2020, enquanto a PNAD-C já possuía dados sobre todo o ano de 2021. Em razão disso, os dados da RAIS que puderam ser encontrados em fontes secundárias serão atualizados ao longo do texto.

Em primeiro lugar, segundo o governo brasileiro, o número total de vínculos no mercado formal brasileiro em 2021 foi de 48.728.871, um acréscimo de 5,39% sobre o número de vínculos empregatícios registrado no final de 2020 (novamente, esses dados se referem aos registros ativos no dia 31 de dezembro de cada ano). Nesse ano, houve um pequeno aumento na representação feminina nesses vínculos, subindo de 43,6% em 2020 para 44,2% do total em 2021, contra 55,8% dos homens. Houve, portanto, uma recuperação no número de vínculos em ambos os sexos, mas maior entre as mulheres. Notamos, no entanto, que apesar de ter havido melhoras entre um ano e outro, não houve diferença substancial, fora das tendências (BRASIL, 2022a).

Os dados a seguir, retirados da PNAD-C, são então referentes a 2021 e englobam ocupações tanto no mercado formal quanto informal de forma agregada. Como a RAIS é um levantamento anual, feito no fim de cada ano, e a PNAD-C apresenta dados trimestrais, daremos prioridade na análise aos dados do 4º trimestre da PNAD-C, para melhorar a comparação. No entanto, os dados de todos os trimestres estarão presentes nas tabelas.

Quando analisamos conjuntamente o mercado formal e informal, o número de mulheres ocupadas sobe bastante, para 40.682.388 no quarto trimestre. Se em 2021 o mercado formal possuía o total de 48.728.871, sendo 44,2% mulheres, podemos concluir que, neste ano, 21.538.161 mulheres tiveram vínculo formal e, portanto, havia no mínimo (visto que os números nem sempre retratam a realidade) 19.144.227 mulheres trabalhando sem vínculo empregatício, ou seja, o número de mulheres ocupadas quase dobra (IBGE, 2021).

Percebemos, ainda, que a diferença de número de mulheres ocupadas entre raças diminui bastante, o que demonstra talvez uma maior prevalência de mulheres racializadas (em especial que se denominam pardas) no mercado informal. No quarto trimestre de 2021, estavam ocupadas 19.137.250 de mulheres que se autodeclararam brancas, para 16.780.881 pardas (uma diferença proporcionalmente bem menor do que os dados fornecidos pela RAIS)

e 4.211.870 pretas, que também tem uma representação proporcional maior. Basicamente, se falamos em termos percentuais, segundo os dados de 2020 fornecidos pela RAIS, 37% dos vínculos femininos eram de mulheres brancas; 24% de mulheres pardas; e 3,75% de mulheres pretas, aproximadamente. Já se consideramos também o mercado informal, a PNAD-C nos informa que, dentre as mulheres ocupadas, 47% eram brancas, 41,25% eram pardas e 10,35% eram pretas, diminuindo, portanto, a diferença entre mulheres brancas, pretas e pardas e também a prevalência de mulheres de outras raças (IBGE, 2021). Os dados podem ser consultados na tabela 3, abaixo:

TABELA 3

Número de mulheres ocupadas no mercado de trabalho brasileiro por cor e raça em 2021				
	1º tri	2º tri	3º tri	4º tri
Branca	17.221.542	17.613.710	18.375.710	19.137.250
Preta	3.340.751	3.552.281	3.887.468	4.211.870
Amarela	327.157	351.746	359.071	393.542
Parda	14.983.938	15.481.503	16.254.871	16.780.881
Indígena	100.087	122.168	137.264	147.211
Ignorado	11.710	6.833	11.383	11.633
Total	35.985.185	37.128.241	39.025.767	40.682.388

Fonte: CEPES, com base nos dados do IBGE: Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: microdados, 2021.

A diferença entre as duas bases de dados se torna ainda mais clara quando comparamos a remuneração nominal média. Como descrito na **Tabela 4** abaixo, enquanto a remuneração mensal média no mercado formal era R\$3.043,07 (dados de 2020), a remuneração média em 2021 cai para R\$2.018,10 no final de 2021, quando acrescentamos os dados do mercado informal. Isso se explica, por um lado, pela diferença na remuneração entre os setores formal e informal, mas também pelo aumento da representação de mulheres de raças menos bem remuneradas entre as mulheres ocupadas. Aqui, a média entre as mulheres brancas é de R\$2.556,88; entre as mulheres pardas, R\$1.589,93; e, entre as mulheres pretas, R\$1.550,68 (IBGE, 2021).

TABELA 4**Remuneração **NOMINAL** mensal efetivamente recebida pelas mulheres no mercado de trabalho brasileiro por cor e raça em 2021**

	1º tri	2º tri	3º tri	4º tri
Branca	2.704,01	2.469,46	2.455,24	2.556,88
Preta	1.697,36	1.557,34	1.548,46	1.550,68
Amarela	3.628,35	2.925,94	2.752,88	2.746,46
Parda	1.663,39	1.560,03	1.551,43	1.589,93
Indígena	1.870,77	1.390,69	1.414,66	1.401,43
Ignorado	2.807,50	5.672,73	1.896,77	2.881,90
Total	2.144,02	1.977,15	1.958,19	2.018,10

Fonte: CEPES, com base nos dados do IBGE: Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: microdados, 2021.

A **Tabela 5**, por sua vez, demonstra as principais ocupações de mulheres no trabalho formal. No caso da RAIS, plataforma de onde esses dados foram retirados, não há informações discriminadas por raça e os dados equivalem aos vínculos existentes em dezembro de 2020.

TABELA 5**TOP 5 ocupações mais frequentes para as mulheres empregadas - Ano 2020 - mercado formal brasileiro**

	Total*
1	Faxineira 464.773
2	Vendedora de Comércio Varejista 355.357
3	Operadora de Caixa 322.001
4	Auxiliar de Escritório, em Geral 318.561
5	Assistente Administrativo 286.337

*todas as nacionalidades consideradas

Fonte: CEPES, de acordo com dados do IBGE: Relação anual de informações sociais: RAIS, 2020.

Como vemos, a função de “Faxineira” tem grande importância no mercado de trabalho brasileiro, e foi, neste período, a profissão com maior número de vínculos femininos; já quando desconsideramos o gênero, de acordo com dados da Relação Anual de Informações

Sociais (RAIS) Ano-base 2020, os 3 setores com maior número de vínculos são a Agricultura, a Indústria Geral e a Construção (BRASIL, 2021), demonstrando portanto a importância do setor de serviços domésticos especificamente para as mulheres. Além dessa ocupação, outros cargos de destaque entre mulheres são, conforme a tabela, vendedora, operadora de caixa, auxiliar de escritório e assistente administrativo. Essas informações, como já dito, se referem a mulheres em geral, sem recorte de raça ou nacionalidade e desconsiderando o setor informal (IBGE, 2020). Já a PNAD-C consegue nos dar dados discriminados por raça, como se observa na **Tabela 6**, abaixo.

TABELA 6

5 Principais Ocupações das mulheres - Ano 2021			
Branças			
1º tri	2º tri	3º tri	4º tri
Escriturários gerais	Escriturários gerais	Escriturários gerais	Serviços domésticos
Serviços domésticos	Serviços domésticos	Serviços domésticos	Escriturários gerais
Balconistas/vendedores	Balconistas/vendedores	Balconistas/vendedores	Balconistas/vendedores
Professores EF	Comerciantes	Comerciantes	Comerciantes
Comerciantes	Professores EF	Professores EF	Trabalhadores de limpeza
PPI (pretas, pardas e indígenas)			
1º tri	2º tri	3º tri	4º tri
Serviços domésticos	Serviços domésticos	Serviços domésticos	Serviços domésticos
Escriturários gerais	Trabalhadores de limpeza	Trabalhadores de limpeza	Balconistas/vendedores
Trabalhadores de limpeza	Escriturários gerais	Escriturários gerais	Escriturários gerais
Balconistas/vendedores	Balconistas/vendedores	Balconistas/vendedores	Trabalhadores de limpeza
Professores EF	Professores EF	Comerciantes	Comerciantes

Fonte: CEPES, com base nos dados do IBGE: Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: microdados, 2021.

Aqui, conseguimos notar algumas diferenças. Os serviços domésticos e trabalhadores de limpeza (que são equivalentes à ocupação “faxineira” na RAIS”, continuam em posição de destaque, ao lado de algumas outras profissões que não estavam presentes anteriormente. No entanto, observa-se certas diferenças entre raças: para mulheres brancas, a ocupação “Trabalhadores de limpeza”, que diz respeito à limpeza de fábricas, empresas e hospitais, por

exemplo (estabelecimentos que não casas de família) só aparece no 4º trimestre, coincidentemente o mesmo período de coleta da RAIS, em quinto lugar. Nos demais trimestres, essa ocupação não aparece para mulheres brancas. Já no caso de mulheres pretas, pardas e indígenas, essa ocupação aparece em todos os trimestres, e sempre em número maior que entre mulheres brancas: ocupa o terceiro lugar no primeiro trimestre, o segundo no segundo e terceiro trimestres e o quarto lugar no quarto trimestre (IBGE, 2021).

Já a ocupação “serviços domésticos”, que inclui limpeza, cozinha, cuidado com bebês e idosos em casas de família, por exemplo, está em destaque para ambas as raças; porém, enquanto para mulheres brancas aparece em segundo lugar, atrás de escriturários gerais, nos três primeiros trimestres, ocupando o primeiro lugar apenas no último, para mulheres racializadas esta ocupação ocupa o primeiro lugar em todos os trimestres (IBGE, 2021).

Percebemos, assim, a importância da indústria do cuidado no mercado de trabalho brasileiro, particularmente para a parcela feminina dos trabalhadores e com uma presença ainda mais forte de mulheres pretas, pardas e indígenas, que se destacam não só nos serviços domésticos mas também em serviços de limpeza fora do ambiente doméstico. A seguir, analisaremos como as imigrantes venezuelanas, que são, em sua maioria, mulheres autodeclaradas pardas, se inserem nesse contexto.

3.3. Imigrantes venezuelanas na DST brasileira

Entre o início da onda migratória venezuelana, em 2017, e dezembro de 2020, segundo dados da Polícia Federal, entraram no Brasil 610.189 pessoas. Destas, 348.748 acabaram voltando à Venezuela ou seguindo para outros países no período, deixando um saldo migratório de 241.441 pessoas. Dentre os que permaneceram, 54% eram homens e 46%, mulheres; ou seja, em números absolutos, o saldo migratório feminino no período foi de aproximadamente 111.063 imigrantes (BRASIL, 2020). Estas entradas (contando homens e mulheres) geraram 145.462 registros de residência temporária; 95.556 solicitações de refúgio; e 46.599 refugiados reconhecidos. Esses números, é claro, acabam sendo mais reduzidos do que seriam em circunstâncias normais, visto que houve grande queda nos registros e solicitações após o fechamento da fronteira entre Brasil e Venezuela, em março de 2020, devido à pandemia de COVID-19. Após o fechamento e a queda abrupta, os números voltaram a crescer, mas em ritmo lento, e não voltaram no período aos níveis anteriores à pandemia, o que não necessariamente se traduz em uma redução no número de entradas, e sim apenas na regularização dessas entradas (BRASIL, 2020).

Quando comparamos esses números com o número de vínculos empregatícios ativos ao fim de 2020, observamos que a imensa maioria das imigrantes venezuelanas não conseguiu se inserir, ou se manter, no mercado de trabalho formal. Enquanto o saldo migratório total até ano era de 241.441 pessoas, haviam, segundo dados do OBMigra (2023) (que colhe microdados da RAIS, mesma base que estamos utilizando), apenas 33.508 vínculos ativos, ou seja, menos de 13,9% estavam inseridos no mercado de trabalho formal, incluindo homens e mulheres. Já entre as mulheres, a proporção é ainda mais preocupante: entre o saldo migratório feminino de 111.063 pessoas, apenas 9.935, ou pouco mais de 8,9%, conseguiram se inserir (OBMIGRA, 2023). Comparativamente, entre o saldo migratório masculino de aproximadamente 135.207 imigrantes, 23.573 conseguiram se inserir, uma proporção de pouco mais de 17,4% dos homens (OBMIGRA, 2023). Ainda que esta ainda seja uma proporção preocupante, a taxa de sucesso na inserção masculina aqui se mostra quase 2 vezes mais bem sucedida.

Essa dificuldade de inserção se traduz também na diferença no número de vínculos entre mulheres venezuelanas e mulheres brasileiras. Segundo dados da PNAD Contínua 2021, que apresenta dados coletados entre 2020 e 2021, no Brasil vivem, no total, 108,7 milhões de mulheres (CORSINI, 2022); se o número de mulheres inseridas no mercado de trabalho formal é, segundo dados da RAIS 2020, 20.155.087, ou seja, uma proporção de aproximadamente 18,5% das mulheres, mais que o dobro da proporção de venezuelanas que ingressaram no mercado de trabalho (IBGE, 2020). Essa diferença fica maior se considerarmos que 78% dos imigrantes venezuelanos estão em idade laboral, segundo dados de 2022 (BRASIL, 2022b).

Já em relação à raça, enquanto a maior parte dos vínculos de brasileiras pertencem a mulheres brancas (7.465.497), estando as mulheres pardas em segundo lugar, com uma diferença considerável (4.841.397), entre as venezuelanas a maior parte dos vínculos são de mulheres pardas (3.692), com brancas ocupando um segundo lugar com diferença pequena (3.222). A existência de vínculos entre mulheres pretas e indígenas é muito menor em ambas as nacionalidades: entre as brasileiras, 743.335 eram de mulheres pretas e 27.805, de mulheres indígenas; entre as venezuelanas, são 391 mulheres pretas e 41 indígenas, como mostra a **tabela 7** (IBGE, 2020).

TABELA 7

Distribuição dos vínculos empregatícios femininos por nacionalidade e raça e cor - Ano 2020 - mercado formal brasileiro			
Raça ou cor	Total*	Brasileira	Venezuelana
Indígena	27.990	27.805	41
Branca	7.487.593	7.465.497	3.222
Preta	758.640	743.335	391
Amarela	105.143	103.490	80
Parda	4.851.981	4.841.397	3.692
Não Identificada	2.095.629	2.085.238	2.258
Ignorada	4.828.111	4.824.885	12
Total	20.155.087	20.091.647	9.696

*todas as nacionalidades incluídas

Fonte: CEPES, com base nos dados do IBGE: Relação anual de informações sociais: RAIS, 2020.

Quando analisamos remuneração, as diferenças entre raças e nacionalidades torna-se óbvia. Conforme a **tabela 8**, mulheres brasileiras tinham remuneração média de R\$3.040,16, enquanto venezuelanas recebiam, em média, R\$1.907,54 por mês.

TABELA 8

Remuneração média nominal* (a preços correntes de 2020) das mulheres empregadas, por nacionalidade e raça e cor - Ano 2020 - mercado formal brasileiro			
Raça ou cor	Total**	Brasileira	Venezuelana
Indígena	2.450,07	2.438,00	1.731,74
Branca	2.904,61	2.897,40	2.089,24
Preta	1.978,11	1.984,31	1.617,56
Amarela	3.696,31	3.661,70	1.927,38
Parda	2.023,16	2.021,49	1.621,28
Total	3.043,07	3.040,16	1.907,54

*remuneração de dezembro, sem 13º

**todas as nacionalidades consideradas

Fonte: CEPES, com base nos dados do IBGE: Relação anual de informações sociais: RAIS, 2020.

Assim como ocorre com as brasileiras, essas médias também são profundamente afetadas pela raça das mulheres. Entre as venezuelanas, as mulheres brancas (assim como amarelas, que são uma minoria) têm uma remuneração nominal média superior à média total, em R\$2.089,24. Essa média é, ainda assim, baixa; quando olhamos para as médias salariais de mulheres brasileiras, ela é superior apenas às mulheres pretas e pardas, e, ainda assim, com pequena diferença. Venezuelanas pardas e pretas têm remuneração consideravelmente menor,

recebendo em média R\$1.621,28 e R\$1.617,56, havendo, portanto, uma diferença ínfima entre elas. Em termos de remuneração, portanto, essas mulheres estão na base da pirâmide analisada, com uma média salarial bem menor que todos os outros grupos, mesmo em se tratando do mercado de trabalho formal (IBGE, 2020).

Chegamos, então, às principais ocupações de mulheres venezuelanas no mercado formal, conforme a **tabela 9**, abaixo:

TABELA 9

TOP 5 ocupações mais frequentes para as mulheres empregadas - Ano 2020 - mercado formal brasileiro			
	Total*	Brasileira	Venezuelana
1	Faxineira	Faxineira	Alimentador de Linha de Produção
	464.773	461.818	478
2	Vendedora de Comércio Varejista	Vendedora de Comércio Varejista	Faxineira
	355.357	354.894	439
3	Operadora de Caixa	Operadora de Caixa	Operadora de Caixa
	322.001	321.357	323
4	Auxiliar de Escritório, em Geral	Auxiliar de Escritório, em Geral	Magarefe
	318.561	318.123	212
5	Assistente Administrativo	Assistente Administrativo	Auxiliar nos Serviços de Alimentação
	286.337	285.897	180

*todas as nacionalidades incluídas

Fonte: CEPES, com base nos dados do IBGE: Relação anual de informações sociais: RAIS, 2020.

Aqui, percebemos o surgimento, em primeiro lugar, de uma ocupação que não havia aparecido até então em nenhuma das outras tabelas sobre ocupação, seja no mercado formal ou informal ou em qualquer uma das raças: alimentador de linha de produção. A ocupação “faxineira”, que já era presença constante nas tabelas apresentadas anteriormente, tanto no mercado formal quanto informal, aparece aqui em segundo lugar, havendo uma diferença pequena entre os dois. Outras duas posições que ainda não haviam aparecido são “magarefe”, na quarta posição, e “auxiliar nos serviços de alimentação”, em quinto (IBGE, 2020).

Como notamos, no mercado de trabalho brasileiro em geral existe uma forte tendência à maior formalização de mulheres brancas, e também uma tendência de remunerar mal

mulheres pretas e pardas em comparação a outras raças. Notamos, também, a forte prevalência, inclusive entre mulheres brasileiras, de ocupações tipicamente feminizadas, como o serviço doméstico e a limpeza (que pode ser de casas, empresas, entre outros). Essa prevalência existe tanto nos setores formal quanto no informal, mas, como vimos, é mais pronunciada para mulheres racializadas que para mulheres brancas (IBGE, 2020).

Já no que diz respeito a mulheres venezuelanas especificamente, existe uma forte deficiência de dados, visto que, como a grande maioria das imigrantes venezuelanas no Brasil está em idade laboral e apenas uma pequena porcentagem delas estão inseridas no mercado de trabalho formal, e como não existem dados sobre o mercado de trabalho informal que sejam discriminados por nacionalidade, muitas das mulheres trabalhadoras venezuelanas acabam ficando de fora dos dados aqui analisados. Ainda assim, ao analisarmos apenas o mercado formal, notamos que a remuneração média dessas mulheres é bastante inferior à das mulheres brasileiras, diferença essa ainda mais pronunciada no caso de mulheres racializadas (que são a maioria das imigrantes). Quando analisamos as ocupações, vemos surgir diversas ocupações em setores braçais e frequentemente mal remunerados, que não estavam presentes em nenhum dos dados apresentados sem discriminação de nacionalidade (IBGE, 2020). Em comum, essas ‘novas’ ocupações têm o baixo prestígio, a baixa remuneração e a precariedade; são, também, ocupações que pertencem a setores já previamente citados neste capítulo, como as indústrias de larga e pequena escala, como havia mencionado Mies (1998).

Ressaltamos, ainda, que essas desvantagens enfrentadas pelos venezuelanos e venezuelanas no mercado de trabalho não estão relacionadas ao grau de escolaridade dos imigrantes. Segundo dados de 2017, os mais recentes encontrados para esta informação, dentre os refugiados venezuelanos no Brasil (inclusos homens e mulheres, de todas as raças exceto indígenas), 78% possuem ensino médio completo e 32% possuem ensino superior ou pós-graduação completos (ACNUR, 2017).

Foi buscando encontrar maneiras de contornar a já mencionada deficiência de diversos dados específicos e mais profundos sobre a experiência de mulheres imigrantes venezuelanas no mercado de trabalho brasileiro, além de criar um espaço de pesquisa que nos permitisse ouvir diretamente essas mulheres, que optamos por realizar uma pesquisa em grupos focais. Os processos, resultados e análises das entrevistas geradas nesse processo serão discutidos no capítulo 3.

4. Pesquisa em grupos focais: A inserção laboral das mulheres venezuelanas

4.1. Metodologia

4.1.1. Literatura

A princípio, a principal utilização dos grupos focais era na área da Antropologia. A técnica, neste momento, era utilizada como uma ferramenta para coleta de dados qualitativos em estudos de comunidades (MORGAN, 1996). Posteriormente, os usos dessa metodologia se diversificaram, passando a ser utilizadas em diversas outras áreas, como a saúde e, é claro, diversas outras áreas das Ciências Sociais, como a Sociologia, a Psicologia e a Ciência Política, principalmente na década de 1980 (KRUEGER, 2000). Na área das Ciências Sociais Aplicadas, os grupos focais passaram a ser amplamente utilizados a partir da década de 1990, principalmente em estudos de mercado, avaliação de políticas públicas, desenvolvimento de produtos e serviços, entre outras aplicações, que se diversificam cada vez mais (MORGAN, 1997).

Os grupos focais são definidos por Morgan (1997) como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio de interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Os grupos são constituídos por um ou mais moderadores, além de pessoas convidadas a dialogar sobre um tema a partir de suas experiências, crenças e valores, entre outros elementos que se manifestam em momentos de construção coletiva (PÁTARO; CALSA, 2020); esses participantes são selecionados pelo pesquisador levando em consideração uma série de características, entre elas gênero, raça, classe, idade, entre outros elementos que possam ser importantes para a pesquisa em questão (GONDIM, 2003).

Através dos dados coletados durante uma entrevista em grupos focais, é possível formular teorias, testar hipóteses e aprofundar o conhecimento sobre um determinado tema; dessa forma, a técnica de pesquisa em grupos focais pode ser usada por pesquisadores com o diversos objetivos, como: para facilitar a tomada de decisões de pesquisa, promover auto-reflexão, promover transformações sociais ou ainda como forma de explorar um tema pouco conhecido, visando delinear pesquisas futuras (GONDIM, 2003).

Existem diversas formas de categorizar os usos da metodologia de grupos focais na pesquisa, mas, em linhas gerais, eles podem ser classificados de três formas: a primeira delas é o uso dos grupos focais como fonte principal de dados para uma pesquisa; a segunda, como um procedimento preliminar, ou seja, em que o pesquisador busca levantar os dados iniciais de uma pesquisa, para a partir deles desenvolver seu problema de pesquisa; por fim, a terceira, utilizada nesta pesquisa, como técnica complementar de investigação (PÁTARO; CALSA,

2020), em que os dados coletados através da técnica de grupos focais são aliados a dados levantados por meio de outras metodologias de pesquisa para chegar às conclusões finais.

Uma das principais vantagens da utilização dos grupos focais em pesquisas qualitativas é a possibilidade de obter informações detalhadas sobre um determinado assunto de forma mais rápida e também mais profunda do que, por exemplo, em entrevistas individuais, graças às interações entre os participantes, possibilitando ao pesquisador entender as questões levantadas de forma mais ampla (BARBOUR, KITZINGER, 1999; TEMPLETON, 1994), além de possibilitar que os participantes tragam à tona variáveis não antes previstas pelo pesquisador.

Especificamente para pesquisas de gênero, como esta, a técnica de pesquisa em grupos focais é especialmente adequada, uma vez que permite entender como as normas de gênero afetam as percepções e experiências dos/das participantes, uma vez que os grupos dão a eles/elas a oportunidade de discutir questões de interesse em um contexto social mais amplo e também de compartilhar suas perspectivas e histórias (GILL, 2016). Dentro dos grupos, os/as participantes conseguem expressar suas opiniões de forma mais aberta, pois se sentem mais confortáveis entre outras pessoas semelhantes do que se sentiriam sozinhos/as com um pesquisador. Esse conforto é especialmente importante em se tratando de assuntos mais delicados (GILL, 2016).

A importância da interatividade é também destacada por Morgan (1997), visto que ela permite acessar informações que de outra forma dificilmente seriam reveladas. Além disso, ao observar a interação entre os participantes da pesquisa, o pesquisador tem a oportunidade de compreender também como eles percebem suas semelhanças e diferenças, como comparam suas experiências e como reagem a outras opiniões. Ou seja, o grupo focal permite a conexão entre aspectos individuais e sociais, tomando-os como complementares (PÁTARO; CALSA, 2020), além de facilitar, por meio dessa interação, a construção de conhecimento contextualizado e possibilitar a análise de mudanças de opinião e formas de expressão.

Entre as principais vantagens da pesquisa em grupos focais está a sua habilidade de fazer com que as vozes dos/das participantes sejam ouvidas e que suas experiências sejam levadas em consideração na construção de políticas e práticas que as atendam, principalmente em casos de pessoas e comunidades marginalizadas, que nem sempre encontram espaços para serem ouvidas (GILL, 2016). Essa característica é especialmente importante para pesquisas que buscam partir de um ponto de vista decolonial, que, como destaca Mignolo (2011), objetiva abrir espaço para outros pontos de vista e outros conhecimentos que não os mainstream. Dessa forma, os grupos focais surgem como um instrumento que permite

viabilizar transformações sociais através do empoderamento dos/das participantes, ao reconhecê-los como especialistas nas próprias experiências (GILL, 2016).

A bibliografia sobre a metodologia de grupos focais traz uma série de características básicas que pesquisadores que buscam seguir a técnica devem obedecer. No entanto, muitas dessas características não são consensuais na literatura, de forma que as características dos grupos devem variar de acordo com os objetivos da pesquisa.

A primeira dessas características a ser mencionada é o tamanho do grupo. Enquanto alguns autores sugerem um tamanho ideal entre 6 a 10 participantes (DEBUS, 1997), outros têm uma definição mais ampla, de 4 a 12 pessoas (GONDIM, 2003). De qualquer forma, é importante notar que essas regras variam bastante na literatura, sendo possível encontrar até mesmo estudos realizados com mais de 12 participantes (MORSE, 2015) e menos de 4 participantes (CONNER et. al., 2003). É importante notar que os tamanhos dos grupos focais deverão variar de acordo com os objetivos da pesquisa, por exemplo, quanto maior a profundidade esperada, menor o grupo e, quanto maior a capacidade de generalização, maior deve ser o grupo. Outro ponto a ser considerado é a possibilidade de recrutamento de participantes. Além disso, tanto grupos maiores quanto menores encontrarão desafios: enquanto grupos muito pequenos produzem resultados de difícil generalização, um grupo maior pode dificultar a participação de todos os voluntários (GONDIM, 2003).

Outra característica importante para a organização de um grupo focal é a homogeneidade dos participantes, que deverão ter características comuns que tenham a ver com a temática da pesquisa. Algumas dessas características que devem ser tidas como critérios de inclusão são idade, gênero, grau de escolaridade, classe social, raça, entre outros (BOMFIM, 2009). Outro fator a ser considerado é o uso de participantes conhecidos ou desconhecidos, sendo mais comum optar por participantes desconhecidos, favorecendo a objetividade e diminuindo a possibilidade de constrangimento (PÁTARO; CALSA 2020).

Mais um fator importante no processo é a figura do moderador, ou, mais idealmente, dos moderadores. O moderador assume uma posição de facilitador da discussão, devendo dirigir a discussão, com um nível de estruturação maior ou menor a depender do objetivo: quanto mais estruturada a reunião, maior será o foco no tema, porém também será menor a possibilidade de surgimento de divergências e discussões que poderiam enriquecer o debate (GONDIM, 2003). Além de estruturar o debate, o moderador tem também as seguintes funções: introduzir e manter a discussão ativa, deixar claro que não há respostas certas ou erradas, encorajar a participação de todos os voluntários, construir relações com os

participantes para aprofundar o nível das respostas e observar comunicações não-verbais (SCRIMSHAW, HURTADO, 1987).

Por fim, vale mencionar ainda os desafios trazidos por Gondim (2003) que podem ser encontrados ao aplicar a técnica de pesquisa em grupos focais. Um desses desafios é a possível dificuldade dos participantes de revelar informações íntimas, principalmente na presença de câmeras e microfones, o que evidencia a necessidade de criar uma sensação de segurança nas reuniões. Outro possível desafio é o surgimento de grandes divergências entre os grupos, impossibilitando chegar a uma opinião em comum; ainda assim, é preciso mencionar que tais divergências podem ser positivas, pois tem o potencial de ampliar o entendimento do grupo sobre o tema.

4.1.2. Aplicação

Devido à já mencionada dificuldade de achar dados específicos e profundos sobre as experiências das imigrantes venezuelanas no Brasil e também à invisibilização, já anunciada por Spivak (1988), das vozes subalternas, escolhemos a técnica de pesquisa em grupos focais para, em conjunto com os outros dados já levantados nesta dissertação, nos ajudar a construir nossas conclusões. A presente sessão tem como objetivo descrever o processo da aplicação desta técnica em nossa pesquisa e justificar nossas escolhas.

Em primeiro lugar, considerando a importância do moderador para guiar a discussão, encontrar deixas e observar reações não verbais, optamos por contar com uma segunda moderadora, que foi essencial para ajudar a levantar questões e guiar as discussões da melhor forma. Além da escolha da segunda moderadora, antes de iniciar a aplicação da técnica em si foi também necessário submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da UFU; no projeto submetido, foram detalhados todos os objetivos da pesquisa, como já expostos ao longo do texto, assim como os detalhes de como a pesquisa seria realizada e quais seriam seus riscos e benefícios. Também constou no projeto submetido e aprovado pelo Comitê o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi posteriormente assinado por todas as participantes e que contém, também, todas as informações da pesquisa. Este termo é essencial, pois garante a segurança de todos os envolvidos no processo.

Passada a etapa de aprovação do projeto pelo Comitê, a próxima fase foi a seleção de voluntárias. Essa seleção foi realizada em parceria com o Projeto UAI: UFU Acolhe Imigrantes, o que, por um lado, facilitou a homogeneização das participantes, visto que ali conseguimos encontrar participantes com todas as características que buscávamos (essas

características serão citadas a seguir); por outro lado, precisamos lidar com um número limitado de possíveis participantes.

Chegamos, então, à construção dos grupos. Decidimos que, como abordaríamos assuntos delicados e queríamos respostas o mais profundas possível, seria mais interessante trabalhar com grupos focais compostos por poucas participantes. Assim, foi decidido que cada grupo contaria com 4 participantes (o número mínimo mais frequentemente citado na literatura) e, para conseguirmos falar com um número maior de pessoas e ainda assim respeitar o cronograma que tínhamos, foram organizados 3 grupos. Mais tarde, devido à indisponibilidade de algumas participantes escolhidas, alguns grupos ocorreram com 3 participantes, ao invés de 4; no entanto, a diminuição no número de participantes não impactou os resultados esperados da pesquisa, uma vez que, ainda assim, foi possível colher os relatos que precisávamos e observar as interações entre as participantes. Vale lembrar que o número ideal de participantes em um grupo focal não é um consenso, e que lidar com grupos menores é uma opção quando falamos de populações restritas e de difícil recrutamento.

Como queríamos contar com participantes com histórias de vida diferentes, não usamos critérios de inclusão muito restritos, nos atendo apenas às características essenciais para criar uma certa homogeneidade no grupo: as participantes precisavam ser mulheres; precisavam ser venezuelanas vivendo no Brasil (devido à parceria com o Projeto UAI, muitas delas são residentes de Uberlândia, o que, no entanto, não era uma regra); precisavam ter entrado no país após 2017, ou seja, dentro do contexto de migração de crise venezuelana; e precisavam ser maiores de 18 anos. Assim, conseguimos um grupo razoavelmente diverso, com uma certa mistura de raças, faixas etárias e classes sociais/níveis de escolaridade, o que foi muito positivo para que pudéssemos comparar diferentes vivências e opiniões. Além disso, preferimos também participantes que não se conhecessem, para evitar constrangimentos.

A última decisão a ser tomada foi o espaço de realização das reuniões. Visando tornar a participação mais acessível para participantes com rotinas mais extensas de trabalho, mães e participantes que moravam em cidades diferentes, além de priorizar a segurança de todos os envolvidos (visto que as reuniões foram realizadas num período ainda relativamente crítico da pandemia de COVID-19), os encontros foram realizados sempre virtualmente. As reuniões foram gravadas para posterior transcrição, com a ciência e autorização das participantes. Ainda que tal decisão tenha gerado, num primeiro momento, uma certa dificuldade de criar conexões entre as participantes, ao longo do tempo todas as voluntárias conseguiram interagir e se expressar.

Além da questão do ambiente virtual, outros desafios encontrados durante a aplicação da técnica foram a timidez e a autoconsciência de algumas voluntárias ao falar de determinados assuntos, como já previsto por Gondim (2003), além também da já mencionada dificuldade de conciliação de agendas.

Apesar dos desafios citados, as reuniões foram bastante bem-sucedidas, conseguiram gerar respostas variadas e profundas sobre os temas apresentados, além de terem sido trazidos à atenção pontos não antes previstos pela pesquisadora. Outro grande sucesso que vale ser mencionado é que, uma vez passado o estranhamento inicial, foi criada uma atmosfera segura onde muitas das participantes conseguiram expressar sentimentos e experiências difíceis, de forma que foi gerado um ambiente de confiança mútua entre participantes e moderadoras.

Abaixo serão apresentados os resultados dessa pesquisa, que foram analisados por meio da categorização das respostas por núcleos temáticos que irão dar suporte às linhas de argumentação apresentadas por esse trabalho; além disso, a análise também foi feita de forma a identificar tendências e padrões nas respostas, como sugerido por Gondim (2003) e Bomfim (2009).

4.2. Entrevistas

Nos itens a seguir, abordaremos os resultados da pesquisa em grupos focais. Os nomes aqui apresentados são fictícios e genéricos, com a intenção de proteger a identidade das voluntárias, que concordaram participar da pesquisa apenas anonimamente, e de acordo com o estabelecido pelo Comitê de Ética. Para uma melhor apresentação dos resultados, as respostas e análises foram agrupadas por tema, e não por grupo, e as respostas aqui apresentadas buscam demonstrar o entendimento geral entre as participantes, com citações de falas mais pertinentes ao tema.

Foram entrevistadas, ao todo, 10 mulheres, divididas em 3 grupos focais. Mantendo o anonimato, os nomes aqui apresentados são fictícios. São elas: Ana, mulher parda de 58 anos que migrou acompanhada do esposo e dois filhos adolescentes, além dos sogros. É enfermeira com décadas de experiência. Maritza, mulher parda de 58, veio com marido e filhos, era administradora (com graduação completa) na Venezuela. Milagros, mulher parda de 40 anos, não chegou a falar sobre sua formação e atuação em seu país. Rosa, mulher parda de 47 anos que veio ao Brasil sozinha, era vendedora e tinha seu próprio negócio com o ex-marido. Adriana, mulher branca de 43 anos, era professora universitária de engenharia. Juana, mulher

preta de 33 anos, é mãe solo e veio ao Brasil com os três filhos; era contadora na Venezuela. Isabel, mulher parda de 35 anos, também não chegou a comentar sua profissão em seu país. Luisa, mulher parda de 43 anos, é manicure. Gladys, mulher branca de 39 anos, era vendedora de produtos de beleza e se dedica principalmente ao filho, que é PCD. Por fim, Maria, de 25 anos, é parda e formada em enfermagem, porém nunca atuou na área.

Temos, portanto, uma maioria, entre as voluntárias, de mulheres autodeclaradas pardas. Todas estão em idade laboral, trabalham ou querem trabalhar e a maioria tem grau de escolaridade alto, com pelo menos ensino superior.

No ítem 4.2.1, abordaremos as impressões das imigrantes sobre a situação da Venezuela e a decisão de migrar, assim como seus arranjos familiares e redes de apoio, que se mostraram muito importantes para a inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro e em sua busca por protagonismo. Esses aspectos, por sua vez, serão abordados nos itens 4.2.2 e 4.2.3, assim como os direitos trabalhistas, escolaridade e explorações sofridas pelas imigrantes. No ítem 4.2.4, serão discutidos a influência da raça e do gênero nessa inserção, além de relatos de casos de discriminação. Por fim, o item 4.2.5 abordará a visão das imigrantes sobre o acolhimento brasileiro e suas principais demandas.

4.2.1. Arranjos familiares e a decisão de migrar

Como sabemos, os fluxos migratórios mais acentuados Venezuela-Brasil a partir de 2017 são resultado da crise política e econômica pela qual o primeiro país tem passado nos últimos anos. Não iremos, aqui, nos aprofundar sobre as causas e pormenores dessa crise, no entanto, sabemos que a escassez, principalmente de alimentos e remédios, e a posterior inflação e dolarização do país, acompanhados da crise política que se seguiu, foram fatores determinantes para o número acentuado de emigrantes no país, que antes era um importante receptor de imigrantes de outros países da região (MESQUITA, 2018). Quando pensamos nos motivos que levaram e levam mulheres venezuelanas a sair de seu país para o Brasil, essa crise está quase sempre (ou sempre) ligada ao motivo da decisão, ainda que esta seja mais complexa, na maioria dos casos.

Assim, logo que a pergunta “Qual foi a sua motivação para migrar?” foi feita, as primeiras respostas giraram em torno da escassez de alimentos e remédios e, menos frequentemente, da inflação e dolarização da economia do país. Estes foram motivos citados tanto para a decisão de migrar quanto para a decisão de não retornar. Como exemplo dessas respostas, temos o relato de Isabel:

Era mais que tudo econômica, porque já tava começando, aí a comida já estava ficando cara, aí o salário que você ganhava era muito pouco, é... o hospital já tava começando a ficar também difícil, não tem remédio, e se você ia pra lá, precisava pegar um remédio, aí o enfermeiro queria vender o remédio (informação verbal)².

O mesmo sentimento de buscar a migração como solução para os problemas econômicos enfrentados pode ser também encontrado, com mais detalhes, na fala das voluntárias Adriana e Ana (respectivamente), reproduzida abaixo:

de forma geral, assim, as minhas principais razões para migrar, é... foi a escassez. Escassez de alimentos, escassez de gás, de muitas coisas, porque... no meu caso, meu esposo já ficava aqui no Brasil, ele enviava dinheiro. E... igualmente eu tinha que fazer filas longas para poder comprar um alimento. [...] Então assim, a principal razão de imigrar, fazem 4 anos atrás, a crise não estava tão pronunciada assim, tava começando a escassez, mas era difícil para nós porque estávamos acostumados a ter tudo (informação verbal)³.

Porque a situação estava bastante complicada na Venezuela, estavam escasseando os alimentos, mas não estava tão forte como agora, e isso foi também um dos motivos que nós decidimos (informação verbal)⁴.

Mas a mera escassez não é suficiente para explicar os ímpetus de grande parte das mulheres para migrar. Um outro fator se alia às dificuldades financeiras: a responsabilidade com a família. São mulheres que são responsáveis não somente pelo seu bem-estar, alimentação e saúde, mas também pelo bem-estar, alimentação e saúde da família, em especial crianças e idosos. Essa questão surgiu num segundo momento, ao debatermos as motivações para migrar e após as voluntárias pensarem sobre o assunto. Isabel, por exemplo, falou inicialmente sobre o medo da escassez de alimentos e medicações que se anunciava no país. Depois, ao elaborar mais o assunto, esse medo foi explicado pela preocupação com a mãe, já idosa e que precisava de medicamentos cada vez mais inacessíveis. Sendo assim, para Isabel a migração teve o objetivo adicional de conseguir prover à mãe os medicamentos de que necessitava. “Eu pensei no meu filho e na minha mãe também, minha mãe é uma pessoa... ela

² MENDOZA, Isabel. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 90.

³ GOMEZ, Adriana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 90.

⁴ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 2.

tem 79 anos, ela é doente. Aí eu tô aqui trabalhando e todo mês eu mando pra ela, pra ela comprar comida, remédio” (informação verbal)⁵

Mas, mais presente e contundente que a preocupação com quaisquer outros familiares, está a preocupação das mulheres com os filhos, retratada na mesma fala de Isabel, acima. Ela, assim como as outras voluntárias, demonstraram medo de não conseguir dar aos filhos itens básicos como remédios, alimentos, merenda e transporte. A preocupação com os filhos está especialmente presente nas falas de Juana, mãe solo de três filhos, que, mesmo trabalhando na Venezuela, não conseguia mais alimentá-los.

eu vim para o Brasil, eu sou mãe solteira, com os meus 3 filhos, eu vim pela situação que estava Venezuela, né, eu sempre fui sozinha, já chegou um ponto na Venezuela que eu já não conseguia, assim, um salário não dava para eu sozinha alimentar a eles, né. [...] tive como 2, 3 dias que já não tinha nada para comer, ou seja, para dar para meus filhos, não tinha nenhum tipo de alimentos para eles. É... nada, nada, e isso foi a situação como que minha filha ficou doente, eu levei ela para o hospital e o hospital não tinha nenhum medicamento. Aí ela ficava muito doente, sabe, ela não tinha uma boa alimentação, ela tava muito magrinha, e aí eu fiquei assim, como que foi o suficiente, falei não, já chega, preciso que eles vivam uma vida melhor, como a que eu vivi, né, que eles são crianças, né? (informação verbal)⁶

Luisa, por sua vez, foi além da questão da alimentação e saúde, trazendo à tona sua preocupação com a educação do filho, visto que muitos professores também saíram da Venezuela devido à crise:

Também pela situação da escola do meu filho, eu não queria que... na Venezuela não tem professores, os professores foram embora, aí você tem que ir em escola particular, e... trabalhar pra pagar aluguel, pra pagar... para pagar outras coisas, e aí [não dava] pra pagar escola particular. Porque agora é em dólar. (informação verbal)⁷

Também Maritza demonstrou uma preocupação parecida, ao discorrer sobre a dificuldade de levar os filhos à escola, sem um serviço de transporte confiável.

Eu cheguei num ponto em que eu tinha que levar minha filha pra escola, eu tinha que caminhar mais de 40 minutos para conseguir levar ela na escola, e eu não conseguia pegar um ônibus, porque não tinha ônibus. (informação verbal)⁸

⁵ MENDOZA, Isabel. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 90.

⁶ MARTINEZ, Juana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 50.

⁷ PEREZ, Luisa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 3-4.

⁸ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 92.

Aqui, vemos o peso que crises econômicas como a da Venezuela, em que serviços básicos como saúde, educação e transporte públicos são fortemente afetados e a inflação e escassez de produtos tornam o acesso à medicação e aos alimentos quase impossível para a maioria da população, tem para mulheres, em especial aquelas que são mães.

Essas falas dialogam fortemente com as ideias de Sassen (2003), autora discutida no capítulo anterior que deixa clara a importância do papel da mulher como a cuidadora e responsável pelo bem-estar, saúde e educação do restante da família e também como principal provedora do lar em momentos de crise, na decisão de migrar. Para a autora, as crises do neoliberalismo afetam especialmente aqueles que são responsáveis pelo cuidado, pela reprodução da sociedade, caindo sobre elas a responsabilidade pelos direitos básicos que seu país já não consegue suprir. É daí que parte o ímpeto migratório para tantas delas: da necessidade de cuidar dos seus.

Essa necessidade se expressa, ainda que de outras maneiras, mesmo em casos mais tradicionais de migração, como a reunião familiar. Essa modalidade, é claro, apareceu diversas vezes na pesquisa e, juntamente aos casos citados acima, foi a principal razão para migrar entre as voluntárias. Nesses casos, as mulheres migram para se juntar ao marido, que migrou antes, com ou sem a intenção inicial de voltar. Mesmo aqui, o bem estar dos filhos e o aprofundamento da crise pesa para elas, ao perceberem que não conseguirão dar uma boa qualidade de vida aos filhos no próprio país e, por isso, é melhor que elas se juntem ao marido do que o marido voltar. Importante mencionar que, mesmo nessa modalidade, as mulheres ainda migram em busca de trabalho. É o caso de Maria, que veio seguindo o marido (informação verbal)⁹, que foi quem decidiu migrar, e de Adriana, que já havia citado a escassez como sua principal razão para migrar, mas depois esclareceu que o fez após o marido, também para garantir que o filho não cresceria sem o pai: “Então aí com um familiar fora, no caso era meu esposo, e o menino estava pequeno, eu já sentia muita saudade, o menino estava crescendo sozinho, sem seu papai” (informação verbal)¹⁰.

Outro aspecto da migração para reunião familiar é a formação de redes migratórias, que acabam se tornando importantes fontes de ajuda na chegada de novos imigrantes. Como veremos ao longo dos relatos no capítulo, migrantes que chegaram quando já tinham amigos

⁹ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹⁰ GOMEZ, Adriana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 91.

ou familiares estabelecidos no Brasil há um tempo maior podem ter mais facilidade em se estabelecer e construir uma vida estável no Brasil. Esse não foi o caso de Maria, que se juntou ao marido após apenas 2 meses, antes que ele pudesse se estabelecer (informação verbal)¹¹; mas foi o caso de Milagros, que veio ao Brasil devido à crise, mas já tinha a mãe estabelecida no país há vários anos, antes da crise. Algo parecido acontece também com Isabel, cuja família só veio ao Brasil depois que o sogro, primeiro a migrar, conseguiu um emprego e uma casa estável. Nas palavras de Milagros:

Quando cheguei no Brasil, já minha mãe estava aqui no Brasil, e eu fiquei na casa dela... ela já conhecia mais pessoas e eu arrumei trabalho numa casa, ajudava a senhora em casa, com os filhos, e... cuidava da casa. (informação verbal)¹²

Por outro lado, ainda que poucas voluntárias tivessem essa rede de apoio ao chegar ao Brasil, percebemos, ao longo dos relatos, como elas mesmas as acabaram criando: é o caso de Maritza, que após se estabelecer apenas com o marido e filhos pequenos, conseguiu trazer ao Brasil seus pais e a filha mais velha, já com uma estrutura para recebê-los (informação verbal)¹³; Rosa, que após migrar sozinha, encorajou dois de seus filhos, já adultos, a também virem procurar uma vida melhor no Brasil (informação verbal)¹⁴; Juana já tinha a irmã, que é estudante no Brasil, e juntas conseguiram trazer também a mãe (informação verbal)¹⁵; por fim, Maria, que veio apenas com o marido, trouxe depois de muitas lutas a filha, a mãe e as irmãs (informação verbal)¹⁶, e Gladys, que veio com marido e filho, conseguiu também trazer outros familiares (não especificados) (informação verbal)¹⁷. Além disso, Rosa deixa claro que, desde que chegou, sempre buscou se inserir em comunidades de imigrantes, onde conseguiu ajuda e

¹¹ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹² HERNANDEZ, Milagros. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 32.

¹³ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹⁴ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹⁵ MARTINEZ, Juana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹⁶ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹⁷ MORENO, Gladys. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

onde pode, também, ajudar outras pessoas (informação verbal)¹⁸; e, assim, vão se formando redes de imigrantes que tornam a vida dos recém chegados mais fácil.

Como exemplo, Milagros, que chegou ao Brasil já com a mãe bem estabelecida no país, que já possuía contatos, casa e o primordial, declarou que não havia chegado a passar nenhum dos problemas (que serão explorados mais à frente) que as demais imigrantes compartilharam: “Bom, na verdade, eu graças a Deus não passei por nada disso. Eu tenho 5 anos no Brasil, aqui em Uberlândia eu tenho... vou fazer 3 anos agora em Julho, e na verdade que não” (informação verbal)¹⁹.

Terminaremos a presente seção com uma exceção a esses casos. Enquanto quase todas as imigrantes apresentaram, como razões para migrar, variações do mesmo problema (a crise na Venezuela), a participante Rosa, apesar de ter migrado durante a crise, saiu da Venezuela por um motivo diferente: a busca por protagonismo em sua própria vida, pois estava cansada de depender do ex-marido, de quem tinha acabado de se separar.

Então... eu não saí porque não tinha mais como trabalhar, tal. Sim, aconteceu muito isso, mas não foi um motivo. (...) É porque lá eu tinha tudo. Aí quando eu aluguei aquela casa perto da praia, eu pensei “ah eu posso. Eu posso me virar sozinha”. Porque a minha vida toda, desde que estava com... praticamente com 14 anos, foi tudo ele. Tudo ele que me dava, tudo ele que comprava pra mim, eu ia, voltava, ele pedia pra alguém me pegar, me trazer, me levar, tudo. Aí se eu fosse pra Colômbia, ele ia mandar algum dos meus filhos pra buscar e me convencer de voltar pra casa. Aí eu vim pra cá. (informação verbal)²⁰

Ao contrário das outras voluntárias, que migraram em busca de saúde, educação, alimentação e trabalho, Rosa, que ainda tinha boas condições de vida na Venezuela, saiu em busca daquilo que não tinha: independência em relação ao ex-marido e a oportunidade de lutar por ela mesma, quase para provar um ponto, de que poderia se virar sem ele.

4.2.2. A inserção da imigrante venezuelana no mercado de trabalho brasileiro e a indústria do cuidado

¹⁸ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

¹⁹ HERNANDEZ, Milagros. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 28.

²⁰ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 50.

No item anterior, entendemos que as venezuelanas que migraram para o Brasil a partir de 2017 o fizeram, em sua maioria, devido à crise econômica e política que perpassa o país há alguns anos. Essa decisão foi feita em diversos contextos: mulheres que migraram seguindo seus esposos, mulheres que migraram já com uma rede de segurança no Brasil, e mulheres que migraram sozinhas com seus filhos. Neste item, entenderemos a atuação profissional dessas mulheres na Venezuela e se, e como, conseguiram se inserir no mercado de trabalho brasileiro.

Como já mencionado, boa parte das voluntárias entrevistadas têm ensino superior. Esse é o caso de Juana, Maria, Adriana, Maritza, Isabel e Ana. Exceto no caso de Maria, todas elas já tinham carreiras consolidadas nas carreiras em que era formadas. São, portanto, mulheres qualificadas e com experiência profissional, acostumadas, antes da crise, com uma vida confortável na Venezuela. Avaliaremos, aqui, as trajetórias profissionais de todas as voluntárias de que temos informação, incluindo aquelas que não possuem ensino superior.

Ana, de 58 anos, era enfermeira na Venezuela, com décadas de experiência. No Brasil, está em busca do ‘Revalida’²¹, sem sucesso, devido à falta de informação acessível sobre o processo, altos custos e, mesmo após superados esses obstáculos, alta burocratização e demora do processo; dessa forma, Ana, apesar de ter a qualificação necessária, não pode trabalhar no Brasil dentro da própria área, como gostaria.

[...] meu trabalho era de enfermeira, trabalhava em 2 lugares, um hospital e uma clínica. [...] Mas depois foi decaindo, com relação ao problema que se apresentou na Venezuela, e começou a... começou a... fiquei sem trabalho. (informação verbal)²²

Já no Brasil, ao não conseguir exercer como enfermeira, Ana começou vendendo pequenos produtos (geladinho, pulseiras) pelas ruas.

Eu tinha uma ilusão, tinha o sonho de trabalhar em Manaus de enfermeira, mas nunca pude trabalhar. Ai eu vendia tudo isso. Ai depois foi quando decidi começar a caminhar para poder conseguir outro trabalho, já que não queria trabalhar mais na rua (risos), queria conseguir um trabalho diferente. (informação verbal)²³

²¹ Quando falam sobre o ‘Revalida’, as voluntárias se referem simplesmente ao processo de revalidação de diplomas que é necessário para todas as graduações, não ao exame utilizado especificamente para a revalidação de diplomas de medicina. Decidimos pela manutenção do termo ao longo do texto, com o objetivo de manter a integridade das falas dos grupos; a confusão, no entanto, demonstra a falta de informação sobre os direitos e processos de reconhecimento de diplomas vigentes no Brasil.

²² GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 8.

²³ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 13.

Ana encontrou bastante dificuldade em conseguir um emprego fora das ruas. Após caminhar e entregar currículos por algum tempo e de algumas situações de xenofobia na busca por um emprego, conseguiu uma oportunidade em um salão, onde ficou por 1 ano e meio, até decidir se mudar com o marido para uma missão da sua Igreja, onde têm moradia e uma ‘ajuda de custo’. Atualmente, Ana continua tentando revalidar seu diploma em Enfermagem, com o sonho de dar aulas para outras mulheres.

Eu falei pro meu filho e pro meu esposo, vou conquistar isso, em nome de Jesus. Não vou parar, não. Eu tenho muitas coisas para dar para outros, eu quero dar curso, eu quero ensinar outras mulheres que não sabem, esse meu dom. Eu era professora lá, na Venezuela, eu ensinava outras mulheres. Eu tinha o conhecimento, entendeu? Eu não vou parar, você vai se lembrar de mim. (informação verbal)²⁴

Maritza, de 38 anos, era administradora na Venezuela. No Brasil, trabalhou inicialmente como faxineira e auxiliar de cozinha, porém não se adaptou, por perceber a exploração e desprestígio dessas funções. Maritza, então, por possuir uma rede de apoio que o permitiu, tirou algum tempo para estudar e está, agora, investindo em uma nova carreira, que abordaremos no próximo item (informação verbal)²⁵. Não está claro se Rosa, de 47 anos, possuía formação superior, mas tinha uma carreira como assistente social, além de trabalhar também no mercado informal, com o ex-marido, já na Venezuela. No Brasil, trabalha em diversas áreas da indústria do cuidado, sempre informalmente, sem carteira assinada: nesse sentido, já foi cuidadora de idosos, cuidadora de pessoas com necessidades especiais, babá e faxineira, sempre trabalhando no formato de diárias.

Não, ninguém quer assinar carteira pra serviço doméstico. Nem cuidador social, nem cuidador de idosos, nada. Eles preferem deixar sofrer aquele idoso, aquela idosa, um dia ou dois, botar 2 cuidadores diferentes, com tratamentos diferentes, pra eles pagarem menos. (informação verbal)²⁶

Já Adriana, de 43, era professora universitária concursada na Venezuela, na área de Engenharia Mecânica. Além do ensino superior, Adriana também é mestre em Engenharia Mecânica e tem 14 anos de experiência como docente e pesquisadora, tendo trabalhado em diversos projetos nas áreas de fontes alternativas de energia e distribuição de água potável. Ao

²⁴ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 18.

²⁵ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

²⁶ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 67.

vir ao Brasil, como possuía o suporte do marido, que veio antes e já tinha se estabelecido, Adriana esperou 3 meses para começar a tentar se inserir no mercado de trabalho, com o objetivo de aprender português primeiro. Importante mencionar também que sua ideia inicial não era se estabelecer permanentemente no Brasil, o que acabou acontecendo por ter tido que exonerar o seu cargo na Venezuela, ao não conseguir uma licença. Ao começar a trabalhar, conseguiu inicialmente um emprego relativamente próximo à sua área, dando aulas de espanhol numa escola particular. No entanto, esse foi apenas um trabalho temporário e Adriana não conseguiu permanecer na área. Hoje em dia, trabalha em uma fábrica, com carteira assinada, na área de serviços gerais, e tenta conseguir o ‘Revalida’, também sem muito sucesso, estando seu processo em fila já há um ano (informação verbal)²⁷.

Juana, de 33 anos, por sua vez, era contadora na Venezuela. Desde que chegou ao Brasil, já fez diárias como faxineira, mas a maior parte do tempo trabalhou como auxiliar de cozinha, pois foi o único que conseguiu, segundo as palavras dela. Como faxineira, como fez apenas diárias, nunca teve carteira assinada; já como auxiliar de cozinha, atualmente tem carteira assinada, porém, no seu primeiro trabalho, como não conhecia o sistema brasileiro, trabalhou sem e acabou sendo prejudicada em seus direitos:

Processei uma empresa porque trabalhei sem carteira assinada, ainda não sabia bem o que era trabalhar com carteira assinada, a importância de ter carteira assinada. Trabalhei com eles quase 7 meses, e [não] me pagaram [o acerto]. Eles só falaram que eu não tinha direito porque eu trabalhei sem carteira assinada. Aí fiz essa demanda, a demanda procedeu, e estou ainda aí nesse processo. (informação verbal)²⁸

Juana, que veio ao Brasil como mãe solo de três filhos, também compartilhou sua visão sobre o salário que consegue como auxiliar de cozinha: “O salário, como tal, assim, não vejo muito alto. Assim, é um salário... eu, sozinha, não dá com um salário para eu manter a meus filhos, não.” (informação verbal)²⁹. Luisa, por sua vez, era manicure na Venezuela e seguiu como manicure, no Brasil; no entanto, está procurando uma oportunidade em outra área, devido à falta de clientes (informação verbal)³⁰. Por ter um filho com necessidades

²⁷ GOMEZ, Adriana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

²⁸ MARTINEZ, Juana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 59.

²⁹ Ídem.

³⁰ PEREZ, Luisa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

especiais, Gladys também busca permanecer na mesma ocupação que exercia na Venezuela: manicure e vendedora de produtos de beleza, pois são ocupações que pode realizar de casa. Além disso, atua ainda com a venda de outros produtos, seguindo as tendências.

para mim fica difícil arrumar um emprego fora de casa, é por isso que eu comecei a trabalhar... o primeiro serviço que foi, foi vendendo culinária venezuelana, fazia biscoit também, fazia pote de biscoit, pegava potes de vidro, colocava biscoit para vender... comercializei sempre também com esses dois, comercializei cosmético, coisa de mulher, né. Só isso, eu fico assim, só... eu não fixo em uma coisa só. Depende da temporada que vai vindo, aí vou aproveitando o momento, entendeu? (informação verbal)³¹

Já Maria é graduada em enfermagem, mas não teve tempo de exercer a profissão na Venezuela, pois veio ao Brasil logo depois de se formar. Enquanto estudava na Venezuela, Maria trabalhou em diversos ‘bicos’: em restaurantes, salões de beleza, e vendendo cosméticos por conta própria. No Brasil, Maria também não conseguiu atuar em sua área de formação, e por enquanto não tentou revalidar seu diploma, seguindo em áreas semelhantes às que trabalhava na Venezuela. No início, trabalhou informalmente em uma padaria, limpando e cozinhando em troca de moradia para ela e o marido. Depois, em Manaus, passou a trabalhar como auxiliar de cozinha, sem registro em carteira. Então, passou a trabalhar de forma autônoma, vendendo salgados na rua. Após ir para Uberlândia, foi muito difícil para Maria encontrar trabalho, e caminhou por dias entregando currículos sem sucesso, até que uma amiga lhe conseguiu um emprego como cuidadora de um idoso e doméstica, novamente sem registro.

Aí eles chegaram, eu trabalhei mais um tempo com essa senhora depois já sai, por causa da mesma coisa, eu acho que ela... eu dava conta de tudo na casa, sabe? Aí ela tava me dando tarefas que não eram do meu trabalho, entendeu? Eu cuidava do pai, da casa do pai, fazia companhia no hospital, dava remédio, fazia [cura], tudo que ele precisava. Aí ela queria que... depois que eu lavasse roupa dela, já era outro serviço, entendeu? (informação verbal)³²

Passou, então, a trabalhar como diarista até conseguir emprego, também na área da limpeza, em duas lojas, dessa vez com registro. Após sair, conseguiu abrir seu próprio salão de beleza. No entanto, este salão está ainda sem registro no Brasil e funciona no mercado informal.

³¹ MORENO, Gladys. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 71.

³² RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 24.

Por fim, Milagros e Isabel não deixaram clara sua profissão na Venezuela. Milagros trabalha, atualmente, na área da limpeza, com registro, em uma sorveteria, além de já ter trabalhado como doméstica, sem registro, logo que chegou (informação verbal)³³; já Isabel informou que possuía, sim, ensino superior completo, e assim como Ana e Adriana, não consegue fazer o ‘Revalida’ no momento, devido ao custo e à burocracia, por isso não pode trabalhar na própria área. Sendo assim, desde que chegou ao Brasil, trabalhou em 3 fábricas, sempre com registro e como auxiliar de produção. No entanto, no momento está exercendo uma função fora daquilo que foi contratada para fazer, sem registro da mudança, treinamento ou aumento proporcional no salário (informação verbal)³⁴.

Percebemos, portanto, que quase todas as entrevistadas, incluindo 5 das 6 com ensino superior, trabalharam de alguma forma ou por algum período como diaristas ou empregadas domésticas. As únicas exceções são Isabel, que sempre (no Brasil) trabalhou no setor industrial como auxiliar de produção, Luisa, que já era manicure e manteve a profissão ao migrar e Gladys, que não tem essa opção por não poder trabalhar fora de casa, por estar cuidando do filho com necessidades especiais.

Percebemos, portanto, a importância da indústria do cuidado na inserção das imigrantes venezuelanas no mercado de trabalho brasileiro. Sete das dez mulheres entrevistadas, incluindo 5 mulheres com ensino superior completo, trabalharam pelo menos por algum tempo, de forma informal e com graus maiores ou menores de exploração, como faxineiras, cuidadoras, babás ou empregadas domésticas. Dessas, uma (Rosa) continuou trabalhando nesse setor mesmo anos após migrar, sempre sem carteira assinada e com uma forte característica de acúmulo de funções, como, por exemplo, a realização de funções como limpeza ou lavanderia quando foi contratada como cuidadora.

Das seis demais, três passaram também pela área de serviços gerais em lojas ou fábricas (Maria, Adriana e Milagros), agora com carteira assinada; dentre elas, Adriana e Milagros se estabeleceram e continuam nessa área. Maria também trabalhou sem carteira assinada como auxiliar de cozinha, assim como Maritza e Juana. Esta última acabou conseguindo um trabalho como auxiliar de cozinha com carteira assinada e assim se estabeleceu. Restam Ana, que por enquanto deixou de trabalhar; Maritza, que investiu em uma nova carreira e Maria, que assim como Luisa decidiu trabalhar por conta própria na área

³³ HERNANDEZ, Milagros. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

³⁴ MENDOZA, Isabel. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

da beleza. Além das duas, Ana também já trabalhou na área da beleza no Brasil, como empregada, porém sem carteira assinada, sendo a área da beleza, portanto, também uma das mais comuns entre as voluntárias entrevistadas.

Os relatos das voluntárias corroboram os dados levantados no Capítulo 2. Como já havíamos visto, a formalização do trabalho das mulheres imigrantes é baixa, especialmente entre as racializadas, visto que, enquanto a grande maioria delas se autodeclara PPI (cerca de 72%, segundo dados do Observatório das Migrações em São Paulo de 2018, dado corroborado pela pesquisa de grupos focais, em que, apesar de não ter sido estabelecida uma cota, 8 entre 10 se declararam pardas ou pretas), o número de venezuelanas brancas (3.222) que conseguiu formalizar seu trabalho é pouco menor que de mulheres pretas e pardas (4.083), o que demonstra, proporcionalmente, a maior formalização de mulheres brancas.

Essa baixa formalização é vista, aqui, em quase todos os relatos, em especial nos casos de trabalho doméstico, mas também em outros setores mencionados pelas voluntárias, já mencionados anteriormente. Além disso, três das ocupações mencionadas pelas participantes constam no top 5 (termo do IBGE) ocupações de venezuelanas no mercado formal brasileiro, segundo dados de 2020: alimentador da linha de produção (citado aqui 1 vez), faxineira no mercado formal (citado aqui 2 vezes, considerando apenas as participantes que tiveram a carteira assinada nessa função) e auxiliar nos serviços de alimentação (citado aqui 2 vezes, novamente considerando apenas os relatos daquelas que tiveram a carteira assinada) (IBGE, 2020). Se formos considerar as faxineiras e auxiliares nos serviços de alimentação sem carteira assinada, a representação aumenta: em nossa pesquisa, dentre as 10 voluntárias, 7 já trabalharam como faxineiras e 3 já trabalharam como auxiliar nos serviços de alimentação (considerando com ou sem carteira assinada). Novamente, essa diferença demonstra a dificuldade de formalização especialmente no caso das faxineiras, seja no âmbito doméstico (maioria dos casos) ou comercial/industrial.

Corroborando a fala de Juana, que declarou que o que ganha não é suficiente para sustentar, sozinha, a si mesma e os três filhos (informação verbal)³⁵, os dados da RAIS mostram que mesmo para aquelas que conseguiram alguma colocação no mercado formal, os salários de venezuelanas são consideravelmente mais baixos que de brasileiras da mesma raça, assim como mulheres racializadas ganham, em média, menos que mulheres brancas, ainda que da mesma nacionalidade, como visto no capítulo 2 (IBGE, 2020). Esse último

³⁵ MARTINEZ, Juana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

padrão, como visto, também se repete nos dados da PNAD-C, que considera também o mercado informal (IBGE, 2021).

Ainda segundo os dados da PNAD-C, que não considera nacionalidade, podemos também notar que a principal ocupação para mulheres PPI, em todos os trimestres, é o serviço doméstico, o que não ocorre no caso de mulheres brancas (ainda que o serviço doméstico esteja no top 5 ocupações também para estas). Os trabalhadores de limpeza, também mencionados nesta pesquisa, também aparecem no top 5 ocupações de mulheres PPI em todos os semestres, enquanto aparece apenas uma vez, em 5º lugar, para mulheres brancas (IBGE, 2021).

Tudo isso corrobora o já descrito nos capítulos anteriores: de acordo com Rubío (2003) e outras autoras, imigrantes racializadas de países periféricos suprem nos países de destino a necessidade de mulheres para realizar o trabalho reprodutivo nesses países. Por estarem inseridas na base da pirâmide do sistema moderno-colonial de gênero – conceito de Lugones (2008) –, as imigrantes venezuelanas têm na indústria do cuidado uma das pouquíssimas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, sendo a maioria das exceções ainda assim trabalhos feminizados, subalternizados, desprivilegiados e de baixa remuneração, além de muitas vezes informais. Exceto Maritza, que conseguiu sair desse contexto (não se isentando, no entanto, de passar por ele em determinado momento), todas as imigrantes entrevistadas se inseriram em um, ou ambos, desses contextos. Por serem imigrantes de crise, que fogem da fome, da escassez, da falta de saúde e direitos básicos e chegando a um novo país com a responsabilidade do cuidado de suas próprias famílias, as imigrantes estão dispostas a aceitar qualquer trabalho, sob praticamente qualquer condição, para conseguir prover o mínimo para si mesmas e suas famílias. Como vimos e veremos de forma mais detalhada adiante, as imigrantes que tiveram maior sucesso em sua integração no Brasil, tiveram também alguma rede de apoio, que dividiu com elas o fardo do cuidado e do sustento da família, sendo, portanto, o ‘escape’ mais difícil para aquelas que migraram sozinhas, como Rosa e Juana.

Essa dificuldade de se inserir no mercado para além de trabalhos subalternizados e com pouca ou nenhuma garantia trabalhista é, ainda, acentuada pela quase impossibilidade, para essas imigrantes, de revalidar seus diplomas, graças à alta burocratização, altos custos e baixa disponibilidade de informação sobre o processo, relatada por várias das entrevistadas.

4.2.3. Exploração vs. protagonismo

Como vimos no item anterior, as voluntárias entrevistadas relataram diversas dificuldades enfrentadas em sua inserção no mercado de trabalho, desde a dificuldade em encontrar trabalho em si (seja por xenofobia, dificuldade com o idioma ou mesmo falta de indicação), passando pela dificuldade de formalização do trabalho e chegando, também, à impossibilidade prática de trabalhar no Brasil em sua área de formação original. Vimos, também, nos itens anteriores, que mais do que fugir de uma crise, as mulheres entrevistadas buscavam prover para si mesmas e para suas famílias, demonstrando protagonismo. Neste item, abordaremos os dois lados dessa busca.

São muitos os casos de exploração trabalhista relatados pelas voluntárias. Os tipos de exploração são variados: desvio de função, cargas horárias abusivas, negação de direitos, assédio e discriminação no ambiente de trabalho, entre outros. Exploraremos alguns desses casos aqui.

O primeiro relato apresentado é o de Rosa, que, como vimos anteriormente, desistiu de uma vida relativamente confortável, mesmo com a crise, para buscar independência em relação ao ex-marido no Brasil. Desde que chegou, trabalha, sempre no mercado informal, como diarista, cuidadora de idosos, babá e cuidadora de pessoas com necessidades especiais. Rosa tem diversas histórias sobre os abusos e explorações pelos quais passa no Brasil, sendo a maioria dos casos situações em que as funções e carga de trabalho aumentam, mas o salário não.

Eu vou ser muito sincera com você. Eu tô muito triste, porque na área que eu me desenvolvo, que é a na área dos serviços gerais, vou falar de algumas [coisas]. Eu já fiz faxina em muitos lugares, pra muitas pessoas. Então, brasileiro paga muito bem. Brasileiro paga bem. Só que depois eles acham que a gente pode dar mais, e mais, e mais, então, vai aumentando o serviço, mas não vai aumentando o pagamento. Já eu tive inúmeras situações com pessoas que eu falo assim, são pobres. [...] a mulher [montava] serviço em mim até dizer chega. Eu tinha que mexer com a criança dela. Eu tinha que mexer com o salão de beleza dela. Com a casa dela. Com os problemas próprios dela. Tudo, tudo, pelo mesmo salário. (informação verbal)³⁶

Outra queixa da voluntária é o desrespeito de seus empregadores para com seus direitos trabalhistas, mencionando a dificuldade de conseguir, na área do cuidado, um trabalho com carteira assinada e também o desrespeito que encontrou em muitas das casas onde já trabalhou.

³⁶ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 61.

E outra coisa, que eles não gostam que a gente fale dos direitos. Não gostam. Olha só, a mulher ficou brava comigo, tô te falando de ontem, ficou brava comigo porque eu não deixei que o filhinho dela me gritasse. E até levantou a mão pra mim. [...] Ela tem que pensar que já eu não vou mais lá, porque eu faço diárias no salão, e fazia diárias na casa dela. Além disso, eu dormia lá, porque ela pediu por favor pra mim, eu dormir lá. Como eu não tenho criança, não tenho namorado, não tinha responsabilidade de ir na Igreja naquele dia, eu ficava. E vinha cedo pra casa. Aí ela não pagou nada disso pra mim. (informação verbal)³⁷

Mas as queixas de exploração nesse contexto não são resumidas a isso. Segundo a voluntária, em outra casa onde trabalhou como cuidadora de um idoso, além de situações parecidas às já mencionadas de desvio de função e carga horária abusiva, Rosa também passou por um episódio de agressão: “a mulher veio gritando, ela puxou meu cabelo, ela me arranhou, ela pegou meu braço, as unhas dela [atravessaram] meu braço, ela cuspiu em mim, ela jogou água em mim. Essa foi a pior coisa que eu já vivi” (informação verbal)³⁸.

Rosa não foi a única das imigrantes a mencionar situações de exploração no contexto do trabalho doméstico. Juana, que a princípio tinha respondido que nunca tinha sido explorada no trabalho, acabou se lembrando, devido ao relato de Rosa, que também tinha passado por sobrecarga de trabalho na época que trabalhava como faxineira: “Mas a questão é que em cozinha, não. Mas com limpeza sim, fazendo faxina, sim, aconteceu. Sobrecarga de serviço e pagam o mesmo” (informação verbal)³⁹.

Ana e Maria também sofreram situações de exploração trabalhista logo ao chegar no Brasil, no contexto do serviço doméstico. Em ambos os casos, bem no início de sua experiência migratória, trabalharam como domésticas em troca de moradia e alimentação para si e sua família. No caso de Ana, logo quando chegou ao Brasil, sem ter trabalho nem onde morar, “emprestavam [quarto, casa] para nós para viver, mas eu ajudava, sim, lavava roupa lá, fazia tudo limpinho, tudo” (informação verbal)⁴⁰; já no caso de Maria, também nos primeiros meses após a chegada, ela e o marido trabalharam em uma padaria em troca de moradia: “a gente não pagava aluguel, morava na padaria mesmo, tinha um quarto e eles arrumaram pra nós. Só que eu fazia comida pra todo mundo, pros trabalhadores, tudo, pra eles deixar morar,

³⁷ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 62.

³⁸ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 64.

³⁹ MARTINEZ, Juana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 65.

⁴⁰ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 11.

entendeu?” (informação verbal)⁴¹, ela relatou. Além dessa primeira experiência, também acumulou funções em uma outra casa de família, onde trabalhou como cuidadora de idosos, novamente sem registro, e acabou fazendo também o trabalho de faxineira e lavadeira.

Percebemos, portanto, que a principal ocupação entre as imigrantes é também uma das, se não a que mais as sujeita a abusos, devido ao baixo prestígio e baixa regularização da profissão. No entanto, os abusos não ficam limitados à área do serviço doméstico. Maria, por exemplo, também relatou acúmulo de funções e/ou descumprimento de direitos trabalhistas em todas as ocupações que teve desde que chegou ao Brasil: como auxiliar de cozinha em restaurante, acabou ocupando também as funções de garçom e caixa, sem carteira assinada; como profissional de limpeza em loja (dessa vez com carteira assinada), acabou realizando também serviços de lavanderia.

Já Isabel, que sempre trabalhou com carteira assinada como assistente de produção, em indústrias, também não escapou desses processos. Mesmo sendo registrada, é mais uma das participantes que relatou um desvio considerável de função, com um fator, ainda, de insalubridade e falta de treinamento adequado, além de pagamento defasado:

Só que agora, na empresa em que eu estou atualmente, eu entrei como auxiliar de produção, e tem 2 meses que eu to trabalhando como operadora de robô. [...] Aí já tem 2 meses trabalhando como operadora, só que minha carteira eu sou auxiliar de produção. Aí eu falei pra ele, porque falaram pra mim, eu acho que você pra trabalhar como operadora, você tem que fazer outro exame de novo, porque... porque agora, é... a responsabilidade é mais grande. Eu trabalho operando uma máquina e também tem contato com um... um veneno que se coloca no milho. Que é para ser tratado. Aí esse veneno, ele é tóxico. Aí tem vezes que eu tenho alergia... [...] Aí eu não sei como é que... não sei como é que é isso. Eu trabalho com uma responsabilidade mais grande da qual eu entrei e minha carteira tá como auxiliar de produção e eu to recebendo como auxiliar de produção. Minha responsabilidade é muito mais grande. Aí eu não posso falar mais nada, ele falou “tem que esperar”. Porque se eu falo eu acho que vão achar ruim, podem falar que eu não quero, não quero trabalhar. (informação verbal)⁴²

Além das violações de direitos trabalhistas relatados acima, muitas imigrantes também enfrentam situações de alto risco para trabalhar. Foi esse, ao menos por um tempo, o caso de Ana e de Maria, que trabalharam vendendo alimentos e pequenos itens pelas ruas, como

⁴¹ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 19.

⁴² MENDOZA, Isabel. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 87-88.

salgados, água, bijuterias e doces, mas acabaram parando devido à insegurança que enfrentavam nas ruas (informação verbal)⁴³.

Apesar de não ser o caso de nenhuma das voluntárias entrevistadas, também surgiu no debate a questão das ‘las ochenta’. Segundo Ana, são muitas as venezuelanas que, apesar de qualificadas na Venezuela, por diversos motivos acabam entrando no ramo da prostituição, extremamente arriscado, quando chegam no Brasil.

Então algumas amigas minhas que trabalhavam comigo, elas chegaram lá, não podiam conseguir trabalho de enfermeira, e entraram nessa vida de prostituição. Elas ficaram lá porque toda sua família está na Venezuela, é triste. (informação verbal)⁴⁴

Lá em Boa Vista, onde eu morava, ficava perto de um lugar, é onde ficavam as meninas que trabalhavam, que vendiam seu corpo, sabe? E elas, eu conheci algumas venezuelanas que trabalhavam ali, e elas falavam que as brasileiras que ficavam com elas ali brigavam muito com ela, porque os homens não procuravam mais as brasileiras e sim as venezuelanas... e isso aí se formava brigas, todo o tempo entre elas, umas tinham mais clientes que outras. (informação verbal)⁴⁵

Eu soube de uma moça venezuelana que trabalhava ali nas 'ochenta'... ela foi sequestrada, e acho que ela saiu com um cliente e ele matou ela, arrancou as unhas, cortou o cabelo. (informação verbal)⁴⁶

Vemos, portanto, que as imigrantes venezuelanas enfrentam muitos obstáculos em sua busca por protagonismo, desde a dificuldade em conseguir trabalho até, após consegui-lo, conseguir garantir seus direitos e condições de trabalho dignas. Como, então, sair desse ciclo? É impossível que imigrantes racializadas, como as participantes da pesquisa, transformem suas experiências migratórias através da resistência e protagonismo?

Muitas das imigrantes, como Adriana e Ana, veem na revalidação de seus diplomas uma chance de conseguir trabalhar de forma digna, e assim reconstruir suas vidas. Nas palavras de Ana, “eu sonho em ter um grupo de mulheres aqui pra ensinar, mas se não tenho esse código, não posso, se não tenho um registro, não posso. Mas... essa é minha inquietude, eu quero trabalhar. Estou falando com todo meu coração: eu quero trabalhar” (informação

⁴³ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.; GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁴⁴ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 38.

⁴⁵ HERNANDEZ, Milagros. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 37

⁴⁶ PEREZ, Luisa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 37.

verbal)⁴⁷. Enquanto a revalidação parece um sonho inalcançável, no entanto, essa saída parece, também, de fato impossível.

No entanto, algumas das participantes encontraram, sim, formas de protagonizar suas experiências e estão conseguindo reconstruir uma vida digna no Brasil. Mesmo no caso de Rosa, que segue na indústria do cuidado e passa por tantas formas de exploração trabalhista em seu dia a dia, não podemos dizer que seu objetivo não está sendo alcançado, afinal, o que ela queria era provar para si mesma que poderia sobreviver sem o ex-marido e lutar por si mesma, algo que tem conseguido fazer, apesar dos pesares, em grande medida devido às redes de imigrantes em que buscou se inserir.

Outras imigrantes conseguiram conquistar protagonismo e realização através de empreendimentos próprios. Apesar de declarar que gostaria de conseguir trabalho em outra área, Luisa, que é manicure e sempre trabalhou para si própria, foi a única que não relatou nenhum caso de abuso ou discriminação entre as participantes (informação verbal)⁴⁸. Gladys, que se dedica ao cuidado do filho e trabalha vendendo produtos por conta própria, também não relatou nenhum problema no âmbito do trabalho (informação verbal)⁴⁹. Também Maria confirma que, após muitas experiências ruins, abrir seu próprio salão de beleza em casa foi como um oásis:

nossa, era muito bom, porque eu consegui fazer meu salão aqui em casa né. Só que eu ainda não tenho nada lá de fora, porque não tem permissão, né, não tem nada disso ainda. Eu trabalho mais com pessoas indicadas. E eu tenho... nossa, tem muita cliente. Tem dia que eu trabalhava aqui a semana inteira, inteira, sem parar. Mas agora parei por causa da gravidez. Mas tenho muita fé que daqui uns 2 meses eu já fico melhor. (informação verbal)⁵⁰

Existem, também, imigrantes, aqui representadas por Maritza, que conseguem se reinserir no mercado de trabalho em áreas não tão típicas para imigrantes. Ao perceber a exploração e abusos existentes no serviço doméstico e outras áreas mais comuns (como assistente de cozinha), Maritza decidiu, e teve o privilégio de poder fazê-lo, se dedicar a

⁴⁷ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 18.

⁴⁸ PEREZ, Luisa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁴⁹ MORENO, Gladys. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁵⁰ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 25.

aprender uma nova profissão, já que a revalidação do seu diploma antigo parecia um sonho distante.

assim, as vezes que eu trabalhei antes de agora, percebi que a gente maltratava a gente. As pessoas que contratavam te maltratavam. E era difícil, porque, eu, particularmente não estava preparada para isso. E a outra coisa era que eu tinha que trabalhar quase no serviço assim, de faxina, algum canto, algo assim, ou também aconteceu que eu estava trabalhando de auxiliar de cozinha, e... muitas pessoas mal interpretavam.[...] Eu decidi estudar, eu fiz cursos profissionalizantes no início, e depois fui fazer faculdade, fiz processo seletivo. [...] fiz uma mudança de carreira para a área de programação, de TI, e é isso que eu faço agora. [...] investi um tempo, 1 ano. A verdade é que decidi me dedicar de maneira integral, eu fui me dedicar a isso. Fiz muito trabalho voluntário, fiz muito trabalho de graça, até que eu conheci a pessoa correta. [...] E ainda hoje... eu tenho 1 trabalho de 4 horas, na verdade faço umas 6 ou 8 horas diárias, ainda tenho outro trabalho, e estudo. [...] Um é mídias sociais, por marketing, e o outro é TI. Mas, na verdade, eu invisto só 1 hora no outro. E ele consegue pagar minhas outras contas, porque na verdade nesse emprego agora, eu ainda estou investindo. Em chegar num ponto. (informação verbal)⁵¹

Maritza, portanto, é um caso praticamente ideal da busca por protagonismo. Através do estudo, está conseguindo, pouco a pouco, se inserir no mercado de trabalho brasileiro em uma área promissora e bem mais incomum para imigrantes venezuelanas, se considerarmos todos os outros relatos e dados recolhidos.

Mas qual a diferença entre casos como o de Maritza, e também de Maria, por exemplo, mulheres que conseguiram chegar a um lugar profissional mais confortável, em que conseguem ter o controle de suas trajetórias? Um ponto comum, trazido pela própria Maritza é, além, é claro, da superação pessoal, a existência de uma rede de apoio. Maritza só pode estudar para se inserir em outra área porque pôde deixar de trabalhar por um ano, e isso só foi possível porque contava com uma família que podia cobrir os gastos. Atualmente, pode investir em se especializar ainda mais para subir em sua nova profissão, porque tem outras pessoas que cuidem de seus filhos enquanto ela o faz. Nas palavras dela:

É, então eu conto sempre que meu caso foi conquista. Eu consegui demonstrar que eu sou uma mulher que é parda, que eu sou uma mulher mãe, heterossexual, e eu consegui chegar na área de TI. Mas foi uma luta, não foi fácil demonstrar isso, que eu conseguia deixar meus filhos ao cuidado de outra pessoa para sair pra trabalhar. E é sobre isso. Sempre houve preconceito com a gente. É uma área muito difícil, muito presa. (informação verbal)⁵²

⁵¹ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 84, 95-98.

⁵² LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 99.

Fica claro, portanto, que algo assim seria impossível para tantas outras mulheres, que são as principais responsáveis pelo sustento de suas famílias e que não possuem nenhum suporte no cuidado com os filhos, como é o caso, por exemplo, de Rosa, que migrou sozinha, e Juana, que é mãe solo; foi, também, por muito tempo o caso de Maria, que foi a principal provedora do lar enquanto o esposo não conseguia se colocar no mercado de trabalho. Poucas imigrantes possuem as oportunidades a que Maritza teve acesso.

4.2.4. Machismo, racismo, xenofobia: a tríplice discriminação

Por que o mercado de trabalho brasileiro é tão difícil para imigrantes venezuelanas? Por que tantas delas têm tanta dificuldade em conseguir qualquer trabalho? Por que o salário pago a elas é inferior ao salário pago a mulheres brasileiras na mesma função? Por que tantas vezes ficam restritas à indústria do cuidado, ou a ocupações tão desprestigiadas e mal remuneradas quanto?

É claro que uma parte dessa resposta passa pela necessidade. O mercado explora imigrantes porque elas, em muitos casos, não têm outra opção além de aceitar essa exploração, pois precisam sobreviver e garantir a sobrevivência dos seus, como vimos, por exemplo, no trabalho de Gago (2020) e outras autoras já discutidas. Essa resposta passa, ainda, pelo sistema moderno-colonial de gênero, que garante a subordinação dessas mulheres através das construções sociais de gênero e raça no mundo moderno-colonial, e no papel que cada categoria tem a desempenhar nesse sistema. Passa, também, é claro, pela tríplice discriminação, conceito trabalhado por Rubío (2003) e que, em nossa visão, muito tem a ver com o sistema moderno-colonial de gênero de Lugones. Devido à sua localização social, imigrantes venezuelanas, que além de estrangeiras (e, portanto, ocuparem o lugar social do ‘outro’), são em sua grande maioria mulheres racializadas, estão na base da pirâmide, e, por isso, estão socialmente condicionadas a ocupar essas posições.

Além de todos os relatos já abordados nos itens anteriores, que são permeados pela colonialidade e pela discriminação de gênero, raça e nacionalidade, ainda que de forma velada, nesse item abordaremos relatos mais explícitos de preconceito e violência ligados à raça, ao gênero ou à nacionalidade das participantes, ou a combinação deles. Das 10 mulheres entrevistadas, 8 compartilharam situações que se encaixam nessa discussão.

Um dos aspectos que primeiro apareceram quando perguntamos sobre situações de discriminação foi a dificuldade de encontrar trabalho, em especial em Roraima e Manaus, onde as imigrantes geralmente iniciam sua trajetória. Ana, por exemplo, relata que, em

diversas situações, sentiu que os brasileiros a olhavam com desprezo, tanto no contexto do trabalho quanto também dentro de repartições públicas, quando precisava buscar informações. Para Ana, fica claro que as pessoas não se importam com suas qualificações e experiências, julgando como como “morta de fome” assim que a veem ou a escutam falar. Para ela, esse sentimento era sim mais intenso no norte do país, no entanto, não cessou após sua ida para Minas Gerais. Para ela, o desprezo e descaso principalmente de funcionários públicos representa um grande obstáculo à sua busca pela revalidação de seu diploma (informação verbal)⁵³.

Tanto Maria quanto Juana também relataram situações em que não foram empregadas por serem estrangeiras. Segundo a primeira, foi muito difícil encontrar trabalho em certos momentos. Interessantemente, ela coloca parte da culpa em outros imigrantes, justificando a xenofobia com a ‘má fama’ de alguns venezuelanos e venezuelanas:

porque o trabalho tava muito difícil, a gente entregou mais ou menos 20 currículos, saiu, andou, mas como tinha muito estrangeiro também, tem estrangeiro bom e tem estrangeiro... gente boa e gente ruim, né, normal, todo mundo. Aí eles tavam mais com receio de dar trabalho pra estrangeiro, tinha muito venezuelano fazendo coisa errada, aí eu acho que eles ficavam com medo. (informação verbal)⁵⁴

Rosa passou, também, por uma situação parecida, mas dessa vez mais claramente não apenas por sua condição de imigrante, e sim de mulher. Segundo seu relato, chegou a perder uma oportunidade de emprego porque a empregadora não gostou da possibilidade de Rosa estar perto do marido dela, o que pode, talvez, ser explicado pela visão hipersexualizada que as venezuelanas têm no Brasil (informação verbal)⁵⁵.

Já trabalhando, diversas participantes relataram casos de xenofobia dentro do ambiente de trabalho. Com Maria, a principal situação foi quando trabalhou em uma loja e os donos a proibiram de falar espanhol, e acabaram demitindo-a pela forma como ela falava (informação verbal)⁵⁶. Já com Rosa, além das violações de direitos já abordadas nos itens anteriores, a participante menciona também a diferença de tratamento entre ela e outra funcionária do salão

⁵³ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁵⁴ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 21.

⁵⁵ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁵⁶ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

onde trabalhava, brasileira: “então eu vi que ela tinha um tratamento preferencial com aquela que é brasileira do que comigo. Por isso eu decidi que eu não vou amanhã” (informação verbal)⁵⁷.

Já Luisa e Isabel passaram por situações desconfortáveis com colegas de trabalho, que não queriam tê-las trabalhando junto. No caso de Luisa, foram ofensas, piadas de mau gosto e tentativas de não fazê-la sentir bem-vinda; no caso de Isabel, chegou ao ponto da colega de trabalho se recusar a trabalhar com ela.

Aí ela todo dia falava, "ai, eu quero [virar] estrangeira" e ficava só no meu pé. "Ai, eu vou virar estrangeira, vou falar espanhol", e ficava só falando assim pra me incomodar. E tudo que eu fazia ela ia lá na dona do salão, e que Luisa fez isso, Luisa fez aquilo, e ficava falando tudo que eu fazia. Aí um dia, eu terminava de fazer minhas coisas, de arrumar as coisas para [revisar], terminava de recolher a bagunça que elas deixavam, porque elas trabalhavam mais que eu, porque elas tinham mais clientes. Eu ficava sentada em um canto, em uma poltrona, e ela tirou a poltrona do canto para mim não sentar. Ela me falou, "tirei a poltrona dali, do teu canto, fica de pé" (informação verbal)⁵⁸

Aí tinha umas mulheres, digamos, que eram 9, que eu sim vi que elas não conversavam comigo, e tinha 2 moças, uma falou pro meu coordenador, falou pra não colocar ela pra trabalhar comigo (informação verbal)⁵⁹

Já para Maritza, o gênero parece ter pesado bastante em suas experiências no mercado de trabalho e suas decisões subsequentes. Quando chegou ao Brasil, assim como as outras voluntárias, começou a trabalhar como faxineira e auxiliar de cozinha. Segundo ela, nesses trabalhos se sentia muito destrutada, e sentia que os contratantes a maltratavam. Para além disso, houve, também, uma situação de assédio sexual que acabou levando à perda de um emprego como auxiliar de cozinha.

Assim, as vezes que eu trabalhei antes de agora, percebi que a gente maltratava a gente. As pessoas que contratavam te maltratavam. E era difícil, porque, particularmente, não estava preparada para isso. E a outra coisa era que eu tinha que trabalhar quase no serviço assim, de faxina, algum canto, algo assim, ou também aconteceu que eu estava trabalhando de auxiliar de cozinha, e... muitas pessoas mal interpretavam. E... assim, minha primeira experiência, por exemplo, foi: eu apenas falava o idioma, e aí uma mulher falou: “ah, a gente vai fazer um serviço de comida, vai trabalhar lá, servir lá e pronto”. Ela foi no carro dela, e ela me mandou com outra

⁵⁷ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 66.

⁵⁸ PEREZ, Luisa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 32-33.

⁵⁹ MENDOZA, Isabel. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 109.

pessoa. Para ir lá. E... essa pessoa era um homem, mas, para mim, indiferente, porque... eu ia lá fazer o serviço. E essa pessoa mal interpretou a coisa porque eu não estava sabendo que a mulher não pode ficar... ou não pode subir no carro de um homem. E aí ele pensou errado. [...] Depois essa pessoa “deu” que até saí desse lugar, perdi meu trabalho. (informação verbal)⁶⁰

Essas experiências levaram Maritza a desistir, naquele momento, de trabalhar, e procurar oportunidades em outras áreas, ainda que isso levasse tempo. Foi assim que, como já abordado no item anterior, Maritza adentrou a área de TI; no entanto, ela deixa claro que esse setor também não está livre de preconceitos, por ser uma área muito fechada, com poucas mulheres, poucas pessoas pretas ou pardas e poucas mães. Ainda assim, ela deixa claro que, apesar de acontecerem algumas “brincadeiras” na área atual, o tipo de tratamento é diferente. Fora da área da faxina e cozinha, Maritza sente que é mais respeitada:

No meu trabalho não, não teve preconceito. Tem sempre brincadeirinhas, que eu acho um pouco normal, né, porque a gente abre certos espaços. [...] Mas no meu trabalho, não sei em outro trabalho o que... acontece diferente. Por exemplo, quando eu trabalhei como auxiliar de cozinha, era diferente o ambiente de trabalho. Muito, muito diferente, entendeu? [...] Mas eu acho que depende do ambiente de trabalho que a gente receba ou não certas situações. (informação verbal)⁶¹

Maritza relata, ainda, uma sensação de que os homens brasileiros a sexualizam, algo que está presente, de formas distintas, também em falas de outras participantes, que mencionam desde casos de assédio como o de Maritza a casos de violência, ou ofensas relacionadas à forma como as venezuelanas são vistas na fronteira. Maria, por exemplo, chegou a ser perseguida por um brasileiro, cliente de uma loja onde ela trabalhava.

É... uma vez sim, sofri assédio, né? Por um rapaz que eu nem... nem conhecia. Tipo assim, eu ficava com muito medo, porque eu não sei aonde ele pegou meu telefone. E ele ficava me ligando, mandando mensagem. [...] depois ele, é... ficava no carro dele, tipo assim, perseguindo, entendeu? Aí, nossa, foi muito pavor que eu senti. Muito medo, muito mesmo. Nossa, foi... eu acho que foi a pior experiência que eu tive aqui. Que eu... tipo assim, você não consegue nem sair da sua casa [...] (informação verbal)⁶²

⁶⁰ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 84-85

⁶¹ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 125.

⁶² RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 120.

Rosa também passou por uma situação difícil relacionada à violência contra a mulher, em que sofreu violência doméstica e foi posteriormente perseguida por um namorado brasileiro. Ela relata que chegou a ir à polícia, mas nada foi feito que garantisse sua segurança e ela acabou por preferir mudar de cidade.

eu sofri violência doméstica, não sei se foi violência doméstica, foi daquele homem que eu tava namorando com ele, eu fiquei nesse relacionamento pouquíssimo tempo, acho que 3 meses. [...] aqui não me deram segurança nenhuma, esse homem veio pra cá, depois de um ano, ele veio pra cá, tirou uma foto de uma escola perto de onde eu tava morando, ele enviou essa foto pro meu Whatsapp porque ele até comprou outro número pra mandar [?] pra mim, e falou bem assim, “conhece isso aqui?” (informação verbal)⁶³

Além do machismo estrutural arraigado no Brasil e que independe de nacionalidade, acreditamos que casos assim podem ser explicados também pela cultura de sexualização de mulheres racializadas, periféricas, que no sistema moderno-colonial acabam sendo vistas como, em primeiro lugar, mão de obra e, em segundo lugar, como mulheres promíscuas, que portanto não possuem o mesmo direito à proteção de que mulheres brancas desfrutam (LUGONES, 2008). Isso fica ilustrado de forma mais clara em dois outros casos relatados na pesquisa: o de Luisa e o de Isabel.

Quando perguntamos inicialmente a Luisa se ela já tinha sido vítima, no Brasil, de alguma discriminação por gênero, raça ou nacionalidade, ela respondeu inicialmente que não, demonstrando, talvez, uma dificuldade que algumas das voluntárias tiveram em identificar situações de risco ou discriminação pelas quais passaram. No entanto, ouvindo relatos de outras colegas e a evolução da conversa, Luisa acabou contando que, em certa ocasião, trabalhando em um salão de beleza, foi indagada: “Aí o marido de uma moça lá de onde eu trabalhava, no salão, ele me disse, ‘você fica ofendida se eu te chamo de oçenta? Você é oçenta?’, e eu falei para ele, ‘mas... eu não me sinto ofendida porque eu não sou’” (informação verbal)⁶⁴. Para Luisa, esse tipo de indagação demonstra que “tem muito homem que cataloga a mulher, porque a mulher é venezuelana, que é prostituta.” (informação verbal)⁶⁵. Essa percepção confirma a visão de Lugones (2008) e outras autoras abordadas no capítulo 1 e ajuda a explicar os outros casos de machismo aqui expostos.

⁶³ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 53-54.

⁶⁴ PEREZ, Luisa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 30.

⁶⁵ Idem.

Um outro caso também demonstra muito bem esse processo, com uma nova nuance: esses preconceitos estão presentes até mesmo dentro de instituições de atendimento ao imigrante. De acordo com Isabel,

Então, quando eu cheguei aqui, eu passei lá no Boa Vista, na fronteira... Pacaraima, perdão, pra tirar minha permissão para entrar, eu não consegui tirar a permissão, eu fui a única pessoa que entrei ilegal. Meu esposo, meu filho, minha sogra e outros familiares do meu marido, eles conseguiram. Só que como a gente não sabia nesse momento conversar em português, a gente não entendia nada, eu não entendia nada. Aí eu não sei o que aconteceu lá na polícia federal, eu tava lá dentro, fui tirar minha permissão, aí eu não sei o que aconteceu que o policial federal falou pra mim que eu só queria entrar pra trabalhar como mulher da rua. Falou pra mim, "não, não vou dar a permissão, não". (informação verbal)⁶⁶

Aqui, fica claro o pré julgamento de Isabel como prostituta simplesmente por ser venezuelana, e pela visão criada no Brasil das venezuelanas como mulheres promíscuas, prostitutas. Outro ponto interessante é que esse relato, assim como o de Luisa, não veio quando fizemos a pergunta sobre situações de discriminação, e sim em outro momento, demonstrando novamente a dificuldade de enxergar as situações passadas por elas como violações.

Além destes, tivemos ainda alguns outros casos de discriminação relatados por outras voluntárias. Adriana relata apenas ‘pequenas situações’ (nas palavras dela), em especial de preconceito linguístico (informação verbal)⁶⁷; Ana relatou, também, uma ocasião em que ela e sua família foram xingados de macacos por uma outra família, já no Brasil, devido à sua cor de pele (informação verbal)⁶⁸. Rosa também relatou outros casos, de ataques machistas, homofóbicos e racistas no dia a dia, como no transporte público ou no shopping. Também mencionou que, em Brasília, onde vive, é difícil para algumas imigrantes encontrarem onde morar, pois muitos proprietários não alugam para mulheres, ou não alugam para venezuelanos com crianças, e que foi necessário para ela aprender onde procurar (informação verbal)⁶⁹. Já as outras voluntárias, que não mencionaram casos de discriminação no dia a dia, fora do

⁶⁶ MENDOZA, Isabel. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 129.

⁶⁷ GOMEZ, Adriana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁶⁸ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁶⁹ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

ambiente de trabalho, mencionaram que, por insegurança, acabam não saindo de casa, de forma a não dar oportunidade para que ataques como esses aconteçam.

Um caso específico de discriminação fora do ambiente de trabalho, no entanto, se destacou. A voluntária Gladys relatou que, quando atravessou a fronteira para o Brasil, em 2018, o fez poucos dias antes das manifestações anti-imigrantes realizadas em Pacaraima na época.

Nesse ano foi muita turbulência pro venezuelano, sabe, porque... teve manifestação, perseguição, a gente... eu batia às portas, a gente... preciso falar? Batia às portas, as pessoas falavam "você é venezuelana, vai lá pro seu país, o que você faz aqui?", não sei o quê... eu ficava triste, né, eu tava querendo oportunidade de trabalho, mas... eu ia de porta em porta, devido à minha condição bem escassa mesmo, limitada, muito limitada, eu ia de porta em porta batendo às casas, procurando fazer serviço de manicure, pedicure. [...] Por causa de ser venezuelana. Só por isso. Aí na época, é... só que eu passei da fronteira um dia antes, né, 25 de agosto... julho, agosto, 22 de agosto de 2018, fizeram uma manifestação, se fala? [...] Passaram, começaram a tirar venezuelanos das barracas, queriam tirar venezuelanos das ruas, queriam tirar venezuelanos de onde tiver venezuelano, eles pegavam, batiam, e os pertences eles não tavam nem aí. Eles colocavam... desculpa, eles colocavam fogo nos pertences de cada imigrante que eles viam, no meio da fronteira, eles colocavam fogo, eles não tinham... compaixão, sabe, não havia humanidade. Eles só queriam um propósito: tirar o venezuelano da rua, tirar venezuelano da fronteira. Isso aconteceu em Pacaraima, 2018. Aí eu consegui atravessar a fronteira para Boa Vista, Roraima, e foi mais tranquilo, né, mas bem limitado, mas mais tranquilo. Assim, sem trabalho, mas... estava mais segura, né. (informação verbal)⁷⁰

Segundo a participante, o trauma dessa ocasião foi tão grande que, enquanto morou nas ruas, seu principal medo não era da violência, mas sim da discriminação à qual estava exposta.

Um último ponto que observamos durante as reuniões, que vale a pena observar, foi a internalização do preconceito que algumas das voluntárias, como Rosa, Maria e Maritza, demonstraram, ainda que em graus diferentes. As participantes deram a entender, em diversos pontos das entrevistas, que acreditavam que parte da culpa pela xenofobia que sofreram no Brasil é de outros venezuelanos e venezuelanos, culpabilizando, portanto, outros como elas ao não enxergar a estrutura de opressão que as cerca.

4.2.5. O acolhimento brasileiro

Nos ítems anteriores, abordamos diversos aspectos sobre a integração das imigrantes venezuelanas no Brasil. Foram discutidas suas razões para migrar, suas relações familiares,

⁷⁰ MORENO, Gladys. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 70.

sua busca por autonomia e independência, e as dificuldades encontradas nesse processo, seja dentro do mercado de trabalho ou fora dele. Neste, abordaremos o papel das redes de acolhimento brasileiras nesse processo. Segundo Moreira (2010), esse processo é complexo e engloba tanto processos socioeconômicos (que foram o foco nesta dissertação) quanto culturais. Para a autora, para uma integração de sucesso o refugiado (ou imigrante de crise) precisa se inserir na sociedade de acolhimento de forma plena. Isso significa a garantia de emprego e moradia, a oportunidade de aprender o idioma, o acesso a serviços públicos em especial saúde e educação, ambas fundamentais para famílias como as das nossas participantes, com crianças. Também é fundamental, de acordo com ela, a criação de relações com a comunidade local (MOREIRA, 2010).

No Brasil, pelo que pudemos observar através das entrevistas, a sociedade civil, através de ONGs⁷¹ e organizações religiosas⁷², é o principal ator nesse processo de acolhimento. Segundo as voluntárias, após o primeiro contato com o Brasil na Polícia Federal (algumas vezes negativo), são as ONGs e membros da sociedade civil aqueles que deram uma assistência inicial para que pudessem recomeçar suas vidas, através de doações de cestas básicas e outros itens (como mobiliário), do pagamento do primeiro aluguel e, em alguns casos, de orientações e criação de uma rede de apoio entre brasileiros e venezuelanos. Rosa, por exemplo, relatou que começou a se envolver com as redes de acolhimento da sociedade civil assim que atravessou a fronteira, estando em ambos os lados, prestando e recebendo assistência (informação verbal)⁷³. Ela, assim como Milagros, participou do programa de interiorização do ACNUR, Rosa através da Cáritas e Milagros através da ADRA (informação verbal)⁷⁴. Após a interiorização, Rosa continuou o contato com a Cáritas e, depois, passou a se envolver também com o IMDH.

Então, cheguei aqui com Caritas, Caritas me ajudou demais, aí comecei 2 meses depois, comecei a organizar os venezuelanos aqui em Brasília. Na verdade onde eu... entrei como voluntária no Instituto Migrações e Direitos Humanos que até hoje, eles

⁷¹ As ONGs de assistência ao imigrante citadas por nome foram: Cáritas, ADRA, Taare (Uberlândia), ACSI Brasil e IMDH. Dessas, Cáritas, ADRA e ACSI foram citadas em conjunto com o ACNUR. Uma observação importante é que todas essas organizações estão vinculadas a instituições religiosas cristãs.

⁷² Além da atuação por meio de ONGs, há também a atuação de organizações religiosas sem vinculação com ONGs. Isso fica especialmente perceptível no relato da voluntária Ana, que foi acolhida pela Igreja e atua como missionária.

⁷³ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁷⁴ HERNANDEZ, Milagros. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

estão aí querendo me ajudar, enviaram uma vaga de emprego pra mim, faz uns 5 dias atrás. (informação verbal)⁷⁵

Gladys e Juana também mencionaram o trabalho das ONGs, a primeira acrescentando ainda a importância da Universidade em seu processo de integração:

Em relação a acolhimento, com ONGs, ONGs eu agradeço muito o TAARE, eu agradeço muito à UFU que sempre dá oportunidade pra gente estudar, pra passar informação sempre nova, é importante para o imigrante, porque a gente vem de outra sociedade, outra cultura, outro sistema. (informação verbal)⁷⁶

uma organização onde eu estou, que eles também ajudam. E aí, mas... não posso falar nada mal. Acolheram muito, ajudaram muito. Quando minha menina sofreu de paralisia facial, eles até me pagavam os Uber, assim, tudo muito... tudo muito, assim, mais do que a gente às vezes espera, né. (informação verbal)⁷⁷

Maritza também mencionou a atuação das ONGs, e enfatizou também a importância dos cursos de português a que teve acesso através delas, além de outras assistências com donativos.

Eu participei dos cursos, nas ONGs, que eles ofereciam. E foi muito bom porque... eles me ajudaram mais que todo mundo, o grupo deles, em um curso de português que eles oferecem. E o início, quando eu não tinha nada (risos), eu recebi roupas, sabe? Roupas, lençóis, é... doações de todo tipo através deles. E na verdade eu tive uma dificuldade com o meu filho, quando nasceu, e ele nasceu prematura, e aí foi muito difícil porque o custo de uma criança prematura é muito alto. Aí eles me ajudaram com uma 'canastilla', o que a gente chama de 'canastilla' mas acho que é um negócio de... de bebês primeiros, recém nascido, assim, tem uma banheirinha e umas coisinhas. E foi muito legal. Minha experiência tem sido... boa, na verdade. (informação verbal)⁷⁸

Porém, o trabalho das ONGs não ficou imune às críticas, havendo diversas oportunidades de melhora. Uma crítica frequente feita ao trabalho das ONGs é a repetição da ajuda, ou seja, a instituição ajudar uma mesma família diversas vezes, quando há outras pessoas precisando mais naquele momento. Essa falha foi mencionada por diversas voluntárias, incluindo Maritza e Maria (informação verbal)⁷⁹.

⁷⁵ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 76-77.

⁷⁶ MORENO, Gladys. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 78.

⁷⁷ MARTINEZ, Juana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 79.

⁷⁸ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 123.

⁷⁹ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se

Outra crítica que surgiu foi a dificuldade de encontrar as instituições, devido à falta de informação. Adriana, por exemplo, mencionou que passou mais de um ano entre sua entrada no Brasil e quando soube que havia instituições que poderiam ajudá-la (informação verbal)⁸⁰. O mesmo aconteceu com Maria, que só teve ajuda de ONGs após chegar em Minas Gerais, mesmo tendo passado pelos momentos mais difíceis ainda no norte do país (informação verbal)⁸¹. Já Ana relatou ter encontrado ajuda de pessoas específicas, mas nunca o conseguiu em instituições, apesar de ter buscado (informação verbal)⁸².

Outra crítica, trazida por Rosa, foi a ênfase que muitas ONGs dão ao assistencialismo, ou seja, à ajuda por meio de dinheiro, comida e outros itens de doação. Para ela, o trabalho das instituições traria melhores resultados se fosse focado em ajudá-las a buscar emprego, informações (sobre revalidação de diplomas, por exemplo) e formação, para que de fato pudessem recomeçar suas vidas de forma independente.

E nunca concordarei que usem a situação dos venezuelanos só pra pedir dinheiro e comida, e coisa. Porque acontece que o imigrante venezuelano precisa trabalho, precisa moradia. Se você tem uma ONG que dá uma cesta básica por mês, e consegue só comida, comida, comida. [...] Então, o que acontece com algumas ONGs... [e disso] eu posso me sentar com qualquer pessoa que represente uma ONG, usam os venezuelanos só para pedir, pedir e pedir, e não ajudam pra fazer currículo [...] Tem pessoas, profissionais, que não conseguem validar os seus títulos. Então, as ONGs não tão nem aí com isso, ah, você se vira. (informação verbal)⁸³

Assim, quando perguntamos às imigrantes voluntárias sobre o sistema de acolhimento brasileiro, as ONGs foram sim as primeiras a serem mencionadas sob uma lente positiva, demonstrando, de fato, a importância da atuação da sociedade civil para o acolhimento de imigrantes no Brasil. Apesar de considerarmos o trabalho das ONGs, muitas vezes em parceria com o ACNUR, de grande importância e indispensável, essa preponderância pode

transcrita no Apêndice B desta dissertação.; RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁸⁰ GOMEZ, Adriana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁸¹ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁸² GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁸³ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 80.

indicar também uma falta de atuação governamental, transferindo assim uma responsabilidade do governo à sociedade civil.

Essa transferência de responsabilidade fica clara na fala de Rosa, acima, que atribui a dificuldade do processo de revalidação de diplomas, a falta de informação sobre os direitos dos imigrantes e a dificuldade de encontrar trabalho às ONGs. É claro que as críticas são válidas e representam, de fato, pontos de melhoria para o trabalho das instituições da sociedade civil que pretendem ajudar no processo de integração dessas mulheres à sociedade brasileira. No entanto, o que chama a atenção é que muitas dessas cobranças em nenhum momento são direcionadas às políticas públicas brasileiras, ainda que fique claro nos relatos que o acesso a direitos básicos não é, na maioria das vezes, inclusivo para imigrantes. Exemplo disso é que a Política Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia, prevista da Nova Lei de Migração, segue ainda por concluir mesmo após 6 anos da promulgação da Lei (BRASIL, 2017). Ainda, de acordo com o Relatório Cidades Solidárias de 2022, apenas 15 cidades brasileiras possuem normas e órgãos específicos que tenham como objetivo o acolhimento e/ou garantia aos direitos de imigrantes (ACNUR, 2022).

A questão da dificuldade em conseguir a revalidação do diploma, por exemplo, foi um problema que surgiu ao longo de todo o processo de pesquisa, se revelando uma das principais demandas das voluntárias que possuem ensino superior na Venezuela. Entre as críticas ao processo, estão os altos custos e a demora no processo, além da falta de informação: Ana, por exemplo, relatou diversas situações em que buscou informações sobre como conseguir usar seu diploma de Enfermagem para trabalhar no Brasil, mas acabou sendo destrutada em todas essas situações e não tinha conseguido acesso a nenhuma informação sobre a Plataforma Carolina Bori até o momento da pesquisa (informação verbal)⁸⁴.

As críticas ao acolhimento governamental brasileiro surgiram principalmente em relação à atuação da Polícia Federal, tanto na fronteira quanto fora dela. Um dos casos mais emblemáticos de mau atendimento pela PF é o de Isabel, que foi barrada na fronteira por ser, de acordo com as suposições dos policiais, uma prostituta, caso já explorado no item anterior. As críticas à Polícia Federal foram variadas, incluindo: demora no atendimento, tanto na fronteira como para posterior agendamento; cobranças excessivas de taxas, até mesmo para passar informações simples; relacionado ao anterior, inacessibilidade de informações sobre documentos com a PF, além da falta de orientação inicial na fronteira; além de diversos casos

⁸⁴ GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

de xenofobia e tratamento grosseiro, demonstrando a falta de preparo da Polícia para atuar diretamente na recepção dos imigrantes.

Com relação ao acesso aos serviços públicos brasileiros, uma outra crítica comum foi à área da saúde, que em muitos casos não se mostrou preparada para trabalhar com imigrantes. Algumas das críticas, principalmente de Rosa e Juana, foram mais voltadas a problemas que atingem de forma parecida imigrantes e brasileiras: a demora no atendimento, tanto nas UBS quanto nos postos de saúde e, em especial, a dificuldade de atendimento nos serviços de saúde da mulher (informação verbal)⁸⁵. Além da dificuldade e demora no agendamento de serviços de saúde da mulher de rotina, relatados por Rosa, Maria traz um relato ainda mais preocupante, com respeito ao mal tratamento que teve quando perdeu uma gestação, já no Brasil:

é uma médica que ela é... quando eu perdi meu nenê, eu perdi meu nenê faz... 2 anos atrás, quase 3. Aí quando eu perdi, que eu cheguei, ela me tratou assim, muito... [?] história, né, nem olham... quando ela foi fazer a curetagem eu acho também que ela me machucou muito. Ela foi muito grossa, assim, ela nem explicou pra mim, direitinho, nada. Ela realmente foi... eu senti que ela foi grossa, assim. Não foi humanista, entendeu? (informação verbal)⁸⁶

Maritza também mencionou principalmente dificuldade no atendimento de saúde da mulher, quando estava grávida, mencionando que sentiu que as profissionais de saúde a julgavam por estar grávida enquanto refugiada: “Assim que meu maior momento de... de adversidade, foi mais no SUS. Enquanto a receber serviço de saúde, sobretudo o serviço para a mulher, que eu nesse momento estava grávida, e aí eles... foi quase um julgamento porque eu estava grávida” (informação verbal)⁸⁷.

No entanto, surgiu também, no relato de Isabel, uma situação específica em que, por uma questão burocrática e de falta de preparo, foi negado atendimento médico à sua família no SUS devido à sua documentação de refugiada, que, em teoria, seria suficiente para garantir atendimento, mas não foi reconhecido pela profissional em plantão:

⁸⁵ GARCIA, Rosa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.; MARTINEZ, Juana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁸⁶ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 117-118.

⁸⁷ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 124.

no momento que eu fui pra lá, eu levei ele né, e ela falou ‘documento’, aí eu entreguei a documentação, aí ela ficou olhando refúgio e falou pra mim, ‘que que é isso aqui?’ [...] aí ela falou ‘não, mas eu não posso fazer nada, porque eu não tô entendendo isso aqui, eu não sei...’, aí eu falei ‘não, tá bom, deixa assim’. Aí eu saí de lá. (informação verbal)⁸⁸

No entanto, não houveram apenas falas negativas em relação ao SUS. Algumas participantes, como Juana, Maritza e Adriana, elogiaram o atendimento do SUS em casos de urgência e emergência, deixando claro que esse atendimento foi de extrema importância, e um dos motivos pelos quais deixaram a Venezuela: a certeza do acesso à saúde, em especial para os filhos, em situações de urgência. Gladys também elogiou o trabalho do SUS em casos de urgência e emergência, mas fez uma ressalva: para o agendamento de consultas para o filho que tem deficiência, o serviço é mais demorado (informação verbal)⁸⁹.

Outros serviços públicos foram citados de forma mais positiva. Todas as voluntárias com filhos em idade escolar declararam que consideram o ensino público um dos melhores serviços do Brasil. Como exemplo, segue o relato de Gladys:

Com respeito à educação, também muito, muito grata com o serviço de educação porque para mim tem sido o melhor. Quando o menino começou na creche, na cidade de Ibiá, ele melhorou muito, tanto assim que não foi necessária a consulta de psicólogo nem a consulta de neurologista [...] porque eu gosto muito do sistema de educação aqui. É ótimo. Muito, muito bom. De verdade que acho que é o melhor que tem no Brasil. (informação verbal)⁹⁰

Buscando entender as principais necessidades das participantes na visão delas mesmas, nossa última pergunta foi relacionada a o que elas acreditam que poderia melhorar nas políticas de acolhimento ao imigrante no Brasil. Foram mencionados diversos pontos: para Milagros, as ONGs precisam de mais recursos, mais repasses do governo, para que possam estender a assistência a mais famílias. Maria e Luisa trouxeram opiniões semelhantes, mas

⁸⁸ MENDOZA, Isabel. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 113.

⁸⁹ MARTINEZ, Juana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.; LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.; GOMEZ, Adriana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.; MORENO, Gladys. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁹⁰ MORENO, Gladys. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 127.

acrescentando que as instituições, idealmente, deveriam focar nas famílias que estão chegando, garantindo que tenham recursos para iniciar sua vida aqui, antes de conseguirem o primeiro emprego. Luisa, Ana, Maria e Milagros também mencionaram que, para elas, a principal ajuda que imigrantes precisam é na busca por trabalho, além de moradia para os primeiros meses (informação verbal)⁹¹. Gladys, por sua vez, comenta que as ONGs necessitam de mais voluntários, mais pessoas da sociedade civil que estejam dispostas a ajudar (informação verbal)⁹².

Outra necessidade muito mencionada, e que pode ser percebida através dos relatos anteriores, é sugerida por Adriana. Para ela, é essencial que melhorem as formas de gerar informação, seja pelo governo brasileiro, seja pela sociedade civil.

Assim... desde que recebem uma pessoa em Pacaraima, a pessoa já deveria receber pelo menos um... dar um contato, assim, para encaminhá-lo em todas as formas de ajuda que oferecem. Como falou uma amiga aí, a pessoa não fala o idioma, talvez se eles nesse momento falaram... nossa, tem muita ajuda e eu não entendeu o idioma. Mas pelo menos uns escritos que falem... que tenham em espanhol e que tenham espanhol e português, assim que pelo menos no começo você tem que entrar em contato com... disponibilizar os números para a pessoa indagar. (informação verbal)⁹³

Adriana menciona, também, que é necessário que haja informações mais claras e uma desburocratização do processo de revalidação de diplomas, que atualmente tem muito ruído. Já Isabel reafirma a necessidade de informação, trazendo à tona questões mais jurídicas: para ela, existe uma necessidade que as imigrantes consigam entender melhor as leis do país em que estão entrando, para que entendam também seus direitos e consigam se proteger (informação verbal)⁹⁴.

⁹¹ RODRIGUEZ, Maria. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.; GONZALEZ, Ana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.; PEREZ, Luisa. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.; HERNANDEZ, Milagros. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁹² MORENO, Gladys. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

⁹³ GOMEZ, Adriana. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 132.

⁹⁴ MENDOZA, Isabel. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Letícia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

Por fim, Maritza também reafirma a questão da informação, mas questiona também o tipo de ajuda que as ONGs costumam disponibilizar aos imigrantes. Para ela,

às vezes uma cesta básica, não vai mudar a vida do outro, eu acho melhor ensinar alguma coisa, fazer uma coisa, porque... na verdade a gente chega aqui e todo mundo fala "você só vai poder conseguir fazer faxina", ou pedreiro, no caso do homem, ou carregar coisas, e aí eu fico... eu ficava muito... com raiva, né, disso. E eu penso que as ONGs tem que pensar um pouco mais nisso. Em fazer um trabalho sobre isso, de educar a gente e dizer não, a gente pode, a gente tem oportunidade. (informação verbal)⁹⁵

⁹⁵ LOPEZ, Maritza. **Entrevista em Grupos Focais**. [abril a maio 2022]. Entrevistadores: Leticia Neves Angelini e Clara Decol Sentanin. Uberlândia, 2022. 13 arquivos .mov (516 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação. p. 135.

5. Considerações finais

Conforme chegamos ao fim dessa pesquisa, percebemos a importância de adotar uma abordagem decolonial ao analisar a experiência migratória de mulheres racializadas, como as venezuelanas aqui entrevistadas. Pudemos, ao longo do estudo, vislumbrar como essas experiências foram moldadas pelo sistema moderno-colonial de gênero (LUGONES, 2008), e como os marcadores sociais de gênero, raça e classe são utilizados como sistemas de subordinação e exploração no sistema capitalista. Aqui, analisaremos um pouco mais sobre esses fatores.

Vimos que, de acordo com Marinucci (2007), a partir dos anos 2000 é possível perceber, globalmente, uma mudança nas motivações que levam mulheres a migrar. Se antes eram atores secundários nos fluxos migratórios, agora migram como principais provedoras do lar ou, ao menos, como uma das provedoras do lar. Se antes migravam mais frequentemente para estar com familiares, agora migram, cada vez mais, como uma estratégia de sobrevivência. Em nossas entrevistas, esse novo padrão se confirma: apesar de muitas das imigrantes terem vindo ao Brasil com seus parceiros e outros familiares, em geral procuraram trabalho assim que chegaram ao Brasil, e foram, muitas vezes, elas quem tomaram a decisão de migrar, na maioria dos casos aqui retratados motivadas pelo bem-estar dos filhos. Mesmo no caso de Maria, que migrou para se juntar ao esposo, que foi quem tomou a decisão inicial, ao chegar acabou se tornando a principal provedora do lar, pois foi mais fácil para ela conseguir trabalho (como auxiliar de cozinha ou faxineira) que para ele. Essa relação ecoa ainda no conceito de feminização da sobrevivência, de Sassen (2003).

Para essa autora, esse processo de transferência à mulher da responsabilidade pela sobrevivência da família é um reflexo de crises neoliberais que afetam, em primeiro lugar, serviços como os de saúde e reprodução, aumentando a responsabilidade da mulher pelo bem-estar e reprodução de sua família e da sociedade e, em segundo lugar, tornam mais escassas as ocupações “masculinas”, enquanto ocupações feminizadas e precarizadas abundam (SASSEN, 2003).

Antes de chegarmos nesse ponto, no entanto, faz-se necessário retornar ao pensamento de Lugones (2007). Para a autora, o sistema moderno-colonial de gênero hierarquiza os seres humanos baseado nos marcadores sociais de raça e gênero, criando um universo de dominação que objetiva, no fim das contas, servir às necessidades do capitalismo, através da exploração dos corpos femininos e racializados. A dominação do gênero é constituída através de um “lado claro” da dominação, que diz respeito às mulheres brancas, retratadas como

frágeis, puras e passivas e, um lado escuro, que nos interessa aqui, em que mulheres colonizadas são retratadas no imaginário como bestiais, fortes, promíscuas, assim legitimando sua exploração sexual e trabalhista. Dessa forma, de acordo com Mies (1998), criam-se relações de exploração binarizadas, em que a mulher é subordinada ao homem, o preto ao branco, o imigrante ao nacional, e assim por diante. A esfera reprodutiva, ligada ao feminino, é relegada ao âmbito privado e, assim, a mulher colonizada é excluída da esfera pública e do trabalho reconhecido como tal, tendo assim seu trabalho visto como mera obrigação natural (SEGATO, 2016). Esse processo está intrinsecamente relacionado à nova divisão sexual do trabalho, discutida por autoras como Mies (1998) e Gago (2020); essa polarização é a base para essa divisão e conseqüente exploração dos corpos de mulheres colonizadas.

Para Gago (2020), o capitalismo depende, para sobreviver, do trabalho feminino doméstico, imigrante, subalterno, reprodutivo para se perpetuar, e precisa, ainda, manter essas relações de dominação, mantendo esse trabalho invisível e precarizado. Em outras palavras, para Rubío (2003), a posição da mulher, particularmente a imigrante, é determinada pelas relações de gênero, raça e classe, sendo relegadas na grande maioria dos casos à indústria do cuidado ou outras ocupações tipicamente femininas e desprestigiadas.

Esses processos ficam claros em todos os relatos de nossas voluntárias. Quase todas elas realizaram serviços domésticos em algum momento após sua migração, independentemente do nível de escolaridade. Aquelas que não o fizeram, como foi o caso de Luisa e Gladys, não o fizeram por questões específicas: Luisa já veio da Venezuela com outra ocupação, ainda que também tipicamente feminina (beleza), e Gladys apenas não o fez por não poder, devido ao seu filho, trabalhar fora. Todas as demais fizeram parte da indústria do cuidado em algum momento de sua experiência, e todas elas relataram a dificuldade de regularização desse trabalho. Em alguns, foram relatados até mesmo condições análogas à escravidão, como no caso de Ana e Maria, que em determinados momentos trabalharam apenas pela casa e comida; houve, ainda, o relato de Rosa, que em diversos momentos sofreu agressões psicológicas e até mesmo físicas trabalhando como doméstica e cuidadora.

Essas tendências se confirmam, ainda, nos dados da RAIS e PNAD-C, destrinchados nos itens 3.2 e 3.3, que demonstram tendências como a baixa formalização do trabalho de mulheres imigrantes e pretas ou pardas, as diferenças salariais baseadas em raça entre brasileiras e também entre brasileiras e venezuelanas e a grande importância do trabalho doméstico e outras ocupações tipicamente femininas, como a limpeza e a cozinha, entre as principais ocupações para mulheres no Brasil, em particular pretas e pardas (IBGE, 2020; IBGE, 2021).

Esses processos, é claro, se entrelaçam e “bebem da fonte” da discriminação, nas formas de racismo, machismo e xenofobia. Como fica evidente nos parágrafos anteriores, a exploração do trabalho da mulher imigrante racializada se baseia não somente na feminização da sobrevivência e precarização da vida como também na construção de uma subjetividade coletiva que enxerga o branco como superior ao preto ou indígena, o nacional como superior ao imigrante e o homem como superior à mulher. Trata-se de um processo em retroalimentação, sendo essa subjetividade racista e xenofóbica a base para a subordinação dessas mulheres e, ao mesmo tempo, sua consequência. Segundo Crenshaw (1989), essa discriminação surge em diversas formas e se apresenta de forma interseccional, ou seja, a discriminação sofrida por esses grupos não pode ser apenas discriminação por raça ou apenas discriminação por gênero, mas sim muitas vezes a combinação desses preconceitos. Isso ecoa nos relatos de diversas participantes, que foram vítimas em diversos contextos e ocasiões, incluindo dentro de repartições públicas de acolhimento, de diversos casos de discriminação baseada em um ou mais de seus marcadores sociais. Aqui, destaco em especial o caso de Gladys, que viveu na pele as manifestações xenofóbicas que buscaram expulsar imigrantes venezuelanos das ruas em Pacaraima, em 2018; e o caso de Isabel, que foi barrada na fronteira e teve que entrar no Brasil ilegalmente por ser “confundida” com uma profissional do sexo. Neste relato, fica também clara a tão mencionada por Lugones (2007) e Segato (2016) sexualização e bestialização da mulher racializada, estando portanto esta subjetividade influenciando no atendimento das instituições de acolhimento.

Considerando esses fatores, é muito fácil incorrerem no erro de tratar mulheres subalternizadas como meras vítimas desse sistema de exploração. No entanto, é preciso lembrar que, além de um ímpeto pela sobrevivência, a migração feminina pode também ser, inclusive simultaneamente, um ímpeto pela resistência. Apesar das dificuldades, durante nossas entrevistas, tivemos relatos como o de Rosa, que contou ter decidido recorrer à migração não por necessidade financeira, e sim pelo desejo de lutar por si mesma; o que, ainda que com dificuldades pelo caminho, ela está fazendo através do trabalho, ao mesmo tempo em que, junto ao IMDH, procura ajudar outras mulheres venezuelanas como ela a fazerem o mesmo. Encontramos, também, em outros relatos esse encontro com o protagonismo: é o caso de Maria, que conseguiu abrir seu próprio salão de beleza, ou de Maritza, que conseguiu se formar novamente e está, pouco a pouco, se inserindo no mercado de trabalho e construindo uma nova carreira. Essa busca, é claro, torna-se menos dolorosa para aquelas que possuem uma rede de apoio.

Por fim, analisamos também o acolhimento brasileiro às imigrantes, buscando entender se ele foi entendido como aliado ou inimigo nessa busca por protagonismo e superação das participantes. Em geral, o que pudemos apreender durante as reuniões foi um grande sentimento de gratidão, que algumas das voluntárias expressaram, para com alguns aspectos do acolhimento. Entre esses aspectos, estão o acolhimento emergencial de ONGs, instituições religiosas e outros atores da sociedade civil, assim como a educação, tanto para os filhos (Ensino Infantil, Fundamental e Médio públicos) quanto para elas mesmas, como em cursos de português oferecidos pelas instituições supracitadas ou cursos profissionalizantes ofertados por universidades. No entanto, surgiram também algumas críticas ao funcionamento das ONGs, como a falta de ajuda no momento da busca do emprego, que a maioria delas considera o aspecto principal, mais essencial e urgente, de sua integração. Sobre as políticas governamentais de acolhimento e serviços públicos, como já dito, a educação foi bastante elogiada, porém a saúde deixou a desejar, principalmente no que diz respeito à saúde da mulher. Sobre o acolhimento da Polícia Federal, surgiram diversos relatos de xenofobia, demora, alta burocracia e mau atendimento, demonstrando uma clara falta de treinamento para o atendimento de imigrantes. Outra crítica comum foi a dificuldade de encontrar informações acessíveis sobre direitos trabalhistas, como fazer um currículo, como conseguir a revalidação do diploma e a importância da carteira assinada. Outra característica interessante dos relatos foi a falta de responsabilização do governo pelas falhas do acolhimento, apesar da evidente falta de treinamento de agentes públicos e também evidente falta de políticas públicas para o acolhimento.

Para além disso, notamos ao longo de diversos relatos a dificuldade das venezuelanas de se integrar à sociedade brasileira: em muitos casos, relataram que “não sofreram preconceito” porque não saem de casa e não socializam exceto para trabalhar; ou relataram sofrer discriminação em suas relações sociais, quando as tem. Se, de acordo com Moreira (2010), acreditamos que para uma integração efetiva precisamos, além da integração econômica, do aprendizado da língua e do acesso aos serviços públicos, da integração social, notamos que pouquíssimos desses aspectos foram atendidos, mesmo no caso dessas voluntárias, que já estavam no Brasil há uma média de 4 anos no momento da entrevista. Percebemos, assim, que o Brasil não está preparado para atender às necessidades específicas dessa demografia. Esperamos que, eventualmente, as conclusões desta pesquisa possam ser utilizadas para a construção de políticas de acolhimento mais eficazes e empoderadoras.

Referências

ACNUR. **Maioria de venezuelanos em Roraima é jovem, possui boa escolaridade e está trabalhando**: estudo realizado pelo conselho nacional de imigração aponta perfil sociodemográfico e laboral e vai ajudar na formulação de políticas migratórias para imigrantes no Brasil. **Acnur Brasil**. Brasília, p. 1-2. 15 set. 2017. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2017/09/15/maioria-de-venezuelanos-em-roraima-e-jovem-p-ossui-boa-escolaridade-e-esta-trabalhando/>. Acesso em: 26 maio 2023.

ACNUR. **Relatório Cidades Solidárias - Brasil**. Brasília, DF: ACNUR, 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-Cidades-Solidarias-Brazil.pdf>. Acesso em: 15/08/2023.

BARBOUR, R.S.; KITZINGER, J. **Developing focus group research**. London: Sage, 1999. <https://doi.org/10.4135/9781849208857>

BRASIL. **Lei Nº 13.445, de 24 de Maio de 2017**: Institui a Lei de Migração. Brasília, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRASIL. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Pdet). Ministério do Trabalho e Emprego (Mte). **Relação Anual de Informações Sociais – RAIS 2020**: Sumário Executivo. 2021. Disponível em: http://pdet.mte.gov.br/images/RAIS/2020/2-Sum%C3%A1rio_Executivo_RAIS_2020.pdf. Acesso em: 22 maio 2023.

BRASIL. SERVIÇOS E INFORMAÇÕES DO BRASIL. **RAIS 2021: estoque de empregos formais no Brasil foi de 48,7 milhões**: todos os setores da economia apresentaram variação positiva, com destaque para a construção civil, que apresentou a maior variação relativa (9,55%). Todos os setores da economia apresentaram variação positiva, com destaque para a Construção Civil, que apresentou a maior variação relativa (9,55%). 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2022/11/rais-2021-estoque-de-empregos-formais-no-brasil-foi-de-48-7-milhoes>. Acesso em: 22 maio 2023.

BRASIL. Subcomitê Federal Para Recepção Identificação e Triagem dos Imigrantes. Ministério da Justiça e Segurança Pública; Onu Migração. **Migração venezuelana**: janeiro 2017/outubro 2020. Brasil: Si, 2020. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/2020-11-Novembro-informe-migracao-venezuelana.pdf. Acesso em: 23 maio 2023.

BRASIL. Subcomitê Federal Para Recepção Identificação e Triagem dos Imigrantes. Ministério da Justiça e Segurança Pública; ONU Migração. **MIGRAÇÃO VENEZUELANA**: janeiro 2017 - março 2022. 2022b. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-mar2022.pdf. Acesso em: 26 maio 2023.

BOMFIM, Leny A. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva,

Rio de Janeiro, v. 3, n. 19, p. 777-796, 2009.
<https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>

CONNER, M. et al. Understanding teenagers' smoking behaviour: An interpretative phenomenological analysis. **British Journal of Health Psychology**, v. 8, n. 4, p. 479-495, 2003.

CORSINI, Iuri. Brasil tem quase cinco milhões de mulheres a mais que homens, diz IBGE: população feminina corresponde a 51,1% da população brasileira, de acordo com dados da pnad contínua com índices populacionais de 2021. **CNN**. Rio de Janeiro, p. 1-2. 22 jul. 2022. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-quase-cinco-milhoes-de-mulheres-a-mais-que-homens-diz-ibge/#:~:text=O%20trabalho%20aponta%20a%20exist%C3%Aancia,212%2C6%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas..> Acesso em: 26 maio 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1, n. 8, p. 139-167, 1989. Anual. Disponível em: <<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Los Angeles, v. 1, p. 171-188, jan./jun. 2002. Tradução: Liane Schneider.
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBUS, M. **Manual para excelência en la investigación mediante grupos focales**. Washington: Academy For Educational Development, 1997.

DELAET, Debra L. Introduction: the invisibility of women in scholarship on international migration. In: KELSON, Gregory A.; DELAET, Debra L. (ed.). **Gender and Immigration**. Londres: Palgrave Macmillan, 1999. Cap. 1. p. 1-17.
https://doi.org/10.1057/9780333983461_1

DUTRA, Delia. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **Revista Internacional de Mobilidade Urbana**, Brasília, v. 21, n. 40, p. 177-193, jan./jun. 2013. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852013000100011>

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, n. 1, jan./dez. 2003.
<https://doi.org/10.25058/20112742.n01.03>

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderksy. Los desafíos de las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano en el contexto actual. In: MAR DAZA, Raphael Hoetmer; VARGAS, Virginia (eds.). **Crisis y movimientos sociales en nuestra América**. Cuerpos, territorios e imaginarios en disputa. Lima, Programa Democracia y Transformación Global (PDTG), 2012.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. **El Cotidiano**, n. 184, mar./abr. 2014.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Elefante, 2019. Tradução de: Coletivo Sycorax.

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020. Tradução de: Igor Peres.

GILL, A. K.. Focus Group Methodology for Understanding Gender Perceptions and Experiences. **Journal Of Transformative Education**, v. 14, n. 1, p. 26-44, 2016.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 24, n. 12, p. 149-161, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2023. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>

HILL COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge; Malden: Polity Press, 2016.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, v. 18, n. 17, p. 139-156, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100006>

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>

HOOKS, Bell. Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista. In: **Otras inapropiadas. Feminismos desde las fronteras**. Editorial Traficantes de Sueños, Madrid, 2004.

IBGE. **Relação anual de informações sociais: RAIS**. Brasília: MTE, 2020.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: microdados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: SÃO PAULO, MARLÍ EMÍLIO. (org.). **Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 55-64.

KITZINGER, J. The methodology of Focus Groups: the importance of interaction between research participants. **Sociology of Health and Illness**, v. 16, n. 1, p. 103–121, jan. 1994. <https://doi.org/10.1111/1467-9566.ep11347023>

KRUEGER, R. A.. **Focus Groups: a practical guide for applied research**. 3. ed. Sage Publications, 2000.

LUGONES, Maria. Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System. **Hypatia**, Indiana, v. 22, n. 1, p. 186-209, jan. 2007. Trimestral. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251730/mod_resource/content/0/heterosexualism

%20and%20the%20colonial%20modern%20gender%20system%20maria%20lugones.pdf>.
Acesso em: 29 ago. 2021

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**, n. 9, jul./dez. 2008.
<https://doi.org/10.25058/20112742.340>

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p.935-952, set./dez. 2014. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>. Acesso em: 07 jul. 2021.
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>

MARINUCCI, Roberto. Feminização das migrações? **REMHU**, v. 15, n. 29, 2007.

MESQUITA, Felipe Corazza e Lígia. Crise na Venezuela: o que levou o país ao colapso econômico e à maior crise de sua história. **BBC News Brasil**. São Paulo e Londres. 22 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MIES, Maria; BENNHOLDT-THOMSEN, Veronika; VON WERLHOF, Claudia. **Women: The Last Colony**. Londres: Zed Books, 1988.

MIES, Maria. **Patriarchy & Accumulation on a World Scale: women in the international division of labour**. 6. ed. London: Zed Books, 1998.

MIGNOLO, Walter. **Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Ediciones Alkal, Madrid, 2003.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, n. 94, 2017, p.p. 1-18. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>

MIGNOLO, Walter. **The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options**. Durham: Duke University Press, 2011. <https://doi.org/10.1215/9780822394501>

Migration Data Portal. **Share of female migrants in the international migrant stock at mid-year 2020**. Disponível em:
<https://www.migrationdataportal.org/international-data?i=stock_perc_female&t=2020>.
Acesso em: 11 dez. 2021.

MILLÁN MONCAYO, Mária. Feminismos, postcolonialidad, descolonización: ¿del centro a los márgenes?. In: **Andamios. Revista de Investigación Social**, v. 8, n. 17, set./dez., 2011.
<https://doi.org/10.29092/uacm.v8i17.443>

MOHANTY, Chandra Talpade. De vuelta a “Bajo los ojos de Occidente”: La solidaridad feminista a través de las luchas anticapitalistas. In: **Descolonizando el feminismo. Teorías y prácticas desde los márgenes**, 2ª ed., Ediciones Cátedra, Valencia, 2011.

MONTANARO MENA, Ana Marcela; PROQUEST. **Una mirada al feminismo decolonial en América Latina**. Madrid: Dykinson, 2017. Disponível em:
<<https://elibro.net/ereader/elibrodemo/58888>>. Acesso em: 2 dez. 2021.

MONTANARO MENA, Ana Marcela. Ao feminismo decolonial na América Latina. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 239-258, 2021. Tradução: Heloisa Wosniak.
<https://doi.org/10.5380/rvx.v16i1.78261>

MOREIRA, Julia Bertino. Redemocratização e direitos humanos: a política para refugiados no Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**, [S.L.], v. 53, n. 1, p. 111-129, jul. 2010. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/4Hd4sbg45CnrH6dyZ4DXnVs/?format=pdf>. Acesso em: 30 set. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-73292010000100006>.

MORGAN, D.L.. Focus Groups. **Annual Review Of Sociology**, v. 22, n. 1, p. 129-152, 1996.
<https://doi.org/10.1146/annurev.soc.22.1.129>

MORGAN, D.L.. **Focus Groups as Qualitative Research**. 2. ed. Sage Publications, 1997.
<https://doi.org/10.4135/9781412984287>

MOROKVAŠIĆ, M. Birds of Passage are also Women **International Migration Review**, v. 18, n. 4, p. 886-907, dez. 1984. <https://doi.org/10.1177/019791838401800402>

MORSE, Janice M.. Critical Analysis of Strategies for Determining Rigor in Qualitative Inquiry. **Qualitative Health Research**, v. 25, n. 9, p. 1212-1222, 16 jul. 2015. SAGE Publications. <https://doi.org/10.1177/1049732315588501>

NUNES, Ivna de Oliveira. Migração e divisão sexual do trabalho: um olhar para o trabalho das mulheres. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 6., 2018, Vitória. **Anais [...]**. Vitória, 2018. p. 1-14.

OBMIGRA. **DataMigra**. Disponível em: <https://datamigra.mj.gov.br/#/public/bases/rais>. Acesso em: 23 maio 2023.

OSO, Laura. Migración, género y hogares transnacionales. In: ROCA, Joaquín García; VÁZQUEZ, Joan Lacomba. **La inmigración en la sociedad española: una radiografía multidisciplinar**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2008. p. 561-586.

PAREDES, Julieta Carvajal. Las trampas del patriarcado. In: MONTES, Patricia (ed.). **Pensando los feminismos en Bolivia**. Conexión Fondo de Emancipaciones, Serie Foros 2, La Paz, 2012.

PÁTARO, Ricardo Fernandes; CALSA, Geiva Carolina. Reflexões sobre a pesquisa com grupos focais nas ciências sociais e humanas: a questão da quantidade de participantes, proveniência e local de organização. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 56, n. 1, 13 fev. 2020. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos.
<https://doi.org/10.4013/csu.2020.56.1.01>

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Eduardo (org.). **La colonialidad del saber: Eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas latinoamericanas, CLACSO, Buenos Aires, 2000a.

QUIJANO, Aníbal, Colonialidad del Poder y Clasificación Social. **Journal of World-Systems Research**, v. 6, n. 2, 2000b. <https://doi.org/10.5195/jwsr.2000.228>

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Editorial Universidad de Cauca e Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Bogotá, 2010.

RUBÍO, Sònia Parella. **Mujer inmigrante y trabajadora: la triple discriminación**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2003.

SASSEN, Saskia. The feminization of survival: alternative global circuits. In: MOROKVASIC-MULLER, Mirjana; EREL, Umut; SHINOZAKI, Kyoko. **Crossing Borders and Shifting Boundaries: Vol. I: Gender on the move**. Wiesbaden: Vs Verlag Für Sozialwissenschaften, 2003. p. 59-77. https://doi.org/10.1007/978-3-663-09529-3_4

SCRIMSHAW, S.; HURTADO, E. **Anthropological approaches for programmes improvement**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

SEGATO, Rita. Aníbal Quijano y la perspectiva de la colonialidad del poder. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por la demanda**. Editorial Prometeo, Buenos Aires, 2013.

SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. Madri: Traficantes de Sueños, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (ed.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Urbana e Chicago: University Of Illinois Press, 1988. p. 271-313.

STOLZ, Sheila. A feminização das migrações e a internacionalização do trabalho reprodutivo e de cuidados: o revigoramento dos estereótipos de gênero e étnico-raciais, das desigualdades e da injustiça. In: IENSUE, Geziela; CARVALHO, Luciane Coimbra de. **A ordem internacional no século XXI: direitos humanos, migração e cooperação jurídica**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

TEMPLETON, J. F. **Focus groups: a strategic guide to organizing, conducting and analyzing the focus group interview**. New York: McGraw-Hill, 1994.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “As implicações do gênero e da raça na inserção de imigrantes venezuelanas no mercado de trabalho brasileiro”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Marrielle Maia Alves Ferreira e Letícia Neves Angelini. Nesta pesquisa nós estamos buscando compreender como se dá a inserção de mulheres imigrantes venezuelanas no mercado de trabalho brasileiro, e se seu gênero ou sua raça produzem maiores dificuldades para isso.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pela pesquisadora Letícia Neves Angelini. O termo será recolhido em abril de 2022, via e-mail. Em acordo com o Cap. III da Resol. 510/2016, a participante terá o tempo que julgar necessário para decidir se deseja participar da pesquisa.

Na sua participação, você fará parte de um grupo de debate sobre sua experiência como imigrante no mercado de trabalho brasileiro. As participantes serão contatadas por telefone e receberão o presente termo por email; após assinado, serão realizadas até 5 reuniões de 1h cada, via chamada de vídeo no WhatsApp; essas chamadas serão gravadas. Durante os encontros, serão propostas questões gerais, que serão debatidas em grupo. De acordo com a Resol. 510/16 (Cap. VI, Art. 28; IV), os dados da pesquisa, incluindo gravações originais, serão mantidos em arquivo sob guarda e responsabilidade do pesquisador por 5 anos após o término da pesquisa, no mínimo.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. A pesquisadora compromete-se ainda a divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Os riscos consistem em possíveis situações de constrangimento ou desconforto emocional durante as reuniões, no entanto, as questões a serem abordadas serão previamente explicadas a fim de minimizar qualquer tipo de desconforto. Existe, ainda, o risco de falha na plataforma usada para a pesquisa (Whatsapp), prejudicando o andamento das reuniões, caso em que as reuniões serão remarçadas de forma a não atrapalhar a participação das voluntárias na pesquisa e de não prejudicar o entendimento de suas ideias e contribuições; as pesquisadoras ressaltam, ainda, que existe um potencial risco de violação da completa confidencialidade, devido ao uso de plataforma virtual. Ainda que esse risco seja pequeno, as pesquisadoras se comprometem a manter em seu poder, e em seu poder apenas, todas as gravações, transcrições e dados pessoais referentes aos encontros, sem armazenar quaisquer informações na nuvem. As pesquisadoras esclarecem, ainda, que tomam a responsabilidade por eventuais vazamentos. Os benefícios serão a contribuição para a produção de trabalhos que coloquem as mulheres imigrantes em foco, assim contribuindo também para que, no futuro, as políticas públicas para acolhimento de imigrantes sejam pensadas para essas pessoas, assim melhorando a experiência migratória no Brasil.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. É importante que você guarde esta via.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Marrielle Maia Alves Ferreira, telefone (34) 984148211, ou Letícia Neves Angelini, telefone (34) 999107580, ambas pesquisadoras vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (PPGRI-UFU), endereço: Av. João Naves de Ávila, 2121 (Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia), Bloco 1J - Santa Mônica, Uberlândia, Minas Gerais, 38408-100. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha [no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf).

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131 ou pelo e-mail **cep@propp.ufu.br**. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, 10 de Abril de 2022

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE B

Transcrições – Entrevista em grupos focais

- Grupo 1
 - o Reunião 1 (25/04)

[Apresentação. As entrevistadoras se apresentaram, explicaram os temas que seriam discutidos e a dinâmica de funcionamento da pesquisa. Depois, as voluntárias passam a se apresentar]

Ana Gonzales: Bom dia. Meu nome é Ana Gonzalez, tá escutando profe¹? Meu nome é Ana Gonzalez, eu sou de Venezuela, estou aqui morando no Brasil, faz praticamente como 7 anos, com minha família. Viemos porque... viemos trazer/fazer a obra de Deus, fomos escolhidos, então estamos no Brasil com esse propósito. Eu agora estou aqui em Paracatu, frente uma obra da Igreja da [?], com meus filhos, eles são gêmeos, meu esposo, os pais do meu esposo, e já temos 3 anos aqui em Paracatu, trabalhando, mas, estou aqui também tratando de conquistar para trabalhar, porque sou enfermeira, mas tem sido um pouco difícil, mas estou crendo que as coisas vão melhorar. Tá bom? Fico muito feliz de estar compartilhando com vocês.

Letícia (entrevistadora): Obrigada, Ana. Quem quer falar agora? Vamos por ordem de chegada, Maria?

Maria Rodriguez: Bom dia, tudo bem? Meu nome é Maria Rodriguez, to morando no Brasil faz 4 anos e meio, trabalho por minha conta, sou cabeleireira, mas agora estou parada por causa que estou grávida, então [dificulta].

Luisa Perez: Oi, bom dia, meu nome é Luisa Perez, e eu estou com 4 anos aqui no Brasil, moro em Uberlândia, e me mudei agora de novo para Rio Grande do Sul. Eu sou manicure, trabalho em casa, mas é mais difícil para trabalhar, estou procurando emprego em outra área, e bom.

Letícia: Ok, então vamos começar. A pergunta que eu queria fazer pra vocês hoje, a Ana já até começou a responder, é... qual foi o motivo que levou vocês a sair da Venezuela e

¹ Esta participante tinha o hábito de chamar a entrevistadora de “profe”

vir pro Brasil? Então, se tiver alguma história em específico, ou então alguma coisa mais geral.

Ana: Bom, profe, eu quando saí da Venezuela, foi em 2015, já... é assim, quando nós saímos para cá, entramos no Brasil, não estava acontecendo esse problema assim muito forte na Venezuela, mas depois voltamos como em 2 anos, e a situação se pôs bastante difícil, então decidimos entrar no Brasil novamente para trabalhar e conquistar uma vida diferente. Porque a situação estava bastante complicada na Venezuela, estavam escasseando os alimentos, mas não estava tão forte como agora, e isso foi também um dos motivos que nós decidimos, pois, trabalhar na obra, porque também estávamos fazendo um trabalho [recogido/de coleta ou recorrente] em vários lugares e eu tive a oportunidade de nos estabelecermos aqui, mas não tem sido fácil, mas vamos confiando [em nós. Falei] novamente que as coisas vão melhorar, porque aqui no Brasil, para o estrangeiro, é um pouco complicado, em relação ao emprego, e os estudos, não é fácil. Mas estamos tratando de conquistar coisas novas.

Letícia: Em que ano você veio, Ana?

Ana: Nós entramos em 2015, mas a situação em Venezuela não estava tão complicada como estava em 2017, 2018... Mas entramos e depois voltamos à Venezuela. Quando entramos na Venezuela, duramos 6 meses, foi em 2017, aí a situação estava muito complicada, então entramos novamente no Brasil, para trabalhar na obra. Mas quando entramos, decidimos também trabalhar na parte social. Aí que nos demos conta que não era fácil para o estrangeiro. Aí começamos a trabalhar na obra, e comecei a trabalhar na parte de cabeleireira, eu também sou cabeleireira, aí para mim o idioma foi muito, muito complicado, que eu não sabia falar português, aí foi Deus que me ajudou a me relacionar com algumas pessoas que me ajudaram, me colocaram pessoas para traduzir meu idioma, não foi fácil. Mas, aí continuamos trabalhando na parte da obra da Igreja, e também na obra social, comecei a trabalhar vendendo coisas, [auxiliava] muitas pessoas para aprender a falar seu idioma, que ainda não [sabia] bem, graças a Deus, tenho melhorado um pouco. Mas estamos aqui para uma nova vida, meus filhos conseguiram estudar, agora um deles está trabalhando aqui em Paracatu em uma empresa que [?]. E, na verdade, sou muito agradecida de Brasil, de vocês, são muito acolhedores, mas estão acreditando que a vida vai melhorar. Mais e mais, em nome de Jesus.

Letícia: Então só pra ter certeza se eu entendi, você entrou no Brasil a primeira vez em 2015, com uma missão, uma obra da Igreja, é isso? Aí depois você voltou pra Venezuela, passou 6 meses, e aí decidiu voltar de novo?

Ana: Sim.

Letícia: Mais alguma coisa, Ana?

Ana: Se a senhora perguntar alguma coisa, [posso] responder. Depende de você.

Letícia: Tá bom, então vamos deixar pra daqui a pouco. Maria? Ou Luisa, quem quiser falar.

Luisa: Bom, eu vim em 2017 aqui no Brasil, cheguei primeiro em Roraima, trabalhei 2 anos lá, em um salão. Não foi... não foi mal, mas eu queria outra coisa, porque lá estava chegando mais venezuelanos, e Roraima está mais difícil ainda. Aí eu decidi vir para cá, para Rio Grande do Sul, fiquei um tempo aqui, mas quando começou a pandemia, minha irmã que está em Uberlândia disse pra eu ir lá, eu fiquei lá com ela. [Aí fomos eu e meu esposo também, com indenização], mas eu não gostei muito de Uberlândia, porque eu já estava aqui no Brasil, já tinha minhas coisas aqui, e não queria começar do 0 de novo, porque não tem sido fácil. Aí eu voltei e fiquei aqui, mas aqui tem sido difícil também, eu acho que em todo lugar é difícil. Mas você tem que ter confiança em Deus e acreditar que Deus vai abrir as portas para nós.

Clara (entrevistadora 2): Luisa, e você pode falar pra gente qual foi o motivo, por quê que você resolveu sair da Venezuela e ir pra Roraima, teve algum motivo específico... como que foi isso pra você?

Luisa: Eu falo assim, eu acho que fui enganada porque eu estava lá na Venezuela, ainda [fazendo meu trabalho], aí minha irmã estava morando lá. Ela me disse para vir, "eu trabalho como manicure, é muito bom aqui" não sei o quê... Quando eu cheguei, trabalhei de cabeleireira, eu trabalhava de manicure, graças a Deus [?]. E eu fiquei, e não voltei, era só para trabalhar em dezembro, e aí eu fiquei. Depois não quis voltar para a Venezuela. Também pela situação da escola do meu filho, eu não queria que... em Venezuela não tem professores, os professores foram embora, aí você tem que ir em

escola particular, e... trabalhar pra pagar aluguel, pra pagar... para pagar outras coisas, e aí [não dava] pra pagar escola particular. Porque agora é em dólar. E aí [estava] difícil, e eu decidi ficar.

Letícia: Maria?

Maria: Eu cheguei no Brasil em 2018, eu morei também em Roraima, em Manaus, 1 ano, sofri a mesma situação, né, tinha muito estrangeiro, de qualquer país, tem muito lá, então estava muito difícil de achar emprego, por causa de que tipo assim, imigra todo tipo de pessoa, né, gente boa, gente ruim, aí não queriam dar trabalho pra estrangeiro. Aí eu tive que fazer uma viagem com meus 2 filhos mais pra cá, na verdade ia pra São Paulo, só que uma amiga morava aqui, ela me ajudou, lógico, e agora tem 2 anos, 2, 3 anos aqui já. Aí já trabalhei muito em restaurante, em loja, só que tipo assim, o tratamento às vezes não era o mesmo, entendeu, porque você fala outra língua, incomoda, já aconteceu comigo. E [por isso] eu decidi trabalhar pra mim. Eu trabalho em casa, tenho salão, e estou indo.

Letícia: Maria, eu queria saber então o que te levou lá na Venezuela, a tomar a decisão de sair de lá e vir pro Brasil.

Maria: Então, era muito difícil, já nesse tempo, achar, assim, a comida, a cesta básica, era muito difícil, tava muita escassez, né? Tipo assim, você trabalhava pra.. conseguia só pra... não dava nem sobreviver. Agora na Venezuela tem de tudo, só que é um pouco difícil, agora é dólar né? Mas mesmo assim já pelo menos tem de tudo no país, só tem que trabalhar, tem que ter 2, 3 trabalhos pra conseguir né.

Letícia: E teve alguma coisa em particular, tipo um dia que você parou e pensou, não, eu tenho que ir embora? Ou foi o geral?

Maria: Então, a decisão foi do meu esposo, na verdade, que veio primeiro. Ele ficou 2 meses, e depois vim eu, já morei até na rua já, viajando, não foi fácil. E ainda não tá sendo, né? A gente que é estrangeiro, né, é mais difícil. Já é difícil pra vocês, né? Imagina pra gente, é muito complicado.

Letícia: Então eu queria saber, e agora é pras 3 de novo, pensando no que vocês deixaram lá na Venezuela, e o que vocês encontraram aqui no Brasil, o que vocês esperavam que vocês iam encontrar no Brasil, eu queria saber **se vocês acham que valeu a pena**, se o que vocês esperavam foi atendido ou foi melhor, foi pior...

Ana: Assim, profe, não tem sido principalmente fácil para se acostumar a uma nova vida, a uma vida diferente, principalmente o idioma, nem é fácil esquecer todas as coisas que nós [deixamos] lá, porque lá ficou minha casa, ficou parte da minha família, meus netos, e muitas coisas que eu consegui lá na Venezuela, que estudei, trabalhei, me esforcei muito, mas deixar tudo pra começar de novo não é fácil, não é fácil, mas eu dou graças a Deus porque Ele me brindou a oportunidade de também conseguir muitas coisas que nunca pensávamos conseguir aqui no Brasil. E é assim, um pouco difícil, não sei se as pessoas acham que tudo é fácil, não é fácil, às vezes tem que ser forte para não lembrar daquelas coisas que conseguimos lá, com sacrifício, com esforço. Temos que ter um coração muito forte e [temente a] Deus para não nos entristecer. Porque muitas pessoas tem contraído depressão, por exemplo, hoje temos meus sogros aqui, pais do meu esposo, e estão passando por um quadro depressivo, porque eles se lembram de suas raízes, e é normal, pois, entendeu? Eu agradeço a Deus principalmente porque Deus nos dá vida, saúde, e vemos que nos tem abençoado de uma maneira muito maravilhosa, porque nós chegamos aqui sem nada, profe, nós chegamos aqui quase 9 [meses], nós... eu fui muito humilhada, eu pessoalmente eu tava muito mal, porque não, não entendia o idioma. Muitas coisas que aconteceram na minha vida, porque Deus nos deu muitas coisas para ter essa coragem e essa fortaleza.

Luisa: Bom, não é que tenha sido melhor ou pior, eu acho que são experiências novas, eu acho que se nós estamos nesse país, foi porque Deus permitiu nós viéssemos para cá, a verdade é que eu nunca senti falta de voltar lá, até que minha mãe faleceu lá, e não consegui ir. Então eu acho que a verdade é que não sei se vou voltar, se vou ficar, só Deus sabe. Mas, a verdade de coração, eu não sinto falta de voltar porque não ficou nada lá, minha filhas estão aqui comigo, minha mãe faleceu, e meu pai está [perto de mim] também. Então vamos deixar para Deus e ele que decida, se eu volto alguma vez ou fico aqui.

Maria: Então, acho que eu sinto falta, por causa de que tenho pessoas que significam muito pra gente, pessoas que tiveram quando a gente precisou, eu sinto muita falta, porque não é igual estar na terra da gente, não é fácil ser estrangeiro, não é fácil. É verdade, a gente tem vezes que... tem pessoas muito boas aqui também, mas tem vezes que a gente chora, lembra, às vezes a gente tem dor. Só por causa de que, tipo assim, uma pessoa te zoa [o jeito que] você fala, tipo assim, entendeu? Aí eu já sofri muito disso. E tem pessoas ruins também, que às vezes fala, "nossa, você não gosta da Venezuela, da sua...". Então pra gente foi bom, e eu gostaria de voltar algum dia só pra visitar mesmo, porque eu acho que a educação que minha filha tá tendo, ela tem 5 anos, já tá estudando idioma, aí eu acho que voltar lá pra mim fazer uma vida de novo, é começar do 0. Aí eu acho que vai prejudicar a educação dela, entendeu? Porque ela já tá bem... assim, estudando o idioma, ou outra [pintura], então eu acho que no momento eu não voltaria não, só pra visitar, gostaria de ir lá de novo, pra curtir, tipo assim, conhecer o meu país que não terminei de conhecer e... conheci outro, entendeu?

Letícia: Então, eu queria saber de todas vocês, quando vocês estavam lá ainda, vocês... teve um momento que decidiram que vocês queriam vir pro Brasil, e aí nesse momento eu acredito que vocês imaginavam o Brasil de uma determinada forma, as pessoas, a educação, a saúde, enfim, vocês provavelmente tinham alguma imagem. E aí o que eu queria saber é se essa imagem que vocês tinham é o que vocês encontraram, ou se não, se foi melhor ou se foi pior do que vocês imaginavam que seria.

Ana: Eu nunca pensei em entrar no Brasil. Nem sabia que existia esse país, de verdade, estou sendo sincera. Porque eu tava em meu país, ou outros lugares, mas sempre assim... eu via assim, pela televisão, que o Brasil era muito rico, era muito alegre, muito colorido, coisas espetaculares. Mas nunca na minha vida pensei em entrar nesse país. Mas eu creio que Deus sim sabia que eu ia entrar pela situação que se apresentou na Venezuela. Mas você tem um país muito abençoado, de verdade, você tem tudo aqui no Brasil, e assim, é uma bênção para nossa vida. Eu tenho muito a agradecer a vocês, a [?] principalmente, mas você... não é que todos são ruins não, tem muitas pessoas acolhedoras, amorosas, educadas... Por exemplo, aqui em Paracatú, onde estou morando, para mim a vida mudou bastante, porque as pessoas são muito educadas. Nem todo mundo é ruim. Mas também tem muitas, muitas forças que podem abençoar outras pessoas, entendeu? E você tem tudo, tudo. São abençoados 100%, sabe?

Luisa: Eu não acho que era nada do que nós conhecíamos. Eu acreditava que tinha 'garota' por todos lados. Aquelas moças que dançam a dança de vocês. Mas eu estou em uma cidade gaúcha, eles dançam uma dança muito diferente que eu nunca tinha visto, tomam chimarrão, é horrível, eu não gosto. Mas não é nada do que eu acreditava que era, o Brasil, mas dou graças a Deus que estou aqui. Tem sido dias fortes, tem sido dias muito difíceis, mas eu estou confiando ainda em Deus, que ele tem algo bom para nós.

Maria: Então, o mesmo que falou Luisa, pra nós Brasil, a gente já na Venezuela conhecia por causa do carnaval, que era muito alegre, colorido, pela garota, pelo futebol, tipo assim, a gente pensava que era assim pessoalmente, entendeu? Mas realmente não é, tipo assim, minha tia sempre sonhou, ela fala assim, "eu sempre sonhei com ser garota" e ela (queria ir) no carnaval, eu falei, "tia, o carnaval aqui não é como [está] aí", entendeu? Por causa das coisas que a gente vê e não está aqui dentro. É tipo assim, igual na Venezuela, só sabe quem está lá, quem viveu lá, porque já acham pessoas que falam não, na Venezuela não é assim, esse tipo, por causa da situação tem muita briga, a pessoa quer falar uma coisa que não viveram, na verdade. Então eu acho que foi assim, eu acho que foi diferente, porque é um país muito grande, diferente da Venezuela, depois que a gente chegou aqui ficou pesquisando, nossa! Tem muita cidade, aqui pra nós é muito grande, muito imenso. Com respeito à cultura, é muito diferente sim, mas achamos que é muito diferente mas nós respeitamos tentamos manter nossa cultura e nossa [casa], entendeu? E quer dizer, tem pessoas que perguntam, que vem indagar, falar sobre a cultura de nós, e aprender também, entendeu? Aí nós explicamos, tem pessoa aqui chegam mais perto, pra conhecer nós, a comida, é tudo diferente. Eu acho que eu ainda não me acostumo da comida aqui. É a única coisa, português já... eu acho que tudo já estou acostumada, só a comida que é diferente, eu tenho muita saudade.

Luisa: Posso dizer uma coisa? Com respeito à comida, como diz Maria, é verdade, eu sinto muita saudade, porque nós estamos mais acostumados a comer comidas diferentes, de muitos países diferentes. Em nosso país, você conseguia comer comida de todos os países, aqui não, aqui eu acho tem diferença o sushi, eu não gosto nada de sushi, aí eu tento fazer alguma comida parecida de lá, de meu país. É isso.

Letícia: [Encerramento da reunião]

○ Reunião 2 (11/05)

Letícia: Bom, gente, a pergunta de hoje, a primeira pergunta de hoje... eu queria saber com que vocês trabalhavam na Venezuela, como era... assim, não quanto vocês ganhavam, mas como era a vida de vocês, econômica, lá na Venezuela, com que vocês trabalhavam, se eram formadas ou não, esse tipo de situação.

Ana: Bom dia, tá escutando, profe? Bom, eu na Venezuela trabalhava, como eu falei anteriormente, era enfermeira, meu trabalho era de enfermeira, trabalhava em 2 lugares, um hospital e uma clínica. E na verdade era um... vivia uma vida muito... vivia bem, praticamente. Tinha tudo, não me faltava nada, e também trabalhava na parte de, assim, vendia mercadorias, produtos bons, assim, como carteiras de couro... tinha essas 3 entradas de dinheiro. Era muito variável, assim, esse lugar de... financeiramente, entendeu? Mas depois foi decaindo, com relação ao problema que se apresentou na Venezuela, e começou a... começou a... fiquei sem trabalho. E depois percebi que, o arroz, o [? - algum alimento], é.. também, um produto que eu mesma fazia, que chamava [jamal], que eu não sei se vocês se vocês conhecem uma flor assim, como vermelha? Aqui eu já consegui, que se chama hibisco. Conhece? Eu já descobri, comprei pra fazer o suco aqui para tomar com a minha família, aí comecei a vender todas as coisas que tinha dentro de casa na rua, porque o pessoal na Venezuela decaiu com a situação econômica, comecei a [se aparecesse algum alimento, alguma coisa, antes de entrar no Brasil]. Mas meu trabalho anteriormente era esse, enfermeira, tinha tudo, comia o que eu queria, comprava o que eu queria, entendeu? Foi um pouco difícil, por um lado foi bom, porque de um lado tinha o tempo grande de uma vida cômoda, tinha tudo. Alguma outra coisa?

Letícia: Depois eu vou fazer outra pergunta. Maria?

Maria: Bom dia, então eu na Venezuela eu fiz faculdade de enfermagem também, só que nunca exerci, porque depois eu ganhei meu nenê. Aí quando meu nenê tinha 1 ano e meio, eu já saí da Venezuela, já... a situação tava muito difícil, já. É porque nós decidimos sair, quando o bebê tinha 1 ano e meio, já tava muito difícil, lá.

Letícia: Maria, eu não sei se você falou... você trabalhava lá na Venezuela ou...

Maria: Então, eu fazia faculdade e trabalhava, entendeu? Depois que eu terminei a faculdade, aí o eu ganhei o nenê, aí [...] com um ano e meio eu já saí da Venezuela, ele tinha um ano e meio.

Clara: E com quê que você trabalhava enquanto você estudava, Maria?

Maria: Então trabalhei muito, assim, em restaurante, trabalhei em salão também, e fazia faculdade também. Aí depois também vendia produtos, assim, que trabalhava por minha conta, entendeu?

Letícia: Aí a segunda pergunta que eu queria fazer pra vocês, é... e depois, no Brasil? Como foi... com que vocês começaram a trabalhar quando chegaram no Brasil, aí que queria assim, desde que vocês chegaram, como se fosse um histórico, e como são as condições financeiras aqui.

Ana: Bom, tá escutando, profe? É assim, minha história é longa, longa, vou dizer o mais importante. Quando eu saí da Venezuela, eu saí, profe, porque me foi apresentada a oportunidade, com uns pastores de São Paulo, que me ofereceram uma carona, eu não sabia o que era carona, eu dizia "Deus meu, que é isso?", eles me falavam de carona. Aí me apresentaram esse dia, que eu ia vir para Boa Vista, e aí eu passando uma situação um pouco difícil lá com meus filhos, não estava trabalhando, pelo problema como eu falei, aí eu pensei, isso foi um dia, domingo, que eles me falaram que ia entrar para Boa Vista, aí eu falei assim "o que eu faço, meu Deus?", aí eu pensei rápido, aí, e preparei dois malas, as roupas do meu filho, as roupas do meu esposo e meus papeis principalmente, porque eu pensei em trabalhar aqui como enfermeira, mas no dia de terça, eles apareceram na madrugada, aí eu subi (no carro?) e segui com minha família, nós viemos de carona para o Brasil. Aí tomamos um trajeto muito... assim, muito complicado, porque tivemos um acidente no caminho, quase 'nos matamos' todos, aí nos recuperamos, e entramos em Boa Vista, graças ao Senhor passamos pela fronteira, aí quando chegamos em Boa Vista, nos deixaram em um lugar para pegar outra carona, mas em uma 'gandola', sabe umas carretas grandonas, sabe?

Clara: Tipo na parte de trás de um caminhão, assim, aberto?

Ana: Isso aí. Aí graças a Deus, aí... não foi esse dia, aí tive que dormir num lugar... no posto de gasolina com meu filho, aí tivemos [outro dia com fome], não tinha mais comida, aí, bom, graças a Deus, Deus abriu uma porta, mandaram um dinheiro, nós não conhecíamos a senhora que nos entregou um dinheiro [...] nós compramos a passagem de ônibus, e entramos em Boa Vista. Aí chegamos em um lugar, não tinha espaço [...], não sabíamos [onde ir], graças a Deus novamente Deus abriu outra porta, e [...] uns senhores de uma Igreja foi quem nos deram uma oportunidade de viver em sua casa por 3 meses. Aí eles nos deram comida, nos deram roupa, nos ajudaram, nos apoiaram. Aí depois decidimos começar a empreender por nós mesmos, nossos próprios meios de avançar. Eu falei pro meu esposo, "eu não vou ficar aqui, eu necessito crescer aqui, eu não vim para retroceder, eu sei que já está uma situação difícil, mas eu... eu me sinto uma mulher capacitada, guerreira para continuar com a minha família", eu falei pra ele. E ele me olhava assim, meio, tá bom, vamos fazer junto com nosso filho. Eu preciso ver meu filho crescer, porque eu vim para cá para conquistar coisas novas, aí eu falei pra ele. Não foi fácil, não. Aí, porque eu nunca havia passado por [nada] assim de esperar que outros me tenham que dar, esperar... passar humilhações, coisas, entendeu? Aí eu passei a passar tudo isso, comecei a viver tudo isso, assim... humilhações, eu tinha que passar momentos desagradáveis, tá entendendo o que eu to falando? Porque é aquilo, eu não tenho família, só amigos, e eu sei que momentos assim que [te colocam em] algum lugar, a gente aceita, que nós estejamos. Mas depois começaram a me tratar mal como mulher. A me humilhar, muitas pessoas, muitas famílias me humilharam. Aí eu era pobre, eu tinha força de Deus, e eu falava assim "não vou retroceder para a Venezuela, vou me impulsinar para..", "você tem que voltar para o seu país", falavam!, eu dizia não, eu dizia em minha mente, "eu não vou voltar, eu vim pra cá para uma vida melhor, para conquistar, vou conquistar", assim eu pensava. Aí, graças a Deus, eu comecei a fazer uma coisa que chama Dimdim, você sabe o que é Dimdim? Eu colocava na sacolinha, eu não sabia preparar, mas eu olhava como preparar, mas eu preparei, fiz suspiro, não sei se a senhora conhece suspiro, é um negócio assim como [logo], aí me emprestaram um fogão, e eu comecei a preparar isso com meu filho, eu comecei a ir para a rua vender com ele. Vender dindim. Fui ajudante de pedreira do meu esposo, pra poder ganhar dinheiro. E eu estava assim tão, tão... eu tinha uma ilusão, tinha o sonho de trabalhar em Manaus de enfermeira, mas nunca pude trabalhar. Aí eu vendia tudo isso. Comecei a fazer pulseira, eu faço pulseira, eu trabalho com artesanato. Comecei a fazer pulseira,

brinco... e eu ia para uma praça, colocava um pano, colocava tudo que eu fazia e vendia, mas fazia dindim, saíam todos horríveis, a gente provava e botava dindim, Deus meu, eu juro (risos), mas eu tava era por dinheiro, entendeu? Aí em 2 meses eu fiz 2 mil reais, guardando, guardando, guardando. Aí eu comprava pão, comprava outras coisas, café... aí depois me mudei pra outra casa, porque já não [queriam] ter-me ali com meu filho. Depois eu fui pra outra casa, eu me mudei 7 vezes.

Clara: Ana, isso tudo foi em Boa Vista?

Ana: Não, foi em Boa Vista e Manaus.

Clara: Manaus, depois dos 3 meses você foi pra Manaus?

Ana: Isso.

Letícia: E lá no comecinho, antes de você começar a fazer dindim, você trabalhava em casa de família?

Ana: Não, emprestavam [quarto, casa] para nós para viver, mas eu ajudava, sim, lavava roupa lá, fazia tudo limpinho, tudo [...], eu fazia tudo, eu pedia permissão, "eu posso ajudar? eu posso fazer...?" e como viam que eu fazia tudo, eles deixavam eu fazer, entendeu? Pra eu poder ganhar esse... bom, para que eles pudessem me ajudar. Eu fazia tudo [?] tudo, profe. E eu tinha quase roupa, porque não pude trazer quase nada, nem meu filho... É uma história muito longa, e tremenda. Aí o que acontece, aí depois que entramos em Manaus, eu pensei que eu ia poder ativar todos os meus conhecimentos que eu tenho escondido, eu falei, porque eu também sou [serigrafista], sou artesã, eu faço tudo. No meu tempo, quando eu estava jovem, eu aprendi tudo isso, porque minha mãe me pôs a estudar muitas coisas, até 'tornera' eu sou, eu fiz esse curso de 'tornería', não sei se já a senhora conhece disso também, tornería, fazer peças, sabe, não sei se a senhora conhece...

Clara: É tipo metalurgia, eu acho...

Ana: Isso! Isso... eu aprendi muitas coisas quando tava jovem. Agora, graças a Deus, ali em Manaus eu tive que sacar meus conhecimentos para trabalhar. Aí eu ia para as ruas

pela manhã, caminhava pela rua, e voltava às 2h da tarde, com esse sol quente! Porque lá faz muito calor. Aí eu me ajudei muito vendendo dindim, vendendo brinco, pulseira, tudo isso porque... eu trouxe numa sacola muitas pedrinhas lá da Venezuela que são muito lindas, ainda tenho guardadas (risos), mas eu fiz muitas coisas, e vendia isso a 10 reais, 5 reais, às vezes dava de presente o produto, porque às vezes a pessoa se apaixonava, "ai, gosto disso, dá pra mim", aí eu falava "toma isso pra você". Aí eu fui 'reunindo', aí eu me mudei em Manaus 7 vezes com meu filho. Às vezes me sentia triste, às vezes chegava uma ideia na minha mente, assim, para voltar para minha casa, mas não podia não porque praticamente lá não tinha nada que comer. Não tinha trabalho. Foi muito difícil, sabe, para meu filho, para minha família. Aí em Manaus eu consegui muitas coisas. E foi assim, escalando, fui escalando, depois já não vendia na rua, e sim conheci algumas senhoras que tinham uns salões, eu mesma perguntava se precisavam que cabeleireira, porque eu sabia também isso, me falavam, "a senhora tem experiência?". Elas não gostavam porque... aquelas pessoas são muito cuidadosas, entendeu? Como não conhecia ninguém, não vão colocar pessoa sem saber. Aí já, como... vou falar assim, tive, no ano, 4 meses trabalhando na rua, depois fui para um salão, me deram uma oportunidade, uma menina que tinha um salão, não era muito grande, aí ela me deu a oportunidade de trabalhar meio dia, e no outro dia eu fazia um mingau que se chama mingau de banana (risos), não sei se a senhora conhece, eu aprendi a fazer isso porque uma menina como de 20 anos me ensinou, aí eu pegava uma panela para fora, com uma mesinha, uma mesa, para a rua e eu vendia tudo isso, profe, eu ficava lá preocupada [pelo sinal?] também, entendeu? Aí eu vendia também pipoca, meu filho aprendeu comigo, e ele fazia tudo isso, e eu vendia assim, vendia para a Igreja, vendia em frente da Igreja, uma vez me aconteceu um problema, fui vender esse... mingau branco, aí eu fiz, muitas pessoas ali me trataram mal, porque eu não tinha que tá vendendo lá. Foram coisas horríveis, meu Deus. Aí eu segui vendendo, mas sempre fazia algo para ter dinheiro para poder comprar pão, café, para ver meu filho comer. Aí depois uma vez... foi a última vez que me mudei, para uma casa muito feia, feia, feia, feia, eu nunca me vi vivendo numa casa tão feia (risos), aí quando eu olhei essa casa eu pensei, "uau, eu não quero viver aí não", na minha mente, e meu esposo me falou assim, "aonde vamos viver?", ele disse. Aí eu fiquei olhando, assim... meu espírito saiu tão rápido de mim e foi pra minha casa, foi pra Venezuela, foi rápido, aí eu falei assim, "tá bom, vamos viver aí, mas eu vou tratar de limpar essa casa, deixar ela muito

linda, pra poder entrar com minha família, porque essa foi a casa que emprestaram para nós". Aí, em 2 dias eu limpei essa casa, ficou muito bonita, tudo bonito, arrumadinho, não tinha cama, não tinha nada para dormir, entendeu? Aí depois de uns 3 dias eu conheci uma menina, que sempre graças a Deus, Deus me pôs graças, e eu fiz amizade com ela rápido, e ela conseguiu conquistar cama para mim, roupa pros meninos, consegui um fogão, aí todo mundo ficou impressionado quando viu essa casa tão bonita em dois dias. Entendeu? Aí também não tinha alimento, aí conheci um menino que graças a Deus, Deus o abençoou, ele se apaixonou por essa família e começou a nos ajudar, a nos trazer comida, a nos trazer tudo que necessitávamos. Aí depois foi quando decidi começar a caminhar para poder conseguir outro trabalho, já que não queria trabalhar mais na rua (risos), queria conseguir um trabalho diferente. Aí meu filho me falava, "mamãe, você não vai trabalhar, porque você não sabe falar português", e eu falei assim "como que eu não vou saber? Deus vai me dar a palavra pra eu conseguir um trabalho! Eu vou conseguir um trabalho, eu não sei, esses brasileiros vão ter que aprender espanhol também" (risos), eu falava! Aí, eu fui caminhando, sem dinheiro, debaixo desse sol, aí consegui perguntar pra cá, perguntar pra lá, ninguém queria me dar trabalho. Aí depois foi quando consegui um salão. Consegui um salão. Eu fiz um currículo de todas as coisas que eu sei fazer, mas a senhora não queria me dar trabalho, porque ela falava assim que eu não merecia estar trabalhando aí, porque eu não era preparada, e, sabe, eu falava, "minha senhora, eu não preciso de nada disso, eu preciso trabalhar e ganhar dinheiro, se a senhora quiser que eu lave roupa, eu lavo roupa, se a senhora quiser que eu limpe, eu limpo", entendeu? E aí foi que ela me ligou, e eu fui trabalhar com ela, durei 1 ano e meio com ela, ela gostou de mim, ainda somos amigos, conheci seu esposo pela [polícia], e eles não queriam que eu parasse de trabalhar, aprenderam também a falar espanhol e me ajudaram muito, sou muito agradecida por eles, mas não foi fácil, professora. Aí agora estou mudando para cá, que me mudei para cá para... para Brasília, já tenho 2 anos aqui em Minas Gerais, como contei à senhora, sabe? Mas hoje em dia estou desfrutando a bênção de Deus, estou desfrutando, profe! Agora eu sou, assim, eu me sinto premiada. Porque eu quis abrir, lá em Manaus, eu ia abrir um salão de beleza em Manaus, eu comprei tudo com meu trabalho, pra colocar um salão de beleza, eu estava alugando lá um apartamentinho, mas me ligaram, o bispo [?] aqui de Brasília, que eu viesse para cá com meu esposo à frente de obra, de uma Igreja aqui. Foi quando eu decidi com meu esposo vender tudo lá, eu vendi tudo, dei

tudo de presente lá, e vim para cá com minha família, agora estou desfrutando da bênção, graças a Deus, professora. Meus filhos se graduaram, um deles está trabalhando, como falei, em uma empresa de Minas Gerais, que se chama... o outro está estudando, está estudando e trabalhando. E Deus me deu muitas coisas aqui, eu estou muito agradecida professora, se você olhar assim, eu estou... tenho um ano desfrutando (risos). Deus tem sido maravilhoso. E aqui as pessoas tem sido muito diferentes. Lá eu passei um processo muito, muito forte, fui muito humilhada, professora, muito forte, eu senti no meu coração um momento, de me deixar ali, de amargura, eu me sentia muito triste, muito triste, eu não sabia, não sabia por quê estava passando isso. Mas tudo eu fiz por uma melhor vida, entendeu? Ainda estou em um processo, mas estou crendo em Deus que Ele tem coisas melhores para mim. Eu sou muito guerreira, não tenho medo de nada. É assim profe. Alguma outra coisa? A senhora me pergunta, eu posso contar muita coisa, muito mais.

Letícia: Ana, agora em Brasília você e seu marido tão trabalhando numa obra, é isso?

Ana: Estamos trabalhando, profe, não é fácil, vou te contar sinceramente. Trabalhar com pessoas não é fácil, e com diferentes 'caráteres', não é fácil, você tem que ter um coração muito sábio, uma mente muito sábia, para poder tratar com diferentes 'caráteres', com diferentes problemas. Porque se a pessoa que está aqui, eu nunca contei minha vida tão em profundidade, nunca, mas se Deus me escolheu para esse trabalho, eu o estou fazendo com muito amor. Mas trabalhar com pessoas não é fácil. Um dia eu na Igreja dei um pequeno testemunho, de como tem sido minha vida triturada, minha vida processada, não contei tudo, contei pouquinha coisa, porque eu falo assim, se estou aqui é com um propósito, e se Deus me trouxe, e me passou por um processo, foi para esse, para esse trabalho, entendeu? Aqui é outra história mais (risos), aqui, é outra história. Então eu dou graças a Deus, porque eu me sinto assim, privilegiada, entendeu? Primeiramente... então, essa é uma outra, nova história que eu estou aqui em Minas Gerais. E eu estou melhorando, porque eu não sabia falar muito portunhol, não. Eu fui melhorando, tive que trocar a Bíblia de espanhol a português, e tive que fazer muitas coisas diferente, mas aqui também não tem sido fácil, fácil, não. Eu superei muita coisa, graças ao Senhor, e me sinto feliz porque meu filho, quando entraram no Brasil, eles estavam estudando porque eu consegui umas vagas pra eles, mas quando eu fui me dar conta se eles estavam estudando, eles estavam recebendo aula assim. Aí Deus abriu essa

porta para eles. Eles sabem falar português, escrever português excelente, professora. E eles não estavam ajudando nosso ministério, e isso mudou logo, tão aprendendo, cantam, fazem muitas coisas. Foi Deus professora, que me ajudou, mas não foi fácil, não. Eles têm agora suas coisas, que comprar com seu trabalho, tudo, sendo que eles chegaram aqui sem nada.

Clara: Então você também trabalha com a comunidade no seu ministério, então?

Ana: Eu trabalho à frente, agora, com meu esposo. É assim: eu estou ajudando ele, porque sou sua esposa, e estamos no ministério aqui juntos, temos anos trabalhando desde Venezuela, fazem muitos anos, faz assim, quase 30 eu trabalhando no ministério, na Igreja lá da Venezuela. Da Venezuela pra cá. Aqui, [?] de entregando essa obra. Nós aceitamos, eu aceitei, porque meu esposo falou comigo, eu disse "tá bom, vamos trabalhar" porque eu gosto disso também, eu amo as coisas de Deus. Aí aceitamos e viemos juntos, novamente com 2 malas, carregamos tudo em Manaus, muitas mulheres me falam assim, "eu não faço isso não, a senhora é muito corajosa", e eu, glória a Deus. É que é assim, a gente tem que conquistar, se não não vai conquistar. Assim, gente de 'retos', gente que não tem que ver... tem que ver mais além de seus narizes, mais além. Tá entendendo o que eu to falando?

Clara: E nesse trabalho que você faz com a obra, vocês recebem mais pessoas que são venezuelanas também, ou é todo mundo, gente de todo lado?

Ana: Não, é assim: esse campo de trabalho nosso, quem quiser assumir, nós estamos de braços abertos, nós não temos exceção de pessoas, nem nada disso. É um trabalho expansivo, quem quer vem. Mas aqui [na Igreja] nos prestam uma ajuda financeira, não é muito, mas tem sido uma ajuda. Tudo que nós fazemos, é com amor, com dedicação. Mas como eu falo, novamente, estou muito agradecida, porque Deus abençoou meus filhos, meus filhos foram muito abençoados, ele trouxe os pais do meu esposo para cá também, que já estão idosos, e eu continuo tratando de conquistar, ver se eu posso trabalhar como enfermeira. Eu fui a Uberlândia, fiz o curso de higienista com vocês, foi Deus que abriu essa porta para minha vida porque professora, eu essa noite estava na Internet, eu não conheço muito esse telefone, mas eu comecei a pesquisar e foi quando me inscrevi e fui selecionada. Aí eu estou também graças... esse foi o testemunho que

eu dei na Igreja, foi Deus que abriu essa porta com vocês, eu fui a Uberlândia, me deram meu diploma, mas eu ainda continuo, continuo lutando para ver se conquisto esse código para trabalhar como enfermeira, porque eu amo essa área da saúde, eu trabalhei por muitos anos lá. Mas por agora eu trabalho só na Igreja com meu esposo, as pessoas nos apoiam, tem muitas pessoas lá que gostam do nosso trabalho. E praticamente estou descansando um pouco, entendeu? Como, eu tava trabalhando em Manaus, eu to agora descansando um pouco e me sinto agora como uma rainha (risos), está entendendo? Porque Deus faz, eu creio que Deus está me dando a oportunidade de relaxar, porque eu eu mereço muito, todos nós merecemos, mas eu tenho muitos amigos venezuelanos, muitos amigos lá da Venezuela, amizades minhas que nos conhecem, eles querem vir para cá, pra Minas Gerais, e as pessoas falam pra mim, [?]. As pessoas me falam que este é um lugar que é muito caro, é verdade, professora, esse é um lugar caro. Mas as pessoas que vivem aqui podem viver em qualquer outro lugar, mas eu trabalhando por agora, não estou trabalhando assim... na rua, nem nada disso, entendeu? Só recebo essa ajuda da Igreja, e esse trabalho que estou fazendo e nos pagam um pouco, não pagam muito dinheiro mas nos pagam, e o privilégio que eu tenho é meus filhos agora estão graduados, e estão trabalhando, foram também muito privilegiados.

Letícia: Ana, eu tenho mais 2 perguntas. Quando você tava lá em Manaus ainda, naquela fase de procurar emprego, antes de você conseguir no salão, em algum momento você sentiu que as pessoas não queriam te contratar porque você era venezuelana?

Ana: É, porque eles... primeiro porque eles nos veem assim, com... com maus olhos, tá entendendo? Eu passei isso. Às vezes nem olhava as pessoas na cara, nem falava nada, porque, tinha medo. E quando eu ia pela rua, eu 'machucava' o portunhol, eu falava.. ai, Deus meu, é uma coisa tremenda. Pra poder pegar as mercadorias, poder vender a mercadoria. Eu também ia às vezes com uma amiga. Mas foi pelo problema do idioma. Que as pessoas parece que tinham como um medo de colocar alguém a trabalhar. E eu falo uma coisa, e me desculpa, não é pra ofender ninguém, não, eu respeito a cultura, eu sei que muitas pessoas não são preparadas como somos nós, vocês são um país muito desenvolvido, tem muitas pessoas que não aproveitam as oportunidades. Aqui fazem de tudo para que as pessoas se preparem, mas muitas pessoas não aproveitam. Tá entendendo? Mas não desculpa, assim, que eu... ai, eu conheci muita coisa, então as

peessoas nos desprezavam, nos descartavam. Porque eu falo assim, se a senhora não sabe falar espanhol, por que eu vou desprezar a senhora? Pra mim seria um orgulho eu ensinar a senhora a falar espanhol. É verdade sim! Então eu creio que as pessoas devem ter esse amor pelo próximo. Acolhê-lo, ensiná-lo, abraçá-lo, brindar-lhe amor. Isso é o que temos que fazer, nós seres humanos. Eu falo assim, eu penso dessa maneira. Então essas coisas aconteceram comigo, me descartavam. Entendeu? Alguma outra coisa?

Letícia: Só mais um pergunta, você chegou a tentar fazer a revalidação de diplomas, como tá? Pra poder atuar...

Ana: No trabalho de enfermeira? Isso. Então, professora, eu fui retirar o diploma que eu ganhei, graças ao Senhor, por vocês, que Deus os abençoe a todos. E eu aproveitei pra falar com a secretária da UFU, não sei se a senhora conhece... e ela me deu a oportunidade de pedir toda minha documentação na Venezuela e mandar para lá, pra ela poder passar, poder entregar ao diretor da UFU. Eu fiz isso. Agora dia 30 eu vou outra vez pra Uberlândia, eu mandei toda minha documentação, do meu diploma, de minhas notas, tudo, porque eu passei quase 15 anos que eu não via minha professora, aí eu pesquisei, pesquisei, falei pra ela, consegui tudo, ela mandou tudo pra mim, me cobrou (risos), me cobrou 8 dólares. Algo assim. Aí ela mandou toda essa documentação e eu mandei para a UFU, e agora estou esperando resposta do diretor, e eu estou doida que ele me ajude rápido porque agora saiu um seletivo aqui em Minas Gerais, e eu já quero me inscrever nele, pra ver se eu conquisto algo. Entendeu? Isso é o que eu estou esperando, mas já fiz amizade com um grupo aqui do posto de saúde, falei com essas mulheres, me pus às ordens, falei pra elas, se elas querem ajudar-me eu posso ir voluntariamente, aprender, eu falei, eu não sou uma mulher que fico acomodada, eu entro porque entro, eu sou assim (risos). Então elas também estão preocupadas, que querem me ajudar, só me falta isso. Porque aqui em MG, eu conheci uma senhora e ela me tratou horrível. Ela me tratou horrível. Eu falei isso aqui no posto de saúde. Desde que me viu, parece que não gostou de mim. Eu levei toda minha documentação, a apresentei, eu saí de lá chorando.

Letícia: Quem é essa pessoa? Onde foi isso?

Ana: Aqui em MG.

Letícia: Mas o que ela fazia, como você conheceu... ela, foi no posto de saúde?

Ana: Não, ela trabalhava na prefeitura, e agora falaram que voltaram a colocá-la. Mas ela me tratou muito mal. Eu fui, entreguei toda minha documentação, eu falei que eu queria trabalhar, que eu queria trabalhar, e ela me... me humilhou praticamente, me tratou muito mal. Eu me fui triste e chorando. E eu não desisto não, eu não desisto, eu vou continuar, eu vou conquistar esse código. Eu vou conquistá-lo. Você vai olhar... você vai se lembrar de mim. (Chorando) Eu falei pro meu filho e pro meu esposo, vou conquistar isso, em nome de Jesus. Não vou parar, não. Eu tenho muitas coisas para dar para outros, eu quero dar curso, eu quero ensinar outras mulheres que não sabem, esse meu dom. Eu era professora lá, na Venezuela, eu ensinava outras mulheres. Eu tinha o conhecimento, entendeu? Eu não vou parar, você vai se lembrar de mim. Eu vou conquistar isso, em nome de Jesus. Porque nós não podemos ser egoístas. Se a senhora sabe muita coisa, por que a senhora não pode transmitir para outro, por que a senhora não pode passar para outro? Por que nós temos que ser tão egoístas, não devemos ser assim, porque há muitas mulheres que não sabem nenhum ofício, não sabem nada, e elas às vezes têm sonhos, têm esperança de conseguir alguma coisa, não têm dinheiro para pagar, mas se alguém aparece e ensina a outro, isso é uma gratidão. E amanhã ela pode tirar proveito de um conhecimento que nunca poderiam ter. Entendeu? E essa pessoa... isso... eu quero dizer... eu estou agora em uma casa aqui, grandona, que estamos alugando, não tenho dinheiro, mas eu tenho, nós temos pra pagar isso aqui, e tenho espaço lindo aqui, e eu sonho em ter um grupo de mulheres aqui pra ensinar, mas se não tenho esse código, não posso, se não tenho um registro, não posso. Mas... essa é minha inquietude, eu quero trabalhar. Estou falando com todo meu coração: eu quero trabalhar. Eu não tenho nada contra ninguém, a gente não tem que ser assim com as pessoas estrangeiras, a gente tem que ter coração, entendeu? É assim, não tem sido fácil, não, mas eu sei que tem outras coisas melhores para minha vida. Alguma outra coisa?

Letícia: Só isso. Depois, Ana, eu vou te mandar um áudio falando sobre o processo pra conseguir validar seu diploma, tá? Mas eu te mando no Whatsapp.

Ana: Eu agradeço muito, de verdade.

Maria: Então, como eu falei, na Venezuela, quando meu menino tinha 1 ano e meio, eu saí, meu esposo chegou primeiro aqui a Boa Vista, ele chegou 2 meses, depois eu vim. Aí eu deixei meu nenê com minha mãe, ele tinha um ano e meio, deixei lá de 1 ano e meio. Aí meu esposo trabalhava numa padaria, só que ele ganhava muito pouco. Mesmo assim, ele conseguiu pagar o boleto do ônibus, né, pra ficar... era bem perto, né, era depois de... depois de Boa Vista, chama Caracaraí, era muito pequeno ainda. Ele trabalhava na padaria, aí eu trabalhava às vezes com a senhora, fazia alguma coisa, ganhava 20 reais, 30 reais, ajudando ela só. Aí ele vendia pão de bicicleta, na rua. Aí depois ele ficou mais... nós ficamos mais ou menos como 2, 3 meses. Depois fomos a Manaus, porque era muito pouco, entendeu, aí a gente tinha que... a gente não pagava aluguel, morava na padaria mesmo, tinha um quarto e eles arrumaram pra nós. Só que eu fazia comida pra todo mundo, pros trabalhadores, tudo, pra eles deixar morar, entendeu? E ele trabalhava também, pra eles. Aí quando nós fomos pra Manaus, nós fomos sem nada, só com pouca roupa, porque a gente ficou muito pouco tempo lá em Caracaraí, e a gente não conquistou, né? Não consegui conquistar muita coisa. Aí nós fomos pra Manaus só com as roupas mesmo. Chegamos de madrugada, de carona mesmo, que a gente chegou lá. Aí nós estávamos procurando uma Igreja, pra ver se eles ajudavam, pelo menos davam uma assistência, né, aí não conseguimos nesse dia, e conseguimos um outro venezuelano, e ele falou que tava morando aqui nessa área, sabe? Aí nós pegamos amizade, porque a gente não conhecia nada. Aí no dia seguinte eu já saí, nós saímos pra procurar trabalho, entendeu? Aí eu consegui trabalho no mesmo dia que eu cheguei, em um restaurante, aí eu comecei, é... foi difícil, porque tinha pouco tempo aqui no Brasil, não sabia muito falar, né. Aí tinha que conhecer tudo, a cozinha, o fogão, tudo, né? Aí devagarinho fui aprendendo. Aí eu trabalhei mais ou menos como 8 meses, pro meu esposo foi mais difícil... Teve uma moça em Manaus que ajudou nós, ela primeiramente ela alugou um quartinho pra nós, e ela doou cama pra nós, roupa, ou o que a gente precisava, né, assim, sabe? Aí já com o aluguel que ela pagou, ela era da Igreja também, e como eu já tava trabalhando, no seguinte mês eu já pagava, entendeu? Meu esposo eu vendia água na rua, ele começou, ela ajudou ele, e ele vendia água na rua, assim, enquanto eu trabalhava. Pertinho da onde eu trabalhava ele já vendia água, fazia alguma coisa. Aí no seguinte mês, ele procurou emprego porque era difícil, sabe? Pra homem é mais difícil arranjar emprego, que pra mulher, mulher acha muito rápido. Aí passou mais ou menos uns 2 meses, aí no restaurante onde eu

trabalhava eles precisavam de entregador, só que eles pagavam muito pouco. Mesmo assim ele foi trabalhar, né. Aí depois precisavam de chapeiro, porque era restaurante e lanche. De manhã lanche, depois almoço, e à tarde tinha jantar também. Aí ele entrou a trabalhar como chapeiro, só que ele entregava, fazia os lanches, e ainda assim ele ajudava na limpeza, aí pagavam só 400 reais pra ele, pra fazer todo esse serviço aí. Aí ficamos 4 meses, sabe? Aí pra mim pagavam 1200 reais mas não estava registrada, não tava nada. Aí eu fiquei 8 meses, aí eu saí por causa daquela... sabe, ela queria me sobrecarregar de serviço, eu era auxiliar de cozinha, também fazia de atendente, de caixa, aí era difícil pra mim porque na hora já do almoço tinha que tá tudo cortado, aí ela não queria pagar pra outra pessoa entrar e fazer o serviço de atendente, sabe? Pra mim não deixar largar o que eu estava fazendo. Aí eu saí, aí eles me pagaram, aí eu comprei um carrinho de salgado. Aí quando eu comprei o carrinho de salgado eu saí, aí eu comecei... antes de comprar o carrinho de salgado, eu saí e comecei a vender café no [Porto] de Manaus, na feira lá, de madrugada. Aí depois comprei o carrinho, meu esposo ficou no restaurante, aí depois que compramos carrinho, eu estava vendendo, meu esposo ainda lá. Eu vendia na rua, vendia salgado, vendia café, vendia de tudo assim, e meu esposo trabalhando no restaurante, ficava mais ou menos perto. Aí depois com o tempo ele saiu, porque ele realmente, eles abusavam dele, sabe? Por todo o trabalho que ele fazia, pra pagar 400 reais, nossa, era trabalho de 3, 4 pessoas. Ele saiu e decidiu, nós ficar lá vendendo, que era de madrugada, muito de madrugada que tinha que ir, muito cedo... aí sozinha eu não ia dar conta, né? Aí nós vendemos um tempo lá, só que depois chegou muito, muito estrangeiro, sabe? Venezuelano, e vendia também na rua. Nesse tempo, acho que todo mundo trabalhava era vendendo salgado, né, pra não ficar parado. Nossa, e tinha muito. Aí depois disso, é... nós vendemos, a gente vendeu o carrinho de salgado porque tinham oferecido pra ela um emprego registrado, mas em Boa Vista, a gente tinha que voltar. O rapaz da padaria que ele trabalhava falou pra ele, deu certeza. Aí nós antes de ir embora, vendemos as coisas, aí ficamos vendendo água na rua pra nós sobreviver. Aí nós já não conseguíamos pagar aluguel, já, já estávamos... tava apertado pra nós. Que ficamos sem emprego, depois o restaurante fechou, lá... aí depois eu decidi vender tudo, tudo que a gente tinha e voltar pra Boa Vista. Só que quando nós voltamos, o rapaz que tinha falado pra ele, tinha dado certeza de trabalho, não respondeu mais. Tipo assim, em Caracará, era antes de Boa Vista. Aí ele queria que meu esposo me deixasse, na padaria, que a esposa dele tava trabalhando lá, e ele tava

trabalhando em Boa Vista. Já tava trabalhando em outro lugar, uma empresa de vidro. Só que depois que ele chegou, ele não respondeu mais meu esposo porque ele tava traindo a esposa dele e não queria que meu esposo me levasse, aí meu esposo não aceitou, entendeu? Aí nós voltamos pra Manaus, de carona depois, sem dinheiro, sem nada. Aí ia morar de diárias, também. Foi muito difícil nesses dias, meu esposo fazia diária, por só 50 reais, assim, era muito difícil, nossa, a gente passou muito aperto. Como mais ou menos 1 semana em Manaus morando assim. Depois disso nós decidimos, tipo assim, nós vamos morar na rua, porque o trabalho tá muito difícil, a gente entregou mais ou menos 20 currículos, saiu, andou, mas como tinha muito estrangeiro também, tem estrangeiro bom e tem estrangeiro... gente boa e gente ruim, né, normal, todo mundo. Aí eles tavam mais com receio de dar trabalho pra estrangeiro, tinha muito venezuelano fazendo coisa errada, aí eu acho que eles ficavam com medo. Aí nós decidimos. Um dia eu tava olhando no Facebook, aí um menino tava falando que ele era mochileiro, e que ele tava indo pra cá, pro sul né. Aí ele explicou direitinho como era, peguei o número de telefone dele e eu perguntei pra ele, entendeu? Porque a gente tava quase já... quase que morando na rua, já. Aí um dia de manhã...

[interrupção pra mudar de sala]

Maria: Então, eu procurei esse menino, aí um domingo de manhã meu esposo falou, "não, não vou ficar aqui, eu não vou morar na rua", porque ele quando chegou, ele já... ele já tinha morado na rua, porque ele chegou enganado, entendeu? Tinha umas pessoas que ele conhecia que falaram que assim, nossa, que era bom, aí meio que largaram ele... não era como eles tinham falado. Aí ele já tinha morado na rua, dormido na rua, passado fome, tudo isso aí. Aí ele falou que ele tinha medo. Ele tinha medo de nós passar de novo, ficar tipo assim, indigente, praticamente, sem dinheiro, sem nada, sem trabalho. Aí um domingo de manhã nós decidimos, pegamos a mala, poucas coisas, bem poucas, largamos um pouco, umas coisas lá, e decidimos ir andando até o [teatro] de Manaus, de [manhã], andando, aí depois disso, nossa, a gente passou tanta coisa. A gente pegou uma balsa, o menino falou tudo pra gente que trajeto que nós tinha que fazer, né? Aí tínhamos pouco dinheiro e conseguimos pagar um ônibus desde o Teatro de Manaus até uma [cidade] que se chama Castanha. Tipo assim, era Amazônia adentro, já, era bem Amazônia já. Era de terra, sabe, era bem assim. Aí nós, depois que chegamos na Amazônia, Amazônia, nós tivemos que andar, nós andamos [mais de mês]. Nós ficamos

tipo assim, viajando, assim, andando, morando praticamente na rua 1 mês e meio, aí nós andamos 30km por dia. Nós atravessamos a Amazônia, sabe? O pulmão da Amazônia tudinho, andando. Nós, nossa, a gente viu cada coisa lá... aí tipo assim, quando chegamos já à noite, nós pedíamos pras pessoas, sabe, se podia ficar... pedia ajuda, se podia [?] dormir, pelo menos dentro de casa, assim. Teve muitas pessoas que ajudavam, mas também tinha muito índio, sabe? Tinha índio, a gente viu tudo isso, a gente viu tudo isso aí, os animais, viu tanta coisa. Nossa, a gente emagreceu muito, porque a gente andava muito por dia, 30km por dia, e assim, com medo, sozinhos, nós 2, imagina. Nessa estrada de terra que, nossa, infinita, nunca acabava. Aí chegou... depois de muitos dias andando, teve uma senhora que... tava com muita chuva, não passava nem um carro, por isso que nós tivemos que andar todo esse trajeto, porque não entrava carro, não passava nenhum, era tempo de chuva e... o primeiro carro que passou, a gente pediu carona, foi depois de muito tempo que a gente não conseguia andar mais porque era reserva, sabe? Era animais, era muito perigoso. Aí nós tivemos que ficar no meio da Amazônia, mas tinha wifi, era um [?], sabe, bem pequeno. Aí no primeiro carro que consegui passar, nós pedimos carona, aí ele deu carona pra nós, só que a gente passou muito aperto porque tinha muita lama, ficou 'pregado' o carro na lama... aí, nossa, foi muito difícil, no meio da Amazônia, nossa, foi... tipo assim, medo né, tem animais, tem coisas... aí no meio o carro atolado, sem conseguir sair. Aí outra caminhonete também, ela conseguiu passar, aí iam os dois se ajudando, entendeu? Quando nós ficamos atolados, o outro ajudava, e era assim, graças a Deus. Se não ia ficar aí no meio da Amazônia sem nada. Aí assim que a gente chegou em Porto Velho, eles deram carona pra nós pra Porto Velho. Aí de Porto Velho nós começamos a pegar carona de caminhão, sabe? Aí eles deram uma barraca pra nós, nós dormíamos na barraca, nos postos, à noite, e de manhã, já de manhã, acordava bem cedo, tomava banho e já começava a pedir carona pros caminhoneiros, pra vir pra cá. Aí depois que já tínhamos muitos dias viajando, um caminhoneiro que deu carona pra nós, ele falava que aqui era muito bom, pra começar, sabe? Só que eu tinha uma amiga, que ela fez faculdade comigo, e ela mora em São Paulo, aí eu perguntei pra ela se ela conseguia me ajudar, né, que eu tava numa situação difícil, viajando, muitos dias... aí ela falou que sim, só que era muito pequeno onde ela morava, e ela morava com o esposo, já tinha muita gente. Aí ela falou que só conseguia ficar eu, mas meu esposo, ele tinha que ficar tipo assim, num refúgio de homem, alguma coisa assim. Aí meu esposo não estava muito animado, porque não

queria separar, que nós nos separáramos, entendeu? Aí então o caminhoneiro conversou, ficou comentando pra nós que que era bom, que que era... nossa, nós viajamos muitos dias com ele. Tipo assim, ele parava pra descansar e nós arrumávamos barraca, dormíamos no chão e ele dormia no caminhão. Aí no seguinte dia de novo, fazia comida, ajudava ele a fazer comida e tudo. Aí quando chegamos aqui, ele nos deixou aqui pra nós tentar, entendeu, procurar alguma casa de refúgio que nos ajudasse, pra nós ir ficando. Ele deixou a gente aqui, a gente andou muito, no centro, mas não achou, sabe, não conhecia muito, não achou... assim, quem ajudasse. Aí nós voltamos pra um posto de novo. Aí eu conversei com minha amiga, que eu já tava aqui em Uberlândia, que estava... ia dormir essa noite, pra nós de manhã já pedir carona de novo, né, pra seguir pra São Paulo. Aí ela me falou que ela tinha um amigo, né, que ela trabalhou pra ele, que ele morava aqui, que ela ia ligar pra ele, pra ele tipo assim, nos ajudar, pelo menos dar comida pra nós, ou só dar comida, né, já... Aí ele nos procurou, e tipo assim, conversou com nós, falou que aqui era bom, que [?], por que que a gente não ficava... só que a gente teria que morar com ele, entendeu? Só que ele era... tipo assim, ele ajudou nós, só que eu acho que por uma parte também foi até bom pra ele, porque ele era viúvo, tinha 2 meninos, entendeu? Aí tipo assim, era em Shopping Park, você sabe onde é? Aí quando nós chegamos, nós andávamos de Shopping Park até o centro, procurando serviço, trabalho. Aí voltávamos andando também. E vínhamos e voltávamos. Até que eu... nesse dia, nós fomos na Câmara Municipal e conhecemos uma senhora, ela imprimia o currículo pra nós. Aí nós conhecemos ela, pegamos contato, aí ela imprimiu muito currículo pra nós, a gente pegava, mas foi muito difícil, sabe, pra arrumar emprego. Eu acho que aqui pra arrumar emprego é difícil, você tem que... tipo assim, a pessoa tem que indicar. Eu acho que aqui é mais assim. Pelo menos você vai entregar currículo, currículo e nunca chama. Quando você já é indicado, é mais rápido. Aí ela, uma amiga dele tava precisando pra cuidar do pai dela, aí meu primeiro emprego foi assim onde eu moro. Aí eu comecei a trabalhar, trabalhei muito tempo com ela, aí meu esposo foi dando conta dos meninos do rapaz, entendeu? Aí depois ele foi trabalhar com gesso, depois de muito... nossa, foram vários meses ele cuidando dos meninos. Aí ele foi trabalhar com gesso e só pagaram 50 reais pra ele, aí ele tinha que comer com isso aí e pagar ônibus, só 50 reais a diária. Aí eu já trabalhava, eles pagavam pra mim 800 reais, e não estava registrada também não. Eu trabalhei uns 8 meses com ela, depois eu decidi sair. Nesse tempo que trabalhei com ela, eu conseguia... nós depois alugamos um

espaço pra nós porque eu queria trazer minha mãe e minha nenê. Minha nenê ficou 1 ano e meio com minha mãe. Depois de 1 ano e meio foi que eu consegui trabalhando... tipo assim, eu ganhei muita coisa aqui, eles me ajudaram, as pessoas da Igreja me doaram algumas coisas, sabe? Aí nós decidimos alugar e pagar o boleto do avião pra minha mãe, minhas duas irmãs, e minha menina. Aí foi caro, né, foi difícil, a gente deixava até de comprar comida pra conseguir passagem de avião, né? Porque era muito dinheiro nesse tempo, mas até que nós conseguimos. Aí eles chegaram, eu trabalhei mais um tempo com essa senhora depois já saí, por causa da mesma coisa, eu acho que ela... eu dava conta de tudo na casa, sabe? Aí ela tava me dando tarefas que não eram do meu trabalho, entendeu? Eu cuidava do pai, da casa do pai, fazia companhia no hospital, dava remédio, fazia [cura], tudo que ele precisava. Aí ela queria que... depois que eu lavasse roupa dela, já era outro serviço, entendeu? Aí não quis mais e eu saí, também que não tava registrada, nada. Aí eu só saí, e ela não pagou tempo, sabe, que eu trabalhei, nada. Depois que eu procurei outro serviço. Aí eu fui trabalhar em uma casa de família, só que era muito, muito, muito grande, tinha dois carros. Aí ela queria pagar menos de um salário também, e eu saí. Mas eu comecei a fazer faxina. Faxina, assim, diária, sabe? Aí me compensava mais. Aí eu fiquei um tempo fazendo faxina, depois eu consegui um outro serviço, em Maísa Pires, não sei se você conhece, ela [...] faz vestido de noiva, aí eu comecei a trabalhar aí. Aí eu trabalhei um tempo, que depois chegou a pandemia, aí eles dispensaram muitas pessoas, aí eu fui dispensada. Depois disso, eu trabalhei em uma loja perto da minha casa, de telefones, celular, sabe? Acessórios. Aí eu trabalhei também um tempo. Aí o rapaz era muito ruim, ele não gostava, tipo assim, se eu falava espanhol, eu acho que ele era xenofóbico com o idioma. Ele não gostava, o filho dele também não gostava... aí eles foram muito ruins, assim. E eles me dispensaram. Já tava na pandemia. Depois [da/na] pandemia eu fiquei tranquila, meu esposo tava trabalhando com um caminhão pequeno. E também não pagavam muito bem pra ele, praticamente era escravo e ganhava muito pouco. Aí graças a Deus que nesse tempo eu trabalhava e conseguia ajudar. Agora depois, tem 1 ano que ele já conseguiu um trabalho melhor, mas depois de tudo isso que ele passou agora que ele tá melhorando, ainda ele fica muito fora de casa, né, porque ele é carreteiro, e às vezes tem 3 semanas, 2 semanas que ele não vem, né. Como tem dia que ele ia receber em metade da semana, depois final de semana, mas graças a Deus já... tipo assim, tá mais estável, entendeu? O trabalho dele dá pra sustentar a casa. Agora que eu tô parada, que eu tô de

repouso por causa da gravidez... mas antes disso, nossa, era muito bom, porque eu consegui fazer meu salão aqui em casa né. Só que eu ainda não tenho nada lá de fora, porque não tem permissão, né, não tem nada disso ainda. Eu trabalho mais com pessoas indicadas. E eu tenho... nossa, tem muita cliente. Tem dia que eu trabalhava aqui a semana inteira, inteira, sem parar. Mas agora parei por causa da gravidez. Mas tenho muita fé que daqui uns 2 meses eu já fico melhor. Também tô um pouco tranquila porque como meu esposo dá conta da casa, aí eu tô me cuidando direitinho, porque faz 2 anos atrás eu também, eu [perdi].. eu passei muito mal, aí eu tenho medo (risos). Aí eu [faço] certinho, fico quietinha. Mas agora tá... graças a Deus tamos bem, né? Minhas coisas ainda estão aí, nossa, tem muita gente que procura, se já comecei a trabalhar, que vem aqui, [?]. Eles falam, "não, eu não vou te largar, eu vou esperar, eu vou esperar". Outra coisa maior né, um neném, tem que cuidar. E graças a Deus tem muita cliente, e tá tudo bem, minha menina tá estudando, tamos dando conta, entendeu? Mas depois de tudo que a gente passou, que morou na rua, nossa, foi muito difícil pra nós. Aí meu esposo, ele quer, ele quer trabalhar por conta dele também, pra parar de caminhoneiro, porque caminhoneiro fica muito fora de casa, não curte, aí ele fala que o sonho dele é ele fazer um negócio pra ele e trabalhar por conta dele, pra ele ficar mais com a família. Mas pra agora, é um esforço que ele tá fazendo, né? Até agora nós estamos bem, é fácil, né, tranquilo.

Letícia: Ok, alguém quer falar mais alguma coisa? Não? Ana, você tá mutada.

Ana: Agora? Ah, pelo momento não, você que sabe se precisa de alguma pergunta, você que sabe profe (risos) tanta coisa que nós temos dentro, podemos falar mais, mas a senhora que sabe.

Maria: Muita coisa que a gente tem pra contar, muitas emoções (risos)

Ana: É, é assim...

Letícia: Bom, então por hoje a gente termina e semana que vem a gente fala de mais coisas.

[Encerramento, cumprimentos]

o Reuniões 3 e 4 (16/05)

Letícia: A pergunta que eu queria fazer hoje pra vocês é se quando vocês tavam procurando trabalho, ou depois durante o trabalho de vocês, se vocês perceberam algum tipo de discriminação, seja pela nacionalidade né, por serem imigrantes, ou então por raça, por gênero... vocês perceberam que as pessoas tratam vocês diferente?

Ana: Quem fala?

Clara: Pode falar, Ana.

Ana: Ah... sim, profe, sim recebi discriminação, assim, porque, é como eu estava contando à senhora, esta vez que, tivemos a reunião, que eu fui levar meus papeis na Prefeitura, para falar com uma pessoa que... me deram essa informação que era para procurar essa pessoa pra eu falar com ela sobre minha situação, de desemprego... e quando eu cheguei nesse lugar, ela não queria me atender. E quando eu fui falar com ela, ela me... praticamente me desprezou, está entendendo? Aí ela olhou meus papeis, pareceu que não prestou muita importância, os colocou novamente nas minhas mãos e me falou que ela não podia fazer nada para mim. Aí eu fiquei assim, como... assim, tão surpreendida, entendeu? Aí eu fui falar com outra pessoa mas ela também não quis me ajudar, professora, porque houveram várias pessoas que não quiseram me ajudar. Lamentavelmente, foi assim, não sei se porque não falo seu idioma, é... mas com desprezo, praticamente com desprezo. Eu fui pra minha casa muito triste, falei com meu esposo. Aí nem por dentro da mesma Igreja, estando ali, eu conheci uma jovem que está praticamente pela política, sabe? Está com a política, e me falaram que eu podia conversar com ela, eu fiz uma reunião na Igreja, porque eu falei com algumas Irmãs, e na mesma Igreja eu falei da minha profissão, tudo que eu estava fazendo, o que eu queria fazer, falei dos meus sonhos aqui, entendeu? Fora do trabalho que eu estou fazendo na Igreja. Aí eu conversei com essa jovem, e também me tratou horrível. Eu fiquei tudo com meu coração triste. Aí eu falei pro meu esposo que eu não queria estar aqui no Brasil. Falei assim mesmo, professora. Eu não queria estar aqui no Brasil, porque as pessoas são muito, é... não prestam atenção aos imigrantes, acham que nós somos uns mortos de fome, eu falei assim, profe. Está entendendo o que eu tô falando. Aí eu falei pra ele que não estamos aqui porque viemos... porque Venezuela está nessa

situação, e sim que entramos muito antes que Venezuela se apresentasse assim. Mas eles como estão sabendo que Venezuela está passando por essa situação, eles olham para todos os venezuelanos como uns mortos de fome, entendeu? Que estava aqui porque [?] de passar fome. E não é assim, professora. Cada um tem uma profissão, quer uma melhor vida, quer ser tratado bem porque eu falo uma coisa, muitos estrangeiros no nosso país foram escolhidos, foram tratados bem. Você sabe que sempre tem pessoas são [ignorantes], entendeu? Tá entendendo, professora? Então não devemos, assim, fazer isso com ninguém, porque as pessoas entram aqui por algum motivo, tem que dar a oportunidade, entendeu, tem que escutar, tem que saber quem apoiar, não olhar assim, por cima do ombro, porque você não amanhã o que pode acontecer com ele também. Porque Venezuela está agora assim, mas ainda tenho esperança de que Venezuela vai sair disso, vai sair vitoriosa, vai melhorar, porque Venezuela é um país rico, que ajudou muitos estrangeiros, muitos, professora, então eu chego aqui, por exemplo, em Manaus foi assim. E aqui, lamentavelmente, vou falar a verdade, professora, aqui têm me tratado 'discriminadamente'. Eu tenho meu coração 'pegado' de Deus para não cair na terra, porque tenho me sentido com minha auto estima baixa, sabe? Horrível. Eu tenho tido, às vezes, senti-me triste, chorar, em silêncio, minha alma se abateu, eu falei pro meu esposo, eu não aguento mais estar aqui, eu falo pra ele. Só Deus me ajuda, eu falei. Eu tenho muito a agradecer a Deus, pelo meu filho, porque eles também [...], como eu já falei. Mas os lugares que eu estava, professora, é horrível, eu não desejo isso para ninguém. As pessoas... eu não posso nem falar espanhol, porque tem muita gente que isso já os irrita, tá entendendo? Então é muito complicado para o estrangeiro, não é fácil, por isso que eu sempre falo para algumas pessoas, "olha, quando uma pessoa tem uma ideia de sair de seu país tem que apertar o cinto, porque no caminho vai encontrar muitas coisas, e vai ter que... não vai lhe agradar". Ou se segue adiante, ou volta pro seu país, entendeu? E é difícil, professora, quando você não fala... espanhol, por exemplo, e como a pessoa sem te conhecer, vai tratar mal a senhora? Se a senhora tem amor, tem que [aceitar], para saber quem é, de onde vem, se tiver que ajudar, ajudar, entendeu? Tem que ajudar a abrir uma porta, porque aqui muitas pessoas que são padrinhos, sabe, eu não tenho padrinho, aqui meu único padrinho é Deus, mas eu quero trabalhar e tenho todos os meus documentos em mãos, minha experiência. Que bonito seria que as pessoas nos dessem uma oportunidade, porque eu quero trabalhar, que seja lavando pratos. Mas eu quero trabalhar. Mas as pessoas não tem. Não são todas, mas aqui me

tem tratado dessa maneira. Eu falei para meu esposo, profê, eu tava querendo contar isso para a senhora, e ele falou, "fala com o nome e tudo", e eu não, não gosto disso não (risos). "Fale!", ele falou, "fale", porque me fizeram chorar em certos lugares, então o que eu tô pensando, não vou fazer, porque não? eu vou resolver todos os meus documentos, como já o estou resolvendo, e orando a Deus para que seja Deus que me abra uma porta, em nome de Jesus, e me dê a oportunidade de trabalhar [?], e se não eu vou trabalhar [de montar comércio]. Assim, por meus próprios meios, entendeu? Outra coisa, a senhora me fala e eu falo, ok?

Milagros Hernandez: Bom dia, desculpa pelo atraso, é que tá um pouco complicado.

Letícia: Não, tudo bem. A pergunta que eu fiz foi se você já sentiu, quando você tava procurando emprego ou já dentro do próprio emprego, se você sentiu que você foi discriminada, seja por uma questão de ser mulher, da sua raça, ou então por ser venezuelana.

Milagros: Bom, na verdade, eu graças a Deus não passei por nada disso. Eu tenho 5 anos no Brasil, aqui em Uberlândia eu tenho... vou fazer 3 anos agora em Julho, e na verdade que não, todos lugar onde eu ingressei, primeiro trabalhei numa empresa que faz um... todas as peças de alumínio, que faz janela e todo esse negócio aí. Aí trabalhei 1 ano e 8 meses, aí bom muito bom, nossa, não tenho nenhuma reclamação, na verdade. Agora estou numa sorveteria, fazendo diárias mas todos os dias estou trabalhando, graças a Deus, seja fora de lá ou lá. Uma pessoa muito boa. Você fala pra ela "ah, chegou um venezuelano", "ah, trás pra cá que quero conhecer!", ela sempre quer ajudar... graças a Deus nunca passei por esse mau trato, porque de verdade que eu não acho muito difícil passar assim, por desprezo, e mau trato, na verdade não, graças a Deus.

Letícia: Então nas suas experiências, você... nunca aconteceu de tratarem você diferente dos outros funcionários?

Milagros: Não, não. A princípio todo mundo fica assim, como... sabe, um pouco isolado, assim, com... [vem] perguntar pra gente como é lá na Venezuela, se nós tá gostando, mas depois, tudo bem.

Letícia: E você, Luisa?

Luisa: Tava tentando abrir e não conseguia (risos). Mas, não, graças a Deus, eu também não, nunca tive uma discriminação por ser estrangeira, antes eu ficava com vergonha de falar, porque eu acho que eu não falo muito bem. Mas nunca, graças a Deus também nunca tive discriminação no trabalho. Mas eu sempre trabalhei como cabeleireira, manicure. Sempre trabalhei, isso desde que ingressei no Brasil. Sempre trabalhei por minha conta, mas graças a Deus não. Só foi lá na Federal, onde [assim] na cidade onde eu moro, tem um homem lá na Federal que ele é bem grosso com os estrangeiros. Ele foi a única pessoa que me fez chorar aqui por causa dos meus documentos. Só ele. Mas eu deixo tudo na mão de Deus e Deus algum dia vai cobrar.

Letícia: E você que trabalha com pessoas, com clientes, nunca aconteceu de alguma cliente te destratar, falar alguma coisa ofensiva, nada assim?

Luisa: Nunca, graças a Deus não. Uma moça, uma vez chegou e não sabia que eu não entendia o que ela falava, ela começou a dizer que eu não... que eu não sabia fazer o que eu estava fazendo. Aí eu falei para ela "mas você me deixa trabalhar, e depois que eu trabalhe, você pode falar, pode reclamar se não gostar do meu trabalho", mas depois ela gostou (risos) e agora, até agora ela é minha cliente, já tem 2 anos sendo minha cliente. Mas graças a Deus tudo tem dado certo.

Clara: Deixa eu fazer uma pergunta, vocês em algum momento, assim, trabalhando com essas pessoas, ou assim, com as pessoas que vocês veem no dia a dia, mas principalmente no seu trabalho, não, às vezes nem tanto uma forma direta de discriminação, mas... às vezes já fizeram alguma piada, alguma brincadeira que vocês não gostaram muito, mas aí depois a pessoa falou tipo, "ah, foi só brincadeira", sabe, mas vocês sentiram que de alguma forma isso magoou vocês, deixou vocês tristes?

Luisa: Comigo aconteceu em Roraima. Em Roraima, as mulheres que... que são prostitutas, chamam de 'ochenta'. Tem o nome de 'ochenta', que elas cobram 80, 80 reais. Aí o marido de uma moça lá de onde eu trabalhava, no salão, ele me disse, "você fica ofendida se eu te chamo de 'ochenta'? Você é 'ochenta'?", e eu falei para ele, "mas... eu não me sinto ofendida porque eu não sou. Mas 'ochenta' parece a tua mulher, porque sua mulher não veste, ela fica quase desnuda, ela não veste roupa, eu sempre me visto

bem, e tua mulher sempre tá desnuda", eu falei assim para ele, porque eu me ofendi, sim. Só que eu não quis falar que eu tinha me ofendido. Mas... tem muito homem que cataloga a mulher, porque a mulher é venezuelana, que é prostituta.

Letícia: Ana, Milagros, alguma coisa assim com vocês?

Ana: Não, uma vez só, profe, que foi lá em Manaus, que nos chamaram de macaco (risos). Eu quando escutei isso, meu Deus! Eu... não sei, porque eu não sabia falar, nesse momento, como estou falando agora, e falaram... era uma família, chamavam macaco a mim e a meus 2 filhos. Aí eu não sabia o que era macaco. Macaco pra mim, na Venezuela, é um... é uma roupa, como uma [braguinha], algo assim. Então meu filho foi que me falou, mamãe, eles estão nos chamando de 'monos'. E aí eu fiquei assim, um pouco triste também por isso, até que fomos recuperando dessa situação. E porque nos ofenderam. Não sei, eles estavam chamando, assim, porque pensavam que nós não íamos entender, entendeu? Mas agora eles praticamente... faz 1 ano mais ou menos que começou uma amizade, e eles se lembraram disso e nos pediram perdão. Porque eles nos conheceram, porque o que estavam fazendo era porque não nos suportavam. Algo assim. É complicado. O estrangeiro sofre muito, professora, não é fácil para nenhum estrangeiro, sabe? (risos) E menos se não fala bem o português, aí meu Deus! (risos) É complicado. Só isso mesmo.

Milagros: Não, não tenho assim... de verdade que não tenho uma experiência assim... Assim como aconteceu com a Luisa lá na PF, comigo também aconteceu com uma moça aqui em Uberlândia, só que a primeira vez que eu fui, eu fui procurar informação, porque meu RG venceu. Então eu fui lá procurar informação, eu fui pra [ver] só como era pra renovar. [Aí nesse] tempo só estava trabalhando meu esposo, e aqui está meu esposo, meu filho, minha filha e eu. Então ela falou para mim de maneira muito grossa, "ah, você tem que pagar todas as taxas para pegar a identidade". Eu falei para ela, "tudo bem", só que nesse tempo de ingresso tinha somente, me parece que o salário era R\$1150. Um ingresso familiar de 1150, não precisa, como fala a lei. Se eu estivesse trabalhando, tudo bem, eu pago, ela falou, "não, não, você está aqui, e não quer pagar nada", não sei o quê... Eu falei, "bem, não é que não quero pagar, é que não tenho como pagar. Se tivesse, tudo bem, não tem problema não". Só isso aí. Aí quando eu voltei, pra

renovar a documentação, ela tava boazinha. Não falou nada, ficou de boa... Tava boazinha.

Clara: Isso foi na Polícia Federal?

Milagros: Sim, aqui em Uberlândia.

Letícia: Alguma de vocês quer acrescentar mais alguma coisa? Não? Bom, gente, então como foi rapidinho, eu vou aproveitar que tem 3 de vocês aqui, e eu já vou adiantar a pergunta que seria da semana que vem, que aí a gente consegue fazer uma reunião a menos. Aí... essa é uma pergunta mais delicada, tá, gente, então vocês respondam... se tiver alguma coisa, vocês respondam o que vocês se sentirem confortável, tá, não tem pressão, assim. Mas o que eu queria saber é se em algum momento, desde que vocês saíram da Venezuela pra vir pro Brasil, vocês já passaram por alguma situação que colocou vocês, ou a família de vocês em risco, principalmente na área do trabalho. Então principalmente trabalhos que são feitos nas ruas, assim, que vocês já se sentiram em risco trabalhando.

Ana: Posso responder agora? Sim... bom, eu e meu filho saíamos pra rua vendendo dindim, como falei para a senhora, e tanto... num lugar aí em Manaus, onde... Jorge Terceiro, não sei se a senhora conhece esse lugar. Jorge Terceiro, é um lugar onde as pessoas... sabe? Aí um malandro, um jovem, agarrou meu filho 'por el cuello' com uma faca, e se levou a caixa de vender dindim, levou o dinheiro. E eu fiquei assim, surpresa, não sabia que fazer, somente fui, caminhei, agarrei meu filho, falei que voltasse pra casa, e o malandro levou tudo, mas quase que 'malogra' meu filho. Eu fiquei assim, tremendo, tremendo, quase que me urinei, e assim, tava muito assustada, entendeu? Mas depois não saí mais pra fazer isso porque estávamos correndo risco. Foi muito perigoso, sabe? Isso foi tremendo para nós, aí chegamos em casa, aí foi que eu decidi fazer as coisas pra vender em frente de casa entendeu? Foi muito desagradável, porque eu saía com ele às 2h da manhã, até as 3 da tarde que voltava pra casa, porque tinha que trazer dinheiro pra comprar comida, entendeu? Lá em Manaus. Foi esse incidente que aconteceu, graças a Deus não aconteceu nada, professora, porque é triste você sair com seu filho pra vender em um lugar assim, entendeu? Mas Deus nos livrou, essa vez.

Luisa: A mim aconteceu lá em Roraima, eu trabalhava a domicílio e eu pedia Uber. E uma moça me ligou para ir a um bairro muito longe da onde eu morava, eu não conhecia o bairro. Eu fui de Uber, ela me deu o endereço, quando eu cheguei nesse endereço, a casa era uma casa abandonada. Tava só no tijolo, quebrado, tinha lenços, coisas nas janelas. Quando eu vi a casa, eu disse, essa casa não é... acho que aqui não é. Ele ligou para a moça, ela disse "sim, esse é o endereço mesmo". Eu fiquei com medo, mas eu fui ainda assim. Quando estou chegando na casa, a casa parecia uma casa assim, de maconheiro, uma casa muito feia, muito feia, dava muito medo. E aí eu fiquei na rua. Fiquei olhando para ele, e falei assim... mas eu tinha muito medo, eu desconfiei muito dele. Quando ela entrou a procurar água, eu peguei uma 'carrera' e saí de lá. Eu tive muito medo, e eu saí de lá, corri, e ela me ligou, me ligou, eu peguei um Uber de volta, e não fiquei porque foi... como que alguém falou para mim corre, e eu corri. Mas graças a Deus não aconteceu nada. Mas eu achei que se eu ficasse, poderia acontecer alguma coisa.

Milagros: Eu não tive nenhuma experiência ruim (risos). Graças a Deus, de verdade. Quando cheguei no Brasil, já minha mãe estava aqui no Brasil, e eu fiquei na casa dela... ela já conhecia mais pessoas e eu arrumei trabalho numa casa, ajudava a senhora em casa, com os filhos, e... cuidava da casa, e aí... todo o tempo que estive em Roraima foi ali, trabalhando com ela, graças a Deus uma senhora muito boa, e não, não tive nenhuma experiência, assim, desagradável. Graças a Deus que não.

Letícia: E assim, no próprio ambiente de trabalho de vocês, já aconteceu alguma coisa assim, de assédio, seja sexual, seja moral, de alguém ameaçar vocês por algum motivo...

Luisa: Eu trabalhei em uma Spa, quando eu cheguei aqui em... foi antes de começar a pandemia. Eu cheguei aqui em... trabalhei em um Spa. A moça foi muito boazinha comigo, as meninas muito agradáveis, mas tinha uma que... tú conheces o olhar da pessoa quando não gosta de ti. Aí ela todo dia falava, "ai, eu quero [virar] estrangeira" e ficava só no meu pé. "Ai, eu vou virar estrangeira, vou falar espanhol", e ficava só falando assim pra me incomodar. E tudo que eu fazia ela ia lá na dona do salão, e que Luisa fez isso, Luisa fez aquilo, e ficava falando tudo que eu fazia. Aí um dia, eu terminava de fazer minhas coisas, de arrumar as coisas para [revisar], terminava de recolher a bagunça que elas deixavam, porque elas trabalhavam mais que eu, porque

elas tinham mais clientes. Eu ficava sentada em um canto, em uma poltrona, e ela tirou a poltrona do canto para mim não sentar. Ela me falou, "tirei a poltrona dali, do teu canto, fica de pé", e fazia coisas assim, eu só ignorava ela. E eu acho que ela não gostava de mim porque eu não falava nada para ela. "Ai, que não fala com ninguém, que não fala muito bem português" e ela falava como se não fosse uma ofensa mas eu sentia, que sim era ofensivo.

Letícia: Alguém mais?

Ana: Posso falar? Bom, comigo me aconteceu assim, professora, eu conheci uma senhora, como de... creio que tem 35 anos mais ou menos, e ela ao me conhecer, ela gostou muito de mim, e eu também gostei dela, mas eu não sabia... mais adiante, o que ia acontecer. Aí ela estava muito 'pendiente' de mim, ela comprava para mim brincos, tudo assim, era uma coisa assim, que eu pensei que era algo assim natural, que era algo normal, um carinho da mulher. Aí depois que passaram uns meses, a mulher me falou que estava apaixonada por mim, e eu fiquei assim, surpresa, porque eu não esperava isso, eu tava assustada, então foi quando eu comecei a me afastar dela, ela ficou muito brava, aí depois eu conversei com meu esposo e ele me falou que a senhora era... fala assim, 'marimacho', algo assim, lésbica, algo assim, uma coisa assim, eu não sei (risos). Aí eu fiquei assustada, e ela estava sempre me procurando, foi na minha casa brava me procurar. Aí nós tivemos que nos mudar para outro lugar, assim, para um [tipo] que chama [Floresta], pra poder despistar aquela senhora. Primeira vez na vida que me aconteceu uma coisa assim, e ela tudo era para mim, me dava dinheiro, me dava... e eu pensava que era algo natural, presentes, assim, e ela o que estava era querendo me 'atrapar' assim para ela. Deus me livre! (risos) Eu tava assustada, profe, isso me aconteceu lá, tive que me mudar para a floresta, e eu fiquei assim, muito preocupada, eu dizia, não, isso não pode acontecer, porque meu esposo meu deu [sim], é muito delicada essa situação. Aqui existe muito essa coisa também, tem que ter muito cuidado. Você brinda muita confiança a algumas pessoas, não se confia, ele me disse. Porque eu não estava com nenhuma malícia, entendeu? Tem pessoas que se aproximam a nós com outros pensamentos, eu não sabia disso. Isso me aconteceu lá.

Clara: E essa mulher era brasileira, né?

Ana: Brasileira, ela é brasileira.

Letícia: De onde você conheceu ela?

Ana: Eu conheci ela, é... em Manaus, em um lugar que chamam de multirão, multirão, não sei se a senhora conhece, nesse lugar, multirão. Aí eu conheci ela, e eu a vi muito boa, assim, muito amável, muito agradável, e não, ela tinha outra intenção. Outra intenção. Um dia me abraçou muito, muito estranho (risos), eu me preocupei, entendeu? Aí isso me aconteceu, nunca na minha vida tinha me acontecido assim com uma mulher, mas me aconteceu. Aí eu fiquei mais esperta agora, entendeu? Porque eu tenho que ter cuidando, que nem todo mundo que se aproxima, não se aproxima com bons pensamentos, com boas intenções, entendeu? Isso me aconteceu, profe.

Letícia: Mais alguma coisa, Ana?

Ana: Não, profe, desculpa, eu tava esperando a senhora falar. Não, era isso.

Letícia: Obrigada. Milagros, alguma coisa?

Milagros: Não, na verdade não. Aqui onde eu trabalho, é uma sorveteria que tem quase 30 anos. Vocês são daqui de Uberlândia? Essa sorveteria fica aqui no Jardim Brasil. Elas têm toda uma vida trabalhando ali. E aí é uma senhora que tem como 60 anos, 61 anos. Ela é assim, eu falo que ela é bipolar, porque ela um dia tá de boa, para tudo, mas tem dia que ela tá fechada, não quer falar, fica com uma cara emburrada, mas eu não... não fico... quando ela tá de boa, eu fico de boa, mas quando ela tá emburrada nem olho para ela, nem falo, nem nada. É assim... coisas aqui, que... mas tem sido, graças a Deus, não passei por nenhum... Eu sou um pouco esperta, sabe, quando vejo que por aí a gente não pode andar, não ando, se eu vejo assim, com essa pessoa não posso falar, eu não falo. Eu na verdade sou de casa ao trabalho, do trabalho à minha casa, pouco saio na rua. Como, nós viemos de uma experiência de uma situação difícil na Venezuela, de insegurança e eu não saio de casa se não pra trabalhar e volto. Tem que fazer compra, nós vamos, faz compra e volta. Se não [fica]. Nós tem muita má vivência de insegurança na rua lá da Venezuela, então nós trata de cuidar um pouco.

Letícia: Alguém quer acrescentar alguma coisa, Clara, você tem alguma pergunta?

Clara: Eu pensei em fazer uma pergunta, em relação ao que a Ana tava falando, sobre a experiência das estrangeiras aqui no Brasil. Eu queria perguntar se alguma vez vocês tiveram contato, conversaram com algum outro estrangeiro de outro país, que não fosse Venezuela, algum outro estrangeiro de outro país. Vocês tiveram contato já, aqui no Brasil?

Milagros: Ali onde eu trabalho, trabalha um menino do Senegal, ele faz entrega no fim de semana. Ele tem outra mentalidade, sabe? Ele fala que lá também passa muita necessidade, tem muita crise econômica, assim, e ele só pensa em juntar dinheiro. Ele não gasta nada, nada, nada, nada. E como no serviço... ele só paga aluguel, praticamente. Ele fala que quer só juntar dinheiro pra ir pra outro país, ele fala que ele vai pros Estados Unidos. Ele fala que aqui a renda não é igual aos Estados Unidos.

Clara: Entendi. E vocês já sentiram, nesse contato com outra pessoa de outro país aqui no Brasil, por exemplo, a Milagros falou agora que ela teve contato com um homem do Senegal, que havia uma diferença entre como as pessoas tratam essa pessoa, e como tratam vocês? Por vocês serem mulheres, ou da Venezuela, e por essa pessoa ser um homem, ou de outro país? Vocês já trocaram experiências com essas pessoas sobre isso? Se teve uma diferença?

Milagros: Na verdade, não, eu falo muito com ele, perguntando se... ele trabalha na Sadia. E ele fala que lá deram uma oportunidade, de boa, ele tem acho que 2 anos já trabalhando na Sadia. Ele, assim, não me fala também... eu perguntei se ele já tinha tido alguma má experiência aqui por ser estrangeiro, e ele falou que não. Não... ele disse que [quando chegou] arrumou emprego, não me falou assim, nunca, nada ruim, sabe? E ali onde ele está onde ele está, e onde eu estou também, final de semana, só faz entregas final de semana. É... aí de verdade que as pessoas dessa sorveteria são muito boas, muito boas, acolhem a gente com todo carinho.

Ana: É, assim, profe, eu conheço uma família africana, e eles são amigos nossos. E eles são, assim, muito diferentes, quando eu conheci pela primeira vez, eles gostaram de imediatamente de nós. Começamos a compartilhar ideias, porque eles também vêm de uma situação um pouco difícil, entendeu? Mas o tratamento é diferente, profe, e a princípio quando eu olhei para eles, assim, eu fiquei assim calada porque como eu falo

inglês, também, né, aí eu fiquei assim primeiro estudando a apresentação deles. Aí a esposa dele ficou muito alegre, ela não falava muito bem mas eu entendia algumas coisas, e seu tratamento muito amável, algo harmonioso. Assim, em relação à outra pessoa. E eles compartilharam suas ideias com nós, foi algo assim... bonito, sabe, que às vezes não esperamos de outras pessoas aqui do Brasil. Então eles são de lá, e eles veio também a buscar uma vida diferente, eles vieram trabalhar como disse a senhora que estava falando agorinha aí, eles tão procurando... na verdade não estão pagando aluguel, tem [como que] uma ideia, uma visão de conquistar dinheiro para viajar, para conseguir coisas que nunca puderam conseguir em seu país, entendeu? Mas eles são muito amáveis, são muito diferentes, assim, o tratamento deles com nós. Que eu [admiro] isso também de Brasil, assim, de algumas pessoas. E outra coisa, professora, que [vou contar à senhora], desculpa que te tome tempo. Ontem à noite, eu fiz isso aqui na minha casa com uma prova, sabe? Já contei isso à senhora (uma festa de aniversário para o marido). Porque, vamos falar assim, há muitas pessoas que eu convidei ontem à noite para cá, para minha casa, porque eu me propus, profe, de que essas pessoas olhem para nós, nossa forma de nos desenvolver, nosso carinho, nossa cultura. Eu falei à noite aqui em frente a esse... essas poucas pessoas cristãs e não cristãs, eu coloquei uma quantidade que meu esposo ficou surpreendido. Porque eu fiz isso, professora, e desculpa que te toma tempo, porque eu queria conseguir algo, contar meus testemunhos diante deles, nossa forma de desenvolvimento, nossa cultura, nosso amor, nosso carinho, a aceitação que nós temos para eles, e que surja esse amor, e essa aceitação, e essa transformação das mentes, às vezes tão equivocadas. Eu fiz isso por isso, professora, na minha casa. Meu esposo ficou muito surpreendido por isso. Porque a gente tem que aprender a amar a outro, tem que aprender a respeita a cultura, [aprender] a aceitar outro ser humano, porque Deus tá nos chamando para isso. Eu me atrevi a fazer isso à noite para entrar em harmonia, porque é como eu disse à senhora, tem muitas pessoas que não aceitam ao outro, o 'rechazan', e eu creio que isso tem que ir melhorando, entendeu? Para os outros estrangeiros que entram, porque não é só eu e nada mais, com minha família, é muitas pessoas de todos os países aqui no Brasil. Japonês, tem africano, tem muita gente e é bonito quando nós nos relacionamentos com outra pessoa, e aceitamos com amor uns aos outros. Essa é minha palavra. Outra coisa a senhora me fala.

Letícia: Queria fazer só mais uma pergunta. Todas vocês, eu acredito que passaram por Roraima em algum momento, né? E aí eu queria saber, porque lá como tem mais gente, e são pessoas que acabaram de chegar, geralmente lá a situação é um pouco mais difícil. E aí eu queria saber se vocês presenciaram alguma coisa, ou souberam de alguma coisa que aconteceu com outras mulheres venezuelanas, como a Luisa tinha comentado sobre as 'ochenta', queria saber se vocês tiveram contato com alguma coisa assim.

Luisa: Eu conheci um rapaz, não foi uma mulher, foi um menino, eu acho que ele tinha uns 18, 19 anos. Ele foi sequestrado por uma mulher, policial, e ela amarrou, torturou ele, é... pegou cigarro no corpo dele e queimou ele com água quente porque ele não queria ficar com ela. E eles não denunciaram por medo, porque ela era policial. A irmã dele era minha amiga. E depois eu não soube mais dele, que eu não sei, ela era, não sei, graças a Deus ela lembrou de onde ela morava e foi lá, e procurou ela e encontrou, ele tava sozinho, amarrado. Ela quebrou uma janela e entrou. E eles se foram, mas não sei pra onde eles se foram, não soube mais.

Milagros: Lá em Boa Vista, onde eu morava, ficava perto de um lugar [que chamara Passaroli], é onde ficavam as meninas que trabalhavam, que vendiam seu corpo, sabe? E elas, eu conheci algumas venezuelanas que trabalhavam ali, e elas falavam que as brasileiras que ficavam com elas ali brigavam muito com ela, porque os homens não procuravam mais as brasileiras e sim as venezuelanas... e isso aí se formava brigas, todo o tempo entre elas, umas tinham mais clientes que outras.

Letícia: Milagros, você lembra se alguma delas comentou de alguma coisa que um cliente fez, alguma violência?

Milagros: Não, acho que não teve nenhum assim...

Luisa: Eu soube de uma moça venezuelana que trabalhava ali nas 'ochenta'... ela foi sequestrada, e acho que ela saiu com um cliente e ele matou ela, arrancou as unhas, cortou o cabelo. Isso saiu nas notícias. Ela tinha 2 meninos, 2 meninos que ainda tão em Pacaraima, estão na fronteira. E isso todo mundo ficou sabendo, foi horrível como ele matou aquela moça. Porque eu tinha uma [bestina] que ela também trabalhava assim, e ela era muito amiga, assim fiquei sabendo, mas apareceu no jornal.

Ana: É assim, eu tenho uma amiga... eu tenho muitas amigas, muitas amizades da Venezuela, tantos havia já em Pacaraima e em Boa Vista. Então algumas amigas minhas que trabalhavam comigo, elas chegaram lá, não podiam conseguir trabalho de enfermeira, e entraram nessa vida de prostituição. Elas ficaram lá porque toda sua família está na Venezuela, é triste. Aí eu conheci também, uma amizade minha, ela conheceu um homem, ofereceu pra ela trabalho, e começou a namorar com ela, e ela ficou grávida. Aí ela, como tinha mais 2 crianças, então ele ficou falando com ela que ela ia pra casa dele, e falou com a esposa dele, e a fez passar como prima dele. Brasileiro, professora. E a esposa ficou, assim, preocupada. Eu fui nessa casa, eu fui buscar ela porque eu queria ajudar ela. Aí ela já tinha tido a criança, igualzinho ao senhor brasileiro. Aí a senhora tava suspeitando que isso não era filho só da... como explico, profe... a mulher tava suspeitando que esse filho era do esposo. Mas ela a tinha em sua casa, aí... sequestrada com a esposa, isso foi tremendo, aí consegui ela, e foi que comecei a conversar com ela, e me contou a história, que foi que ele ofereceu trabalho, não sei o quê, a levou, e praticamente a violou, assim, foi quando a extraiu pra sua casa, e eu falei pra ela que por quê ela não ia na polícia, ela me falou que não podia porque é perigoso, aqui os homens matam as mulheres rápido, ela me falou uma coisa de história assim. Aí então o que eu fiz, eu fui a uma Igreja lá em Manaus, chama Madureira, não sei se a senhora conhece também, a Igreja Madureira, aí eu falei com o pastor ali, e ajudei a tirar dessa casa. Aí tiramos ela, aí fomos, alugamos um lugar pequeno, que a Igreja pagou, e tiramos ela de lá porque a mulher ia matar ela. Ela descobriu que esse menino era de seu esposo. Isso aconteceu. Mas a maioria das pessoas lá passam muito trabalho, quando entram aqui para Brasil. Aí um menino também foi que entrou para Pacaraima, quase matam ele... foi pra um refúgio com a esposa, aí roubaram a roupa, quase violam a esposa, é complicado, professora, é uma situação muito triste, sabe? Nesse lugar, não é fácil não, esse trajeto de lá pra cá, tem muitas pessoas que pensam que tudo fácil, "não, eu vou lá pro Brasil, lá no Brasil é assim, assado", tú sabes, lá tem uma mentalidade muito diferente. Agora quando eles entram e começam a viver suas próprias experiências, aí a questão fica um pouco pesado. Não é fácil, não.

[Encerramento da reunião]

o Reunião 5 (25/05)

Letícia: Bom, gente, então... tô ouvindo um eco... deixa eu ver. Ah, agora deu certo. A pergunta de hoje é se desde que vocês chegaram no Brasil, se vocês se sentiram amparadas pela política de acolhimento de imigrantes daqui, então se as ONGs, se as instituições, se o governo brasileiro recebeu vocês de uma forma boa, então o que foi bom, o que foi ruim, e também como vocês acham que esse acolhimento poderia ser melhor. É isso. Quem quer falar primeiro? Ana, o seu microfone tá desligado.

Ana: Agora?

Letícia: Agora sim.

Ana: Bueno, profe, quando nós entramos no Brasil, o primeiro que fizemos foi passar pela fronteira, foi uma das coisas mais importantes que resolvemos. Foi... eles fizeram o cadastro, nos deram o tempo que vamos estar dentro do Brasil, e foi isso o principal que recebemos, o atendimento, entendeu? Mas não fomos a outra coisa. Aí depois entramos em Manaus, na verdade não vimos respaldo nenhum, de nenhuma instituição, fomos a... assim, recebemos informação que existiam algumas organizações para ajudar os migrantes, mas fomos, eu e minha família, não puderam nos ajudar. Sobretudo quando quisemos trabalhar, fizemos... [que tirar] nossa documentação legal, legal, tem que renovar por exemplo a cédula de venezuelana para Brasil, foi muito pouco tempo. Aí não foi assim, um atendimento como nós queríamos que fizessem para nós, entendeu? Depois as coisas melhoraram como, assim, dentro de 2, 3 anos, quando a maioria dos venezuelanos começou a entrar em grupos, e foi que então as pessoas começaram a acudir essas organizações e as organizações começaram a atendê-los, estou falando muito rápido, profe? Então as organizações começaram a atender a maioria dessas famílias que de verdade estavam necessitadas, entendeu? Aí foi que começaram a despertar mais, pois, que se deu atendimento a [tantas] famílias que começaram a entrar em grupos, em grupos, em grupos. E agora... eu sei como está essa situação pois eu tenho já muitos anos por aqui, e de verdade que hoje já há informações, tem sido [mais] fácil para os imigrantes, para as famílias, entendeu? Mas ainda entrando aqui em Paracatu foi que, depois de vamos falar assim, depois de 3 anos? Foi que nós fomos a Uberlândia, para resolver nossa identidade. Entendeu? Foi aí que fomos lá, porque também recebemos informação, mas eu sei que tem muitos, muitos grupos que se formaram para ajudar os imigrantes. Lamentavelmente, a mim não me ajudaram, não

sei, parece que não estava nesse grupo, mas eu sei que muitas pessoas tem sido atendidas e tem sido ajudadas, mas nós, como família, aqui, fomos a Uberlândia graças a essa informação que recebemos, para resolver nossa identidade, graças que nós já a resolvemos, professora, mas meu esposo ainda está sofrendo um problema com sua carteira de motorista, tem sido... tem gastado dinheiro e não pôde ser ajudado por meio dessa organização, por meio da Embaixada. Isso é problemático, entendeu? E outra coisa, ainda estou sofrendo com um problema meu, que já te falei sobre meu trabalho, sobre meu diploma, tem sido também um problema. Agora, meus filhos foram abençoados, como eu te disse, porque estudaram aqui, tinham estudado na Venezuela, e se graduaram aqui em Minas Gerais, porque foi um processo também. Porque estando inscritos, eu depois descobri que eles estavam estudando, mas não estavam inscritos no Ministério da Educação, isso foi outro processo, graças a Deus que se resolveu, profe, porque nós... eu sou muito 'desperta', assim, eu pergunto, falo com quem for, eu pergunto, assim, eu entro perguntando, e isso também se resolveu, e agora eles estão graduados e inscritos aqui no Brasil. Mas muitas coisas têm que mudar, profe, muitas coisas, porque também eu falo assim: somos nós que temos que buscar informação e acertar essas organizações, porque eles estão aí para atender, mas muitos não sabem, entendeu? É isso, alguma outra coisa me fala.

Letícia: Só pra eu entender, Ana... você tava... assim, você falou que agora você conseguiu a sua identidade depois de 3 anos, mas antes você tinha um outro documento, ou você tava sem documento?

Ana: Não, eu tinha minha cédula venezuelana, normal, minha cédula venezuelana. Mas nos tinham dado um... nos haviam cadastrado por 2 anos, entedeu? Mas era como um papel de passar para cá, e depois tínhamos que voltar renovando, não sei se está entendendo, tínhamos que voltar a renovar esse documento. Mas depois falavam que depois de 5 anos, tinha que estabelecer todos os meus papeis por meio da PF, a única [...] foi o CPF e o papel do SUS. Eu também não sabia. Aí foi uma amiga que me falou, eu fui, e resolvi isso com meus filhos e meu esposo. Mas agora que eu fui, que passou, profe, você lembra, que eu estava falando com a senhora? Eu tava pra lá. Aí tiramos nossa identidade brasileira. Graças a Deus. É diferente à da Venezuela, né. E tiramos... e temos o CPF e o SUS. Mas com esse documento é que podemos sacar dinheiro da caixa, podemos resolver outros papeis (documentos) com essa identidade, mas com a

outra é um pouquinho complicado, com a cédula (identidade) venezuelana. Mas fomos nós que fomos lá, atrás disso, porque se não fazemos isso dessa maneira, não nos informavam de outra forma. Aí eu me meti num grupo, que é o grupo de vocês, o grupo de Solidariedade Brasil-Venezuela, eu me meti em um pouco de grupos, professora (risos) para investigar e estudar essas organizações, porque sim prestam ajuda, mas algumas vezes não podem, como o problema da licença (carteira de motorista) do meu esposo, de conduzir, ele gastou já 2500 reais para resolver e não pôde resolver isso, profe. E falam que fale com a Embaixada, ligamos para lá, ligamos para outro... outras organizações, e nada. É um pouco complicado, sabe, para o estrangeiro. Mas não vou falar que não nos deram ajuda, sim nos ajudaram, sim, a maioria das pessoas... são poucas que nos tem escolhido, que nos deram bastante carinho, não todas, não todas, vamos falar, não todas que vão nos abraçar, tem muita gente que quando nós falamos espanhol, parece que não gostam. Tem outras que gostam, que queriam até que eu desse curso de espanhol, aí eu falei glória a Deus, para mim é um prazer, entendeu? Mas eu não tenho que falar assim, alguma coisa errada, porque me sinto agradecida principalmente de Deus, me deu a oportunidade de entrar aqui no Brasil, de me dar uma nova vida, entendeu? Um novo progresso para meu filho, um novo futuro. E tenho conhecido muitas pessoas maravilhosas, como vocês que estão presentes, e tenho muito que agradecer também ao Brasil. Que Deus siga abençoando este país, eu sempre oro pelo Brasil, que siga abençoando esse país maravilhoso, porque não escolheu só os venezuelanos, tem escolhido muita gente de todo o mundo inteiro. E [graças a isso], graças a Deus por vocês e por essa terra maravilhosa. Amém.

Letícia: Ana, e assim, quando você procurou instituições do governo, por exemplo, prefeitura, PF, posto de saúde, escola, você teve problemas pra ser atendida, foi bem tratada?

Ana: Primeiro, quando fui ao posto de saúde, não fui muito atendida, não. As pessoas ali eram, assim, muito estranhas para mim. Mesmo pela forma do idioma, entendeu? E para resolver meus papeis de estudo, fui também mal tratada. Fui.. me senti muito mal. Um momento que eu queria não estar aqui, não. Porque era um pouco difícil para mim, como mulher. E quando fomos à Polícia Federal, também, eu vi também que não foi fácil, mas Deus nos ajudou, eu também olhei outras pessoas, que haviam pessoas que estavam se aproveitando dos papeis dessa pessoa... tem gente aqui que se aproveita,

professora. Como as pessoas não têm informação, não sabem, eles fazem um trabalho obscuro com essas pessoas, e eu vi... eu olhei, assim, com meus próprios olhos, que tavam se aproveitando de uma família. Eu não podia fazer nada, estavam se aproveitando. Então não é fácil, não é fácil. E com relação a agora, que estou aqui em Minas Gerais, para mim tem sido mais fácil me relacionar com outras pessoas. Estou tratando de falar um pouco melhor. Não tem sido fácil para mim, porque eu sempre falo para as pessoas que eu não sou brasileira, eu sou venezuelana, mas eu queria que as pessoas entendam os estrangeiros, porque... para que entendam sua cultura, entendeu? Tem que respeitar eles, e eu fui aprendendo pouco a pouco, falando, é... tava fazendo um curso de português, parei porque são tantas outras coisas, mas eu tô sempre lendo, sempre tô escutando áudio, revisando algumas coisas, entendeu? Então é que... não é fácil. Porque falar no estrangeiro, com outro idioma, é um pouco complicado. Isso em várias áreas.

Letícia: Essa família que tavam se aproveitando, como assim?

Ana: Ai, Deus meu! (risos)

Letícia: Mas, é... fica tranquila que não vai aparecer nome de ninguém, talvez no final nem apareça na pesquisa, assim, é só pra...

Ana: Tá, é assim, profe... era uma família de 5 pessoas. E havia um senhor branco, gordinho, baixinho, assim, que ele estava pedindo dinheiro para ele resolver a documentação dessas pessoas. Eu estava olhando, profe, eu tinha o coração na mão, não podia fazer nada. Parece que eles não tinham informação que isso não era aprovável, [não podiam] fazer isso, [tinham] que entrar e resolver com a Polícia Federal, entendeu? Então como eu tinha a informação, eles caíram nesse jogo desse homem. Entendeu? Mas é um pouco comprometedor (risos).

Letícia: Não, mas pode ficar tranquila, é... não vai aparecer nome de ninguém em lugar nenhum.

Ana: E assim como existem essas pessoas aproveitadoras, eles se aproveitam de outras coisas, das pessoas que não têm informação sobre seu desenvolvimento, como eles podem resolver alguns problemas aqui, no Brasil. Entendeu? Isso existe muito.

Letícia: Clara, você tem alguma pergunta? Tá. Então vamos passar pra Milagros. Obrigada, Ana.

Ana: Amém.

Milagros: Aí... quando eu cheguei no Brasil, já minha mãe tava aqui, ela ia fazer uns 7 anos no Brasil, quando ela veio aqui não tava tanta crise na Venezuela, e ela veio normal, pela fronteira, tirou sua documentação... não tinha esse negócio de... de migração [de fora], fazendo documentação como está agora, que estão fazendo documentação na hora. E quando vim aqui, depois que ela chegou aqui, eu vim, tirei documentação tranquilo, não tinha nenhum... não estava esse negócio de tanto venezuelano tirando documentação. Aí em Boa Vista tem muitas organizações ajudando ao migrante. Eu participei em uma que é da Igreja Adventista, e eles estavam fazendo a interiorização das famílias, procuravam emprego, e eles mandavam. Nós fomos a primeira família enviada por ADRA aqui em Uberlândia. E pois, foi essa ajuda que nós tivemos dessa organização, junto com o Exército, que eles são quem [faz o traslado] das pessoas a outro estado. Mas nunca tive, assim, nenhum problema com... em algum... nunca fui à Prefeitura fazer nada, assim, ao posto de saúde... a Polícia Federal, mas tudo tranquilo. Nunca tive nenhum tipo de problema, assim.

Letícia: Ok. Maria?

Maria: Bom dia. Então, eu quando entrei, é... quando chegamos no Brasil, a única, é... onde nós fomos foi na polícia, né, federal, pra eles dar o documento. Aí depois disso chegou Manaus, mas também não recebemos, assim, ajuda, e procuramos, só que não deram pra nós. Aí a única, assim, tipo assim, ajuda que eu... depois que eu mudei pra cá, eu já tava [atestada], foi de TAARE, e foi porque uma amiga me indicou. E eles, já faz acho que 1 ano atrás que eu conheci a ONG, e na Polícia Federal que foi difícil pra nós pegar documentação. E também sobre a carteira de motorista do meu esposo, que nossa, ou... ele também tem gastado muito dinheiro, entregar tudo certo, mas nunca deram resposta pra ele, sabe? Aí, nossa, o atendimento é muito ruim! Acho que é pior que da PF. O negócio da licença. Meu marido já tem, eu acho que 1 ano e pouco, vai fazer 2 anos correndo atrás, já fez exame, já fez tudo, entregou tudo, aí não aparece no sistema,

quando não é que aparece outra coisa, e é assim. Eu acho que o atendimento mais ruim é mesmo no DETRAN, para estrangeiro.

Letícia: Ok, obrigada. Luisa?

Luisa: Bom dia. Para mim, quando eu entrei aqui no Brasil, para mim não foi tão difícil arrumar meus documentos, mas depois quando meus documentos, eles se venceram, eu tive que ir lá em outra cidade arrumar meus documentos e tava fechado por causa da pandemia. Aí eu consegui arrumar foi... faz um mês que eu consegui arrumar meus documentos, e tem um cara lá que ele é muito grosso, ele não sabe tratar as pessoas. Ele acha que todo mundo vai lá porque vai pedir, ele acha que todo mundo tá lá porque não tem mais nada que fazer, eu acho. Ele destrata muito as pessoas que vão lá. Mas graças a Deus eu consegui fazer os documentos do meu filho, do meu marido, e meu. Pra nós poder nos mexer aqui. Mas tudo bem.

Clara: Isso foi na PF, Luisa?

Luisa: Sim, na PF de Passa Fundo.. Mas graças a Deus já [resolveu].

Clara: E em relação ao SUS, à escola, seu filho vai na escola? Como que é?

Luisa: Ah, graças a Deus, tudo bem. No SUS, eu fui faz 2 meses fazer... fiz um ultrassom, e ainda não recebi resposta, e eu acho que já passaram 3 meses. E ainda não recebi resposta daqueles exames que eu fiz. Mas aqui o SUS não é... nada bom. Eu fui em outro SUS, em outro bairro onde eu morei, e eu fiz uma mamografia, fiz uns exames, e aí foi mais rápido. Aí eu mudei de bairro e o SUS desse bairro aqui não é muito bom. Acho que depende... é, o pessoal daqueles lugares.

Letícia: Ana, você queria falar alguma coisa?

Ana: Não, eu queria era... assim, perguntar, professora, assim que... tava, assim, com uma curiosidade, não? É... esse trabalho que a senhora tá fazendo, tem um fim assim, muito bom? Eu queria assim, saber, né, me desculpa. Porque é interessante tudo isso que tá acontecendo, porque eu sei que a senhora tem algum sonho, né, na sua vida, pra ver isso realidade, entendeu?

Letícia: Então, a pesquisa que a gente tá fazendo, ela é pra trazer dados pra uma pesquisa maior de mestrado, então daqui 1 ano, eu acho, vai virar um trabalho de conclusão de mestrado. E aí, assim, a gente sempre espera que o trabalho fique conhecido, e que traga resultados positivos, né, o grande objetivo de tudo é que... que o acolhimento pra pessoas imigrantes melhore, que as pessoas tomem conhecimento sobre a situação de vocês, mas a gente também não tem como garantir, né?

Ana: Eu entendo, profe, mas... eu já imaginava isso, mas eu felicito você por seu empenho, por sua dedicação, por isso que a senhora quer conseguir. Eu sei que as coisas vão melhorar em nome de Jesus. Que Deus abençoe sua vida, eu sei que a senhora... eu imaginava tudo isso, mas vocês são muito corajosas, sabe? E são abençoadas por nossas vidas, por nossas preces que estamos aqui acompanhando a senhora, fazendo isso realidade, entendeu?

Letícia: Obrigada, Ana. Alguém quer falar mais alguma coisa, gente? Foi super rapidinho... Não? Clara, você tem alguma pergunta? Também não? Bom, gente, então, eu acho que uma parte que faltou, se vocês tiverem uma ideia também, mas... como vocês acham que poderia melhorar o atendimento das ONGs, do governo? O que vocês acham que poderia ser feito?

Milagros: Eu acredito que as ONGs, para poder ajudar mais, precisam mesmo de recursos, que o governo ajude elas... Eu conheço uma ONG aqui, que elas não têm recursos, e não recebe recursos do governo, nada, só doações que dão algumas empresas, assim, pessoas ajudam, que tem, assim, possibilidade de ajudar eles, elas conseguem, mas não é que tenha... o governo, eu acredito, por tantos impostos que se paga aqui, aqui se paga até pra respirar, eu acho, que o governo poderia ajudar essas ONGs, dar uma... sabe, não sei, de alguma forma. Porque são muitas ONGs, são muitos estrangeiros também. Eu não sei se é certo a gente falar muito, sabe, em Boa Vista se falava muito que o governo dos Estados Unidos mandava dinheiro para o Brasil para a situação migratória, mas não sei se isso é verdade, sabe? Mas alguma coisa tem que ver. Aí essa organização que trouxe nós para cá, da Igreja Adventista, ADRA, ela é subsidiada pelos Estados Unidos. Eles quando fizeram esse projeto de interiorização, o dinheiro vinha dos EUA. Então eu acho que é isso, o governo ajudar um pouco mais essas organizações, bem constituídas, claro, não é qualquer organização, porque aí

qualquer um vai querer fazer uma organização só pra receber, não, tem que ser uma organização bem constituída que o governo possa ajudar de alguma forma.

Letícia: Quem mais, gente? Alguém quer falar mais alguma coisa?

Ana: Eu estou de acordo com o que Milagros falou, eu estou de acordo com o que ela falou, que tem que melhorar dessa maneira, dessa forma, entendeu? Estou de acordo com ela.

Letícia: Maria, Luisa...

Maria: Então, sobre a ONG.. a ONG, TAARE, que eu conheço, ela... ela ajudam muito, sabe assim? O governo deveria também ajudar elas, pra tipo assim, ajudar os que estão chegando, mais que tudo, porque depois que a gente já emprega, já começa o trabalho, a gente já... tipo assim, não precisa disso, pra uma pessoa que precisa, está chegando, que não tenha condições, entendeu? Aí o que eu gostaria muito é o negócio do DETRAN, porque eu já conheço muitas pessoas, tipo assim, estrangeiros, que tipo assim, tem uma profissão, né? E às vezes precisa, porque realmente, assim, motoristas, assim como meu esposo, tem muitos. E pra eles estabilizar um pouco mais, porque a pessoa tem uma profissão, tem que trabalhar com salário mínimo, às vezes a pessoa até... aproveitam disso, sabe? Aí eu acho que, nossa, seria ótimo se o DETRAN melhorasse. Porque ele fez tudo certinho, sabe? Mas acho que isso daí é mais, tipo assim, lá dentro, né, que complica, às vezes, pros estrangeiros, tem tanta coisa. Faz mais difícil. Aí se fosse, tipo assim, mais rápido... a pessoa fica até agoniada, porque não tem como trabalhar. Aí eu gostaria muito que o DETRAN fosse mais [?], tipo assim, desse resposta mais rápido, não demorasse muito. E é isso, aí.

Milagros: Eu acredito que esse problema do DETRAN é aqui em Uberlândia mesmo. Porque eu tenho um amigo que tirou a carteira de motorista em Uberaba, e foi rapidinho. Eu acho que é aqui em Uberlândia mesmo. Como que se não estivessem dando continuidade no processo. Meu esposo também tentou fazer, mas demorou, demorou, demorou, e aí ele desistiu.

Maria: É, meu esposo já em 2... vai fazer 2 anos, já. E realmente também escutei isso aí. Que é Uberlândia. Que é muito difícil mesmo, complica demais, é muita burocracia,

porque já a gente conheceu pessoas de fora, tipo assim, de outras cidades, outro estado, e realmente eles falam que tiraram... nem 1 mês demorou pra chegar. Imagina, já são 2 anos correndo atrás, e quando não é um documento é o outro, e já, tipo assim, é... ele, nessa semana, até o patrão dele foi com advogado porque eles tavam pedindo contrato de trabalho e em nenhum canto pede contrato de trabalho pra tirar a habilitação, entendeu? Aí é complicado isso.

Letícia: Luisa?

Luisa: Eu concordo com as meninas. Só se o governo ajudar mais, aí eles... seria mais prático para eles trabalhar. E assim, ajudar os que estão chegando, porque já os que tem 1 ano, 1 ano e pouco, esses já estão ajeitando, aí precisam os que estão chegando.

Letícia: E as necessidades principais de quem tá chegando, vocês acham que seria pra quê? Qual é o principal? Moradia, trabalho, alimentação?

Luisa: Eu acho que moradia e trabalho, eu acho que seriam as principais.

Letícia: Todas concordam, gente?

Ana: Sim.

Milagros: Eu concordo. Tendo uma moradia e trabalho, nós trabalhando nós consegue arrumar comida e essas coisas. O principal é a moradia e trabalho.

Maria: É verdade, moradia pelo menos 1 mês, já procura emprego, já procura emprego, já... aí depois a gente depois a vai. É porque eu também passei assim, em Manaus, teve uma menina que ajudou nós, ela pagou o primeiro, ela pagou um quarto pra nós e eu já tava começando a trabalhar, no mês seguinte eu já paguei, entendeu? Aí tipo assim, não fica muito pesado pra ONG, e a pessoa já fica, tipo assim, atenta, porque tem que trabalhar e estabilizar, entendeu? Porque como tem muitos que estabilizam, tem muitos que não, que ficam esperando e esperando ajuda, e aí fica pesado, assim. Aí já é uma balança, né.

Letícia: Bom, gente, se ninguém tiver mais nada pra falar, a gente encerra. Posso? Então tá.

[encerramento da reunião]

- Grupo 2
 - Reunião 1 (21/04)

[Apresentação. As entrevistadoras se apresentaram, explicaram os temas que seriam discutidos e a dinâmica de funcionamento da pesquisa. Depois, as voluntárias passam a se apresentar. O áudio da participante Rosa Garcia foi corrompido]

Juana Martinez: Boa noite, meu nome é Juana, tenho 2 anos aqui no Brasil, trabalho no setor da cozinha, churrascaria aqui em Uberlândia, eu vim com os meus 3 filhos, e... já temos aqui um tempinho, já veio minha mãe, minha irmã, e qualquer coisa que precisar, se puder ajudar, ajudaremos.

Letícia: Obrigada, gente. Bom, então cada reunião tem uma pergunta, e a pergunta que eu queria fazer pra vocês hoje, é: o que levou vocês, se teve alguma situação específica, se foi alguma coisa mais geral, a saírem da Venezuela e virem pro Brasil.

Rosa Garcia: Eu vou falar antes das minhas colegas, por que o meu... a situação que eu saí, talvez foi diferente das delas. Porque me divorciei, meu ex não tava querendo me deixar quieta, e bom, se eu ia pra Colômbia, lá é muito perto da Colômbia, de onde eu sou, ele viria por mim. Eu preferi ir o mais longe que eu consegui. Ele falou bem assim, “Ai, a sua mãe é doida. Ela vai voltar quando o dinheiro dela acabe”. Então isso foi o que fez que tivesse mais força pra eu ficar aqui. Então foi isso. Por que acontece que meus filhos já são grandes. Eu tenho 2 filhos que estão aqui, um que tá lá em Goiânia, e outra que tá aqui em Valparaíso, em Goiás. Um mora em Brasília (?). Então... eu não saí porque não tinha mais como trabalhar, tal. Sim, aconteceu (?) muito isso, mas não foi um motivo.

Letícia: O seu relacionamento antes do seu divórcio era complicado?

Rosa: Não.

Letícia: Era só pra ele te deixar em paz, então?

Rosa: Não, foi porque era muito tempo a gente já estava junto e ele tinha outras mulheres. E aí nós trabalhávamos juntos e o dinheiro que tinha que entrar pra casa, não entrava todo. Então começou a haver essa questão econômica. E eu perguntava pra ele o que que tava acontecendo e eu.. eu sabia. Mas aí eu fiquei sabendo que ele comprou uma casa pra outra mulher, ele já tava mobiliando aquela casa pra outra mulher. Então pra mim falava o tempo todo “Ah, não, que não me pagaram, o cheque tava sem fundo”, ele falava um monte de coisa pra mim. Aí eu falei com ele, falei assim “se você não para de fazer isso que você ta fazendo, então eu vou ter que sair. Porque eu não consigo viver mais desse jeito.” Ele falou “então tá bom, a gente vai se divorciar”. Ele veio, falou comigo um dia e tudo bem, vai e eu vou também, pronto.

Clara: Eu ia só perguntar.. porque você disse que o seu ex esposo, se você ia pra Colômbia, ele ia pra Colômbia, ele não queria te deixar quieta, não queria te deixar em paz. Mas de alguma forma ele.. ele foi agressivo ou você contatou a polícia, ou alguma coisa assim, ou ele só era muito chato, mesmo, assim, só não te deixava em paz mesmo?

Rosa: [sorrindo] Não, acontece que ele era, assim, “ai, não, vem pra cá” [?] Eu já tinha tentado alugar uma casa perto da praia. E aluguei... de fato, eu aluguei, e ele falava assim “que vai fazer lá, fica, volta pra casa”, não sei o quê... Então eu já sabia que ele tava com aquela outra mulher. Ele nunca... ele não era responsável emocional, praticamente falando. Então, não, ele falava “você precisa dinheiro? Bem, tá aqui, bem”, “precisa de alguma coisa?”, não, ou sim, se eu falava não, ele comprava qualquer outra coisa. Só pra que o povo ficava sabendo que ele ainda tava comiho. Mas a gente não tava.

Letícia: Você falou que tem 2 filhos seus que tão no Brasil, você tem algum outro que tá na Venezuela?

Rosa: Tenho 2. Tenho 2. Mais precisamente, um deles não conseguiu vir por que ele é filho da minha irmã, só que eu criei ele desde 4 meses de nascido. Ele agora tá com 19 anos. E o meu filho mais velho, ele ficou lá porque aí a gente tem casa, tem coisa, então não conseguimos [alguma pessoa tome a frente disso].

Letícia: Só pra entender melhor, você diria que a sua decisão de sair da Venezuela e vir pro Brasil, foi como que pra reafirmar que você é independente, que você consegue se virar sem ele? [Rosa assentindo]

Rosa: É porque lá eu tinha tudo. Aí quando eu aluguei aquela casa perto da praia, eu pensei “ah eu posso. Eu posso me virar sozinha”. Porque a minha vida toda, desde que estava com... praticamente com 14 anos, foi tudo ele. Tudo ele que me dava, tudo ele que comprava pra mim, eu ia, voltava, ele pedia pra alguém me pegar, me trazer, me levar, tudo. Aí se eu fosse pra Colômbia, ele ia mandar algum dos meus filhos pra buscar e me convencer de voltar pra casa. Aí eu vim pra cá. Depois quando meus filhos pra cá, é, meu filho que está em Goiânia, era porque... eu tenho um filho lá no Chile. Meu filho que está no Chile pediu pra meu filho que tá aqui ir com ele pra lá, pra Chile. Então... o governo chileno pediu visa pra venezuelanos. Aí eu falei pra meu filho, “não, vem pra cá, que na embaixada venezuelana, eles estão dando um ‘permiso’ pra uma pessoa que venha pra Brasil ir pra Chile”, porque é um convênio que tem a embaixada venezuelana com a embaixada de Chile. Só que quando ele chegou aqui ele conseguiu serviço em 5 dias e foi, até hoje tá aí.

Letícia: Então tá bom. Juana, você quer falar?

Juana: Então, eu vim para o Brasil, eu sou mãe solteira, com os meus 3 filhos, eu vim pela situação que estava Venezuela, né, eu sempre fui sozinha, já chegou um ponto na Venezuela que eu já não conseguia, assim, um salário não dava para eu sozinha alimentar a eles, né. Aí minha irmã estava aqui fazendo um mestrado na UFU, aí ela me falou pra vir aqui, aí eu comecei a fazer meus planos, e foi onde eu decidi vir aqui a Brasil, estava entre Brasil e Peru. Só que o Peru estava começando a pedir visto, era muito difícil nesse momento tirar um visto para o Peru. Aí foi quando peguei meus 3 filhos e viemos para cá. A morar aqui.

Letícia: Juana, teve alguma situação específica, assim, algum dia que você falou “não, eu tenho que ir embora”?

Juana: É, sim, tive como 2, 3 dias que já não tinha nada para comer, ou seja, para dar para meus filhos, não tinha nenhum tipo de alimentos para eles. É... nada, nada, e isso foi a situação como que minha filha ficou doente, eu levei ela para o hospital e o hospital não tinha nenhum medicamento. Aí ela ficava muito doente, sabe, ela não tinha uma boa alimentação, ela tava muito magrinha, e aí eu fiquei assim, como que foi o suficiente, falei não, já chega, preciso que eles vivam uma vida melhor, como a que eu

vivi, né, que eles são crianças, né? Aí foi quando eu vim para cá. Aí depois tudo melhorou, graças a Deus.

Letícia: Quais idades têm os seus filhos, Juana?

Juana: Agora tem... eu tenho uma menina de 3 anos, tenho um de 14 e um de 12.

Rosa (no chat, por escrito): Pra nós que tínhamos propriedades, lojas próprias, assim como no meu caso que também tinha meu próprio negócio a gente sofre ainda mais porque sofremos perder tudo que a gente fez durante a sua vida inteira. Começar do 0 dói muito.

Letícia: Alguma de vocês quer falar mais alguma coisa sobre essa pergunta? Não? Então eu vou fazer uma outra pergunta que é relacionada, tá? Provavelmente quando vocês tomaram a decisão de vir pro Brasil, vocês esperavam algum tipo de coisa, né, vocês provavelmente tinham expectativas em relação ao Brasil, e aí eu queria saber se o que vocês encontraram foi o que vocês esperavam e também se, olhando a vida que vocês tinham lá, a vida que vocês têm aqui, se vocês acham que no geral valeu a pena. Eu sei que algumas de vocês já começaram a responder, mas quero ouvir de todas.

Rosa: No meu caso, pra mim, eu não imaginei NUNCA, nunca nunca, um país... assim, depende porque tem muita coisa daqui que ainda não consigo me acostumar. Mas tem outras coisas que, pra mim, nem penso... eu quero ir pra Venezuela, mas não quero ficar lá. Porque eu já me acostumei aqui, porque tem coisa que supera muito, muito, muito, as minhas expectativas. Com essa idade que eu tenho agora. Então, assim, as coisas que eu não gosto daqui também tem lá. Então já Brasil é o meu país. Superou muito, muito, muito minhas expectativas, só que também que eu ia pra São Paulo e me trouxeram pra cá, pra Brasília, e conheci muita coisa boa, ajudei muitas pessoas, me relacionei com muitas pessoas, e é aqui que eu conheço praticamente todo o Brasil, desde aqui, desde Brasília.

Letícia: Rosa, você pode exemplificar, quais são as coisas que superaram as suas expectativas e aquilo que você não gosta?

Rosa: Das coisas que superou minhas expectativas é porque, é... a mulher, ela tem esse poder de decidir se quer estar com uma pessoa ou não. Isso aí eu gostei (risos). E também que no empreendedorismo ajudam demais. Ajudam muito. Motivam as

peessoas, dão cursos, orientações, você aqui praticamente não é velho. Você aqui tem tempo pra fazer tudo que você quiser. De acordo com a sua idade, você pode trabalhar numa horta comunitária, se você quiser, se você não pode trabalhar num armazém de alguma coisa, você consegue o serviço que você quiser. Claro, tem que ir entrando em muita coisa. E as coisas que eu não gostei daqui (pausa). Eu não gostei... é que qualquer pessoa pode consumir droga e não tá errado. Isso aí que eu não gostei. Eu já tive vizinho que ficava fumando maconha o dia todo, e eu não podia falar nada, eu tive que sair e deixar o espaço pra ele, por que ele.. [sou] maconheiro, você não consegue falar, lá na Venezuela não, não, não é assim, não é desse jeito, não. E.. aqui não tem espaço, se você tá na sua casa, você quer estar com droga, não tem problema, é... nessas áreas aí que eu não gostei. Isso não... não acho uma coisa segura nem pra mulher, nem pra criança. E outra coisa, assim, aí, que eu não gostei aqui, aí (ênfase), é que pra tu conseguir ir pra trabalhar, você tem que ter carro. Aqui em Brasília tudo é longe demais, eu fico agoniada dentro dos ônibus, eu tenho que pegar 2 ônibus pra chegar no meu serviço, eu fico muito agoniada com isso.

Letícia: Quem quer falar agora?

Juana: Eu. Então, quando eu saí de Venezuela, eu saí com muito medo, né, achei que não ia dar certo, mas já tenho 2 anos aqui e até agora não me arrependo de estar aqui, de ficar aqui. Brasil, mais que tudo Uberlândia, tem muitas coisas boas, gosto muito da saúde daqui, da educação... é... concordo com Rosa, levo meus filhos na praça e tem meninos de 12, 11 anos fumando maconha e para eles é normal, meninos já bebendo, ficando bêbados, mas assim até agora para mim tudo valeu a pena. Até agora estou bem, me sinto muito bem aqui, meus filhos se sentem bem. Eu trabalho, eles vão para a escola e, assim, graças a Deus tudo vai dando certo.

Rosa: Juana, Juana, desculpa, eu só queria falar uma coisa da saúde. É... eu já conheço Boa Vista, eu estive lá acho que um mês, conheço a saúde daqui de Brasília e a saúde daí de Uberlândia. E a verdade é que a saúde aqui em Brasília... não, não concordo. Porque, aqui, não sei, é muito... muito atrasado, você pode ficar dentro da UPA até 12 horas e você não.. ninguém nem olha pra mim, nem se olha pra você.

Juana: Quando cheguei era mais bom, tava muito melhor. É assim, minha menina ficou doente, mas assim, é... atenderam muito bem ela, ela sofreu uma paralisia facial, né, aí

os doutores, médicos... bem, né? Só que agora, ultimamente tá assim, eu fiquei com ela doente semana passada, aí eu fiquei quase 3 horas, só para que me atendessem, e ela com febre, aí passavam outros meninos, mas assim... me deram todos os medicamentos, medicamentos que eu não conseguia em nenhuma farmácia, eles deram. Assim, mas muito, muito melhor que Venezuela está, né? Só que assim, Brasil é tão grande que varia, né? Tenho escutado pessoas que falam que a saúde aqui é péssima. Mas... para mim não é assim, eu acho que depende, né.

Rosa: Imagina que eu nem consegui fazer um Papanicolau aqui ainda. Então... e eu preciso. Eu preciso porque eu já fiz cirurgia de útero, já tirei tudo, e aqui não consigo, e nem conseguirei, porque já tenho 3 anos aqui nisso. Então eu pago, só tenho que pagar pra mim fazer. Não, público não tem.

Juana: As consultas demoram. Elas demoram uns 2, 3 meses, mais ou menos, até agora que minha mãe também tinha que fazer um exame das mamas... até agora ela estava esperando que ligassem para ela pra ela ir fazer. Então eu acho assim, que tudo depende, né, tem pessoa que fala que deu certo aqui na medicina mas tem outras que não. Na minha, assim, nas coisas que fui levar a minha menina para... pelo SUS (assente). Só é assim, que tenho que esperar muito para que atendam ela, mas com as medicinas [remédios], atenção, os doutores... gostei.

Rosa: Ah, eu penso que aqui é trabalhar pra pagar (risos). Medicina, porque... não. E no meu caso, eu já conheci uma médica cubana, que ela mora, daqui onde eu moro, a 2 horas. Então se eu vou lá, eu consigo, de outro jeito não.

Letícia: Rosa, sobre o exame, você tá procurando no posto de saúde ou no UPA?

Rosa: É... no posto, posto de saúde. Mas eu fui ali, acho que faz mais de um mês, e a mulher falou que eu teria que ir pra fazer o meu cartão novo, cartão do SUS, e trocar o meu endereço. Eu já troquei meu endereço duas vezes. E a terceira vez que eu fui pra pedir encaminhamento a mulher falou que ainda tava o endereço velho. E perdi o dia. Então falei, não, não vou procurar mais isso aí.

Rosa: E fui aí na Polícia Federal e não pude, em um ano e meio, renovar meu documento. Cheguei aqui em Brasília e em 15 dias já tinha renovado meu documento. Eu queria, por favor, outra coisa. Como eu sofri... eu sofri violência doméstica, não sei se foi violência doméstica, foi daquele homem que eu tava namorando com ele, eu

fiquei nesse relacionamento pouquíssimo tempo, acho que 3 meses. E quando eu fui fazer o BO contra ele, depois disso aí a polícia não me deu nenhuma... não me garantiu a minha segurança. Essa é outra coisa que eu não concordo. Porque se fosse lá na Venezuela, eles tinham que chamar a pessoa e botar ela na minha frente. E falar, “você fez errado isso, isso, isso e aquilo, ela falou isso, isso e aquilo, você fez?” “não”, ou “sim”, e aqui não me deram segurança nenhuma, esse homem veio pra cá, depois de um ano, ele veio pra cá, tirou uma foto de uma escola perto de onde eu tava morando, ele enviou essa foto pro meu Whatsapp porque ele até comprou outro número pra mandar [?] pra mim, e falou bem assim, “conhece isso aqui?”, eu falei conheço, isso aí é São Sebastião, essa aí é a escola São Bartolomeu.

Clara: E esse homem é brasileiro, Rosa?

Rosa: Ele é brasileiro, ele é e eu fiz esse BO porque a vizinhança falou comigo que eu tinha que fazer, porque eles já tinham sabido que ele tinha esfaqueado uma mulher. E eu não sabia, então... se esse homem [já tinha outra mulher, por que [?]? por que ele não fala direito comigo? Falaram pra mim, “se você tiver como você ir embora daqui de Uberlândia, vá embora. Hoje está fazendo praticamente um ano disso. Então isso aí é outra coisa que eu não concordo, não concordo. E eu até participei de um grupo de mulheres aí de Uberlândia, que fizeram uma palestra também, assim, online, e uma mulher que conhecia a minha situação me convidou, e depois elas não me chamaram mais, pra ver o que foi que elas combinaram. Eu acho aí que isso está muito errado. Falta alguma coisa. Eu não concordo com essa lei.

Letícia: No dia que você foi fazer o BO, você percebeu se os policiais trataram com descaso, se eles te prometeram alguma proteção, ou não?

Rosa: Não, não me prometeram nada, nada, não deram nenhum seguimento, nem perguntaram, nem ligaram, nada. Inclusive que eles foram lá onde eu tava morando e como eu vivia trancada, vivia presa. Eles bateram na porta, eu estava com medo, eles nem botaram o papel embaixo da minha porta, nem nada, como fez [o pessoal da vizinhança], eles foram lá, pra me ajudar, bateram na porta, como que... como que eu não conseguia me comunicar com ninguém, ela botou um papelzinho por baixo da porta e falou pra mim, vai lá no posto com isso. Eu acho que isso aí tá muito errado, muito, muito, muito errado.

Clara: Rosa, deixa eu te perguntar, você sentiu que em algum momento esse tratamento teve alguma coisa a ver com você ser de outro país, ou talvez eles acharam que você não ia entender das leis, ou alguma coisa assim? Tipo, você sente que em algum momento eles te trataram assim por ser de outro país? (Rosa fazendo que não enfaticamente)

Rosa: Não, não, eu acho que nem tinha nada a ver com isso, é porque eu penso que funcionário público aqui, ele [dá 0 para o que é falado]. Porque eles não estavam nem aí, só estavam cumprindo seu serviço e pronto. Não tavam... nem com os meus direitos, porque eu já sei que não é só comigo, é com outras mulheres também. Então isso não tem nada a ver, com que eu seja... porque eu não eu não falo muito bem o português, mas acho que eu sei expressar as coisas que aconteceram comigo. Eu me sinto.... Porque.. a Letícia e a Clara, vocês têm que saber que tem pessoas que migramos que... de todos extratos sociais. Então, nós criamos nossos filhos com todas as coisas que tem que ser criado um filho. Então a gente não vai querer isso pra um neto. Porque se está em falta algumas coisas lá na Venezuela, que estão, o seu esforço tem que ser maior, pra você obter isso aí. Porque minha filha tem 8 meses, ela chegou aqui em Brasil. Mas eu discordo de algumas pessoas que falam que faz 8 meses eles vieram pra cá porque estavam passando fome. Lógico, se você não trabalha, você vai passar fome aqui em Brasil, na China, na Suíça, em qualquer lugar do mundo, se você não trabalha, se você não faz um esforço pra você ficar na frente da situação. Então é isso que... pelo menos meu filho, ele está trabalhando em uma empresa igualzinha aquela que o pai dele tem lá na Venezuela. Porque ele passava informações pra o dono dessa empresa naquele momento, e quando meu filho veio pra cá, ele falou, “mãe, eu tenho um [cara/contato] aqui que ele comprava a informação da nossa empresa, por que você não liga pra ele?” ué, por que eu vou ligar pra ele se eu não conheço? Não, ele falou tudo, tudo que eu ia falar pra ele. E quando eu falei pra aquele homem que... naquela época, estávamos lá em Uberlândia, não, eu estava aqui em Brasília e ele estava lá em Uberlândia, quando eu falei pra ele assim, ele falou “eu não acredito que você esteja aqui no Brasil”, ele [o filho] falou “sim, eu estou”, aí ele... 3 dias depois ele estava aqui, em Brasília, pegando meu filho pra levar pra Uberlândia. Até hoje, e agora meu filho trabalha nessa empresa lá. E tem venezuelanos aqui em Brasília, tem muito, aqui nessa cidade que eu tô, temos mais de 2000 venezuelanos, e eles falam que eu, que eu peguei o melhor serviço para meu filho, não foi assim. Só que eu cheguei aqui no Brasil e nem falei pra ninguém o

que eu tinha lá. Não falei pra ninguém. Vim pra cá interiorizada, eu vim interiorizada pela Cáritas. Como qualquer um dos outros que vieram pra cá, eu nem falei eu tinha isso, eu tinha aquilo, não. E assim minha filha veio pra cá, e ela já foi gerente de um restaurante lá na Venezuela, quando ela chegou aqui, 5 dias depois eu achei serviço pra ela em um restaurante, e lá, o homem... nada que ela falasse, não... ele falou “eu quero você aqui, eu quero você aqui”. Ela ficou lá 4 meses e meio, teve que sair por causa das crianças. Aí depois ela tá agora faz 1 mês está trabalhando comigo, num salão de beleza, e está cuidando da administração do salão, porque essa é a área que ela estudava. Então se você não tem preparação numa área, como que você vai querer trabalhar nessa área? Então tem muitos venezuelanos que vieram pra cá e... ah, passaram fome? Sim, passaram. Por quê? Por que lá se conformavam com as coisas do governo, aqui com Bolsa Família, tem mulheres com 5, 6 crianças, pergunta pra ela por que tem 5, 6 crianças? Benefícios. Benefícios do governo. Não é assim porque o governo pode cair, você vai ficar pra trás, sem benefício nenhum. Qual é o exemplo que você vai dar pras suas crianças? Assim eu penso. Então, se você não estuda, se você não se prepara pra vida, você vai ficar pra trás. Com fome aqui, na China, onde seja. Então a gente veio pra cá, conseguiu uma oportunidade de trabalhar, de sair na frente, de estudar, que eu fiz o curso na UFU. Estou maravilhada com essa oportunidade que me deram. Por quê? Porque o governo lá, como eu tava aqui envolvida com política, o governo lá, o que fez? Fiz política lá, apagaram todos os meus recordes (registros). Aí o que que eu faço? Ah, então.. começo do zero. Porque ainda tô viva. Tenho que fazer o tanto que eu posso enquanto que eu esteja viva.

Clara: Rosa, você disse que tava envolvida com política na Venezuela e eles apagaram seus documentos. Como que foi isso?

Rosa: Na verdade que eu não sei, porque até ontem falei com um amigo que ele foi anteontem pra embaixada velha, a embaixada de Maduro. Que realmente, essa embaixada tem que ser reconhecida aqui no Brasil, por que já Maduro, ele já foi reconhecido novamente como presidente da Venezuela. [...] Eu to tentando fazer a prorrogação do meu passaporte e me mandaram um link falando que você tem que ir pessoalmente fazer a sua renovação. Só essa frase. Então como minha filha tava lá, eu aproveitei pra falar pra ela que trouxera pra mim a minha documentação. Ela falou, “mãe, não acharam nada”. É, eu tinha sabido, só que eu achei que tavam querendo falar

alguma coisa pra eu ficar com medo. Quando minha filha veio pra cá ela falou, “mãe, aqui não encontrei nada de você, nada”. Nada, nada, nada. Então o que foi que falou meu amigo, ontem, ele vai me levar na semana que vem, pra mim ir lá na embaixada velha, a embaixada de Maduro, pra me apresentar a umas pessoas daí, pra mim falar da minha situação. Pra ver o que que foi que aconteceu, o que que foi que houve. Porque eu não posso pagar, eu não tô em condições de uma viagem pra lá, só pra mim fazer, exercer o meu direito de ter o meu passaporte em dia. Então pensa só: eu ir lá, tendo aqui a embaixada. Aqui do lado. Não. E nem nada, só as questões da escola que eu consegui.

Clara: E quando você trabalhava lá você trabalhava com política ou você conhecia alguém que trabalhava com política...

Rosa: Eu já fui deputada pró-constituente antes (ênfase) daquele presidente, aquele Chávez, eu já tive problema por isso aqui, porque já tem pessoas do governo aqui que me disse coisas... eu já me envolvi aqui com coisas de Deus com aquele outro presidente que também não fez nada, e agora eu saí fora de tudo [...]. Por isso eu falo assim, infinitas histórias, infinitas histórias, que você vai escutar dos venezuelanos. Muitas. Então eu prefiro por isso... [Mudar pra cá], pra São Sebastião, tô querendo fazer só a minha vida. Eu já ajudei muitos venezuelanos, muitos, já fiz muita coisa, trouxe só problema pra mim. Trouxe esse problema pra mim. Não. Eu não quero que sobre para aqueles que ficaram lá.

o Reunião 2 (05/05)

Letícia: A pergunta que eu queria fazer pra vocês hoje, é... primeiro, com que vocês trabalhavam lá na Venezuela? Só isso, por enquanto. Quem vai falar?

Juana: Eu. Eu trabalhava com contabilidade lá na Venezuela.

Letícia: Vivia bem?

Juana: É, a princípio sim. Ganhava bem. Aí depois não.

Letícia: E você, Rosa?

Rosa: Eu fazia várias coisas. Eu tinha meu próprio empreendimento, que lá não... não é empreendimento, é... economia informal (risos). Juana sabe do que estou falando (risos). É... porque meu marido, ele vendia [legumes] e hortaliças. Tipo, uma pra cada um. Eu vendia de Valencia. Também eu vendia peixes. E lá eu também trabalhei dentro de... como se diz, Instituto da Criança e Adolescente. Mas eu trabalhava como assistente social lá. Não pra mexer com criança, mas sim pra falar pros pais. Não sei se aqui tem isso.

Letícia: Como que é, com os pais?

Rosa: Porque é assim: lá na Venezuela tem esse Instituto da Criança e Adolescente. São as mesmas leis do que aqui, só que aqui tem mais algumas coisas, porque essa lei é mundial, isso não tem nada a ver que um país específico que tem pra criança, não. Então o que acontece, eu trabalhava na direção regional de [SAIR/SAIB]. O nome é [SAIR/SAIB]. É o que? Tipo um instituo aonde levam crianças que estão na extorsão, [coisa assim]. Só que é meio... tinha problema de droga, prostituição, então. Eu não mexia com crianças, não, eu [dava] era pra mim chamar os pais, e aplicar a lei sobre os pais. Não sei como é isso aqui.

Letícia: Entendi. Não, aqui tem também, se não me engano chama guardiões tutelares, alguma coisa assim. Tem também. E aí, ok, então eu queria saber de vocês como que tem sido a inserção de vocês no mercado de trabalho aqui no Brasil, com quê que vocês estão trabalhando agora, não precisa ser só atual, mas desde que vocês chegaram no Brasil, que que vocês tem feito, como tem sido de salário, de direitos trabalhistas, se tão assinando carteira, e tal. Então é um histórico, assim, bem geralzão de... da experiência de vocês desde que vocês chegaram aqui.

Rosa: Juana, você tem quanto tempo aqui no Brasil?

Juana: Tenho... vou fazer 3 anos.

Rosa: E em Uberlândia?

Juana: É... também, 3 anos. Eu vim direto para cá. Eu fiquei 2 meses, 1 mês, num refúgio aí em Pacaraima, aí eu [saí em viagem] e cheguei aqui.

Rosa: Ah tá, tá. Pode falar da sua experiência.

Juana: Eu cheguei aqui trabalhando na cozinha. Nunca mexi com cozinha, mas aqui esse foi o emprego que saiu e o que peguei. O salário, como tal, assim, não vejo muito alto. Assim, é um salário... eu, sozinha, não dá com um salário para eu manter a meus filhos, não. Mas assim, do resto, bem. 'Demandé' (processei?) uma empresa porque trabalhei sem carteira assinada, ainda não sabia bem o que era trabalhar com carteira assinada, a importância de ter carteira assinada. Trabalhei com eles quase 7 meses, e [não] me pagaram. Eles só falaram que eu não tinha direito porque eu trabalhei sem carteira assinada. Aí fiz essa demanda, a demanda procedeu, e estou ainda aí nesse processo. Mas a experiência, muito bom.

Letícia: Mas então, agora você não tá trabalhando? Como que é? Você tá processando a empresa?

Juana: Não, to trabalhando sim, eu saí dali e a primeira empresa que me brindou a oportunidade quando cheguei aqui em Uberlândia, eles fecharam na pandemia, e agora eles de novo voltaram a me contratar. Já estou ali, fichada, com carteira assinada, também de cozinha. Como auxiliar de cozinha.

Letícia: Entendi. E essa primeira empresa... eles não te pagaram os salários?

Juana: Me pagaram, sim. Eles pagaram meus salários, certo, tudo. Aí eu trabalhei tudo certinho, com carteira assinada.

Letícia: Não, mas a outra, a que você não tinha carteira assinada, o que eles não te pagaram foi o salário, ou...

Juana: Não, não me pagaram nada, o salário só me pagaram... assim, quando decidi sair, eu já tinha os 20 dias do mês. Só isso foi o que eles me pagaram, mas eles não acertaram comigo, eu fazia [dobles], ou trabalhava horas extras, eles isso não reconheceram. Só falaram que como eu trabalhei sem carteira assinada eu não tinha direito.

Letícia: Entendi. E aí isso ficou pra trás, assim, você não tá mais tentando conseguir?

Juana: Como, não entendi?

Letícia: Você deixou esse dinheiro pra lá ou você tá tentando recuperar de algum jeito? Do que eles não te pagaram.

Juana: Eu estou tentando recuperar. Sim, porque assim, eu acho que foi meu tempo, foram dobras, foram vezes que eu deixei meus filhos sozinhos, então assim, eu acho que eu tenho direito ao dinheiro que por lei me corresponde, né? Aí eu fiz uma demanda com eles, aí só estou esperando, mas eu acho que vai dar certo.

Letícia: Entendi, entendi. Agora, Rosa?

Rosa: Tá. Juana, desculpa Letícia, eu queria só fazer uma pergunta mais pra Juana. Juana, será que eu te conheço? Eu te conheço pessoalmente?

Juana: Não sei, de onde? Daqui?

Rosa: Eu acho que... você tem 3 crianças? Ou 2?

Juana: 2 crianças.

Rosa: Eu acho que nós fizemos um trabalho juntas, se lembra?

Juana: Ah, que pequeno esse mundo! (risos) Está vivendo em Brasília?

Rosa: Eu estou vivendo em Brasília. Bom, depois falamos.

Juana: E seu filho?

Rosa: Meu filho está em Goiânia.

Juana: Tá bom. Depois falamos.

Rosa: Desculpa, Letícia.

Letícia: Não tem problema (risos)

Rosa: Só que... a minha cabeça tava, quando ela falou... da cozinha, não sei o quê... tava me lembrando aquele dia lá que a gente recebeu... na virada do ano, foi. Ah tá. Então. Letícia, eu vou ser muito sincera com você. Eu tô muito triste, porque na área que eu me desenvolvo, que é a na área dos serviços gerais, vou falar de algumas [coisas]. Eu já fiz faxina em muitos lugares, pra muitas pessoas. Então, brasileiro paga muito bem. Brasileiro paga bem. Só que depois eles acham que a gente pode dar mais, e mais, e mais, então, vai aumentando o serviço, mas não vai aumentando o pagamento. Já eu tive inúmeras situações com pessoas que eu falo assim, são pobres. São pobres. Acabei de sair de um serviço, não só porque eu vou viajar, não só porque eu vou pra São Paulo. E sim porque... a mulher [montava] serviço em mim até dizer chega. Eu tinha que mexer com a criança dela. Eu tinha que mexer com o salão de beleza dela. Com a casa dela. Com os problemas próprios dela. Tudo, tudo, pelo mesmo salário. E eu faço só diárias, eu sou cuidadora social, pra pessoas com necessidades especiais, eu sou cuidador de idoso, eu sou babá, eu já fiz faxina, em muitas.. em casa, em locais comerciais, em vários lugares. Letícia, o... como o denominador, aquele denominador comum é aquela pessoa que gosta de fazer assim com você (gesto de torcer), num trabalho. Gosta muito. Ele até poderia te pagar, mas (gesto de torcer de novo), você tem que sair sem braço, sem uma mão, pra ele saber que ele tá passando do limite. Com o teu corpo. Então não sei, não sei aonde que tem mente, aonde que tá a cabeça deles. E outra coisa, que eles não gostam que a gente fale dos direitos. Não gostam. Olha só, a mulher ficou brava comigo, tô te falando de ontem, ficou brava comigo porque eu não deixei que o filhinho dela me gritasse. E até levantou a mão pra mim. Só porque eu perguntei pra ele: "será que você quer que eu ajude juntando os brinquedos?", menino de 9 anos. Me gritou, "ai, você não tem que mexer com isso não!", eu falei, "não, não. Eu não tô falando que eu vou mexer, eu tô falando que se eu poderia te ajudar", porque eu não quis mandar ele juntar os brinquedos, então eu não falei assim, "vem, junta os brinquedos, guarda os brinquedos". Não. Eu falei "será que você quer que eu ajude você a juntar os brinquedos?". (risos) Esse menino, ele tava querendo me comer. Aí quando eu falei pra mãe dele o que tinha acontecido, ela falou pra mim: "não, mas eu já não tô querendo que você mexe com o menino, você só vai ficar lá no salão!", porque eu falei pra ela que eu não permito que ninguém me grite. Ninguém me desrespeite. Só isso bastou pra ela me demitir do serviço da casa dela. Eu tenho aqui os áudios. Então, se uma criança de 9 anos me grita, imagina o que será da mãe dele. Que foi que eu fiz?

Pequei a chave do salão, entreguei pra minha filha, porque minha filha tá trabalhando na administração do salão, e falei pra Maria, "Maria, tá aqui a chave do salão". Ela tem que pensar que já eu não vou mais lá, porque eu faço diárias no salão, e fazia diárias na casa dela. Além disso, eu dormia lá, porque ela pediu por favor pra mim, eu dormi lá. Como eu não tenho criança, não tenho namorado, não tinha responsabilidade de ir na Igreja naquele dia, eu ficava. E vinha cedo pra casa. Aí, Letícia, ela não pagou nada disso pra mim. Então, eu tô decepcionada. Porque, Letícia, eu garanto o meu serviço. Eu garanto. E olha só, outra coisa que aconteceu comigo. Faz... isso foi em dezembro, começo de dezembro do ano passado. Eu fui demitida. Sabe por quê? Esse aqui é o pior. Descobri que a pessoa que eu cuidava tava sendo estuprada pelo irmão dela. Letícia, o que eu faço? A mulher, a mãe e o pai dela, preferiram me demitir, e nunca me assinaram carteira, por isso. E pra eu não falar nada, [coisa] deles, porque a mulher tava querendo pagar pra mim só 300 reais, 300 reais. Eu falei, "como que você vai pagar pra mim 300 reais se eu tô trabalhando certinho? E é você que tá me demitindo. Eu não tô fazendo nada." Só que a mulher, ela é procuradora da Justiça, e a menina que trabalha lá, a outra menina que trabalha lá, ela falou pra mim, "por favor, por favor, por favor, Rosa, não fale nada". Letícia, imagina o meu coração. Como que tá hoje. Não tenho o direito nem de falar que uma pessoa brasileira tá sendo estuprada na própria casa dela. Ah, não. Como que eu faço? Hã? Coisas assim. Eu já trabalhei em casa de idoso com Alzheimer, que a própria filha tava dando veneno, para a própria mãe dela. E como eu não quis dar uma medicação que o médico não tinha dado pra mim dar, porque se ela morre, vão falar o quê? Que fui eu! Que dei uma medicação que não tava indicada. E ela fala assim: "esse aqui não é o que você vai dar, não, é esse". Ela foi, botou, da mão dela, você vai dar esse aí. Letícia, eu falava pra ela que eu dava. A mulher quando eu entrei lá era 45kg, uma mulher de 52 anos, tava com Alzheimer, com 45kg, ninguém sabia do jeito que a mulher estava, porque estava desse jeito. Quando entrei lá, quando eu tava com 15 dias, a senhora já falava, comia sozinha, e todo mundo ficou sabendo. Ah, fui demitida. Fui demitida por isso. E os filhos da mulher viram como ela virou completamente outra pessoa. Tinha Alzheimer, sim. Mas ela ganhou peso, ela encorpou um pouquinho, ela tava mais dentro, não sei o quê. E entraram em processo, e acharam veneno no sangue da mulher. Eu lembro [?]. E a filha dela não foi presa, sabe por quê? Porque os filhos da mulher não falaram nada. Mas tiraram essa mulher das mãos daquela mulher, porque ela tava com autoridade sobre a mãe. Não sei... a guarda da mãe tava sobre aquela filha,

porque era a filha mais velha. Então o filho mais pequeno dela ficou com a guarda da mãe. E até hoje, 3 anos depois, essa pessoa é amigo meu, e a filha dela, ela me odeia. E sabe por quê? Por isso, por dinheiro. Por dinheiro. Então eu já... não me leve mais pra esses lugares onde tenha pessoas desse jeito. Porque aqui no Brasil eu já vi tanta coisa doida dos filhos contra os pais, que... porque eu sou assim, não sei Juana, ela deve falar que lá na Venezuela esse tipo de coisa [não é normal]. E as pessoas só pensam que lá... qualquer coisa. Não tô falando que lá na Venezuela não aconteça, mas no meu... onde estou me desenvolvendo aqui, que eu atendo a pessoa por dinheiro, eu já entrei e vi coisas que nunca imaginei. E por essa causa, quando você é honesto, que você tem princípio, que você prefere ficar calado e sair do meio... eles não gostam desse tipo de pessoa. Não, não gostam. "Não, pode... não precisamos mais dos seus serviços". E pronto. É assim, desse jeito, que têm me tratado. E por isso também, por eu ser desse jeito, consigo trabalho o tempo todo. Pessoas tem me referido (recomendado), nunca falta serviço pra mim, mas passei por coisas (faz que não).

Letícia: Rosa, você falou bastante... das pessoas que você cuidava, né? Essa idosa... eu tenho duas perguntas, tá? A primeira é: essa idosa que você cuidava, que o irmão tava abusando dela, você chegou a falar pra alguém, ir na polícia?

Rosa: Ela não era idosa. Ela tem 28 anos. Ela não enxerga, ela não fala, ela não anda.

Letícia: Entendi.

Rosa: Ela é totalmente dependente da pessoa que cuidava dela.

Letícia: Aham. E você não chegou a denunciar pra ninguém?

Rosa: (faz que não)

Letícia: Não? É, é muito complicado esse tipo de situação, né. Mas a minha outra pergunta seria assim, você falou bastante da... de situações que você presenciou, que você trabalhou pra pessoas bem ruins, né? E aí eu queria saber se já aconteceu de fazerem alguma coisa ruim pra você.

Rosa: Claro, sim. Já... uma mulher. Eu estava cuidando de outro idoso. Porque eu fui recomendada e consegui entrar nesse mundo de pessoas com muito dinheiro, juízes, deputados federais, você sabe, são pessoas que tem muito dinheiro, muita grana, e também é o mundo político. Uma mulher, que ela é uma alta funcionária da Caixa, da Caixa Econômica, imagina, ela me levou pra casa dela. Ela falou assim, "eu tenho 2 casas. A casa do meu pai, e a minha casa com o meu marido. Só que tem uma passagem que [liga] as 2 casas. Você vai ficar naquela casa do meu pai, só que agora que você vai começar o teste, tá a minha mãe". Eu falei assim, tudo bem. Aí eu comecei, tudo bem, tudo maravilhoso. Quando eu tava lá, eu percebi que a senhora, como ela tava saudável ainda, ela mexia com... ela costumava sair as noites com meninos de 30, 32 anos, assim, eles levavam ela pra balada e tudo mais. Parece que o velho tinha dinheiro e até não morrer, ela não conseguia pegar o dinheiro por conta própria, porque lá, aquele homem, ele foi coronel do Exército. E a senhora, ela nunca trabalhou. Essa mulher me fez a vida impossível. Ela queria que eu saísse na rua com aquele senhor, pra andar, pra fazer tanta coisa. Como eu não fiz do jeito que ela falou pra mim, ela veio um dia e começou a me falar, "ah, você tem que lavar as minhas roupas, porque você tá ganhando esse dinheiro muito fácil", não sei o quê, não sei o quê... Falei não, eu fui contratada... porque a própria filha falou "não, a minha mãe, ela é muito grossa". Ela usou outra palavra. "Mas nada que minha mãe fale pra você fazer, você faz. Você vai fazer só o que eu te passar". Tudo bem. Quando eu tinha 21 dias, trancada lá, eu sem sair, sem sair, porque era um condomínio gigante. Aí ela veio e levantou aquele homem da cadeira, e ela mandou a mim pra descer e ir levar uma roupa lá na lavanderia. Quando eu subi, aquele homem tinha caído e quebrou aqui (mostra a nuca), [?] aqui a cabeça dele. E ela me culpou. De que fui eu que fiz isso. Só que na casa a mulher tinha câmara por conta disso. O que que aconteceu: como eu sabia o que fazia com ele, eu limpei as coisas... depois a mulher falou com a própria mãe, e falou "mãe, você tem que ir embora. Porque você tá me atrapalhando o meu trabalho com Rosa e meu pai". Ela falou de noite e no seguinte dia de manhã a mulher veio gritando, ela puxou meu cabelo, ela me arranhou, ela pegou meu braço, as unhas dela [atravessou] meu braço, ela cuspiu em mim, ela jogou água em mim. Essa foi a pior coisa que eu já vivi. E a filha dela, ela não sabia como parar essa mulher, ela tava com muito medo, ela teve que enviar a própria mãe dela pra Bahia, e ela falou pra mim que tinha enviado o pai dela pra Bahia. Só que a cozinheira que trabalhava lá falou pra mim, falou que não, que ela tava com medo de que ela

denunciasse isso que tinha acontecido comigo. E eu pra evitar problema, preferi não fazer nada. Mas já aconteceu, já aconteceu.

Letícia: Juana, quando a Rosa tava falando sobre os brasileiros sempre quererem mais, né? Que se não der o braço e a mão não tá bom, você tava assentindo. Tem alguma situação que você queira falar?

Juana: Hmmmm... não, no meu caso não, que assim, eu mexi numa ocupação muito diferente da dela, né, mas assim, eu também mexi muito fazendo faxinas, e nessas questões sim, eu ia, limpava pra pessoa...

Rosa: Juana, Juana, desculpa, ela perguntou outra coisa. Ela perguntou se você concorda comigo que quando você trabalha, no Brasil te dão mais trabalho, e mais trabalho, até que você já não possa mais, e te pagam o mínimo.

Letícia: Não, isso também, eu perguntei isso e também queria saber qualquer situação que ela tenha pra falar.

Juana: É assim, eu tava falando, né, que eu mexi também com faxina. E na faxina sim vi muito isso, que elas querem uma pessoa assim, caprichosa, como vocês chamam, né, aí eu ia, limpava, aí eles voltavam a me chamar... assim, aconteceu com uma senhora sim, eu limpava para ela, ela... quando eu comecei, ela me falou que só eram umas coisas que eu tinha que fazer. À medida que eu fui fazendo as coisas, ela ia incorporando mais coisas ainda. A casa era muito grande, era 4 quartos, eram 7 banheiros, ela só me falou que eu só ia fazer o de fora. Aí eu acabei fazendo o de dentro, o de fora, lavando carro, passeando os cachorros, e ela continuando me pagando o mesmo. Mas a questão é que em cozinha, não. Mas com limpeza sim, fazendo faxina, sim, aconteceu. Sobrecarga de serviço e pagam o mesmo.

Letícia: Entendi. Rosa, quer falar mais alguma coisa?

Rosa: Não, acho que nesse caso... só que queria colocar mais um pouquinho aqui que já vi também que não aconteceu só comigo que sou imigrante. Aconteceu já também com brasileiras. Porque lá onde... o ponto de ônibus, onde as pessoas se juntam, porque vem

outro ônibus dos condomínios, ouvi cada história também. Ou seja, que não é só porque eu sou imigrante, não, com brasileiro também acontece.

Letícia: Não, eu sei, eu conheço como que é com quem trabalha com serviço doméstico, enfim, geralmente como é menos formal, né, nem sempre é carteira assinada, dentro de uma casa, de uma família, o pessoal passa muito do limite, passa muito. É comum pras brasileiras também. O que muda às vezes é... talvez a forma que trata, por achar que talvez a pessoa não saiba os direitos, entendeu, aí põe as asinhas de fora um pouquinho mais. Mas é isso, mais alguma coisa, alguma de vocês, ou a gente encerra?

Rosa: Eu queria só botar esses tempos que uma coisa que tá acontecendo comigo agora. Lá no salão tem uma menina, que a mulher do salão, a dona do salão, que ela foi que me deu a responsabilidade a mim de fechar o salão, abrir o salão, aquela outra menina que faz unha, a dona do salão emprestou pra ela 500 pra que alugasse, deu mais 300 reais pra que comprasse recursos pras unhas, deu mais 500 reais não sei pra que agora, passagem, mais alguma outra coisa. Depois fiquei sabendo que voltou a dar mais 500 reais pra ela alugar de novo, porque falaram pra ela que tinha que sair, e alugou de novo agora, ela saiu hoje. E ela ficou com raiva de mim porque eu cobre o meu salário. Ela falou "ai, são mais 5 dias que você tem que esperar", falou isso ontem de manhã. Falei, "não, mas eu faço faxina. Faxina você trabalha, você recebe", ela ficou com raiva de mim porque eu cobre. E aquela outra menina que é brasileira que não faz nada, faz só perder clientes porque ela tinha cliente marcado pra 8 da manhã, e ela chegou 9:30. A cliente foi embora. Ela rasgou a pele da menina porque não enxergou, porque os óculos dela ela jogou fora, não sabe aonde, e ela tava trabalhando sem óculos, então eu vi que ela tinha um tratamento preferencial com aquela que é brasileira do que comigo. Por isso eu decidi que eu não vou amanhã. Não vou trabalhar amanhã. Porque eu não posso trabalhar num lugar onde eu tô vendo que estou sendo tratada mal. Eu consigo ver, acha que eu tô certa, ou não?

Letícia: Não, tá certo. Rosa, só uma última pergunta, não é específico sobre isso não. Você falou que você trabalha com serviços gerais, né, geralmente em casa de família. Normalmente você tem carteira assinada ou é diária?

Rosa: Não, ninguém quer assinar carteira pra serviço doméstico. Nem cuidador social, nem cuidador de idosos, nada. Eles preferem deixar sofrer aquele idoso, aquela idosa, um dia ou dois, botar 2 cuidadores diferentes, com tratamentos diferentes, pra eles pagarem menos e se você ouvisse a nota de voz a outra menina, porque essa menina que eu cuidei de dezembro, eu cuidei dela 6 meses. Só que tinha que ser 2 pessoas, 2 pessoas, porque ela é gorda, e tínhamos que pegar ela. Se você ouvisse a nota de voz dela... ela falou que deu um emprego pra outra menina que não faz nada, pagam pra ela só ficar sentada assim, olhando o que ela faz. E quando ela tava comigo, ela era feliz, ela não chorava... porque [se] faz um serviço que você gosta, aquela outra pessoa vai se sentir bem. Mas agora Isabela, ela [tem só uma mão pra ela picar as coisas?], de uma forma, ela bate em todo mundo, ela grita, chora, ela tá se batendo na cabeça o dia todo. É triste. Porque a pessoa pra poupar o dinheiro pra eles, não pensa na pessoa que tem o direito de ser tratado bem nessas horas. Então eu não fiquei magoada, prefiro sair fora dessa.

Letícia: Uma última pergunta, agora é a última mesmo, pras duas: a Juana já falou um pouco, né, o que vocês tiram hoje em dia no Brasil, considerando a crise também que a gente tá, é suficiente, ou falta?

Juana: Eu não escutei bem, escutei entrecortado.

Letícia: Ah, desculpa. Eu perguntei se o que vocês conseguem tirar aqui no Brasil, com a crise e tal, tem sido suficiente, ou não. Deu pra ouvir?

Juana: É... desde que entrou a pandemia?

Letícia: Sim, assim, em geral, antes também, mas principalmente depois, né, que tá em crise agora.

Juana: É, eu... só que eu cheguei com a pandemia, né. Mas eu acho que sim.

Rosa: Bom, para mim, suficiente... é suficiente só pra pagar aluguel, pagar serviços, isso. Pra mim é suficiente pra isso. Mas eu acho que deveria receber mais, ainda mais. Só que como eu sou praticamente autônoma, então é difícil porque as pessoas... é, hoje

quer, amanhã não, então... tem pessoas que às vezes querem no mesmo dia, e eu sou só uma pessoa, e querem só comigo (inaudível)

Juana: Eu... quando eu morava sozinha com os meus filhos, porque agora eu moro com... com uma pessoa, né, com meu marido, mas antes, quando eu morava com filhos, só alcançava assim, para o necessário, como fala Rosa. Mas agora como somos 2, 2 salários assim, dividimos as contas, agora assim, tô mais tranquila, mas assim, sozinha, hmmm... não. Dificilmente. Tinha que fazer outras coisas extras para que fosse suficiente.

Letícia: Ok, gente, então se você não quiserem falar mais nada, vamos encerrar aqui...

[encerramento da reunião]

o Reuniões 3, 4 e 5 (23/05)

Letícia: Bom, gente, então, a primeira pergunta que eu queria fazer hoje é se vocês... quando vocês tavam procurando emprego, ou então já depois quando empregadas, se vocês já sentiram algum tipo de discriminação, por serem mulheres, pela raça, por serem imigrantes, e quando eu falo discriminação, pode ser tipo xingamento, pode ser tratar vocês mal, mas também pode ser desrespeito, de tratar diferente de outros funcionários, de não pagar direito, é isso, essa é a primeira pergunta.

Rosa: Eu já passei por isso, já. Naquela casa que eu cuidava daquela menina... eu tava... quando já tava há 3 meses, eles começaram a me tratar diferente, já não era a mesma confiança que antes, eles já tavam querendo que eu ficasse mais tempo, trabalhando mais por um salário igual, é... colocavam pra mim fazer muita coisa, a outra menina falava pra mim que eu não... isso aí não era competência minha, que não fizesse pra agradar eles, que um monte de coisa.

Letícia: Mais alguma coisa, Rosa?

Rosa: É... acho que por ser mulher... ah, uma vez eu fui pra uma entrevista, e era perto da minha casa. A mulher tinha pedido uma pessoa que não soubesse trabalhar com bolo, ela queria uma pessoa que nunca, nunca, nunca tivesse trabalhado com isso, mas que

tivesse... as condições eu tinha, só que era muito perto da minha casa, e ela me ligou pra mim ir lá. Quando eu cheguei lá, tava com o meu cabelo molhado, e ela fez a entrevista comigo, e tavam 2 homens sentados, assim, do lado de fora, então... segundo o que me falou a pessoa que me indicou, foi que ela não me deu o serviço porque o irmão dela tinha falado "nossa, essa mulher tem um cheiro tão gostoso", e só porque o marido dela falou "ah, uhum", só porque o marido dela fez "ah, uhum", ela depois no dia seguinte quando eu fui trabalhar ela já falou "não, já não tô precisando de você", e isso que aconteceu comigo uma vez. E depois aquela pessoa que me indicou, ela falou "Rosa, tudo bem? Como que foi?", falei, "ah, tudo bem mas...", eu contei pra ela. Ela falou "não, eu vou falar com ela pra ver o que aconteceu", e ela contou pra mulher que "meu marido falou que ela tava com cheiro gostoso, e eu não to querendo que essa mulher venha pra cá... que meu marido teja querendo cheirar ela", não sei o quê... e o irmão da mulher falou, "não fui ele que falou, fui eu", "não, mas meu marido falou que sim, que é cheirosa", toda uma confusão. Só por isso que ela não me deu o serviço.

Letícia: Gladys, antes de você responder essa pergunta, fala rapidinho com quem você trabalhava na Venezuela e com quem você já trabalhou no Brasil, por favor, aí depois você responde essa pergunta. É porque essa foi da reunião passada.

Gladys Moreno: Tá bom. Boa noite, né, meu nome é Gladys, eu tenho 10 anos trabalhando como manicure... tô falando bem, dá pra entender? Na Venezuela eu trabalhava como manicure, como comerciante, vendendo produtos de cosméticos, essas coisas, coisa de mulher, né, sempre gostei... é, revender, por causa da condição do meu menino. Ele tem uma condição especial, que é autista e uma microcefalia, ele é paciente de microcefalia. Então, na Venezuela eu trabalhava como manicure, quando eu atravessei a fronteira, que cheguei no Brasil, tentei manter minha profissão, trabalhar de manicure mesmo, já quase 10 anos. Como foi a pergunta? A outra pergunta.

Letícia: Eu perguntei se em algum momento aqui no Brasil, quando você procurou emprego, ou quando você tava trabalhando, você se sentiu discriminada, seja por ser mulher, por ser venezuelana, de te tratarem mal, assim, não quererem pagar, acharem que você não vai fazer o serviço direito...

Gladys: Sim... então, essa é uma pergunta muito triste, né, porque a gente passa por certas circunstâncias como imigrante, principalmente na trajetória que eu passei, eu passei em 2018 na fronteira, pela fronteira de Roraima, 2018. Nesse ano foi muita turbulência pro venezuelano, sabe, porque... teve manifestação, perseguição, a gente... eu batia às portas, a gente... preciso falar? Batia às portas, as pessoas falavam "você é venezuelana, vai lá pro seu país, o que você faz aqui?", não sei o quê... eu ficava triste, né, eu tava querendo oportunidade de trabalho, mas... eu ia de porta em porta, devido à minha condição bem escassa mesmo, limitada, muito limitada, eu ia de porta em porta batendo às casas, procurando fazer serviço de manicure, pedicure. Aí eles falavam desse jeito, "você é venezuelana, você não vai fazer o serviço bem", não sei o quê... "vai lá para o seu país, volta, o que você faz aqui? Aqui é Brasil", são coisas que eu recebi, sim. Por causa de ser venezuelana. Só por isso. Aí na época, é... só que eu passei da fronteira um dia antes, né, 25 de agosto... julho, agosto, 22 de agosto de 2018, fizeram uma manifestação, se fala? Sim?

Rosa: Eu passei 23 de setembro, eu sei o que foi isso, foi horrível.

Gladys: Passaram, começaram a tirar venezuelanos das barracas, queriam tirar venezuelanos das ruas, queriam tirar venezuelanos de onde tiver venezuelano, eles pegavam, batiam, e os pertences eles não tinham nem aí. Eles colocavam... desculpa (emocionada), eles colocavam fogo nos pertences de cada imigrante que eles viam, no meio da fronteira, eles colocavam fogo, eles não tinham... compaixão, sabe, não havia humanidade. Eles só queriam um propósito: tirar o venezuelano da rua, tirar venezuelano da fronteira. Isso aconteceu em Pacaraima, 2018. Aí eu consegui atravessar a fronteira para Boa Vista, Roraima, e foi mais tranquilo, né, mas bem limitado, mas mais tranquilo. Assim, sem trabalho, mas... estava mais segura, né. Isso que eu posso falar da fronteira com Brasil. Foi ali que eu recebi maus tratos, discriminação, por causa da nacionalidade, né, não por ser mulher nem nada, não, só porque a gente falava distinto, diferente, aquele jeito que a gente não consegue esconder, mesmo aprendendo a falar português, e... é isso. É isso, foi bem difícil, só na fronteira, que, agora... eu entrei em outro mundo quando cheguei em Uberlândia, Uberlândia é uma cidade totalmente diferente, as pessoas são acolhedoras, há oportunidade de emprego maior que na fronteira, que em Roraima, que em Boa Vista, né... é mais, é mais... tem mais chance aqui do que lá. Isso que eu posso falar.

Letícia: Obrigada, Gladys, sinto muito que você tenha passado por aquela situação...

Gladys: É, às vezes mexe um pouco, né?

Letícia: Uhum.

Clara: Gladys, deixa eu te perguntar. Você falou que você tentou procurar trabalho como manicure e pedicure. Você alguma vez teve que fazer algum outro trabalho que não fosse esse, pra você conseguir dinheiro e tudo mais? Algum outro trabalho, você trabalhou com outra coisa ou você conseguiu trabalhar com isso, só?

Gladys: Então, quando cheguei a... você disse na fronteira? Na fronteira não consegui trabalhar não.

Letícia: Em ambos.

Clara: Qualquer lugar que você passou.

Gladys: Só quando cheguei em Uberlândia eu comecei a fazer... querer dar a conhecer a culinária venezuelana, né, comecei a vender... se fala assim, empanada, arepa, tachapa, culinária venezuelana, comecei a vender porque é como eu falei, eu tenho um menino com condições especiais e eu vejo, pela condição dele. Eu só vivo para atender a ele, entende? Agora que tem 14 anos, eu fico do lado dele para tudo quanto é canto que ele vai. Porém, para mim fica difícil arrumar um emprego fora de casa, é por isso que eu comecei a trabalhar... o primeiro serviço que foi, foi vendendo culinária venezuelana, fazia biscuit também, fazia pote de biscuit, pegava potes de vidro, colocava biscuit para vender... comercializei sempre também com esses dois, comercializei cosmético, coisa de mulher, né. Só isso, eu fico assim, só... eu não fixo em uma coisa só. Depende da temporada que vai vindo, aí vou aproveitando o momento, entendeu? É assim, no meu caso, só pela condição do meu menino. Mas dá certo, o que eu fizer, sempre deu... sempre fui forte. Sempre conseguia resolver alguma coisa, e assim vai.

Letícia: Uma dúvida que eu tenho, essa é pra 3, aí hora que vocês tiverem falando de novo vocês respondem. Vocês são casadas? Ou tem um companheiro ou companheira, ou vocês tão aqui sozinhas com os filhos? A Rosa eu já sei.

Gladys: Eu sou casada. Eu sim. Quando eu cheguei no Brasil, cheguei só meu marido, meu filho e eu. Só nós 3. Depois a gente começou a trazer o resto da família.

Rosa: Eu não, eu não tenho ninguém. Nem tô querendo ainda, não.. depois daquilo que aconteceu, fico com muito medo.

Juana: Boa noite, então, eu recebi discriminação, só uma vez numa loja, que eu fui colocar meu currículo, que falaram que eles não aceitavam estrangeiros. Só. Aí depois, mas foram como [uns mesmos] venezuelanos, eles me deram emprego, eu não folgava, eu trabalhava todos os dias da semana de 7 da manhã até 7 ou 8 da noite e eles só me davam 50 reais diário, né. Aí trabalhei com eles 2 meses, mas depois saiu um emprego melhor, né? E tá aí. Mas assim, por parte do brasileiro, aqui em Uberlândia não, que foi a única parte onde eu trabalhei, graças a Deus, nunca. Eu não casada mas tenho minha 'pareja', não sei como se fala aqui, tenho meu marido, mas ainda não somos casados.

Clara: Companheiro.

Rosa: Ela tem namorado.

Juana: Isso, brasileiro, já não quero venezuelano.

Letícia: É um namorado que mora junto, aí tem gente que fala namorado (risos)

Juana: Isso, eu tenho namorado (risos)

Letícia: Gente, e assim, sem ser em situação de trabalho, na rua, assim, com a Gladys eu já sei que sim, mas e vocês?

Rosa: Uma vez eu tava dentro de um ônibus, com outro venezuelano. Ele é gay. A gente tava indo do Plano daqui de Brasília pra cidade onde a gente mora. Aí quando o homem tava ouvindo a gente falar, ele começou a falar coisas contra nós. Os imigrantes, porque ele não sabia se a gente era colombiano, peruano, chileno, chicano, ele não sabia, ele só tava falando...

Gladys: Besteira.

Rosa: Bobagem. Então aí meu amigo, ele olhava assim pra mim, e eu olhava pra ele, aí a gente decidiu levantar dali, porque estávamos dentro do ônibus, e ficar de pé. Em pé, só olhando pro cara. Aí se criou uma [frase?] bem difícil, mas ele tava tentando, é... assim, que nós fizéssemos alguma coisa, porque eu mulher, e aquele outro era gay. Então, de fato ele tava por conta da mulher e dele que era gay. Então, falando, "são imigrantes, ainda são gays, os dois", ele falava desse jeito de nós, e nós tava falando em espanhol, assim, "nós estamos estudando e trabalhando, nós trabalhamos pra seguir em frente". Ele estava bêbado, a gente nem sabe nem se importa da onde ele tá vindo, e não... nem estamos querendo fofoca, nem fazer nada, só ele tava querendo... E outra vez a gente foi em um shopping, e essa mesma pessoa tava comigo, e não deixaram nós entrar dentro da loja porque ele era preto. Isso aí pra mim, eu tava querendo matar a mulher. Eu tava querendo matar ela, porque como que ela vai falar pra nós que a gente não pode entrar porque ele é preto. Eu falava, isso não existe, não existe, não deveria existir. Eu falei pra ela bem assim: "a cor dos teus dentes, é mais amarelo do que os dele e os meus, são mais branco do que o dente que você tem. E se você, quando você menstrua, o sangue teu é vermelho, né?", eu falei bem assim pra ela. "O dele também é vermelho, o meu também. Ainda não soube de um sangue que seja branco, ou de ouro, não sei". Meu amigo tava só me puxando, só me puxando (risos). Porque eu estava brava, porque ela não deixou ele entrar na loja. Foi isso. Então foram situações bem incômodas.

Letícia: Quem quer falar?

[Gladys faz que não]

Juana: Não, assim, minha vida aqui em Uberlândia tem sido muito tranquila, assim, nunca corri risco, assim, nunca fui denegrada [sic], nem por ser venezuelana, nem por ser mulher. Até agora, graças a Deus, que assim esteja sendo, mas não.

Letícia: Bom, gente, então eu vou passar pra próxima pergunta, que hoje a gente tá fazendo 2 reuniões em uma, pra ir mais rápido. A outra gente, falem o que vocês se sentirem confortáveis pra falar, a gente não sabe se teve alguma situação ou não, mas mesmo que teve, vocês falam o que for possível falar, ok, não tem pressão. Eu queria saber se... assim, mais relacionado ao trabalho, mas se tiver alguma situação que não

seja e vocês quiserem falar, vocês podem também. Se vocês já se sentiram em risco, por exemplo, com medo de alguém, de alguma ameaça física, ou então, algum assédio, seja moral, seja sexual, se vocês já passaram... se vocês já tiveram que fazer algum trabalho arriscado, já estiveram em alguma situação arriscada no Brasil. É isso.

Rosa: Eu acho que eu já respondi essa pergunta na primeira nossa reunião, lembra?

Letícia: Sim.

Gladys: Situação de risco? Então, eu apenas... bom, morar na rua é uma situação de risco, né (risos). A gente não tem alternativa, né, porque eu saí de casa, da Venezuela, eu fui sem rumo, sem ter onde... sem ter uma amizade, sem ter um conhecido, sem ter um brasileiro que eu conheça, e aí a gente terminou morando na rua, e sim, havia muito perigo, claro. Devido... principalmente porque meu menino, ele é muito inquieto, né, ele não é tranquilo. Ele é muito agitado. E às vezes é complicado, quando você sai de casa sem um rumo fixo, sem ter aonde... um horizonte onde você chegar, você termina desse jeito. Morando na rua, e 'esperançando' um amanhã diferente. É isso aí.

Letícia: Gladys, quanto tempo você ficou na rua?

Gladys: 2 meses.

Rosa: Eu acho também que dependendo da localidade onde as pessoas moram, pelo menos, assim, vocês moram em Uberlândia, e eu estou morando aqui em Brasília. Eu voltei pra Brasília porque eu... lá não me senti muito bem, também era porque minha situação de saúde não tava boa nesse momento. Só que eu posso falar que pelo menos aqui em Brasília, tem localidade onde não alugam pra venezuelano com criança, ou não alugam pra mulheres, e já aconteceu com nós, já aconteceu agora que minha filha chegou. Acontece que a minha situação é diferente. Então eu sei onde eu posso morar, onde eu posso ir procurar aluguel, eu já conheço mais ou menos como se dá essa situação. Então, é isso que... também, na área onde você se desenvolve, porque na minha área, que eu trabalho dentro das casas das pessoas, então também tá no meio de pessoas com dinheiro, então eu tenho que ter muito cuidado com as coisas que eu tô ouvindo, as conversas, é isso que coloca a pessoa em risco. Mas se você trabalha assim como a Gladys, ela trabalha pela sua conta, ela sabe com quem ela vai trabalhar, ou tem

certo grau de confiança. Ou [orgulho], eu não sei aonde que ela trabalha. Mas no meu caso, que eu tenho que ir trabalhar na casa da pessoa, e às vezes a vida de uma pessoa está nas minhas mãos, então acumula um tanto mais de responsabilidade e de risco, porque eles cobram de mim coisas que são responsabilidade deles. Entendeu? Então, se eu sou, no caso, eu uso as duas mãos, às vezes eu queria pegar a menina de um jeito, e a mulher falava pra mim: "desse jeito não! não, desse jeito você vai deixar ela cair! (gritado)", ela gritava pra mim, mas [eu falava pra ela], "não, mas você é canhota, você é canhota!", eu achava que ela tava me entendendo, não sabia que esquerda era canhota, eu não sabia, eu falei "não, porque eu também uso essa mão assim", então não é que ela tava querendo me fazer alguma coisa, ou me maltratar, não, é que ela tava querendo cuidar da sua filha. Então, eu também tava querendo cuidar da sua filha só que era do meu jeito, porque eu tinha que pegar ela de outro jeito, diferente, entendeu? Só do seu lado direito, eu não sei o lado esquerdo, então... essas situações que... que fizeram que eu pense melhor aonde que eu vou trabalhar, porque ter esse tipo de responsabilidade me coloca em uma situação de desvantagem, entendeu o que eu tô querendo explicar?

Letícia: Gladys, eu vou fazer outra pergunta, você responde se você quiser. Quando você tava na rua, o medo que você sentia, o risco que você sentia, era mais de agressão, por preconceito, de violência do tipo assalto, droga, etc, ou assédio?

Gladys: Preconceito. Preconceito. É o maior.

Letícia: Juana, você tem alguma coisa pra falar?

Juana: Então, eu nunca... assim, só uma vez, mas também foi com os venezuelanos, que eu acolhi na minha casa nesse momento, aí depois eu mandei eles embora porque eles me pagaram mal, aí senti ameaça deles mesmo, mas não aconteceu nada.

Letícia: Bom, gente, o que eu tinha planejado pra hoje era isso. Só que vocês tão todas aqui, e a gente tá só com 27 minutos de reunião. Então se vocês tiverem tempo, a gente poderia já fazer a última, e aí acaba. O que vocês acham?

Gladys: Beleza.

Letícia: Pode ser? Então vamos trocar de link que aí a gente já fica mais tranquila, porque esse aqui já deve estar pra acabar, aí eu vou mandar aqui no chat e vou mandar no Whatsapp pra vocês também, aí a gente se encontra lá no outro link e termina a pesquisa, tá?

[troca de sala]

Letícia: Bom, a última pergunta então, é mais tranquila. Eu queria saber, pensando assim, desde que vocês chegaram no Brasil, lá em Roraima, até onde vocês tão agora, se vocês se sentiram acolhidas pelo sistema de acolhimento aos imigrante...

Rosa: Eu não tô entendendo o que você tá falando porque elas tem o microfone ativo.

Letícia: Peraí, Juana, pode desligar o microfone por favor? Obrigada. Gente, então, a última pergunta é mais tranquila, tá? Eu queria saber se desde que vocês entraram no Brasil, lá em Roraima, até agora, aqui. Se vocês se sentiram amparadas pela rede de acolhimento aqui no Brasil. O que inclui essa rede de acolhimento? Inclui ações do ACNUR, inclui ações da UFU, como o curso que teve ou outras ações, incluem as ONGs, a PF, o governo brasileiro, programas do governo brasileiro, o SUS, a educação... então, se vocês sentiram que o acolhimento no Brasil foi o que vocês queriam que fosse. E, assim, o que foi bom, o que foi ruim, como vocês acham que poderia melhorar?

Rosa: Então, eu vou falar pela minha experiência. Desde que eu cheguei aqui no Brasil, em Pacaraima, desde que eu cheguei lá em Roraima, eu comecei a me desenvolver na área de acolhimento. Fiz assistência social lá na Venezuela, então nesse momento que tava essa situação lá em Pacaraima, com os índios daquele lado de lá da Venezuela, os índios desse lado de cá, foram muitas coisas, lá no [bebecho]... é uma comida que deu diarreia pra toda população de lá. Todo mundo tinha diarreia. Então aí eu entrei na ajuda, porque eles não conseguiam entender a população, porque eram muitos funcionários brasileiros, e não conseguiam entender muito o espanhol. Então aí eles escolheram pessoas que lideravam as turmas. E aí eu fui pra Roraima, lá na inauguração de Rondon III. Foi um acolhimento muito bom. Muito, muito, muito bom, entrei nesse processo de... com ACSI Brasil, e fui interiorizada pela Caritas. A ACSI Brasil, que é ACNUR, tudo isso aí. Então, cheguei aqui com Caritas, Caritas me ajudou demais, aí

comecei 2 meses depois, comecei a organizar os venezuelanos aqui em Brasília. Na verdade aonde eu... e entrei como voluntária no Instituto Migrações e Direitos Humanos que até hoje, eles estão aí querendo me ajudar, enviaram uma vaga de emprego pra mim, faz uns 5 dias atrás. Só que eu tô indo agora pra São Paulo. Então o acolhimento foi tão, tão bom, que eu não tô conseguindo, eu não to conseguindo me desfazer deles, porque eles "não, como você vai pra São Paulo, como você pode?", quando eu fui pra Uberlândia, "não, volta"... porque já na área que eu me desenvolvi, foi assim, muitas pessoas, aldeias infantis... claro, aqui o acolhimento da UFU foi pra mim ótimo. Num momento que eu me achava sozinha.. pra mim todas vocês que me acolheram da UFU, da ONG... conheci essa mulher, daí de Uberlândia, também me acolheu muito bem, foi um apoio muito, muito grande que me deram...

Letícia: A ONG daqui foi o TAARE?

Rosa: Não, acontece assim, eu conheço pouquíssimas pessoas do TAARE. Só que como posso te falar. É... eu já fui em mais de [12] imigrantes aqui em Brasília. Foi mais de [12] imigrantes por ACSI Brasil, 2019, 2020, e 2021. Ou seja de novo. Então, eu tô resumindo o tanto que eu já fiz. Então o que acontece, que eu entrei, nesse projeto da UFU, foi por SOS Mulher, porque sofri violência. Então alguém daí, acho que alguém daí, acho que o nome dela é Ana [Cisteiroli], não sei se você conhece, ela é amiga de alguém de SOS Mulher, ela conhece também alguém lá do TAARE. Então eu não entrei na UFU pela ONG TAARE, conhecia lá, mas eu entrei mais por essa situação, então essa mulher que elas me ajudaram, devido à situação de violência doméstica, mais disso que por [ONG] de imigrantes lá em Uberlândia. Então, o acolhimento pra mim tem sido maravilhoso, de verdade, maravilhoso.

Letícia: Só uma coisa: você falou do acolhimento das ONGs e do ACNUR. E do governo? Assim, no sentido educação, saúde, polícia, segurança... você acha que tem pontos que podem melhorar?

Rosa: É que... seria muito difícil pra mim, é... concentrar uma resposta nesse sentido, porque a pandemia, ela veio a virar tudinho, virar a vida de todo mundo. Então, quando eu tava conseguindo ir num rumo, para direção que eu tava querendo ir, veio aquela pandemia e estragou tudo. Então se eu queria ir... pelo menos uma vez que eu tava me

sentindo muito mal, meu fígado tava colapsado por stress, lá na UAI, estavam querendo me deixar internada, e eu não podia ficar lá, porque eu não tinha quem cuidasse de mim. Então tudo era corrido, corrido, corrido. Então, uma vez quando também aconteceu que sofri de violência dentro de uma casa de uma pessoa me maltratou, puxou meu cabelo, porque estavam batendo na pessoa que eu tava cuidando, eu tava querendo defender aquela pessoa e bateram em mim, acima de mim. Então, quando eu fui lá na polícia, porque a mulher veio e largou [arranhões] no meu braço, eles falaram pra mim, "não, você tem fazer uma ocorrência online.". Então... não posso falar que não funcionou, que não tavam querendo me atender, não sei o quê. No meio da pandemia, não sei o que [aconteceu]. Então não consigo responder com certeza. Mas as ONGs, das Igrejas, da UFU, o IMDH, muito, muito, muito bom.

Letícia: Gladys?

Gladys: Então, em relação a ONG, eu acho que... é claro, toda circunstância tem sempre como melhorar, tem sempre como melhorar. Em relação à saúde, nossa, é demorado (risos). Meu filho é de condição especial, tem várias, várias... vários especialistas, né, tem fonoaudiólogo, tem otorrino, e assim, é muito demorado. Demora demais para ser atendido, principalmente isso que eu poderia reclamar. Em relação a acolhimento, com ONGs, ONGs eu agradeço muito o TAARE, eu agradeço muito à UFU que sempre dá oportunidade pra gente estudar, pra passar informação sempre nova, é importante para o imigrante, porque a gente vem de outra sociedade, outra cultura, outro sistema. O sistema de saúde é totalmente diferente ao nosso. Um sistema de acolhimento também muito diferente, porque na Venezuela você só se vira por você e sua família. Lá não tem... lá não tá... não tem ninguém por ninguém, entendeu? Em relação a documentação, instituições, eu posso dizer, deixa muito que falar, porque tem instituições, tem escolas, que eles ainda são desassistidos por causa do governo. Eu percebo, assim, eu falo porque meu filho estuda numa escola municipal. Ele estava com especialista de arteterapia, fonoaudiólogo, psicomotricidade, terapia ocupacional, foram 4, 4 áreas das que meu filho foi dispensado porque a prefeitura não tinha profissional para ocupar esses cargos. Então o que resolveram? Ao lugar de buscar profissionais na área, eles preferiram tirar o recurso da escola, entendeu, e meu filho sofre com que... toda população de condições especiais dessa escola ficou desamparada. Ficou somente com atendimento de educação especial e o resto foi dispensado. Aí eu fiquei tão triste...

mas... tem como melhorar, sim. E deve, né. [Cata] um projeto diferente, sempre a um passo na frente da dificuldade da população, dos estudantes... Em relação a documentação, é assim, um processo. Mas se não fosse, não teria responsabilidade e não abria também organizações em relação aos imigrantes. A gente passou por isso, né, porque a gente vem de um sistema corrupto, então eu acho ONGs: nota 10. Instituições nota 5 (risos). Acolhimento nota 10. Não posso... embora que eu passe por aquela circunstância no início, o agora apaga tudo que aconteceu lá atrás. É isso.

Rosa (no chat): Eu também posso falar que do governo agradeço que fui considerada para Bolsa Família por vulnerabilidade

Letícia: No comecinho da sua fala, você falou que... você falou assim: "ONGs... tudo pode melhorar". O que que poderia melhorar?

Gladys: Em relação às ONGs... mais espaço. Espaço e tempo, né. Principalmente, voluntariado é sempre escasso em relação aos números de imigrantes que vão chegando, né. Às vezes eu fico com vergonha, na ONG, em sempre conheço venezuelano, imigrante, que tá chegando, e eu coloco só para uma pessoa, porque eu considero que essa pessoa tem... sempre tá online, sempre tá disponível pra receber qualquer coisa da gente. Mas em relação às ONGs é isso. Voluntário e tempo por espaço. Espaço e tempo. É isso.

Letícia: Juana?

Juana: Então, eu também fiquei num refúgio, lá em Pacaraima, e assim, para mim também foi um bom acolhimento, com meus filhos, comigo, aqui também é TAARE, que é uma organização onde eu estou, que eles também ajudam. E aí, mas... não posso falar nada mal. Acolheram muito, ajudaram muito. Quando minha menina sofreu de paralisia facial, eles até me pagavam os Uber, assim, tudo muito... tudo muito, assim, mais do que a gente às vezes espera, né. Mas muito bom.

Letícia: E a saúde, a educação...?

Juana: É, assim, a saúde... é... a princípio eu achava boa, mas eu tive a minha menina nesses últimos meses muito doente, e a situação nos UAIs, horrível. E assim, as ONGs...

eles não ajudam com essas coisas, né. É só os UAI. Mas muito que desejar. Os UAIs estão... não sei se ultimamente, como a doutora me falou que tinha casos de dengue aqui em Uberlândia, mas eu fiquei, eu cheguei 9 da noite, e saí no outro dia ao meio dia. Do UAI. Então, assim, agora tá... a saúde, agora, assim, para criança, né, tá horrível, mas assim, acolhimento, ajuda das ONGs, assim, tá... posso agradecer muito.

Rosa: Eu queria... eu falar uma coisa de algumas ONGs. Algumas. Que eu não concordo. E nunca concordarei que usem a situação dos venezuelanos só pra pedir dinheiro e comida, e coisa. Porque acontece que o imigrante venezuelano precisa trabalho, precisa moradia. Se você tem uma ONG que dá uma cesta básica por mês, e consegue só comida, comida, comida. Essa pessoa fica na sua... o tempo todo procurando uma diária aqui, uma diária lá, não. A gente precisa, pelo menos a amiga Gladys, ela precisa orientações, "ah, você não pode ser atendida aqui em Uberlândia, vamos procurar outra cidade onde seu filho seja melhor atendido, tenha assistência especializada na condição dele. Vamos procurar", por quê?, porque são as ONGs que deveriam ajudar a nós a saber se Uberlândia presta pra mim, se Brasília presta pra mim. Porque, é... cada um de nós tem uma situação de família, tem uma condição. Então, eu já soube de pessoas com câncer que morreram em Boa Vista, achando que lá poderiam ajudar eles nessa situação. Então, o que acontece com algumas ONGs... [e disso] eu posso me sentar com qualquer pessoa que represente uma ONG, usam os venezuelanos só para pedir, pedir e pedir, e não ajudam pra fazer currículo, pelo menos: "hoje vamos fazer currículo, ah não, vamos botar no seu currículo, segundo você, que você é cabelereira. Ah, então vamos te indicar em uma... pra um parceiro na tua área, na tua situação". É isso que as ONGs tem que focar. Tem pessoas, profissionais, que não conseguem validar os seus títulos. Então, as ONGs não tão nem aí com isso, ah, você se vira. Eles... eu tive uma discussão com uma pessoa de uma ONG por essa situação, porque tavam querendo usar a minha imagem pra pedir, e eu falei que não. Minha imagem você não vai usar pra pedir. Eu não tô querendo. Por quê? Porque as pessoas, e isso tá acontecendo aqui em Brasília, as pessoas "venham, venham, venham pra cá, venham pra cá, porque aqui, aqui te conseguem tudo, roupa, cama", isso aí é bom, mas depois daí, a gente precisa trabalhar, pra gente ir pra frente. Por quê? Porque aqui tem muito morador de rua, e aqui está acontecendo que tem pessoas falando, "por quê faz atendimento para uma mulher venezuelana na casa de parto, se tem 3 brasileiras que tão

na frente dela?" Já presenciei isso. Então, o que acontece, que as ONGs também não faz discussão da situação dos venezuelanos aqui em Brasília. Não falam que não é o governo brasileiro que tá 500% dando uma atenção pra nós, porque não explicam, as ONGs não explicam pra população que o governo brasileiro tá recebendo verba da União Europeia, da ONU, do Canadá, tantas pessoas, tantos países estão envolvidos nisso. Então eu acho que... porque eu fiz esse trabalho aqui também com ACNUR, agora está se desenvolvendo. Então, é isso que... aí, eu acho que aí que as ONGs falham. Algumas ONGs. Eu acho que deveriam melhorar.

Letícia: Eu tenho só mais uma pergunta, que você não comentaram. Sobre a PF, porque oficialmente, pelo governo federal, quem faz o primeiro acolhimento dos imigrantes é a PF, e aí como é o trabalho da PF?

Rosa: No meu caso, PF lá em Pacaraima, ótima, maravilhosa, em Brasília, maravilhosa, Uberlândia... pra mim não funcionou, pra mim não. Eu tive que voltar pra cá, pra Brasília, e fazer a minha documentação aqui, porque eles tavam botando um problema, depois mais outro problema, depois mais outro e nunca consegui. 1 ano e meio lá e nunca consegui, cheguei aqui, 15 dias depois eu já estava com a minha carteirinha.

Letícia: Juana?

Juana: Eu concordo com Rosa. Lá em Pacaraima, excelente, mas aqui é... horrível. Minha irmã, assim, no meu caso, eu tenho com minha identidade já vencida, ainda eles não me dão um agendamento, falaram que ainda não estão dando agendamento para estrangeiros, eu estou com minha identidade, com meu RNM vencido desde fevereiro. E eles ainda nada. Minha irmã veio aqui por um mestrado da UFU, ela veio por meio de visto estudantil, aí ela terminou, ela queria continuar aqui no Brasil, e eles aqui em Uberlândia negaram, falaram que ela só veio para estudante, que ela não podia ficar aqui. Aí ela foi para São Paulo, em São Paulo agora tá fazendo um doutorado, e lá resolveram tudo. Lá ela conseguiu sua identidade aqui por 9 anos, mas aqui tudo, tudo foi um processo. Assim... inutilidade.

Clara: Juana, deixa eu te perguntar, e você não tá conseguindo agendamento, e você conversou com alguém, alguém te ajudou?

Juana: Eu trabalho ali no Center Shopping, porque eles mudaram a sede, que ficava no UAI Documentos de Tibery, e aí eles mudaram para o Center Shopping. Aí eu fui lá e eles simplesmente não têm resposta para mim. Não tem agendamento para estrangeiros agora.

Clara: Eu trabalho na AJESIR, eu posso te ajudar com sua documentação. E com a PF, se você quiser, eu posso te mandar uma mensagem depois pra te ajudar com isso, porque não tá certo isso não.

Rosa: Licença, pra Juana, e pra Clara. Juana, isso aí é perigoso, porque se não comprovar, tem que pagar uma multa. Então, claro, se Juana não tivesse aqui nessa reunião, vocês não soubessem da situação dela. Que essa situação dela é perigosa, muito, muito, muito delicada, porque se não ela vai ter que pagar uma multa. Alguma ONG deveria, deveria, que fez o acolhimento dela na primeira vez, essa ONG deveria assumir a responsabilidade pelo menos, pelo menos, de encaminhar ela para AJESIR. Pelo menos, pelo menos. Imagina ela desde fevereiro nessa situação. Eu ainda não... eu não... porque meu computador estragou, e eu não peguei ainda, mas eu não sei se Juana já tá dentro do tempo fora. E ela não sei se terá que pagar alguma coisa. Se tivesse que pagar alguma coisa, ela vai ter que fazer uma, é melhor que faça uma hipossuficiência econômica.

Juana: Eles não estão aceitando hipossuficiência agora. Assim eles me falaram, que não estão aceitando isso. "Vai ter que casar, para que possa ter a nacionalidade". Falei, "não...".

Rosa: Não, não. E aí em Uberlândia, eu nunca, nunca, nunca consegui com hipossuficiência. Nunca consegui hipossuficiência. E no caso da Juana, se a Juana tem mais de 6 meses morando com um brasileiro, ela passa a ser carga familiar dele. Ela não vai precisar de hipossuficiência econômica. Ela não precisa. É só ele ir com ela lá na UAI, e ele se apresentar como responsável de Juana. E ela não precisa nem agendar. Ela tem que ser ouvida lá. É desse jeito que funciona.

Juana: É, aqui, a Polícia Federal, não sei... deixa muito que desejar.

Letícia: Alguém tem mais alguma coisa, gente? Clara... tem mais alguma pergunta? Eu acabei. Não?

Juana: Não, mas, assim, se Clara pode nem que seja me orientar, porque assim, eu trabalho com carteira assinada, assim, tudo direitinho, não tenho dívidas com o governo, assim, eu tô bem. Bem legal. Assim, legal não, né, tô agora ilegal porque... já [?]

Clara: A gente na AJESIR, é assessoria jurídica, a gente ajuda especificamente com a questão dos documentos, com a questão de tirar CPF, validação dos documentos, enfim, solicitação de refúgio, tudo, a gente ajuda.

Rosa: Desculpa, Clara, um minuto. Juana, você tem que se apresentar com sua... você tem uma conta bancária?

Juana: Sim.

Rosa: Tem que fazer um balanço pessoal. Levar tua carteira de trabalho assinada, e eu não sei se tem que fazer um papel com teu marido, de algo de... não sei. O certo é que ele pode se apresentar com você, certo, com sua carteirinha de identidade. Eu vou tentar procurar ['la receta'] dele. E isso você vai passar a Clara. Com isso eles vão poder te ajudar, porque se não, na verdade, você vai ter que pagar uma multa, creio que de 2000 reais.

Juana: Sim, me falaram disso, de uma multa.

Rosa: De 2000 ou de 10000, não me lembro. Tavam dizendo que era um absurdo, que era um absurdo. E eu te digo porque eu agorinha, agorinha, agorinha, estou nessa questão com alguns venezuelanos que ainda ficaram [?]. Fomos semana passada na Polícia Federal porque em Pacaraima fizeram os papeis errado. Então é bom que faça isso o mais rápido, mas tem que ter o balanço pessoal, tua carteira de trabalho [...] assinada e que teu marido vá contigo [...], porque depois de 6 meses já passa a ser uma relação formal com ele, e que ele será responsável de ti.

Juana: Vou fazer. Vou fazer isso.

Letícia: Clara, também não deixa de mandar mensagem, e ver lá na AJESIR.

Clara: Sim, sim, eu vou passar pra AJESIR, e a gente vê certinho.

Letícia: Bom, gente, então é isso...

[encerramento da reunião]

- Grupo 3 (sab)
 - o Reunião 1 (16/04)

[Apresentação. As entrevistadoras se apresentaram, explicaram os temas que seriam discutidos e a dinâmica de funcionamento da pesquisa. Depois, as voluntárias passam a se apresentar]

Maritza Lopez: Oi, bom dia, tudo bem? Eu sou Maritza Lopez, eu nasci na Venezuela. É... para mim foi um pouco difícil entrar no mercado de trabalho por conta de que eu tinha expectativas sobre o mercado de trabalho, e... quando eu cheguei aqui, tudo mudou. É... foi um pouco difícil. Não só por conta de ser mulher, mas sim por conta da barreira de linguagem. Aí foi bem difícil entrar no mercado de trabalho. Aí eu desisti um pouco e reformulei minhas ideias enquanto à área. Preciso me formar novamente, e... estabelecer outras estratégias para me inserir novamente no mercado de trabalho, porque.... assim, as vezes que eu trabalhei antes de agora, percebi que a gente maltratava a gente. As pessoas que contratavam te maltratavam. E era difícil, porque, eu, particularmente não estava preparada para isso. E a outra coisa era que eu tinha que trabalhar quase no serviço assim, de faxina, algum canto, algo assim, ou também aconteceu que eu estava trabalhando de auxiliar de cozinha, e... muitas pessoas mal interpretavam. E... assim, minha primeira experiência por exemplo foi: eu apenas falava o idioma, e aí uma mulher falou: “ah, a gente vai fazer um serviço de comida, vai trabalhar lá, servir lá e pronto”. Ela foi no carro dela, e ela me mandou com outra pessoa. Para ir lá. E... essa pessoa era um homem, mas, para mim, indiferente, porque...

eu ia lá fazer o serviço. E essa pessoa mal interpretou a coisa porque eu não estava sabendo que a mulher não pode ficar... ou não pode subir no carro de um homem. E aí ele pensou errado. Quando a gente voltou ele perguntou, assim, é... “Você quer ficar comigo?”. E eu fiquei assim... mas o que ele está perguntando, eu não entendi. Eu falei “não, quero ir pra minha casa, pronto”. Aí depois a ideia era que ele queria que eu ficasse, ficasse no sentido de namorar, mas eu não entendi no momento. E para mim foi muito errado, porque essa pessoa pensou que eu queria e que eu... que eu tava rejeitando ele, ou alguma coisa, eu não sei. Depois essa pessoa “deu” que até saí desse lugar, perdi meu trabalho. Foi uma experiência muito feia (risos). Mas já entendi porque eu não sabia o idioma, eu não sabia a forma que a gente falava sobre o tema, entendeu? E aí pra mim foi muito estranho, porque a gente não fala assim. Entendeu? [E eu não vou perguntar do outro], se eu nunca falei contigo, eu não vou ‘ficar’ contigo, entendeu? Pra mim foi difícil. O mercado de trabalho naquela época. Aí... eu desisti de trabalhar. E... são as consequências que a gente quando não tem trabalho. Eu entrei novamente no mercado de trabalho, agora to trabalhando em um ambiente, na maioria. Mas... acho que hoje eu tenho mais consciência de como são as coisas. E isso mudou muito. Mas ainda estou entendendo a forma cultural do Brasil com respeito a esse envolvimento entre mulher e homem. Porque eu sinto que as vezes eles pensam outra coisa. E a gente nem está nessa ideia, entendeu? E aí isso é um pouco ofensivo com a gente.

Letícia: É... Maritza, em que ano você chegou no Brasil?

Maritza: Eu cheguei em 2018.

Letícia: E... você já era formada na Venezuela?

Maritza: Sim.

Letícia: Em que?

Maritza: Em administração.

Letícia: Mas aqui no Brasil você não conseguiu emprego nessa área?

Maritza: Não, não, nessa não.

Letícia: Bom, então vamos passar para a apresentação da Adriana?

Adriana Gomez: Bom dia. Estava testando o microfone. Meu nome é Adriana, sou da Venezuela, eu cheguei em 2018 também. Aí... meu esposo, ele chegou em 2017. Já quando eu cheguei, mais ou menos ele me assessorou, por que eu cheguei e eu já queria trabalhar. Eu queria entregar currículo. Aí ele me freiou um pouco. Ele falou, “não, você tem que falar primeiro o idioma”, porque ele sim começou quando chegou. Mas ele contou para mim sua experiência, foi muito difícil. É... ele foi muito importante para iniciar um emprego. E qualquer emprego precisa do idioma. Então eu esperei como um ano. Eu estudei muito, assim, fiz curso online em setembro. E... quando comecei a entender o idioma, e... minha primeira experiência foi um ano depois. E consegui dar aulas de espanhol em duas escolas privadas, porque aqui, é... arrumar emprego em escolas públicas é muito difícil para um estrangeiro. Porque eles exigem revalidação de diploma. E no meu caso, é... eu sou formada em Engenharia Mecânica, só que na Venezuela eu exerci a docência. Eu era professora na área de Engenharia Mecânica, na faculdade de Engenharia Mecânica. E são 14 anos de experiência. Não só em aulas, também em pesquisa. Eu trabalhei muito na área de energia solar, energias alternativas, e fiz muitos projetos associados à rede de distribuição de água potável. Muitos projetos, né. Então, assim, é... eu consegui fazer mestrado também lá na Venezuela, e... até agora, depois de 3 anos, minha revalidação ainda não deu certo. Está em processo. Tem um ano em fila, aguardando pelo estudo. Sim, o avanço que tenho aqui na revalidação é que já pelo menos tem uma faculdade já designada para fazer o estudo. Estou aguardando para fazer o pagamento da taxa, mas, é... esse é o avanço que tenho até agora. Está em fila. E já na faculdade de Goiás, que vão fazer o estudo. Aí, é... eu saí entregando currículos, principalmente online, e depois de 3 anos, é... consegui arrumar um emprego. Não tem nada a ver com a minha formação, mas, é... depois que passa um ano, que entende o idioma, a pessoa já compreende que tem que produzir, não pode ficar parada, aguardando para exercer aqui. A pessoa compreende que tem que fazer outra atividade. É o importante, porque o mais difícil para o imigrante é ficar longe da família. Então é assim, se uma pessoa faz algo... é... pelo menos não... não... não pensa tanto na família assim. Nos entretém, os dias passam muito rápido. E vai fazendo praticamente outra vida. Então, é... eu trabalho atualmente em uma fábrica. De bolsas. E... estou de serviços gerais. Estou fazendo um ano nessa fábrica, o ambiente de trabalho tem sido ótimo, tratam muito bem. É assim como um ambiente familiar. Então, aí, eu gostei. Ainda que não... é uma nova experiência pra mim e eu gostei. Ainda não

desisto de conseguir exercer, é... minha formação aqui, mas a Revalida é, assim, é muito devagar. E enquanto, é... consigo a revalidação do diploma, é... vou ficar aí. Algum dia... não desisto, algum dia chega essa Revalida, sigo enviando currículo, principalmente em empresas privadas. O cenário público é muito difícil. Tem algumas barreiras ali para o estrangeiro. Creio que naturalizado, depende concurso né. Aí eu gostaria de concursar, já quando estiver mais estabilizada, concursar, eu adoro dar aulas, eu dei muito tempo aula, e então é difícil estar em um país que tenha muitos alunos e chega a outro país e já é algo distinto. Então, assim, quando eu consegui dar aulas de espanhol, nossa, isso foi pra mim maravilhoso, porque aí eu lembrei muitas coisas, eram de idades diferentes, eram meninos, era fundamental e médio. Na Venezuela eu dei aula, mas adultos, eu dava na faculdade de engenharia. E era diferente, mas eu lembrei muitas coisas. É só isso. Esse é o resumo da minha experiência. Minuto 12:44

Letícia: É... Isabel, se quiser se apresentar agora...

Isabel Mendoza: Oi, bom dia, meu nome é Isabel, eu sou da Venezuela e tenho 4 anos aqui em Uberlândia. Eu... já trabalhei em 3 empresas aqui em Uberlândia. Eu trabalhei... meu primeiro emprego foi dentro da Souza Cruz, uma empresa terceirizada, aí trabalhei 4 contratos. Aí depois trabalhei na Plastik (?), uma empresa de plástico, e agora eu também to trabalhando na Tecnocit (?), é uma empresa de semente. Só que... eu só temo com minha segurança na empresa. Só que aqui eu não consegui trabalhar em minha profissão, por que como falou a amiga aqui, tem que fazer Revalida, pegar documento, e aí não tem como fazer agora. É... as três empresas onde eu trabalhei, eu trabalhei como auxiliar de produção. Só que agora, na empresa em que eu estou atualmente, eu entrei como auxiliar de produção, e tem 2 meses que eu to trabalhando como operadora de robô. É, operando uma máquina, né? Aí... quando eu tava trabalhando, depois que passou 1 mês, meu coordenador falou pra mim: “Oh Isabel, eu acho que você tem pra você operar o robô. Eu queria saber se você quer tentar...”. Aí eu falei: “Eu quero.”. Aí ele falou “tá bom”. Aí já tem 2 meses trabalhando como operadora, só que minha carteira eu sou auxiliar de produção. Aí eu falei pra ele, por que falaram pra mim, eu acho que você pra trabalhar como operadora, você tem que fazer outro exame de novo, porque... porque agora, é... a responsabilidade é mais grande. Eu trabalho operando uma máquina e também tem contato com um... um veneno que se coloca no milho. Que é para ser tratado. Aí esse veneno, ele é tóxico. Aí tem vezes que eu tenho alergia... até

agora não falei nada, porque minha alergia tá pouca, né, mas falaram pra mim “não, mas isso aí pode dar problema, porque se acontece alguma coisa com você lá dentro, você não é operadora, e você não tem que trabalhar nesse lugar”. Mas como eu faço se meu chefe falou “você tem que trabalhar aí”. Aí eu to né. Eu to aí porque tenho que aprender. Eu falei pra ele, “como é que eu vou fazer agora se eu tenho já 2 meses operando a máquina e ainda minha carteira tá como auxiliar, e ainda também eu recebo como auxiliar”. Aí ele falou pra mim, “Não, eu vou falar com meu/minha chefe, e aí eu te falo”. Mas aí passaram uns dias, aí eu fui de novo falar pra ele. Aí ele só falou para mim, “Não, a Luciana, que é chefe de nós, falou que você tá fazendo um teste. Um teste, uma prova. Ela quer testar você pra ver se você dá certo.”. Enquanto espero, já entrou outro operador. E aí já entrou outro operador de novo. E eu ainda estou operando máquina. Aí eu não sei como é que... não sei como é que é isso. Eu trabalho com uma responsabilidade mais grande da qual eu entrei e minha carteira tá como auxiliar de produção e eu to recebendo como auxiliar de produção. Minha responsabilidade é muito mais grande. Aí eu não posso falar mais nada, ele falou “tem que esperar”. Porque se eu falo eu acho que vão achar ruim, podem falar que eu não quero, não quero trabalhar. Mas não é que eu não quero, é que a responsabilidade é muito grande e tem muito perigo lá dentro que eu não fiz um treinamento para isso. Então... essa é... é minha experiência.

Letícia: Bom gente, obrigada. É... agora eu vou fazer a pergunta geral que eu tinha falado que ia fazer pra vocês. Vocês não precisam falar assim, uma de cada vez; se vocês quiserem, vocês podem fazer pergunta uma pra outra, como se fosse uma chamada de vídeo entre amigos, que vai conversando todo mundo com todo mundo. Então se vocês quiserem fiquem à vontade pra fazer isso. Eu não sei, talvez daqui a pouco o Google Meets resolva que a reunião tem que acabar; aí se isso acontecer eu vou mandar um link novo lá no Whatsapp e a gente continua em outra sala, tá, porque aqui tem um limite de 1 hora, e eu não sei, eu acho que a gente já usou uns 40 minutos. Então a pergunta que eu queria fazer pra vocês hoje seria... O que exatamente levou vocês a tomarem a decisão de saírem da Venezuela e virem pro Brasil. O que que aconteceu que vocês decidiram fazer isso. Alguém quer falar primeiro?

Maritza: Vamos falar. [problemas de microfonia]; Oi? Agora sim, né. Só que aí eu... Oi? Mas eu não me escuto... Então tá. Tá. Assim, eu vim para cá eu passei um momento de

insegurança lá. Lá... a gente estava passando por um, é... roubos, eu não sei como se chama aqui. Delinquente entrava na casa, e eles te pegavam, ficavas amordaçada tudo mais. Então era muito grande a insegurança. Aí eu resolvi sair de Venezuela. Mas não tinha sentido algum. Eu consegui vender tudo que eu tinha, e... deixar certa segurança para minha filha mais velha. Aí... eu... saí de lá e cheguei aqui só com 10 reais... é, não, 10 dólares (risos). O que era nada. Aí... eu fui uma pessoa que entrou caminhando. É... cheguei até Pacaraima. Cheguei a Pacaraima em carro. De carona. Depois de Pacaraima até... até Boa Vista, é... eu fui de carona também. Mas assim, foi isso, insegurança. É, lá a gente não conseguia viver com tranquilidade, aí eu precisei sair embora da minha casa. E é isso.

Letícia: É... Então sua filha mais velha ficou lá na Venezuela.

Maritza: Ficou, ela ficou quase um ano lá. Ela ficou lá quase um ano, e aí eu trouxe ela pra cá.

Letícia: Você tem mais família na Venezuela ou agora tá todo mundo aqui?

Maritza: Todo mundo está aqui agora.

Letícia: É... quem quer falar agora?

Isabel: Oi? Oi? É... eu saí de lá da Venezuela já tem... 4 anos... e um pouquinho mais. Aí eu saí por que... por causa da... do governo, né? Lá da Venezuela. Aí quando eu saí de lá, o país estava um pouco já ruim, mas não tava muito como agora. Mas já estava tendo problemas do governo, aí já... o que me levou a sair de lá foi que já tava começando o problema, aí eu fiquei sem trabalho, aí no momento que eu tinha que levar meu menino na escola, tinha dias que eu não tinha dinheiro, né, pra comprar merenda, sua comida, aí eu fiquei pensando. Aí eu fiquei pensando, se o começo é assim, não quero nem imaginar mais na frente. Aí meu sogro saiu primeiro de lá. Aí ele chegou na Boa Vista e... aí trabalhou uns meses. Ele é carreteiro. Aí depois ele veio pra cá com um amigo, arrumou trabalho aqui, aí ligou para nós, “pronto, eu to aqui, eu já arrumei trabalho, eu consegui arrumar, é... alugar uma casa, agora vocês”. Aí ele mandou passagem pra nós, a gente chegou até Boa Vista. Boa Vista ficou uns meses, uns 3, 4 meses, aí depois eu vim pra cá. Só minha sogra, meu esposo, meu filho e eu. Meu sogro já tava aqui já. Só nós. A família do meu marido quase toda tá aqui, mas minha família não, minha família toda tá lá, eu só to aqui com meu esposo e meu filho, e só.

Clara: E você falou do... da questão do governo, Isabel, é que tava muito ruim e tudo mais. Especificamente alguma coisa aconteceu com a sua família, algum tipo de perseguição de algum tipo, ou era mais uma questão assim de geral, econômica, ou algum medo, alguma outra coisa?

Isabel: Era mais que tudo econômica, porque já tava começando, aí a comida já estava ficando cara, aí o salário que você ganhava era muito pouco, é... o hospital já tava começando a ficar também difícil, não tem remédio, e se você ia pra lá, precisava pegar um remédio, aí o enfermeiro queria vender o remédio. Já tava começando, aí eu fiquei com medo porque, na hora que meu menino ficava doente, que eu levava no médico, era muita correria, não tinha pra comprar remédio, não tinha pra comprar comida, não tinha pra comprar merenda pra escola, aí eu fiquei com medo, pensei, se é assim agora, imagina mais lá pra frente. Eu pensei no meu filho e na minha mãe também, minha mãe é uma pessoa... ela tem 79 anos, ela é doente. Aí eu to aqui trabalhando e todo mês eu mando pra ela, pra ela comprar comida, remédio. Eu vim só por isso, como ela tava começando e fiquei com muito medo de ficar pior e eu não poder sair de lá.

Letícia: Gente, antes da gente continuar, eu acho que ta acabando o tempo da reunião, então vou colocar aqui no chat outro link, aí vocês clicam nele e a gente se encontra na outra sala, tá? [troca de sala]. Quem quer falar agora? Falta a Adriana, né?

Adriana: Oi? É... eu acho assim... que... de forma geral, assim, as minhas principais razões para migrar, é... foi a escassez. Escassez de alimentos, escassez de gás, de muitas coisas, porque... no meu caso, meu esposo já ficava aqui no Brasil, ele enviava dinheiro. E... ele igualmente eu tinha que fazer filas longas para poder comprar um alimento. Então, é assim, é... nós venezuelanos estamos acostumados a produtos que são, não sei se é por tradição, mas são produtos muito bons, eram produtos muito bons. Para nomear três alimentos, é... farinha de pão (harina pan), é... que outro alimento assim, algum tipo de leite e eram assim como que escolhíamos. Eu quero esse porque esse é o melhor. Assim estávamos acostumados. Então é assim, depois passa por um momento em que tem que consumir outros alimentos, porque o que você quer, já está acostumado já não está, assim é a escassez, então, é... se você tem um familiar em um... fora, no estrangeiro, e ele envia dinheiro, e você não pode comprar igualmente, igualmente não pode comprar porque não tem, não chega. Então, assim, Venezuela, apesar de tanta crise, Venezuela tem recursos inesgotáveis. Venezuela é um dos principais, é...

produtores de petróleo e esse petróleo vai para fora. Esse petróleo, o povo passa por trabalho, o povo não tem combustível, não tem gasolina, gás, e é o produtor, principal produtor de combustível. Lá a gasolina era, porque agora aumentou o preço, mas era quase de graça. Então, mais que tudo a escassez porque desde quando eu viajei pra cá, comparado com este momento, tem 2 coisas muito diferentes: naquele momento, falamos de escassez. Neste momento se fala é mais da inflação, porque tem produto, mas só são inalçáveis para a pessoa. A pessoa está recebendo dinheiro de familiar que está fora e não alcança para comprar agora o produto. Agora tem um... agora tem um panorama diferente: tem produto, mas o dinheiro não alcança, enviando para lá. Então assim, a principal razão de imigrar, fazem 4 anos atrás, a crise não estava tão pronunciada assim, tava começando a escassez, mas era difícil para nós porque estávamos acostumados a ter tudo. Então aí com um familiar fora, no caso era meu esposo, e o menino estava pequeno, eu já sentia muita saudade, o menino estava crescendo sozinho, sem seu papai. Aí eu tomei a decisão, decisão muito difícil. Porque meu plano não era permanecer tanto tempo aqui, meu plano era vir por um ano, então tanto assim que eu lutei muito para conseguir uma permissão não remunerado, eu pedi na faculdade uma permissão por um ano, e foi negado, não deu certo. Ainda explicando tudo que... tudo o que estava acontecendo, que o menino precisava estar ao lado de seu papai pelo menos um ano, aí não deu certo. Negaram a permissão para mim. Então meu plano era só visitar por um ano aqui no Brasil. Já são mais de 3 anos sem poder voltar. Porque é diferente quando você mora perto da fronteira. Estou muito longe da fronteira. Aí fica difícil demais chegar à fronteira, é difícil, porque, é... estou vendo que nem com dois salários, nem com 3 salários aqui no Brasil, você não consegue poupar. Salários-mínimos, eu falo, né. Não se consegue poupar. Que aqui também está havendo inflação. Então é difícil. E é isso. É a principal razão. A crise, crise econômica, primeiro escassez e depois inflação. Porque agora tem produto mas o preço lá não se está falando agora de bolívares, que é a moeda de lá, agora se está falando de dólares. Venezuela está dolarizada. Você vai comprar algo e são dólares. Já não se usam bolívares, agora puro dólares. E, é... insuficiente quando eu estava em... em... questões de trabalho estava estável. Professora. E com... com... um emprego estável pois já tinha concurso público com 14 anos de experiência, adorava, amava, amo, minha faculdade, mas, infelizmente, tive que renunciar. Porque não me deram permissão. Talvez se a faculdade me desse permissão, fazia.. Mas só Deus sabe por que, porque na verdade se a permissão tivesse

sido outorgado, eu também não poderia voltar, porque a Venezuela não melhorou, Venezuela, de tudo a inflação foi o pior. Então é assim... você tem o dinheiro e não pode comprar, então o que vai fazer lá? Então é difícil... é isso.

Letícia: Eu queria fazer mais uma pergunta pra todas. É... quando vocês, é.. vieram pro Brasil, né, provavelmente vocês tinham uma expectativa de ter alguma melhora em relação a como estava na Venezuela, e aí eu queria saber se vocês acham que valeu a pena, assim, olhando pro geral mesmo da experiência de vocês. Se vocês consideram que valeu a pena ir embora da Venezuela e vir para o Brasil. Alguém?

Adriana: Oi. É... eu acho que sim, sim valeu a pena, por que quando você tem que... tantas limitações, de serviço e comida, educação para os meninos, e chega a um país que tem tudo, é... 2018 até 2019 eu não vi inflação, não, tudo estabilizado nesse ano. E... é assim, você sente como um alívio. Sobretudo quando tem meninos. Então apesar que o... a busca de emprego é difícil, é bastante difícil, aqui o emprego é por recomendação, mais que tudo. Então eu acho que sim, sim vale a pena. Tem... Brasil também... estou muito agradecido porque ofereceram ajuda de formação também, consegui fazer o curso, e acho que sim tem boa acolhida para o imigrante, então eu to muito agradecido, apesar de que eu tenho muita saudade da família, eu quero voltar por que passou muito tempo, e a família é o melhor. Mas eu acho que sim, sim valeu a pena.

Maritza: Eu sinto igual. Eu... lá eu já não me sentia apego no caso de... eu não me sentia segura de sair na rua. Para mim é muito difícil morar e ter que estar em minha casa, pra mim isso é absurdo. E... eu desde que estou eu sou a que joga lixo às 10h da noite, e ninguém faz... não tem problema fazer isso, entendeu? Para mim ter essa liberdade, de eu fazer as coisas do meu jeito, pra mim não tem preço, entendeu? Ou, no caso, por exemplo, eu já não conseguiria viver lá por conta do gás, no caso minha sogra falou que o gás dá o governo, e aí ela teve que pagar sem receber o gás e esperar 2 semanas para receber. Eu comprei gás há pouco, eu pedi pelo aplicativo e ele chegou na minha casa em menos de 30 minutos. Entendeu? Eu já não conseguiria viver lá. Lá tem muita dificuldade, nas coisas mais simples, desde subir um ônibus e você saber que ele vai passar no horário certo, não tem preço. Eu cheguei num ponto em que eu tinha que levar minha filha pra escola, eu tinha que caminhar mais de 40 minutos para conseguir levar ela na escola, e eu não conseguia pegar um ônibus, porque não tinha ônibus. Uma coisa tão simples como isso, entendeu? Ou eu queria comprar para ela uma mochila nova e

não tinha como, porque era um gasto que... não era relevante, não era primeira necessidade. Seu dinheiro, assim, você trabalhar o que trabalhava, não dava para mais coisa que comer. E era muito difícil, quando eu vim pra cá, não olhei pra trás. Na verdade eu falei pro meu pai, eu volto em setembro. Na verdade não chegou, ele já veio morar aqui. Imagina (risos). É... eu quando vim não quis voltar mais. Apesar de todas as coisas que a gente vive aqui, que não é fácil, a gente, eu concordo muito com Adriana, ela era docente na universidade, e de repente você se encontrar fazendo faxina. A gente não entende isso, isso é uma coisa que assim, “Meu Deus, que eu fiz!”, mas a gente continua e faz, porque a gente só tem esperança, tem responsabilidade de continuar. Só isso. E esse é o ponto de muitas pessoas. Eu não voltaria, na verdade, com todos os problemas que agora estamos vendo no Brasil, ainda não voltaria à Venezuela.

Isabel: Qual que era a pergunta?

Clara: A Letícia perguntou se valeu a pena, vocês virem da Venezuela pra cá, se o resultado final valeu a pena ou não, o que você sente, se melhorou, como foi isso.

Isabel: Eu acho que... eu acho que sim, que valeu a pena. A gente... eu, por exemplo, eu converso com minha família todo dia, eu não tem dia nenhum que eu não falo com minha família, né. Aí toda vez que eu falo, é... falam tanta coisa. Eu falei com a minha mãe ontem, ela falou “tem 5 dias sem água, não tem gás em casa”, é... meu irmão tava na cola da gasolina, e eu fico pensando, valeu a pena. Uai, não é fácil, não, ficar longe da família. Eu já tem 4 anos, e... eu penso que vou... eu penso, né, porque eu tenho já 3 anos pensando em viajar e ainda não deu certo, mas eu acho que este ano vai ser, só que eu vou viajar ver minha mãe, mas eu to pensando vou viajar só eu, porque é diferente quando você vai com seu filho pequeno, ou quando você vai sozinha, aí eu pensei vou só eu, eu tenho medo de viajar com ele, não dar certo lá, por causa da situação lá, aqui ele tá muito bem, muito melhor que lá. Tem vezes que eu penso que valeu a pena, mas tem vezes que penso que não, mas é porque em 4 anos longe, é... o ano passado meu pai faleceu, aí não deu pra eu ir lá. Mas.. vai dar certo.

Letícia: Então a gente vai encerrar por aqui hoje, aí na semana que vem, talvez a gente comece um pouco mais cedo, pra não atrapalhar o almoço de ninguém, porque acabou um pouco mais tarde do que eu esperava também, então semana que vem a gente vai conversando, mas provavelmente umas 10h da manhã no sábado também, se vocês

puderem. E é isso, muito obrigada a todas vocês por terem participado, por terem falado, e até semana que vem.

Clara: Muito obrigada, gente.

[despedidas gerais]

o Reunião 2 (14/05)

Letícia: Gente, vamos começar então, depois se elas entrarem elas pegam no meio. Tudo bem, gente? Primeiro eu queria lembrar vocês daquele documento que eu mandei, eu vou mandar de novo pra cada uma, mas é que eu preciso que vocês assinem ele pra eu poder usar a pesquisa depois, tá? Aí lá tá bem explicadinho do que se trata, como funciona, que a gente não vai usar dados como nome, idade, nada disso, nada que dê pra identificar quem é. E enfim, lá tá bem explicado, e aí eu mandei um vídeo ensinando, assim, se vocês quiserem imprimir, vocês imprimem e assinam normal, e aí me mandam pelo Whatsapp, enfim. Mas se vocês preferirem não imprimir, eu mandei um vídeo lá ensinando como faz pra assinar pelo próprio celular, tá? Bom gente, então a pergunta de hoje, a primeira: eu queria saber com que vocês trabalhavam e como era a vida econômica, financeira de vocês, lá na Venezuela, na crise mas também como eram as coisas quando tudo era normal, assim. Quem quer começar?

Adriana: Oi... tá bom. Eu trabalhava em uma faculdade de Engenharia Mecânica, lá em... bom, de várias engenharias. Mas eu trabalhava na área de Engenharia Mecânica. Não íamos mal, assim, com trabalho estável e casa própria, comodidades, mas não assim, muito luxo assim não. Comodidades, normal. E nesse tempo, vamos falar assim, eu trabalhei 14 anos, mas em 10 anos deu para economizar, deu para comprar casa própria, carro. Mas depois desses 10 anos que começou a ser insuficiente o salário, depois foi assim, escassez de alimentos. Mas antes de tudo isso era uma vida normal. Dava para economizar. O salário dava para economizar, ter dinheiro e viajar também, então era bom.

Letícia: Aí quando você veio pro Brasil, você vendeu seus bens?

Adriana: Não. Eu deixei tudo... até agora tudo ficou igual. Lá tem familiares cuidando da casa, morando lá. Tudo ficou igual, porque quando uma pessoa emigra, uma pessoa sempre vai manter a esperança de voltar. Então eu não vender nada, não. Meu esposo já, ele viajou antes para cá, a aos 10 meses foi que eu viajei. Aí deu para deixar tudo igual, não se vendeu nada.

Letícia: E você, Maritza?

Maritza: Eu estudava nos primeiros anos, mas [trabalhava ?] e [hoje eu tenho] uma empresa, [trabalhando] seguros, mais ou menos desde de... como [5 anos?]. Mas um ano que faz seguro. Aí tínhamos uma vida normal, como falou Adriana, [a gente tinha carro], casa própria, [tudo que vocês têm]. Só que as coisas depois começaram a fazer mais difícil, e sempre o preço de tudo era mais caro, e a gente continua recebendo o mesmo. Eu fico com medo porque a gente tá mais ou menos vivendo isso no Brasil agora, no início. A gente começou desse jeito. [No mercado] foi a comida, mais ou menos como a gente está vivendo agora. Eu deixei tudo, eu vendi tudo, eu na verdade quando saí, não saí com vontade de voltar. Mas foi meu caso. Minha meta era trazer minha família, eu consegui trazer eles, eles agora estão aqui, e meus pais aconteceu igual, a gente ficou sem vontade de voltar, porque a gente viu muita coisa lá. Eu morava num estado onde tem, como... eu não sei... garimpeiros, sabe? Eu acho que a palavra aqui no Brasil é garimpeiro. [?]. Lá o problema da gasolina, o ouro, o dólar era muito cobiçado, então a gente decidiu migrar e fazer vida em outro país. E foi isso.

Letícia: Então, a segunda pergunta, que eu queria saber, é... depois que vocês vieram, assim, eu queria ter um histórico, de quando vocês chegaram até hoje, com quê vocês trabalharam, como tem sido as condições financeiras aqui.

Maritza: Eu cheguei em 2018, meu primeiro trabalho foi assistente de cozinha, depois fui cuidadora de um sítio, eu cuidava do sítio, e depois eu deixei de trabalhar. Em 2019, eu decidi estudar [... áudio inaudível]. Eu decidi estudar, eu fiz cursos profissionalizantes no início, e depois fui fazer faculdade, fiz processo seletivo. [?] É verdade é que [tudo está dado], tecnológico. E aí no final do ano passado, eu fui fazer um estágio na área de desenvolvimento. Eu fiz, eu mudei tudo. Eu passei de fazer outra

coisa lá na Venezuela, né, e agora eu fiz uma mudança de carreira para a área de programação, de TI, e é isso que eu faço agora.

Clara: Maritza, desculpa, queria perguntar... quando você chegou você começou a trabalhar como assistente do que?

Maritza: De cozinha, de cozinha. Foi meu primeiro trabalho aqui.

Letícia: E isso faz quantos anos?

Maritza: 2018. Eu jamais fiz, eu nem cozinheiro (risos).

Clara: E depois foi cuidadora de...

Maritza: De um sítio. É como um terreno e a gente cuida das plantas, animais...

Clara: Ah, tá, ah tá.

Maritza: Da casa, e isso. Jamais fiz também. Só fiz aqui.

Letícia: E agora você tá trabalhando na área de TI?

Maritza: Isso, agora sim.

Clara: Como que foi que você conseguiu, assim, que você teve essa oportunidade de aprender sobre TI? E entrar nessa área?

Maritza: Eu... como trabalhava na área comercial, a vida toda, eu entendia um pouco de como eram as coisas aqui no Brasil, da forma como a gente consegue trabalho, e tudo mais. Aí eu fiz como um estudo de mercado, mas para eu poder pôr a mim mesma, né (risos). Aí eu fiz [?], eu participei de [Ratacom], eu participei de [?]. Investi um tempo, 1 ano. A verdade é que decidi me dedicar de maneira integral, eu fui me dedicar a isso. Fiz muito trabalho voluntário, fiz muito trabalho de graça, até que eu conheci a pessoa correta. A verdade, eu não conhecia essa pessoa, mas essa pessoa sim me conhecia. Porque eu fiz trabalho nas redes sociais, com esse tema, né. E ele me conhecia, aí ele me deu uma oportunidade de entrar na empresa. Mas eu não estava sabendo, né. Era porque eu havia feito, participado de projetos da Prefeitura... coisas que estavam

acontecendo, onde estavam as pessoas corretas, onde estavam recrutadores, na verdade. E por causa disso, desse momento, eu consegui ganhar essa vaga. E vou fazer 6 meses de empresa.

Letícia: Então o seu processo de conseguir esse emprego foi... foi relativamente tranquilo, assim, não demorou tanto tempo, né?

Maritza: Eu acredito que não. Mas... porque assim, o que a gente faz normalmente em 3, 4 anos, eu fiz em um ano. Eu estudava... eu ainda faço, meu marido que tem que ficar com os meninos (risos), eu acordava cedo, fazia as coisas da minha casa e eu começava a estudar desde cedo. Eu fazia 3, ou até 4 cursos no dia. Eu tinha um horário apertado, e ainda conseguia cuidar das crianças. Meu dia terminava 11 horas (da noite), e começava tudo de novo. No final de semana ainda eu estudava também. E, por isso eu falo, eu fiz o que a gente faz em 4 anos, eu fiz em um ano. A verdade, em 8 meses, eu participava em [Ratacom], eu participava de cursos, de 7, 8 horas ou mais. Mas foi isso, foi uma coisa que eu decidi não trabalhar, mas investi em estudar, porque eu não queria voltar a ser assistente de cozinha. Eu tentei fazer um empreendimento... eu fiz um empreendimento, na verdade, eu no decorrer de 3 meses, eu não consegui. Para mim era muito trabalho. Uma coisa que eu não fazer. Aí eu queria um trabalho mais formal, numa empresa, eu acho mais estável, e a única forma era estudando. E eu peguei esse caminho, as pessoas falaram que ia demorar muito, e eu falei vocês não me conhecem (risos). Aí eu fui atrás, eu fiz o que tinha que fazer, o que eu considerei que era o melhor caminho. E ainda hoje... eu tenho 1 trabalho de 4 horas, na verdade faço umas 6 ou 8 horas diárias, ainda tenho outro trabalho, e estudo. Estudo 2 faculdades, mas faculdade eu abri mão de uma, pra conseguir fazer outra coisa. Mas sei que a gente.. no Brasil é por recomendação, isso que eu falo. Assim, que a gente ainda tem que fazer trabalho voluntário, ter mais um trabalho, participar de tudo quanto evento faz, as empresas se destacar, um diferencial, pelo menos alguém falar de ti. Caso contrário, você não vai conseguir, é difícil. Mas demora muito, não é impossível, mas demora.

Letícia: Entendi. Quando você tentou empreender, era em que, Maritza?

Maritza: Em confeitaria. É porque eu gosto. Só que eu perdia a metade, a outra metade eu comia (risos). Aí não dava certo.

Letícia: Eu faria a mesma coisa (risos). Você falou que agora você tá trabalhando 2 empregos? Os dois são em TI?

Maritza: Um é mídias sociais, por marketing, e o outro é TI. Mas, na verdade, eu invisto só 1 hora no outro. E ele consegue pagar minhas outras contas, porque na verdade nesse emprego agora, eu ainda estou investindo. Em chegar num ponto. Então o que eu recebo, eu basicamente gasto no cuidado dos meus filhos, e o resto é roupa, as coisas que eu preciso para esse trabalho. Na verdade é que quem paga as contas é o segundo emprego. Mas funciona desse jeito, a única forma da gente receber mais, a gente tem que investir agora. Só que eu não invisto em negócios, eu invisto em mim mesma. É que eu sou velha (risos). Eu tenho já quase 40 anos.

Letícia: É velha nada.

Maritza: (risos) Aí é mais difícil o mercado de TI porque é mais de pessoas novas, mas bom. Aí eu tenho que ficar a par deles. Mas é sobre isso, a gente tem que dar um jeito.

Clara: Maritza, e nesse... dentro desse mercado de TI, como que você sentiu as pessoas, você trabalha com outras pessoas... tem outras mulheres, tem outros venezuelanos, como que é essa relação com as pessoas no seu trabalho? Ou é mais pelo computador?

Maritza: Não, agora faço presencial. Meu projeto iniciou home office, só que como é para a indústria, eles mudou para presencial. O projeto [habilitou] a gente migrar para o presencial. Aí é um pouco difícil. Primeiro que a gente recebe muito preconceito por ser venezuelano. Eu estou no Norte do país, onde mais tem venezuelanos, e tem muitos venezuelanos que são bons. Adriana pode [pegar] comigo. Tem muitos que são bons, que faz de tudo, que não roubam. São pessoas boas, né. Mas também tem muitos que são maus. Pessoas que... enfim, tem tido muita visão negativa deles. Então as pessoas têm muito preconceito e eles ficam um pouco fechados no momento de receber você.

Letícia: Maritza, esse preconceito que você percebeu, você percebeu se isso era maior quando você era assistente de cozinha, ou se é maior agora, ou se é a mesma coisa, assim?

Maritza: Não, sempre. Sempre teve esse preconceito. Eu morei mais tempo aqui no Norte do país, né. Eu cheguei em Boa Vista, lá já tinham muito preconceito, venezuelanos é só pedir, "eles só pedem e não trabalham", é o maior preconceito. O outro é que eles [fazem um contrato] contigo, a gente faz um negócio, e aí o venezuelano não paga (risos), é um outro preconceito. O outro é, por exemplo, que eles alugam pra nós, e a gente fica sem pagar. Eles têm muito preconceito, assim, falam que a gente rouba, que a gente não trabalha, ou que a gente não tem conhecimento de nada (risos). Eu penso fica engraçado, né, esse negócio. E eu vi, sim. E a área de TI, é uma área que tem sido um desafio no Brasil, porque não tem pessoas maiores de 30. Não tem mulheres, tem muito pouco. Não tem mulher preta. Não tem mulher que seja de outra orientação sexual que não seja heterossexual, por exemplo. Tem muito, muito, preconceito de todo tipo. E aí, é o pior é também não aceitam mulheres com filhos. É, então eu conto sempre que meu caso foi conquista. Eu consegui demonstrar que eu sou uma mulher que parda, que eu sou uma mulher mãe, heterossexual, e eu consegui chegar na área de TI. Mas foi uma luta, não foi fácil demonstrar isso, que eu conseguia deixar meus filhos ao cuidado de outra pessoa para sair pra trabalhar. E é sobre isso. Sempre houve preconceito com a gente. É uma área muito difícil, muito presa. Só que é uma área que se conseguir um lugar correto, consegue ganhar um bom dinheiro.

Letícia: Obrigada, Maritza. E você, Adriana?

Adriana: Oi?

Letícia: Oi, agora eu queria saber o seu caso, você lembra a pergunta?

Adriana: Sim. Meu caso, nos primeiros [3 meses], foi praticamente estudar o idioma, porque a verdade é que quando cheguei... apesar que tinha praticado um pouco lá na Venezuela, nesses 10 meses, quando cheguei foi completamente diferente, eu ia, estudava lá, aí algumas coisas sim, entendia, assim, pouquinho, então.. estudei assim, um ano, fiz curso e depois de 3 meses foi que eu comecei a sair, aos parques, às praças, Igreja, aí comecei a me socializar. Então aí depois fiz amizades, e comecei a cuidar das casas de amigas que viajavam, então elas meio que me falavam "não, vou deixar a chave, aí você cuida da casa, faz limpeza..." e aí, foi assim, tipo ajuda, né, porque eu nem queria cobrar, mas sempre "não, vou pagar isso pra que você me cuide aqui". Então

foi isso. Aqui chamam faxinas, né, fazer uma faxina até, cuidar da casa por vários dias e deixar ela bem limpinha quando eles chegassem, aí compartilhava muito com eles. Então depois, através desse contato dessas amigadas, elas me recomendaram em escolas de... a nível fundamental e médio. Escolas privadas. Me recomendaram ali, e eu fiz uma substituição ali de espanhol. Eu trabalhei 2 meses, foi curto, foi um trabalho curto, mas foi... para mim foi bastante emocionante, porque, como... era o que eu gostava de fazer, dar aulas, então aí eu gostei muito. Fiquei muito feliz nesse tempo. Dei aulas, e por esses 2 meses, inclusive a diretora me falava, "eu quero que você fale mais espanhol que português, não quero que fale muito português em aula, quero que fale mais espanhol, que os meninos escutem o espanhol fluente". Então foi isso, foram aulas muito gratas para mim, e depois, quando eu já compreendia bem... aí aperfeiçoei mais o português, ou seja, entendia muito mais. Comecei a fazer cursos, com o SENAC, então.. aí... comecei a fazer cursos, vários, vários, toda oportunidade de curso, comecei a fazer. E também, quando fui socializando mais, conheci mais pessoas, ficava muito interessada em arrumar emprego, enviava currículo a cada... todos os dias, 5, 10 currículos para buscadores de emprego, e entregava currículos presenciais. Mas é que o difícil é que eu estava em uma... em uma cidade pequena. Eu morei [Ibiá] 2 anos. Então foi assim... não, 1 ano em Ibiá, e agora 2 anos aqui em Uberlândia. Então lá ficava mais difícil, porque lá, são poucas firmas que tem, e para... queria concursar, já me sentia já em... com a capacidade de concursar, mas foi impossível, porque, no que eu queria concursar, pediam o título já revalidado e não foi possível. Meu título não era reconhecido lá. Então isso foi uma barreira bastante complicada. Então, assim, nesse tempo não arrumei mais emprego, assim, formal não. [Mas fiz]... assim, trabalhos eventuais, assim, de limpeza, mas muito eventuais, assim, cada 2 meses, assim, era... aí depois quando cheguei em Uberlândia, ainda fiquei 1 ano desempregada. Mas nesse tempo, eu dei aulas em casa. Quando da pandemia, eu dei aulas aos meninos aqui em casa. E depois, 1 ano depois, sim arrumei um emprego, e foi por recomendação, como fala Maritza, foi por uma vizinha minha, que pediram pra ela cobrir uma férias, e ela estava empregada, aí ela me falou... mas são coisas de Deus, também, porque eu estava como... preocupada, entregar meu currículo pra ela, porque eu sei que ela conhecia muitas pessoas. Aí eu, no momento que eu liguei para ela, para entregar currículo, ela me falou assim, "ei, Rosa, não... você não vai acreditar, acabam de falar para cobrir uma férias, você pode ir amanhã?", e eu falei assim, "eu posso sim, qual é o horário?", e ela me

falou "é a primeira hora, você tem que estar lá às 6:30h da manhã, e para começar já. Você se quiser vá hoje e pergunta como é, pra que te sirvam orientação, e... mas é isso, é seguro que você vai começar, porque eles precisam", aí eu falei, "sim, eu posso sim" e desde esse momento, eu estou nessa firma, é uma firma de bolsas, uma fábrica de bolsas, e eu estou como serviços gerais. Eu fiz 3 férias, era só pra fazer 1 férias, depois me falaram, "bom, você vai ficar 1 mês mais", depois, "não vai fazer outra férias", apesar que eu me sentia bastante bem ali, adaptada, bastante, e eu falei, "não, mas eu quero algo formal, eu quero já assinar minha carteira, se não eu vou procurar outra coisa", e aí me falou lá a patroa, "não, você vai ficar, já contratada", e graças a Deus aí estou, não tem nada a ver, nada a ver com o que eu fazia em Venezuela, mas eu gostei muito do tratamento em geral, de todo o pessoal, é bom, é como se fosse... é um ambiente assim, como familiar. Apesar que é uma fábrica, que tem bastante empregados, o ambiente é bom. E bom, aí estou. Pelo menos enquanto sai outro tipo de emprego, sigo aguardando pela revalidação do diploma, pelo menos está em fila, aguardando aí pelo estudo, já tem uma faculdade já designada, a faculdade de Goiás, e aí está em fila, aguardando para fazer o pagamento da taxa e que inicie o estudo ali do [?].

Letícia: Adriana, sobre a revalidação quanto tempo demorou pra... entre você fazer o pedido, né, e eles mandarem pra uma faculdade?

Adriana: Bom, o início dessa Revalida, é... na verdade, eu não tinha os recursos para iniciá-lo, porque estava [desempregada] e tinha pouca informação. Quando eu comecei a interagir, assim, com outros imigrantes, foi que me recomendaram uma instituição que se chama Compassiva, que eles fazem Revalida para o imigrante, assim, para estrangeiro. Então eu levei 2 anos para poder encontrar informação, assim, completa, né. Claro, entre outras coisas pelas que uma pessoa passa aí, mas desde que iniciei, para entrar ali, acho levou como de 6 a 8 meses para que me falarem disso, que "não, você já entrou na fila", acho que como uns 8 meses. E desde que me falaram isso, que entrou em fila, até agora, passou mais de 1 ano. Isso foi em março de 2021. Então tem mais de 1 ano aí aguardando.

Letícia: E essa fila, é uma fila pra pagar a taxa?

Adriana: É, só isso. Porque eles se encarregaram de de 'subir' à Plataforma Carolina Boris, e se encarregaram disso, de todos os documentos, era só eu enviar por Whatsapp que eles... todos os documentos. Aí eles se encarregaram de entrar na Plataforma, carregar tudo direitinho, e nesses dias me enviaram um email, para informar-me que esse processo está sendo interrompido, que eles não tem mais recursos, e o único que eles vão me dar era o pagamento da taxa. E eles me enviaram um termo de condições, que... de compromisso. De que eu ia receber esse pagamento, mas eles não se comprometiam mais em continuar o processo. Só aguardar pela faculdade, eles fazem o pagamento, e aí entrar em contato direto com a faculdade, que eles já não iam continuar meu processo.

Letícia: Só mais uma coisa: quando você chegou e você tava cuidando das casas das suas amigas, eram outras venezuelanas ou eram brasileiras?

Adriana: Eram brasileiras.

Letícia: Tá. Clara, você tem mais alguma pergunta?

Clara: Não, eu acho que não.

[encerramento da reunião]

o Reunião 3 e 4 (21/05)

Letícia: Bom, gente, vamos começar, depois qualquer coisa elas entram atrasadas. Bom, cês tão aí? Sim? Tá. Bom, então, hoje a gente vai tentar fazer 2 perguntas, tá? A primeira é se em algum momento, quando vocês tavam procurando trabalho, ou então depois, quando vocês já estavam trabalhando, se em algum momento vocês sentiram que vocês foram discriminadas, seja por ser mulher, ou então pela raça, ou então por serem venezuelanas, se isso já atrapalhou vocês a conseguir um trabalho, ou se já pagaram vocês menos, se foram tratadas diferente de outros funcionários, então questões assim.

Isabel: Vou esperar descer do ônibus pra responder, tá?

Adriana: Oi? Posso falar eu?

Letícia: Pode.

Adriana: Bom, meu primeiro trabalho que não deu certo aqui na cidade de Uberlândia, foi em um restaurante. Porque eu estava bastante assim, desesperada procurando emprego, né, e eu fiquei feliz porque eles me chamaram, mas foi para começar assim no fim de semana e era como um teste. Aí... o patrão me falou, "nossa, mas você é formada, você acha que vai dar conta dessa função aqui?" Era como de auxiliar de cozinha, ajudante aí. "Pode falar, você vai fazer de tudo aqui, vai fazer... um pouco ajudar na cozinha, um pouco depois vai ajudar a servir as mesas, caixa, não vai ter uma função definida assim", aí eu falei "sim, eu posso. Eu quero aprender, eu nunca trabalhei em nenhum restaurante, mas eu posso". Então eu comecei, e... na verdade, eu senti assim que o pessoal do trabalho dali era como... seriam como [?], e também exigiam muito mais do que eu esperava. Mas não foi tanto por isso, porque eu tava disposta a fazer tudo direito, né? Mas eu senti mais... a causalidade é porque ali estava trabalhando uma venezuelana também. E ela já tinha bastante tempo ali. No começo eu pensei que ia ser como um apoio maior pra mim, porque como era de meu país, e eu pensei, mas foi totalmente diferente, foi... o tratamento dela para mim foi, foi ruim. Foi assim... falaram pra ela me ensinar, e como já tinha experiência ali, então foi ela que me explicou, foi ela a melhor, assim, tudo... como... como que falo assim. Era assim, como se... como se ela pensava... Eu não sei se foi porque falaram para ela... não, ainda essa pessoa também era formada, ela era formada e já trabalhava mais assim, em caixa, mais... [...] E falaram pra ela que me ensinasse na cozinha, e ela... eu acho que ela ficou assim, como que "ai, porque eu vou trabalhar agora na cozinha se já estava em outra área?", algo assim, porque. E era assim, como... como eu falo? O tratamento dela comigo não foi o melhor. Ela explicava as coisas assim... Tudo rápido e, nossa, "mas olha, isso tá errado, e tem que fazer isso, isso, isso", ou seja, tudo, tudo assim, rápido, como se para que eu não entendesse. E foi tanto, assim, o tratamento ruim dela que eu me cortei as mãos, e fazendo aí algo eu me cortei as mãos, e isso para mim foi assim como um trauma, pois. E eu desisti, eu trabalhei o dia completo. Mas quando eu cheguei aqui, eu não falei nada assim lá, mas quando eu cheguei aqui, nossa, eu chorava e chorava e falei pro meu esposo, aí meu esposo falou "não, você não vai mais para lá". Aí eu pensei assim, se o tratamento do patrão era bom, porque ele falava assim, "você é formada, eu vou te

ajudar depois, vou te encaminhar para outra vaga" e foi só um dia de trabalho, mas para mim foi muito ruim. E eu não voltei, escrevi mensagem para ele que não tinha gostado do tratamento, pois. E foi ela e foi outra pessoa maior que trabalhava na área da cozinha, também o tratamento dela era... era ruim, era assim, tudo... "Faz isso! Não, isso não é assim, não! Você tá trabalhando mal!" E assim, era nova, e ela era muito ruim porque eu acho que se uma pessoa é nova num lugar, pelo menos a primeira semana deveria ser um pouco mais, assim, explicativo, ter mais calma, tipo assim, "venha cá, isso é assim", e só uma pessoa lá que.. na verdade foi ela que me contratou, ela que ligou para mim, a vaga era para ajudante só na área de saladas, e foi só essa pessoa que me tratou bem, porque me explicava as coisas bem... então depois foi assim, ela queria que eu ficasse com ela, e a cozinheira também queria que eu ficasse com ela, e nossa, foram brigas e brigas que eu decidi não voltar, porque... E é isso, só isso, porque no segundo trabalho, sim foi bom o tratamento e até agora, graças a Deus que tem sido bom.

Letícia: Então nunca aconteceu de um brasileiro te tratar mal? Foi só essa venezuelana?

Adriana: É, a outra pessoa, a senhora maior, ela era brasileira. Mas eu acho que... eu acho que como são pessoas, assim, maiores, talvez ficam estressadas, porque né, muito trabalho, e muita responsabilidade para ela nesse restaurante. Tinha muito serviço, e ela fazia praticamente toda a comida, e eu acho que... eu [tentei] só pensar que é uma pessoa maior, e eu só aceitava, aceitava o que ela falava, e eu não... Eu senti mais triste foi por essa venezuelana, porque, eu falei assim... (risos) assim, como que nossa!, se ela é do meu país, o tratamento deveria ser diferente, porque eu só de olhar para uma pessoa do meu país, já pra mim é uma alegria, e eu trato assim, de socializar e... e falar, assim, "oi, de que estado és?", e coisas da Venezuela.

Letícia: E Adriana, você teve dificuldade pra encontrar trabalho?

Adriana: Sim, foi bastante difícil porque... esse trabalho que eu arrumei agora foi por recomendação, foi por uma vizinha, que a vaga era para ela, ela ia trabalhar nessa firma, e como ela estava nesse momento que ligaram para ela, fazendo uma férias, ela me falou a mim, porque como estava empregada, aí ela falou para mim. Porque eu já tinha falado para ela, que nossa, eu quero arrumar um emprego, e... ela. E a maioria te fala

assim, "nossa, mas se você é formada, você não pode trabalhar fazendo faxina, limpeza, porque você é formada", e eu "nossa, mas eu não estou escolhendo agora." A pessoa quando passa muito tempo desempregada só quer arrumar algum emprego. Seja o que seja, porque assim, a pessoa quer produzir, a pessoa está independente em seu país, e chega, e isso é outro mundo, porque você vai depender de outra pessoa, então.. é uma troca muito forte para a pessoa.

Letícia: E então quando negam emprego, geralmente é por essa questão da formação? Ou já te falaram outras coisas também?

Adriana: Eu, no começo meu currículo eram quase 3 páginas, porque minha experiência mais longa é em projetos. Eu tinha muito, eu fiz pesquisas [?]. Eu fiz muitos trabalhos de [graduação], participava em projetos internacionais, viajava, sempre escrevia artigos, assim, publicava. Mas [as empresas], eu depois, eu [depurei]. Meu currículo, depurei tudo, até o diploma eu tirei de lá, eu coloquei só formada até médio, fundamental e médio, só. Por que eu falei assim, se vão rejeitar a pessoa porque ela é formada, eu só estou procurando qualquer emprego, então vou colocar um currículo simples, assim, com só a formação básica, entendeu. Aí... a verdade é que este emprego que eu arrumei, nem sequer viram o currículo, só foi por recomendação, foi por, sabe, oportunidade, e Deus. Deus que eu pedia tanto e, e foi assim, eu pedi a Deus, eu quero um emprego que seja pertinho daqui, e que seja só de segunda a sexta, e não importa o salário, só quero não ficar muito longe, porque eu tenho um menino de 5 anos, e eu não quero estar longe, assim. Então foi assim, foi assim tal qual. E é de serviços gerais, e aí eu faço de tudo, de tudo. E a rotina é longa. É, algumas vezes pedem coisas que interrompem a rotina normal, mas vai dando certo tudo. Qualquer coisa a pessoa se acostuma e vai dar certo.

Letícia: E seu trabalho é carteira assinada, Adriana?

Adriana: Sim, eu trabalho com carteira assinada, só que os primeiros 3 meses foi sem carteira, porque eu tive que falar, porque no começo, "não, você vai fazer uma férias", depois "não, você vai ficar mais 1 mês de teste", ah ta. Depois, "não, vai fazer outra férias", ah ta. Aí eu falei. Eu falei assim, eu quero algo estável, porque faz tempo que estou fazendo férias e eu não sei se em qualquer momento deixo de trabalhar. Então aí

me falou, "não, sim, você vai ficar aqui, contratada formal", então assim graças Deus já em setembro já cumpro 1 ano de carteira assinada.

Letícia: E, assim, também fora do trabalho, já aconteceu de te xingarem de alguma coisa, fazer alguma piadinha que você não gostou...?

Adriana: No trabalho ou fora?

Letícia: Tanto faz.

Adriana: Não, eu... só essa vez que comentei. Depois, aí, tudo bem. Só quando a pessoa chega, que não fala bem assim, o idioma, tem pessoas que te olham assim, "que cê tá falando?! você é de onde? você não é daqui!", coisas assim. Então assim... mas não, assim, eu estava numa cidade bastante tranquila e as pessoas eram muito acolhedoras. Gostam do espanhol, gostam dos estrangeiros, e fiz muitas amizades. E aqui em Uberlândia também, sempre senti bom tratamento, sim, sempre "ai, você é estrangeira, ai, eu gosto do seu sotaque, gosto do seu...", não, não, não tive assim... pessoas ruins assim, não.

Letícia: Que bom. Clara, você tem mais alguma pergunta?

Clara: Naquele primeiro trabalho que você comentou, Adriana, você disse que era bastante pesado como auxiliar de cozinha. Você acha que tinha uma diferença, assim de quantidade de trabalho pra você e a sua companheira de trabalho venezuelana, e das outras pessoas que trabalhavam lá? Como se você trabalhasse mais do que as outras pessoas, por algum motivo?

Adriana: É... a verdade é que o serviço era forte para todos. Era bastante serviço e, assim, eu pensei assim, o tratamento do patrão é bom, bom demais, e o tratamento de outras empregadas com menos [status] era ruim. E o que eu menos gostei foi as brigas, muita briga. Era como que, "não, ela é minha!", "não, ela vai trabalhar comigo!", "não! eu preciso mais!", então eu tava assim, aqui, lá, aqui, lá, e assim. Não gostei, não. Eu gosto de lugares tranquilos, lugares que não tenham essas brigas, essas diferenças, assim não. E uma pessoa procura fazer as coisas bem, não... quer que tudo dê certo.

Letícia: Adriana, eu não lembro, em quê que você se formou mesmo?

Adriana: Engenharia Mecânica.

Letícia: E você chegou a tentar trabalhar na área, não? Ou em alguma coisa relacionada?

Adriana: Aqui no Brasil?

Letícia: É.

Adriana: Só enviei currículos para firmas em vagas de engenharia, cada momento enviei um currículo, um currículo. E não... fiz muitos testes, assim, online, muitos. Que eram bastante, bastante perguntas de engenharia... eu respondia e... mas depois não ligavam, assim, não.

Letícia: E alguma vez te explicaram por quê que não ligavam?

Adriana: Não. Uma vez uma empresa, [?], eles faz creio que uniformes e equipamentos de segurança. Era para [...]. Eu fui entrevistada, lá e passei por todas as etapas, por todas, eram como 4 etapas, e fiz teste, passei bem, primeiro era um teste escrito, passei bem, à segunda... como 4 etapas. E depois me chegou um email que não fui selecionada, aí eu perguntei por que não fui selecionada. E ela me falou assim, "não, porque eram muitas, muitas pessoas que se candidataram para essa vaga e qualificaram mais que você". E eu, ah sim, então tá bom. E também assim em Algar Tech, tentei assim, e fiz teste, e esses testes eram mais difíceis, porque tinha que fazer vídeos demonstrativos de vendas, e eu acho que se a pessoa fala em português já com um sotaque diferente, já rejeitam. Porque se você vai procurar uma vaga de vendas, de demonstração ao cliente, o idioma é fundamental. E assim você fala português e tem um sotaque de espanhol eu acho que já é uma barreira para ganhar essa vaga.

Letícia: Entendi. E assim, em lugares que fazem documentos, como a PF, você foi bem tratada?

Adriana: O tratamento, sempre me foi dado um tratamento assim, um pouco difícil. Não... a primeira vez, que foi quando eu cheguei, que era lá em Roraima, era um pouco

assim, difícil, porque era muita fila e o menino estava mais pequeno, chorava... Mas aí o tratamento foi bom, o tratamento foi bom. E eu peguei, tirei todos os documentos lá, certinho, mas a segunda vez, o policial federal era bem [forte] assim, o tratamento, mas mantinha o respeito. Não foi assim... mas era assim, como que se você fazia alguma pergunta, "não, não, não pode, você não pode perguntar isso não, você tem que agendar isso. Tenho muitas pessoas aí aguardando", coisas assim. Mas não foi assim. E a terceira vez, que foi aqui em Uberlândia, o que eu não gostei, da PF daqui, foi que me negaram... eu fui tirar a identidade já permanente do menino, porque se seus pais tem já a permanência, e o menino já tem tanto tempo aqui, tem 2 anos com... porque é assim, os meninos aqui, menino venezuelano que entra sem passaporte, eles o recebem como refugiado. Pelo simples forma de não ter um documento com foto, já o recebem como refugiado. Ainda sabendo que seus pais, seu papai nesse caso, né, tem um trabalho estável, eles negam ao menino a residência só por não ter um documento com foto. E na Venezuela, os meninos tiram identidade depois dos 9 anos, eles não tiram identidade pequenos, entendeu? Então é assim, o menino chegou sem identidade e sem passaporte, só a certidão de nascimento, então eu fui solicitar e o polícia federal me fala "se o menino não tem o nome no Diário Oficial, se não está publicado no Diário Oficial do Brasil, ele não pode receber a identidade permanente". E como eu vejo isso do Diário Oficial. E ele me fala assim, "você sabe aquele postinho que tem lá? Você vai lá e paga ali para a moça para que ela averigue", e eu falei "nossa, mas se você sabe como é, como busco pelo Google, tem alguma forma específica?", "não, vai lá", aí eu fui, paguei, não era muito não, era pouquinho, paguei e a moça tirou aí, baixou uma página que nem sequer deixou que eu olhasse, e disse "não, o código do refúgio...", me falou assim, "não, a página não está a informação", e eu falei "então tá bom". Aí eu fui, e o menino, só lhe deram, aí me diziam assim... eu estava ali desde cedo, com o menino e meu esposo, que tem que estar os dois pais, e te falam assim, que o tratamento não é muito bom aí, te falam "ah, você vai aguardar aí", e depois, assim, você está cedo ali, te fazem, tem que aguardar quase meio dia, que atendam todas as pessoas, para que te chamem. Assim você tem todo o direito de documentos, tudo... já para fazer tudo, te falam "ah, aguarda aí" e passam horas e horas. Então aí o tratamento não é muito bom, porque se essa pessoa vê que uma pessoa está com a criança, que logo a pessoa tem que trabalhar, pediu uma permissão de meio dia e perde o tempo, se perde bastante tempo ali. Então, sim, o tratamento da PF não é muito bom aqui, não.

Letícia: Mais alguma coisa, Adriana?

Adriana: Só isso.

Letícia: Maria, bom dia.

Maria: Bom dia.

Letícia: Vou repetir a pergunta pra você, tá? Eu perguntei se em algum momento desde que você entrou no Brasil, quando você tava procurando trabalho, ou já empregada, se você sentiu que você foi discriminada, tratada diferente das outras pessoas, seja por ser mulher, ou pela raça, ou por ser venezuelana. Quem quer falar agora, Maria ou Isabel?

Isabel: Oi.

Letícia: Oi, já pode falar?

Isabel: Já, já cheguei em casa. Então, no momento que eu comecei a procurar trabalho, sim foi difícil. Eu entreguei muito, muito, muito currículo aqui. Aí nenhum deu certo. Aí... só eu comecei a trabalhar, só quando tipo assim, a pessoa fala "ah, eu conheço uma pessoa que tá precisando", como indicado, né, se fala assim? Que indicaram você. Aí eu consegui entrar no meu primeiro trabalho, que foi lá na Souza Cruz, com uma empresa terceirizada, como auxiliar de produção. Eu trabalhei só por contrato. O tratamento ali foi bom. Eu ali nunca tive [?] com ninguém, todo mundo conversava comigo, e só tinha brasileira lá dentro, não tinha venezuelana, só eu. Aí o tratamento foi muito bom, as pessoas que estavam lá dentro tinham muito tempo ali, e eles falavam "eu vou ensinar você, porque você, se você chegar a se efetivar, é bom pra você aprender as coisas", aí eu comecei a aprender. Todo mundo falava, "não, eu quero ensinar você", aí eu [fiz] muito bem. Aí eu trabalhei, acho que eu trabalhei 4 contratos, nunca efetivei mas trabalhei muitos contratos, mas foi muito bom, ali nunca tive problema, na verdade, nessa empresa. Na segunda empresa que eu trabalhei foi na Plastik, uma empresa de plástico. Aí eu trabalhava de meia noite às 6 da manhã. Aí eu comecei a trabalhar... aí sim tinha... eu trabalhava só com mulher, e acho que tinha 2 homens que eram mecânicos. Aí tinha umas mulheres, digamos, que eram 9, que eu sim vi que elas não conversavam comigo, e tinha 2 moças, uma falou pro meu coordenador, falou pra não

colocar ela pra trabalhar comigo, porque ela não entendia, ela falava "não, eu não consigo entender ela, ela é muito estranha, ela fala estranho, aí eu vou pedir pra você não colocar ela comigo", aí ele falou pra mim, aí eu falei pra ele não, que eu estava bem porque, na verdade, eu sim vi que ela não gostava de mim, aí eu falei pra ele "não, não tem problema não". Eu não quero ter problema aqui com ninguém, se a pessoa não gosta de mim, a pessoa não conversa comigo, eu não tenho problema. Eu... se ela conversa, eu respondo com muita educação, mas se ela não gosta de mim, eu não tenho problema com isso. Aí tinha outra moça, que ela era auxiliar de produção, e ela era brigadista também, lá dentro. Aí ela também não... acho que ela também não gostava de mim. Aí uma vez, tava falando pra mim, só que eu não entendi, porque tinha muito barulho, aí eu não consigo entender quando conversam muito rápido. Aí eu disse pra ela, "não, fala mais devagar", aí na hora que eu tava perguntando, achei que ela pensou que eu tava falando outras coisas fora do trabalho, aí ela falou pro mim, "ou, você cala a boca, fica calada", e começou a trabalhar. Aí eu comecei a trabalhar, aí a hora que meu serviço acabou, eu fui lá em cima, subi, falei com meu coordenador e contei pra ele o que aconteceu, falei "ela não tinha que falar assim, ela falou pra mim calar a boca, ela não tinha que falar assim porque eu não... eu não tava fazendo nada, eu tava perguntando uma coisa que uma pessoa da qualidade falou pra mim só que eu não entendi", aí ele falou, "não, eu vou conversar com ela", aí ele chamou ela, conversou com ela, e ela nunca mais conversou comigo. Aí tá bom, eu também nunca mais conversei com ela. Eu ficava longe. Se a pessoa não conversa comigo, eu também não tento começar porque não gosto assim. Então aí eu saí dessa empresa, porque eu apresentei, eu tava começando a apresentar uma dor na mão direita, aí eu fui lá no médico, o médico falou que eu tava com síndrome do túnel do carpo, por causa do trabalho, porque eu tinha que tirar um negócio, um plástico, e o plástico era muito duro e muito quente. Quando a pessoa, quando o material esfriar, ele ficava muito duro, aí tinha que tirar quente, pra fazer mais... que não ficasse duro. Aí eu comecei a apresentar um problema na mão, a mão começou a endurecer, eu fui lá no médico, o médico falou "não, você tá com síndrome do túnel do carpo, eu preciso imobilizar sua mão, e você tem que fazer um tratamento de 15 dias, eu vou afastar você", aí eu falei "tá bom". Aí afastei, e no momento que eu voltei, aí me chamaram, falaram "não, você afastou" não sei o quê, "tem um problema na mão", eu falei "tenho", aí falaram para mim "não, você não vai dar conta de trabalhar assim, você vai ser dispensada. Aí falei "tá bom", aí fui

lá, assinei, saí de lá. Aí agora eu tô trabalhando numa empresa que se chama Satus, Tecnoseeds, o nome antigo era Tecnoseeds e agora ela se chama Satus. Eu trabalho ali como auxiliar de produção. Eu trabalho de madrugada. Minha hora de trabalhar no setor é de 11:50 até 7:50 da manhã. Só que quando eu entrei aí, eu entrei como auxiliar de produção, só que no momento que eu entrei, tinha uma pessoa como operador do robô, numa máquina que tá lá dentro. Esse menino, ele foi dispensado porque ele tinha dois serviços, aí quando ele tava lá, ele ficava dormindo, e era perigoso, por causa daquela máquina. Aí falaram para ele, e ele foi dispensado. Aí tinha um coordenador nesse momento, de madrugada, ele chamou pra conversar comigo, e falou "ah, Isabel, eu vejo que você tem como trabalhar como operadora", porque lá na Souza Cruz eu era auxiliar, mas também trabalhei operando uma máquina. "Aí eu acredito que você pode conseguir, você pode aprender. E sua carteira vai mudar, como operadora, e seu salário vai aumentar um pouco, aí eu queria falar com você, ver se você aceita, aceita o desafio", aí eu falei "não, eu aceito", ele falou "tá bom, eu vou falar com a chefe, vou conversar com ela e aí depois eu converso com você, se dá certo ou não". Aí eu falei tá bom. Só que aí já comecei já na máquina. Aí eu comecei. Comecei, começaram a fazer um treinamento, eu comecei a aprender algumas coisas, até agora eu to aí. Só que agora eu tô fazendo outras coisas, que tem que fazer como operador, e eu entrei como auxiliar, não como operadora. Agora tem mais ou menos 3 semanas, esse coordenador, ele foi removido, ele foi mudado de horário, ele passou para o segundo turno, e está outro coordenador. Aí eu fui e chamei o coordenador antigo, eu vi ele, ele tá no segundo turno, na hora que ele tá saindo eu vou entrando. Aí eu chamei, perguntei pra ele, deu certo, não deu certo, porque eu já estou lá quase 2 meses, operando aí, mas minha carteira está como auxiliar, aí eu continuo ganhando 1 salário... eu to fazendo trabalho de um operador que tá lá dentro, ele ganha 1935 e eu ganho 1395 de madrugada. Aí ele falou, "vou falar a verdade, eu conversei com a Luciana, que é a chefe, e ela falou que não deu certo", aí eu falei "uai, não deu certo mas eu to aí operando a máquina". E o coordenador que tá à noite, ele me coloca numa máquina, aí como eu falo pra ele não, que eu não quero ficar na máquina, ou que eu não posso. Ele vai [dizer não] e eu vou ser dispensada. Aí ele falou, "não, Isabel, tem que esperar, tem que ter paciência...", aí eu ainda tô esperando, né. Não posso falar nada, porque se eu falo, eu vou falar o quê? "Não, eu não quero", ou "eu não posso", aí eu sei que se eu falar assim eu vou ser dispensada do meu trabalho. Então eu to aí calada fazendo isso.

Letícia: Isabel, eu tenho mais perguntas pra você, mas a gente vai ter que trocar de link porque o tempo da reunião tá acabando. Eu vou mandar aqui no chat, e eu vou mandar no Whatsapp pra vocês também, tá? Aí vocês entram lá. Até já, gente.

[mudança de sala]

Letícia: Oi gente, voltamos. Tá. Bom, então Isabel, isso que aconteceu de você ter sido trocada de função e não terem passado pra carteira, isso já aconteceu com algum outro funcionário ou foi só com você?

Isabel:[começa a falar, mas som está inaudível]

Letícia: Isabel, você pode falar um pouco mais perto? Tá bem baixo.

Isabel: [tenta falar novamente, mas ainda inaudível]

Letícia: Ainda tá baixo... bem baixinho, né. Fala

Isabel: E agora?

Letícia: Agora sim.

Clara: Ah, melhorou!

Isabel: Ah tá. Na verdade eu não sei porque eu nunca perguntei. Eu nunca perguntei... não perguntei a ninguém. Mas tem algumas pessoas que estão lá dentro, brasileiras porque eu sou a única venezuelana que está aí nessa turma, aí falaram pra mim assim, "não, a pessoa gosta de aproveitar a gente, mas não é assim não, porque falaram pra você trocar de cargo na carteira, seu salário e ainda não certo?", aí eu falo, "não, não deu certo, a chefe falou que não". Só isso, mas eu não sei se já aconteceu.

Letícia: E em outras situações, Isabel, é, na rua, na polícia, você já foi destratada, xingada, fizeram piada, alguma coisa assim?

Isabel: Só tem a... a primeira vez que eu cheguei aqui, eu já tenho 4 anos aqui, quando eu cheguei aqui, acho que eu tinha mais ou menos umas 3 semanas que eu cheguei, aí eu fui... eu fui lá no posto de Santa Rosa, que fica aqui perto de casa, eu fui, mas eu fui

levar meu menino, que ele tinha passado a noite com dor de dente, aí eu levei pra lá, pra ele tirar o dente dele, que tava muito mal, aí quando eu cheguei lá... meu menino nesse momento, ele não tinha... ele era... ele não, a gente, eu, meu esposo e meu menino, refugiado. Aí no momento que eu fui pra lá, eu levei ele né, e ela falou "documento", aí eu entreguei a documentação, aí ela ficou olhando refúgio e falou pra mim, "que que é isso aqui?", aí eu falei "não, a gente é refugiado. Esse aqui é o documento de nós, mas a Polícia Federal falou que com esse documento a gente tem direito na saúde, em tudo". Aí ela falou, "não, mas eu não conheço isso", eu falei "não, mas"... eu falei "não, mas você pode olhar, aí tá toda... o nome, tudo. É meu menino, ele tá passando mal porque ele tá dor de dente aí", ele tava muito mal, ele tava chorando. Mas que a gente chegou aqui com frio, ele tava mal, aí ela falou "não, mas eu não posso fazer nada, porque eu não tô entendendo isso aqui, eu não sei...", aí eu falei "não, tá bom, deixa assim". Aí eu saí de lá. Aí eu liguei para o meu esposo, ele tava fazendo uma viagem. Aí ele veio em casa. Ele, é... antes de ele acabar o dia, na viagem, ele falou com uma pessoa, e falou para ver se ele podia dar o dinheiro da viagem que meu menino tava doente. Aí ele veio pra casa, e eu levei ele na Clínica do Triângulo, acho que foi. Aí a gente pagou pra tirar o dente, porque aí lá ele falou que não, que ela não conhecia isso aí... E assim. E na rua, pra mim, na verdade eu não gosto de sair muito. Só no meu trabalho e aqui em casa, na verdade eu não gosto de sair muito, porque sim tem muita gente que fala "ah, você não é daqui, ah que não sei quê...", aí não... na verdade eu não saio muito de casa. Só no trabalho e aqui em casa. Às vezes eu fico com medo de sair.

Letícia: Adriana, você queria falar alguma coisa?

Adriana: Sim. O que a Isabel falou, isso de no trabalho darem umas tarefas, e já não... um salário diferente né, dessa tarefa. Aí eu acho que isso.. não sei se isso é algo, assim, geral, assim, mas acontece... no meu caso, acontece algo assim. Eu gosto desse trabalho que estou fazendo, eu gosto do ambiente, assim, tem contrato e tudo. Mas acontece que... como eu comecei a fazer férias, esse cargo aqui, de serviços gerais, era para duas pessoas, porque a pessoa chegou de férias e me deixaram ali também, e era... é um lugar grande, é uma fábrica. Então o cargo era para 2. Aí era ótimo, eu e ela dividíamos aqui as atividades e era muito bom. Então, assim... depois a moça foi dispensada. E aí me falaram "não, depois vamos procurar aí outra pessoa para que ajude você, que trabalha bastante, teu serviço é grande", aí tá bom. Mas quando uma pessoa arruma um emprego

assim, pela primeira vez, e uma pessoa está assim, como Isabel disse, não quer falar porque... para conseguir outra pessoa ali que me ajude, porque eles podem pensar assim, "não, ela não quer trabalhar", então a pessoa fica com medo de falar essas coisas. A pessoa segue fazendo seu trabalho tranquilo aí. E até me acostumei a essa rotina longa, me acostumei. Mas já faz quase 1 ano trabalhando assim. E como falei... quando dão outras tarefas, que são... que talvez não estão contempladas nesse cargo, assim tarefas, por exemplo, serviços gerais eu entendo que você pode limpar... a limpeza de tudo, manter tudo limpo, organizado, pode fazer um café, você pode servir um café, as merendas, tudo né? Você pode receber o material de limpeza, pode conferi-lo, é... várias coisas. Então é assim: te falam, "não, eu preciso que você organize esse"... não sei se chamam estante, armário... depósito. Te pedem para o depósito limpar também, organizar tudo. E desta forma, fazer assim, tudo, te indicam tudo. E é uma tarefa longa, longa demais, porque são depósitos muito grandes. Então o que acontece com a rotina diária, a rotina de limpeza, que são várias áreas que você vai limpar, não só o chão e sim tudo, são mesas, são máquinas, é... servir refeição, é uma rotina longa. Então o que acontece com essa rotina? Você vai parar essa rotina pra fazer a outra tarefa. Então assim, te pedem urgente que faça a outra tarefa, você vai e vai fazer, e depois te falam "ai, o que aconteceu aqui? por que você não limpou isso?", não de más maneiras (sem educação), não, mas é assim como que a pessoa está deixando de fazer outra coisa. E não é porque eu não queira, é porque estava fazendo o que pediram agora, entendeu? Então é assim, eu acho que nesse, nesses trabalhos assim, a maioria exigem demais. Exigem assim... tenha ou não tenha a ver com sua carteira, com o cargo que está na carteira. Então, tipo, chega um momento em que ou te dispensam ou isso ocasiona problemas. Porque se eu quero fazer minha rotina normal, que já estou acostumada, que é manter todas essas áreas limpas, e você pede outra coisa, aí algo vai ficar pra trás. Eu não posso estar em 3 lugares de cada vez. Então o que eu queria... para resumir, o que eu queria comentar aí, era que deveria haver um controle aqui nisso de... a quantidade de trabalho para a pessoa. Porque se é muito serviço, e precisa de 2 ou 3, e mantêm uma só pessoa, eu acho que [tudo tem custo], né? A pessoa segue fazendo porque a pessoa quer trabalhar, mas não é justo, porque fica cansativo, bastante, e o tempo passa e chega um momento que a pessoa vai desistir, a pessoa vai querer outro tipo de emprego, entendeu? Outra coisa, antes que esqueça: o que ela falava sobre o serviço de saúde, eu nesse momento, eu passei por algo um pouco ruim. Em dezembro, eu fui a uma

consulta, eu fui muito bem atendida, o agendamento foi rápido, eu fui atendida pela ginecologista, muito bom o serviço, excelente. Ela me indicou para 2 coisas, 3 coisas: eu já fiz duas coisas, a mamografia, os exames de todo tipo, tudo deu certo. O que me aconteceu agora, ainda essa semana, é que ela me indicou para uma consulta de cirurgia, porque eu apresento uma... assim, como uma... um excesso ali de... como uma bolinha, assim, não sei como chamam isso, como um nódulo, aqui na parte da cintura, assim, tenho aí algo que já se nota bastante, tem como seus 10cm de diâmetro, mais ou menos. E ela me pediu, pois sabe que isso não é de ginecologista, ela me pediu, me encaminhou para um cirurgião. E passaram 6 meses aguardando por essa consulta. E agora me chega uma mensagem que 'você não atendeu a chamada para a consulta tal'. Ia ser no posto mais pra cá. Quando vou para reagendar, ou me apresentar para essa consulta, me falam "não, você perdeu seu compromisso, você perdeu o agendamento, agora tem que aguardar outro tempo e responder a chamada, porque se você não respondeu, já era, ou seja, já você perdeu a oportunidade", então eu falo assim, então não vai dar certo nunca, porque eu trabalho, e meu trabalho não permite que eu responda chamadas, e nem sequer dá tempo de atender chamadas lá. Então ah, eu tô... não sei. Aí fica assim um pouquinho mal porque não vai dar certo, porque como depois de esperar 6 meses, uma consulta que é importante, agora aguardar 6 meses mais para perder uma oportunidade? Aí [?] igual, o que mais...

Letícia: Obrigada, Adriana. Maria, e você? Maria?

Maria: Oi?

Letícia: Você lembra a pergunta?

Maria: Sim, lembro. É... falava sobre o trabalho, né, como a gente foi tratada.

Letícia: Isso, se você já sofreu alguma situação de discriminação quando você tava procurando, ou no trabalho.

Maria: Sei. Então, eu quando comecei meu primeiro trabalho, eu comecei no restaurante. Eu acho que no princípio a moça foi muito... sabe, compreensiva, porque eu não sabia o nome das coisas. Aí ela me ajudou muito, tipo assim, eu aprendi mais aí. A única coisa, tipo assim, eu já trabalhei muito aqui pras pessoas, a única coisa assim, é

que eles não assinam carteira, só em um trabalho que me assinaram. Só um. Mas eu já trabalhei em restaurante, já trabalhei em loja, casa de família, sabe? Faxineira... É, cuidadora de idosos, já trabalhei muitas vezes, já. Aí... a única coisa, tipo assim, é que ele não... realmente não pagam, ou, tipo assim, o salário, né, não assinam a carteira, não acertam. Quando você já pede pra sair, tipo assim, como as meninas falavam, eles põem umas tarefas pra fazer, aí quando você já não quer mais, cê quer sair, aconteceu comigo em dois trabalhos, já, já quis sair, já que fiquei 8, 9 meses, e tava vendo que meu serviço tava... tava fazendo serviço de 2, 3 pessoas, entendeu? Aí quando eu pedia pra sair, pedia conta, nunca acertaram, entendeu, o tempo que a gente trabalhou... e agora eu não... eu trabalhei aqui em Uberlândia, a única pessoa assim, empresa, que assinou minha carteira foi no Maísa Pires. É uma loja de vestido de noiva, sabe? Aí nesse trabalho eu também fazia 2 serviços, era serviços gerais, que eu fui contratada, né, aí depois, serviços gerais depois lavanderia. Lavanderia de roupa de... vestidos de noiva, pesado, um trabalho pesado aí tinha que dar conta do prédio e lavar também. Aí eu fiquei só 3 meses porque depois chegou a pandemia e dispensaram todo mundo. Depois trabalhei em uma loja, ali no Roosevelt, onde eu moro, só que aí sim sofri, sabe? Era uma loja de telefone, aí o... quando eu falava alguma coisa errada, ele, tipo assim, não ficava corrigindo, e sim ele ficava rindo, assim zuando, "nossa, não fala bem, não é assim", e falava tipo assim, eu conversava em espanhol, ele... o filho dele ficava bravo. Ou ele me perguntava alguma coisa, [sobre] outra pessoa da Venezuela, nossa ele ficava brava, falava que o Brasil era o melhor país dele, e falava pra mim que não prestava, entendeu? O pessoal de fora... Também, a única pessoa assim que eu tive, assim... foi xenofóbico, entendeu? Foi ele, os demais só foi isso, que quando a gente pedia pra fazer, é... acertar certinho, assinar carteira, eles não queriam, e pagavam menos do que salário mínimo entendeu? Tipo assim, se o salário for 1200, eles pagam 800 e pouquinho, e o trabalho era muito forte. Eu acho que isso aí é só por... por a gente ser estrangeiro também, entendeu? Eles aproveitam das pessoas.

Letícia: Maria, hoje em dia você tem um salão, né?

Maria: Isso, agora acho que eu não trabalho mais pra ninguém, entendeu? Eu trabalhava... tipo assim, é necessidade, entendeu, é necessidade, a pessoa tá chegando, tem coisa pra pagar, tem um filho, tem... aí a gente fica desesperado, entendeu? Não pode sair, assim como as meninas falaram, não pode sair porque nossa, depois o que eu

vou fazer, como que eu vou viver, como que eu vou pagar minhas contas? Aí eu acho que a pessoa, nós ficamos mais permissivos, né? Que eles façam isso com nós por causa disso. Que não temos mais saída. Aí na Venezuela eu já tinha trabalhado em salão. Depois de eu... tipo assim, trabalhei tanto, e a gente tem força, e a pessoa... tipo assim, a gente fica triste, né? Aí o tempo... nossa, eu comecei tirando só as sobancelhas, e eu ia na casa da menina. Assim, eu ia a domicílio. Aí as meninas me chamavam, depois eu consegui comprar, meu esposo também me ajudou comprar materiais, secador, por isso aí, eu pegava minha mochila, com peso e ia na casa da menina. Assim, fosse longe. Aí foi devagarinho que eu consegui. Aí agora eu fiz meu salão em casa, e... agora por causa da gravidez, né? Que às vezes, nossa... tá muito difícil, graças a Deus já tô um pouquinho melhor. Aí eu não to atendendo, sabe? Mas graças a Deus eu tenho muita cliente... nunca, assim, tive problema com cliente, sabe? Porque eu acho que já é mais um respeito, já trabalho pra mim, já... já é outra coisa.

Letícia: E na rua, assim, na polícia federal, também nunca aconteceu?

Maria: Então, quando nós chegamos aqui, a PF era muito, sabe, era muito assim, aqui em Uberlândia, nossa, era muita burocracia, você ia pedir uma informação, eles não te deixavam nem entrar. Tipo assim, às vezes te tratavam mal, sabe? Às vezes você queria uma informação, como faz aqui... nossa, tem que agendar, e, é... como é que a gente ia agendar se, nossa, o sistema era muito ruim. Eu acho que agora tem melhorado um pouco. Mas antes era... agora melhorou, mas antes era muito ruim. Ou, nossa, eles te tratavam assim, sabe, muito, muito mal. Ah, meu esposo, meu esposo, ele tava com problema porque, tipo assim, ele falou que nossa, que na página oficial que os estrangeiros podem trabalhar, tudo assim, mas na hora de que vai arrumar emprego, o empregador não aceita, né? O empregador não aceita isso daí. Então ele teve que [?], porque ele... o patrão dele precisava do documento, aí eles não deixavam, entendeu? Aí era complicado, nossa, era bem difícil. Acho que agora já melhorou um pouco. Aí na PF só isso mesmo. Aí eu já fui de novo e já acho que melhorou bastante. Porque tinha um menino que nossa, ou... era bem, bem chato, ele nem olhava pra sua cara, você perguntava alguma coisa e ele... na UAI, quando era na... agora mudou, né, agora é no Shopping, agora eu acho que o atendimento tá, tá melhor, sabe? E um outro lugar assim... eu acho que na UAI de Martins. Eu acho que.. é uma médica que ela é... quando eu perdi meu nenê, eu perdi meu nenê faz... 2 anos atrás, quase 3. Aí quando eu perdi,

que eu cheguei, ela me tratou assim, muito... [?] história, né, nem olham... quando ela foi fazer a curetagem eu acho também que ela me machucou muito. Ela foi muito grossa, assim, ela nem explicou pra mim, direitinho, nada. Ela realmente foi... eu senti que ela foi grossa, assim. Não foi humanista, entendeu? Aí eu tinha passado muito mal, nossa... aí tipo assim, eu vou agora que tô (grávida) de novo, aí... eu não gosto que ela me atenda, entendeu? Graças a Deus, nesse dia que eu [ia], eu passando mal, tem atendido outra doutora e nossa, ela é muito boa. Na verdade, nossa... não tenho nada pra falar dela. Ó, ela me atendeu muito bem. E aí é só isso mesmo. O resto... eu também não saio muito, assim, não misturo muito, só trabalho... é só isso, até agora.

Letícia: Ok. Gente, então, se vocês puderem ficar mais um pouco, eu já faço outra pergunta e aí a gente elimina uma reunião. Quê que vocês preferem? Que aí vai ficar faltando só uma. Pode ser?

Maria: Não escutei.

Letícia: Não escutou? Se vocês puderem ficar mais um pouco, eu faço outra pergunta, e aí a gente elimina uma reunião, pode ser?

Maria: Ah, eu posso. Que eu agora [vejo] com meu esposo.

Adriana: Eu posso também.

Isabel: Tá bom. Tem problema não.

Letícia: Tá bom. Então a gente faz agora. Essa pergunta, gente, vocês respondam o que vocês sentirem confortáveis, tá, se tiver alguma coisa que vocês não queiram falar, tudo bem. Então a outra pergunta é se em alguma situação, vocês já se sentiram em risco... se vocês fizeram algum trabalho que deixou vocês em risco, se já sofreram assédio, esse tipo de coisa.

Isabel: Assédio? Eu não sei o que é isso.

Clara: É 'acoso'. 'Acoso', Isabel. Algum tipo de 'acoso'. No seu trabalho. Se você já se sentiu 'acosada' alguma vez. Ou se você sentiu que você sofreu algum risco, 'riesgo'. Em algum trabalho. Isabel, você entendeu?

Isabel: Eu entendi. É... não, mas aqui não. Eu acho que não. Tentava fazer tudo... tudo certinho, porque tem vezes que, é... sempre que vamos fazer alguma coisa... por exemplo, falam pra mim, tem uma menina que trabalha numa mesa, ali, uma mesa muito grande, que ela é classificadora de milho, aí sempre que ela não vai trabalhar, aí me chamam a mim, "ah, Isabel, precisamos de você lá em cima", aí eu... tá bom, né, eu vou. Mas quando eu trabalho, mandam eu fazer alguma coisa que eu não entendo, ou que eu não sei fazer, ou que eu penso "não, não vou fazer não, tenho medo de fazer isso aí", eu falo, "não, não vou fazer não, porque eu não entendo, eu não sei o que vai acontecer aí, eu não vou fazer porque vai dar algo errado e eu tenho medo de fazer isso aí", aí eu não faço. Se eu tenho medo ou eu não entendo, ou eu não quero fazer, eu falo e eu não faço, aí eu saio daí.

Letícia: E que tipo de coisa que já pediram e você não quis fazer?

Isabel: Não, por exemplo, é... essa máquina aí, essa é uma máquina muito grande, grande demais. Aí eu nunca trabalhei, eu não sei o funcionamento dessa máquina. É uma empresa de milho, onde tem muita coisa. Muita, muita coisa, muitas máquinas, aí falam pra mim, "não, você", o coordenador falou, "não... a menina não vem não, aí eu preciso de você, ajuda aí, para que você fique". Só que essa menina, ela trabalha sozinha, mas ela tem 4 anos lá, ela sabe tudo. Aí quando eles falam para mim ficar lá em cima, sou só eu que vou ficar, eu não vou com outra pessoa a não ser ela. Aí eu fico, mas se ele falar pra mim, "ah, eu preciso de você limpar a maquinária", eu falo "não vou limpar não, porque a máquina é muito grande, tem um risco de eu colocar mal lá dentro, não sei", aí eu falo "não, vou fazer não". Ou também, eu falo pra ele, "eu posso fazer, mas eu preciso de uma pessoa, outra pessoa, que vem pra cá, e ela me ajude, me ensine, porque só eu, não vou fazer". Porque eu não conheço, eu tenho... entrei aí só em janeiro, e eu não sei, eu não conheço tudo ainda. Aí também acontece que aí no tratamento do milho, esse milho eles colocam um tratamento que é um... um inseticida. É um veneno pra o milho não pegar praga. Aí tem vezes que falam pra mim, "não, pra você pegar amostra". Aí eles me ensinaram, aí eu aprendi a pegar amostra, mas eu... tem vezes que eu falo, "pra você pegar amostra, pra você ficar fazendo esse trabalho aí, você tá em contato com esse veneno, já é outra coisa"... explicaram para mim, as pessoas lá dentro, falaram pra mim "Isabel, pra você trabalhar nessa parte, antes de você entrar na empresa, você precisava de uns exames especiais, porque você vai ter contato com um

veneno, aí você precisa fazer outras coisas", aí eu falei pra meu coordenador essa semana o que aconteceu, porque eu tava com uma alergia na minha cara e muita dor de cabeça, aí eu pensei "será isso aí?", aí essa semana que passou, eu falei pra ele, "eu vou... eu não vou fazer mais isso aí porque eu não sei se isso aí não está me 'fazendo dano'. Inseticida é muito forte, muito forte. Aí toda vez que eu mexo aí eu passo mal", aí ele falou "não, tem problema não, Isabel, tá bom..." assim.

Clara: E com esse trabalho, com esse inseticida... eles não te deram um equipamento, alguma máscara, 'mascarilla', de proteção, alguma coisa assim, alguma instrução melhor de proteção?

Isabel: Ele... eles entregam uma máscara com... respirador, que fala? Tem como um buraquinho aí, mas não sei se essa máscara, ela é... ela é pra usar aí. Ou tem outra máscara. Porque o que acontece, que esse... esse... quando você tem contato com esse inseticida, na verdade eu não... eu não tenho que trabalhar nesse setor, que esse não é meu setor. É só quando falam pra mim "ah, Isabel, tamo na correria e não tem quem ajuda, você dá uma força pra mim, pegar amostra? Já você sabe", que não sei quê. Eu não tenho que... esse não é meu setor. Mas já eu falei com eles, falei que eu não vou mexer mais com isso aí. Porque eu tô passando mal. Aí ele falou pra mim que não tem problema, "não, não tem problema, aí qualquer coisa, aí você me fala". Só isso.

Letícia: Adriana?

Adriana: Não, não senti... ainda não senti nenhum... nenhum tratamento assim, nenhum... nenhuma tarefa, assim, que implique risco. E que eu não possa fazer, assim não.

Letícia: E você, Maria?

Maria: Eu... sim, tenho pra contar. É... uma vez sim, sofri assédio, né? Por um rapaz que eu nem... nem conhecia. Tipo assim, eu ficava com muito medo, porque eu não sei aonde ele pegou meu telefone. E ele ficava me ligando, mandando mensagem. Depois que eu descobri quem que era, resulta que ele, que... aí na loja onde eu trabalhava, ele mandou um rapaz a perguntar se eu trabalhava na loja, assim... depois ele, é... ficava no carro dele, tipo assim, perseguindo, entendeu? Aí eu ficava com muito medo, porque ele

era do mesmo bairro, aí eu fiquei sabendo quem ele era porque ele mandou perguntar, um... um dia tava na praça com minha menina, aí ele mandou perguntar por um cara, que ele queria meu número de telefone, eu falei que, eu falei pra ele, "não posso, não conheço, eu sou casada. Respeita" aí eu acho que tipo assim, ele... [a loja também tava começando a vender], aí eu não sei se ele foi que ele pegou alguma cliente, alguma conhecida, ele pegou meu número, não sei como ele conseguiu. E ele, tipo assim, me assedia. E eu nem saía de casa, tinha muito medo, sabe? Por causa de tanta coisa que a gente vê, né. Aí, nossa, foi muito pavor que eu senti. Muito medo, muito mesmo. Nossa, foi... eu acho que foi a pior experiência que eu tive aqui. Que eu... tipo assim, você não consegue nem sair da sua casa, nem pra frente da sua casa porque tem medo né, porque a gente não conhece, não sabe do que é capaz essa pessoa, e... depois que eu fiquei sabendo quem que era, a gente foi perguntando, e falei pro meu esposo. Aí as pessoas falavam que ele era uma pessoa daqui de São Paulo, que tipo assim, não era uma pessoa de bem, entendeu? Tipo assim, já o que ele tava fazendo já era... ele era de São Paulo mas ele mora lá em Uberlândia. Eu não vi mais, graças a Deus. Tipo assim, mas, é... eu sentia muito medo, muito medo mesmo de ir na rua. Porque ele... o carro dele, eu sentia que me perseguia. Aí nossa, foi uma experiência muito feia.

Letícia: Ele te falava alguma coisa específica?

Maria: Oi?

Letícia: Ele te falava... que que ele te falava?

Maria: Então, então, eu... quando eu... tipo assim, ele ligava, eu atendia o telefone normal, porque era... eu trabalho com agendamento, né? Eu trabalhava com agendamento, depois disso tinha minhas clientes. Aí eu falava pra ele "moço, eu sou casada, me respeita" e ele falava que não se importava, tudo isso aí, sabe? Que ele não se importava, inclusive ele falou pra vizinha de nós também, que não se importava, que... que eu tinha que ser dele. Nossa, era... foi muito tempo. E foi muito desagradável mesmo isso. E depois que, graças a Deus eu não vi mais, eu acho que ele ficou quieto, sabe? Porque ele realmente, ou... nossa, sou casada, tenho minha filha, tenho meu esposo, acho que... depois eu não saía sozinha, saía só com meu esposo. Aí eu acho que

ele deu... parou, entendeu, de... aí eu mudei de número, bloqueei... aí acabou. Não vi mais, nunca mais eu vi ele, mas eu senti muito medo, muito mesmo.

Letícia: Você não chegou a ir na polícia?

Maria: Não, nunca... não, não fui, porque tinha medo... as pessoas falavam que ele era de PCC, de, sabe, de... ele era ruim, era uma pessoa ruim. Aí eu tinha mais medo, entendeu, dele... aí eu só bloqueei e evitei. [...] Mudei de número, falava com minhas clientes, assim, sabe? Mas foi muito... nossa, ou, tinha muito medo, muito, muito medo, de sair até no mercado. Que a gente não sabe, né? Nossa, e dá pra ver tanta coisa.

Letícia: Maria, é... eu lembro que você falou, nas outras reuniões, que você passou um tempo em Boa Vista, em Manaus, lá no Norte. Lá... você passou por alguma discriminação, ou por alguma situação de risco? Era diferente, lá e aqui?

Maria: Então, lá nunca... na verdade, a gente ficou 1 ano morando lá. Lá... tipo assim, eu trabalhei, né? O único problema sempre foi o trabalho, que não pagam bem, não assinam a carteira, e não aceitam quando você já pede pra sair do serviço. Mas assim, assédio, não, só aconteceu aqui isso aí. E também aconteceu com uma cliente, sabe? Eu trabalhei pra ela, mas era dessas mulheres que falam que é sapatona, entendeu? Tipo assim, ela tava insinuando coisas assim, eu fiquei incomodada porque aí não atendi mais ela. Tipo assim, ela ficava perguntando coisa... aí, que se eu gostava desse tipo, falando coisas obscenas e e falei que não, que era casada, tinha meu esposo, minha filha, entendeu? Aí eu parei de atender essa moça. Agora eu atendo mais gente de cá mesmo.

Letícia: Gente, alguém tem mais alguma coisa pra falar?

Adriana: Não.

Letícia: Clara, alguma pergunta?

Clara: Não, não, amiga.

Letícia: Então a gente pode encerrar aqui... [encerramento da reunião]

o Reunião 5 (28/05)

Letícia: Bom, então, a pergunta de hoje... hoje é nossa última reunião, né, então ela também é refletindo um pouco sobre todas as outras, né, que a gente já conversou sobre trabalho, sobre discriminação, sobre a chegada de vocês no Brasil. Então eu queria que vocês pensassem em tudo isso, então a pergunta é se vocês se sentiram amparadas pelo acolhimento aos imigrantes no Brasil, então pelas políticas públicas, pelas ONGs, e aí, assim, mais especificamente, é... em quê vocês se sentiram acolhidas, em quê não, aonde vocês acham que esse acolhimento poderia melhorar. É isso.

Maritza: Eu participei dos cursos, nas ONGs, que eles ofereciam. E foi muito bom porque... eles me ajudaram mais que todo mundo, o grupo deles, em um curso de português que eles oferecem. E o início, quando eu não tinha nada (risos), eu recebi roupas, sabe? Roupas, lençóis, é... doações de todo tipo através deles. E na verdade eu tive uma dificuldade com o meu filho, quando nasceu, e ele nasceu prematura, e aí foi muito difícil porque o custo de uma criança prematura é muito alto. Aí eles me ajudaram com uma 'canastilla', o que a gente chama de 'canastilla' mas acho que é um negócio de... de bebês primeiros, recém nascido, assim, tem uma banheirinha e umas coisinhas. E foi muito legal. Minha experiência tem sido... boa, na verdade.

Letícia: E teve alguma coisa que você sentiu falta?

Maritza: É... acho que às vezes tem... eu não falo... não é cobrar, que fala, filtros, mas... tem vezes que eu percebi, por exemplo no caso onde eu fui, que a gente repetia, entendeu? Por exemplo, eu recebi a mesma ajuda várias vezes, e sempre terminavam dando ajuda às mesmas pessoas. É... no meu caso não pensei que foi bom, porque tinha pessoas novas, e elas também estavam precisando, entendeu? Então basicamente só assim, foi um negócio que eu vi errado, não sei se agora isso mudou, mas acontecia. Chegava a acontecer. Só isso.

Letícia: E o acolhimento do governo brasileiro, assim, da PF, quando vocês chegam, do SUS, escolas... assim, serviços públicos.

Maritza: No caso do governo brasileiro na fronteira, em Pacaraima... eles... no mesmo que eu estava lá, em 2018, faz muito tempo atrás, foi bom. Só que nesse momento tava muito... era no início das coisas. Aí eu recebi informações gerais, mas eu também não falava português, não falava nada, e as pessoas também não falavam espanhol (risos), então aí não tinha como comunicar entre a gente. Mas eu fiz minhas documentações iniciais lá, em Pacaraima, porque já naquele momento estavam as [capas] de OIM e ACNUR. E eles faziam a documentação. Depois eu fui embora de lá, e a primeira vez que eu usei o SUS foi em Roraima, e em Roraima, no posto que eu fui lá, foi muito legal, foi rápido. Depois quando eu vim para Manaus, eu vim por Operação Acolhida, eu participei desse projeto, desse programa. Eu vim pra Manaus por Operação Acolhida, eu fiquei num refúgio por 3 meses, aqui em Manaus, e o recebimento do SUS aqui funciona diferente, mas é diferente pra todo mundo. Porque o SUS está muito atrapalhado aqui em Manaus, tem muitas pessoas, a gente espera muito. Aí [a situação] venezuelana estava muito nova, as pessoas tinham muitas más experiências, aí o serviço do SUS sempre era difícil, porque a gente não tinha o... sabe, esse respeito, que a gente não fala bem, e não tem a paciência de atender a gente, e às vezes não informam as coisas direito, e aí a gente fica muito confuso. Com o tempo a gente vai aprendendo, mas como eu sempre falo, assim, bate e a gente 'ah, ok, agora sim, tenho que fazer de outro jeito', e assim. Mas a gente fica muito confuso, **muito**, no SUS é horrível, sobretudo aqui em Manaus, não sei como funciona em outro canto, mas aqui é difícil. E o... depois, nas escolas, eu acho que fui recebido, porque há um ano, eu trouxe a minha filha, e ela estava sem papeis. E eles [inscreveram], rápido, só com a nossa cédula nossa, lá da Venezuela, assim que o serviço de educação foi muito rápido, não precisei nem de CPF para ela ingressar na escola. Assim que meu maior momento de... de adversidade, foi mais no SUS. Enquanto a receber serviço de saúde, sobretudo o serviço para a mulher, que eu nesse momento estava grávida, e aí eles... foi quase um julgamento porque eu estava grávida (risos), pra mim foi muito legal, porque eles falaram assim, 'você estava na condição, e... e como você vai conseguir estar grávida?', mas [eu] estar grávida (risos), isso não é por conta sua, você não vai me cuidar, entendeu? (risos) Então eu acho que foi um momento muito difícil nesse aspecto.

Letícia: Maritza, eu vou aproveitar, porque como você não conseguiu vir na semana passada, eu queria, assim, mais rapidinho, te fazer a pergunta da semana passada

também. Resumido, era se você no trabalho já se sentiu ou em risco, ou que as pessoas te trataram mal, tiveram preconceito...

Maritza: No meu trabalho não, não teve preconceito. Tem sempre brincadeirinhas, que eu acho um pouco normal, né, porque a gente abre certos espaços. Mas não chegam a ser ofensivas em nenhum momento, são assim... mesmas brincadeiras que a gente faz sobre os outros, mas não foi nunca ofensivo. Mas no meu trabalho, não sei em outro trabalho o que... acontece diferente. Por exemplo, quando eu trabalhei como auxiliar de cozinha, era diferente o ambiente de trabalho. Muito, muito diferente, entendeu? Então lá, quando eu fui auxiliar de cozinha, eu recebi até convite pra ficar, mas eu não sabia o que era ficar (risos), e aí eu ficava assim... que isso. Depois com o tempo eu entendi o que era. Aí graças a Deus eu sempre falei não, "não, obrigada", assim, mas eu não sabia o que era ali naquele momento. Mas essa pessoa praticamente pediu pra ter sexo comigo (risos), para chamar assim se fosse consensual. Mas não era consensual, porque era uma pessoa de uma certa hierarquia, falando com uma pessoa menor, só que no meu caso eu não sabia porque eu não conhecia a língua, né. Depois quando eu conheci a língua, e como a gente fala aqui, tudo mudou. Porque meu Deus, que pessoa mais particular, pra não falar outra coisa, né. Mas eu acho que depende do ambiente de trabalho que a gente recebe ou não certas situações.

Letícia: Então você acha que quando você trabalhava como assistente de cozinha você não era tão respeitada quanto agora?

Maritza: Sim, sim. Mas também tem sido um caminho. Que eu recorri naquele momento, ou o caminho de agora, e... e não sei se também é o tipo de pessoa que convive comigo agora e o tipo de pessoa que estava naquele momento. Porque isso também muda muito. Por muitas coisas. Não é que a gente não vai receber em algum momento alguma... porque assim, no espaço onde eu trabalho é muito de homem, e eu sei que tem pessoas que faz abusos de... com outras mulheres. Mas comigo ainda não aconteceu, só porque assim, eu aprendi a deixar bem claro meus limites. Mas eu sim sei que no meu trabalho acontece, que tem pessoas que já foram reportadas no RH, que faz esse tipo de convite, entendeu? Mas comigo não aconteceu, só por esse motivo. Eu sempre deixo bem claro meus limites. Porque eu aprendi, já. Nesse momento.

Letícia: Você comentou de brincadeiras, assim, que não chegam a ser ofensivas, que tipo de brincadeiras?

Maritza: Por exemplo, com meu sotaque, meu sotaque sempre sai 'a fazer reluzir', porque eu ainda não falo muito direito. A parte que eu perco 'a prática' muito rápido. E eu não falo muito, a parte que eu não vou todos os dias, nem falo com todo mundo todos os dias, aí eu falo muito rápido e fica confuso para eles. Mas eu acho que tem sido uma brincadeira mais sutil que a gente tem. Mas assim, eu trabalho com pessoas de todo canto do Brasil, aí eles também tem seus sotaques, e entre eles também brincam sobre o sotaque deles. Por exemplo, eu trabalho com gente do RS, e eles falam muito poRta, por exemplo, e eles são mais alemães, né, dessas colônias. E aí eles tem um sotaque ainda mais grosso, então eles fazem também brincadeiras entre eles. Por isso que eu acho que não é uma brincadeira direta ou ofensiva porque todo mundo brinca sobre o mesmo, mas de diferentes jeitos. Não chego a levar pro pessoal, entendeu. E é sobre isso.

Letícia: Adriana?

Adriana: Oi? Bom dia. Quando eu cheguei a Pacaraima, eu percebi ali bom atendimento, apesar que tinha bastante pessoas aqui, bastantes imigrantes, eles conseguiam atender bem. E eu consegui... eu dormi ali 2 noites, 2 dias, para conseguir tirar a documentação, e foi bom acolhimento. Aí depois, é... passou como um ano para eu saber que existiam organizações de ajuda, eu não sabia nada disso. Eu no começo me foquei em compreender um pouco mais o idioma, entendeu? Então, é... com respeito ao serviço de saúde, eu acho que para situações de emergência, assim, foi bom. Eu agradeço muito ao SUS, porque o menino quando estava mais, quando ele chegou, ele apresentava uma febre assim, muito alta, era complicado controlar. Aí eu ficava nervosa e sempre o SUS me atendeu muito bem. Então com respeito a consultas com especialistas, aí sim percebi que era muito ruim, porque você podia aguardar até 1 ano e não chegava a consulta. Meu menino no começo o pediatra recomendou 2 especialistas: um neurologista e um psicólogo, porque o menino quando chegou, apesar de que era de pouca idade, ele chorava muito, a troca assim de ambiente pra ele foi um pouco difícil, ele chorava bastante, bastante. Eu levava ele para os parques, as praças, assim, e ele

chorava muito, não enturmava. Aí o pediatra recomendou isso, né. Mas graças a Deus que o menino melhorou muito quando começou a escola. Com respeito à educação, também muito, muito grata com o serviço de educação porque para mim tem sido o melhor. Quando o menino começou na creche, na cidade de Ibiá, ele melhorou muito, tanto assim que não foi necessária a consulta de psicólogo nem a consulta de neurologista. Então foi assim, o pediatra, como o menino estava tão intranquilo assim, ele pensou que o menino podia ter um... algo de autismo. E eu chorei muito nesse momento, porque nossa, eu tava tão nervosa porque quase sempre eu ficava sozinha, porque meu esposo trabalhava à noite. Ele viajava até 1 mês e eu ficava sozinha com o menino. Então eu chorei muito essa vez, né? Porque eu falava assim, muito nervosa por essa situação, eu comecei a pesquisar sobre o que era autismo, e todas essas coisas. Tem tantos tipos de autismo que... aí eu fiquei bastante preocupada. Mas graças a Deus que quando o neurologista viu o menino, já ele havia começado na escola, e de uma vez, imediatamente ele falou "não o menino não é, não tem nada de autismo, o menino está normal", graças a Deus. Aí o menino se adaptou muito bem na escola, e ele ficava todo o dia na escola, e ele gostou muito, aprendeu bastante, bastante. Aí eu, quanto a isso, educação, de verdade que recebi muito, muito bom serviço de educação, fiz muitas amizades. Inclusive, agora estou fazendo umas doações aí nas 2 escolas aqui em Uberlândia, como eu trabalho em uma fábrica, faço doações assim, de papel impresso, papelão, plástico, muitas coisas aí para fazer artesanato, porque eu gosto muito do sistema de educação aqui. É ótimo. Muito, muito bom. De verdade que acho que é o melhor que tem no Brasil. E que mais? Ah, depois que eu conheci aí uma... o que é TAARE e outra instituição de imigrante, como em 4 oportunidades eu recebi a cesta básica. Então aí foi bom, o tratamento também foi bom, mas depois que eu comecei a trabalhar, eu falei com a coordenadora, eu falei 'não, não precisa mais, pode dar ajudar essa ajuda a outra pessoa que precise mais'. E foi assim. Quanto ao que também percebi uma falha nessas ajudas, associações que conheci, o que percebi de chato, assim, ruim, é que... não todas, né, só conheci 2. Tem uma que não vou falar qual é, que eles oferecem uma ajuda, por exemplo, "estamos doando... para doação, uma geladeira", então se eu precisava de uma geladeira, eu falava "ai, eu preciso", então me falavam assim, "ah, você tem que buscá-la já", então eu não podia, porque eu ficava sozinha com o menino, não... até agora eu não sei andar de ônibus, ando de Uber, então é assim, eu não... nossa, mas... nunca consegui receber assim, algo... não deu certo, porque quando eu procurava

buscar já "não, já era, já foi doado já. Já tem dono". Então foi isso o que eu percebi ali, porque é ruim, porque se você já sabe que a pessoa precisa disso, então aguarda aí até que... não falo assim, que aguarde muito, mas pelo menos que a pessoa consiga a maneira de buscar a doação. E é só isso. Enquanto a cursos, em Ibiá, gostei muito do SENAC, fiz cursos do SENAC e o atendimento é ótimo também, aqui em Uberlândia também fiz curso com TAARE, agora vou fazer um com [SEAB], e aí gostei muito. Muito bom o acolhimento aí para imigrante.

Letícia: Adriana, eu não sei se você falou o que você acha do atendimento da PF?

Adriana: Ah, sim, a PF tem falhas também, tem coisas... pontos negativos, né? Que não dão boa informação, e algumas vezes sim, e outras não, não são todos. Tem pessoas que atendem bem, e tem pessoas que... então, quando você vai para a PF, você vai assim, pedindo a Deus 'nossa, que hoje tenha funcionário bom, que esteja de bom humor', porque... é como ter sorte, né, 'ah, que me atendam bem hoje'. Não todos, mas eu acho assim, se você chega cedo à PF, e tem tudo ali certinho, por quê você vai esperar uma fila longa para preencher uma planilha? Para, assim, para preencher um formulário, se você tem tudo ali, já aguardou, chegou cedo? Coisas assim, te enviam para... te falam aí, eles sabem a informação e não dão a informação, te enviam "não, vai lá. Vai lá que é pertinho e aí você paga e aí te informam". Então eu acho que isso é função deles, informar, acolher bem ao imigrante, a todos, não só o imigrante, a todas as pessoas, atender bem, porque esse é um serviço público, e tem que ser mais sociáveis, mais informativos, assim, né?

Letícia: Mais alguma coisa, Adriana?

Adriana: Só isso.

Letícia: Obrigada, então. Vamos passar pra Isabel.

Isabel: Oi? Você pode passar a pergunta de novo, por favor?

Letícia: A pergunta foi se... se em todas as situações aqui no Brasil, nesse tempo que você tá aqui, se você se sentiu amparada pelas políticas de acolhimento. Aí isso inclui o acolhimento da PF, inclui as ONGs, o SUS, a educação, e aí eu queria saber se você se sentiu amparada, quais são as falhas, e como você acha que esse acolhimento poderia melhorar.

Isabel: Então, quando eu cheguei aqui, eu passei lá no Boa Vista, na fronteira... Pacaraima, perdão, pra tirar minha permissão para entrar, eu não consegui tirar a permissão, eu fui a única pessoa que entrei ilegal. Meu esposo, meu filho, minha sogra e outros familiares do meu marido, eles conseguiram. Só que como a gente não sabia nesse momento conversar em português, a gente não entendia nada, eu não entendia nada. Aí eu não sei o que aconteceu lá na polícia federal, eu tava lá dentro, fui tirar minha permissão, aí eu não sei o que aconteceu que o policial federal falou pra mim que eu só queria entrar pra trabalhar como mulher da rua. Falou pra mim, "não, não vou dar a permissão, não". Aí eu fiquei calada e saí, não falei nada. Aí eu tive que esperar cair um pouco a tarde, mais ou menos umas 6 horas, 7 horas, aí foi que a gente conseguiu passar. Só eu que consegui passar ilegal. Aí foi que eu entrei pra Boa Vista. Aí na escola, na escola foi muito bom, consegui colocar o menino sem documentação brasileira, falaram pra mim, "não, você pode tirar pouco a pouco", e eu levei só a documentação venezuelana, aí falaram pra mim "você pode tirar pouco a pouco, aí no momento que você tira você vai trazendo direto pra cá". Aí ele começou com documentação venezuelana, muito bom, ele já tem 5 anos na mesma escola, o tratamento pra ele é muito bom, muito. Ele é muito conhecido lá dentro, e os professores, a diretora, muito bom. Sempre converso com elas, e assim. E enquanto à ONG né, que você falou, eu nunca fui a essas coisas, assim. Só hoje que meu marido, ele tá num grupo, se chama Refugiados UDI, só hoje que a gente tá aqui agora, nesse momento. Porque a gente conseguiu agendar uma consulta pediátrica, aí como a gente é... esse semana que passou, a gente pegou COVID, aí eu falei pra ele "nossa, seria bom levar ele, porque ele tá um pouco com tosse, começou ontem", aí eu falei pra ele agendar, e ele agendou, e a gente tá aqui agora no posto, aguardando pra ver ele. Mas só assim, porque... eu penso igual as outras meninas, tem muita gente que tá chegando agora aqui em Uberlândia, muita, muita, e na verdade tá precisando muito mais. Aí eu deixo, aí, porque... por exemplo, aqui, agora, tão doando comida, blusa de frio, essas

coisas, que tão passando frio. Aí eu tô aqui, mas se eu não preciso, eu não tenho coragem de entrar e pegar, porque tem gente aqui que tá chegando e que precisa muito. Eu só tô aqui porque eu preciso de uma consulta pediátrica, porque eu fui lá no fim de semana, segunda e terça, a gente passou lá no UAI, mas não é só pra gente que é venezuelano, acho que é pra todo mundo, o serviço do UAI aqui está péssimo, horrível, a gente ficou mais ou menos aguardando umas 15h só pra entrar na triagem. A gente com febre, dor de cabeça, calafrio, vômito. Aí a doutora que me avaliou, ela falou pra mim, "não é só um vírus, fica tranquila..." aí eu falei pra ela, e falei "será que você pode mandar pra mim fazer o teste de COVID? Porque acho muito estranho tudo isso aqui. Pegou meu sogro, pegou meu esposo, e eu". Aí falou "não, tá, vou fazer, vou mandar aguardar pra você fazer". Só assim eu consegui ir lá, entrar no uai 7 horas da noite, fazer e deu positivo, mas a gente passou muita, muita coisa lá no UAI, umas 15 horas aguardando, aí eu pensei "não, vou trazer ele aqui no pediatra, é melhor". Eu tô aqui fora, no carro, aguardando pra ver ele.

Letícia: Isabel, e depois você conseguiu regularizar seus documentos? Ou você ainda não tem?

Isabel: Sim. Não, sim. Depois que eu cheguei aqui... que eu entrei em Boa Vista, aí eu tirei... consegui tirar o refúgio, todo mundo pegou refúgio, porque para entrar, a gente só tira a permissão, a gente entra com essa permissão, e em Boa Vista faz a documentação, tira o refúgio. Aí eu expliquei meu caso, e tiraram para mim o refúgio. Aí eu cheguei aqui em Uberlândia, depois eu tirei uma documentação de 1 ano, aí depois fui lá e tirei a outra que é 9 anos, a minha, do meu esposo e do meu menino. A gente agora tem toda a documentação legal, tudo.

Letícia: Aí eu queria ouvir de vocês todas, em relação ao trabalho, se vocês tiveram alguma ajuda, das ONGs, do governo, se alguém deu alguma indicação, alguma orientação?

Isabel: Como assim? Não entendi, desculpa.

Letícia: Não sei se vocês tiveram contato com ONGs, até a própria PF, cartilhas na Internet, assim, se vocês receberam alguma orientação ou alguma ajuda pra procurar emprego, procurar trabalho. Quando vocês chegaram.

Maritza e Isabel: Não.

Isabel: Eu consegui trabalho assim, por... procurando, a pessoa me falavam "não, ali tão procurando", ia lá e entregava currículo, e só um conhecido que me ajudou a entrar no meu primeiro trabalho. Só assim.

Letícia: Maritza, você ia falar alguma coisa?

Maritza: Desculpa, Isabel, te interrompi. Não, no meu caso também não. Eu também não tive nenhuma informação sobre nada (risos). Lá na PF existiam alguns panfletos, mas eles não falam de trabalho, só tem informação de... para fazer denúncia de trabalho escravo, mas assim, onde pedir, ou como fazer para solicitar trabalho, mais, não, não tem nada, nenhuma informação, só essa. Se você quer fazer uma denúncia de trabalho escravo, tá tudo ok, mas lá em Pacaraima e em Boa Vista acontecia muito que a gente... eu fiquei com medo, né, de pegar um trabalho assim, sem saber. Por conta de que pegavam as pessoas, elas ficavam em uma [granja], e aí elas ficavam sozinhas, sem ajuda de ninguém porque tudo ficava muito longe e eles não achavam como sair de lá. Ou se saíam, eles não pagavam o dinheiro do trabalho. Então eu decidi não procurar assim, sem ser na cidade, batendo na porta, fazendo uma faxina, algo assim, e nunca ficar sozinha, porque as pessoas falavam que uma pessoa não podia fazer nada sozinha, porque eles sabiam se a gente ia... se iam pegar a gente e levar pra algum canto, ou algo assim. Então, por exemplo, se na diária eles pagavam 30 reais, a gente tinha que compartilhar com a outra pessoa que estava com você porque... pra não ficar sozinha. E no final ficava 15 reais, 10 reais pra fazer uma diária. E era sobre isso. Muito difícil.

Letícia: Adriana?

Adriana: Assim, quando eu estava aí no processo da revalidação de diploma, a mesma organização, que se chama Compassiva, eles me atribuíram um gestor, para conseguir

emprego. Aí ele me assessorou mais assim, na parte de utilizar o LinkedIn, é assim, uma rede social. Já tinha utilizado antes, só que não estava atualizado. Então ele procurou, assim, uma vaga de Engenharia, e eu insistia, "não, não tem que ser de Engenharia, eu não... qualquer vaga, eu o que quero é trabalhar, não quero ficar parada". Mas, é... depois eu arrumei emprego, aí... então o emprego não arrumei por eles, e sim por conhecidos, assim, amigos, mas eles tentaram ajudar, me enviavam links, assim, de algumas firmas, e aí entrava em contato, assim. Mas não deu certo com eles. Eu o emprego arrumei por uma vizinha que recomendou.

Letícia: Bom, gente, a última pergunta é se vocês têm alguma ideia do que poderia melhorar, o que é o principal, assim que vocês acham que precisa melhorar no acolhimento brasileiro.

Adriana: Eu acho que a forma de gerar informação. Assim... desde que recebem uma pessoa em Pacaraima, a pessoa já deveria receber pelo menos um... dar um contato, assim, para encaminhá-lo em todas as formas de ajuda que oferecem. Como falou uma amiga aí, a pessoa não fala o idioma, talvez se eles nesse momento falaram... nossa, tem muita ajuda e eu não entendeu o idioma. Mas pelo menos uns escritos que falem... que tenham em espanhol e que tenham espanhol e português, assim que pelo menos no começo você tem que entrar em contato com... disponibilizar os números para a pessoa indagar. Talvez quando a pessoa chega não tenha nem sequer acesso à Internet, está com limitações de recursos e... mas, acho que ali, um ponto inicial importante é dar muita informação, assim. Que pelo menos tenha uma pessoa que fale espanhol, que te oriente bastante ali no começo, em Pacaraima, e aí se inicia tudo. Porque aí depois você vai a outra cidade, e começa a perguntar, a pesquisar... mas ali no começo, dar o contato, que existem várias... uma pessoa que dê pelo menos uma conversa em espanhol, que a pessoa seja encaminhada. E outra coisa, sempre [tem] muito ruído no processo de Revalida. Sempre é muito devagar. Estou aguardando ainda pelo contato da faculdade, mas eu tenho uma dúvida, porque no mês passado, Compassiva enviou um email, para informar-me que eles vão desistir do processo. Que sua última ajuda foi o pagamento da taxa. Qua faculdade encarregada, atribuída, que ela vai entrar em contato comigo. Aí eu perguntei para a Compassiva, como posso entrar eu em contato com a faculdade porque eu entrei no site da faculdade, olhei em todas em redes sociais, enviei contato, e ainda

não recebi resposta da faculdade. Estou em fila aguardando pela análise. Mas eu sei que a análise inicia quando eu faço o pagamento da taxa, mas até agora a faculdade não entrou em contato comigo. E Compassiva... o tratamento 'truncou' um pouco, o tratamento. Porque quando eles levavam o processo, davam muita informação, e agora eu pergunto as coisas, e às vezes não respondem. Então aí eu não sei o que acontece, se foi que o governo negou recurso pra eles prosseguir, eles não dão muita informação, não. E tanto assim que meu esposo também, eu fiz a solicitação no mesmo tempo que fiz minha Revalida, e eu recebi o pagamento, eu tenho aí o dinheiro para pagar a taxa, e meu esposo não recebeu. E quando eu pergunto a eles o que acontece com o pagamento do meu esposo, eles falam que não, isso é depois, isso é com ele. Aí fiquei também fiquei um pouquinho preocupada, porque fui ao mesmo tempo que fiz a solicitação e ainda não recebemos. Foi isso, essas 2 coisas que eu acho que pode melhorar.

Clara: Adriana, deixa eu falar que se você quiser uma ajuda adicional com a questão da revalidação do seu diploma, eu trabalho numa assessoria jurídica que ajuda com a questão dos documentos, da revalidação de diploma, com a carteira nacional... então se você precisar, sentir que você precisa de uma ajuda adicional, eu posso te passar o contato dessa assessoria jurídica que eu trabalho, porque tem pessoas do Direito que estão ajudando especificamente os migrantes com essa questão, com essa questão do documento, dos diplomas. E aí às vezes, em alguma parte desse processo, tem alguma falta de comunicação, ou alguma pessoa que não entende direito sobre as leis, e as coisas que você têm direito, então se você precisar de uma assistência maior, eu posso te passar o contato pra gente conversar mais sobre essa questão da revalidação do seu diploma, e do seu marido também.

Adriana: Ah, seria bom, porque eu estou aí um pouco preocupada, porque passou já quase 2 anos aguardando, aguardando, então aí... me preocupa um pouco.

Letícia: E sobre entrar em contato com a faculdade, eu não sei exatamente como ia funcionar pelo Compassiva, porque normalmente essa solicitação é feita por uma plataforma na Internet, e aí todo o contato é feito por essa plataforma, o pagamento da taxa é por essa plataforma... você já tentou entrar lá, na Carolina Bori?

Adriana: Sim, inclusive Compassiva me enviou por e-mail a resposta de Carolina Bori, que é a Plataforma que já... todos os nossos documentos estão nessa plataforma. Já foi... já tem selecionada a Faculdade de Goiás, para fazer o estudo. Aí nos enviam aí... eu acho que eu posso... ainda não me deram a senha para entrar. Porque eles fizeram tudo, eu só me encarreguei de enviar tudo junto, toda a documentação escaneada. Tem algumas coisas que estão apostiladas, outras que não. E assim, acho que aí havia pelo COVID, havia mais flexibilidade para esse processo. Eles aceitaram algumas coisas assim, sem apostilar. Então aí acho que [?] para a senha da plataforma e... só que eles falaram que é a faculdade que vai entrar em contato comigo. E acho que passou muito tempo.

Letícia: Acho que seria interessante mesmo entrar em contato com o ESAJUP. Bom, Maritza, Isabel, vocês têm alguma coisa? Deixa só ver um negócio. Acho que é melhor mudar de sala, né?

Clara: Sim, a chamada vai acabar.

Letícia: Gente, antes de vocês falarem, vamos trocar de sala? Clara, você cria?

Clara: Sim, vou mandar aqui.

[troca de sala]

Letícia: Bom, Maritza, Isabel, vocês querem acrescentar alguma coisa?

Isabel: Não, é... me escutam? A mesma coisa que falou a amiga aqui. Eu acho que a parte de informação. A gente precisa saber informação de muitas coisas. Por exemplo, eu não conheço aqui, como você falou, as leis, eu não conheço aqui nada. Se a pessoa falar pra mim "não, você não pode", eu fico: não posso. "Não, você não tem direito", eu fico quieta, não tenho direito, porque eu não sei se eu vou fazer o errado, eu não conheço, é assim como fala a amiga. Mas [isso passou], por essa parte, por exemplo, meu marido ele é médico, ele tem 4 anos aqui, e ainda não conseguiu fazer nada. As pessoas falam pra ele só que não, que não gostam de médico estrangeiro, mas ele não

desiste. Minha sogra viajou pra Venezuela já tem 1 mês, aí ela está fazendo um... arrumando os documentos dele, aí na hora que ela voltar pra cá, ele vai tentar de novo ver se consegue... o sonho dele trabalhar, né, como médico aqui. Ele é médico geral. Aí ele vai tentar, na hora que ela chegue com a documentação já pronta. Mas é assim, a gente não tem informação de nada, não sabe nada, por isso que a gente aqui fica parada. É isso.

Letícia: Maritza?

Maritza: Eu penso também igual. Aqui tem muita desinformação de tudo, aí a gente fica confuso. Só que acho que também, na ONG, eles dão... eles querem ajudar, mas eles também não sabem como. E acho que às vezes, por exemplo, minha maior crítica tem sido essa, às vezes uma cesta básica, não vai mudar a vida do outro, eu acho melhor ensinar alguma coisa, fazer uma coisa, porque... na verdade a gente chega aqui e todo mundo fala "você só vai poder conseguir fazer faxina", ou pedreiro, no caso do homem, ou carregar coisas, e aí eu fico... eu ficava muito... com raiva, né, disso. E eu penso que as ONGs tem que pensar um pouco mais nisso. Em fazer um trabalho sobre isso, de educar a gente e dizer não, a gente pode, a gente tem oportunidade, vai pra porta [?] [bate a porta das casas], porque se a gente só se pensa o mínimo, a gente consegue, e muda tudo. A gente tem mais saúde, a gente fica sozinha batendo porta lá, passa um ano ainda não chegou tua consulta. Então você tem que procurar o privado e o privado no Brasil é muito caro. Ou por exemplo, pra gente é muito caro, eu não sei pra gente normal, mas... no meu caso, para mim é muito caro. Eu quis fazer uma consulta para meu filho, de um neurologista um tempo atrás, e era quase 300 reais, só a consulta, e a gente não tinha esse valor, porque a gente paga muita coisa aqui, e além disso o serviço de saúde não funciona muito bem. Acho que são essas coisas pequenas, mas acho que o problema mais geral de saúde, de todo mundo, todo mundo tá passando por isso. Então creio que é isso.

[encerramento da reunião]